Entregamos aos leitores este modesto trabalho, marcado pelo heroísmo de um Espírito que passou pelo planeta, em terras da Espanha, num corpo de mulher, escrevendo-o com a pena sustentada entre seus dedos débeis e umedecida em lágrimas. Cada capítulo é uma lição viva a nos mostrar a Lei indefectível que rege nossos destinos.

AMÀLIA DOMINGO SOLER

Reencarnaçâo e Vida

Tradução Jurema de Castro

Revisão Hércio Marcos Cintra Arantes Elias Barbosa

Apresentação e nota biográfica Salvador Gentile

Capa e ilustrações Cláudio de Oliveira Santos

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPIRITA Caixa Postal 110 - 13.600 - Araras - SP - Brasil C.G.C. n° 44.220.101/0001-43 - Inscr. Est. 182.010.405

Título da obra no original: Hechos que prueban

ÍNDICE

Apresentação / 7

Breve nota biográfica / 9

Cento e cinquenta anos / 14

Tudo é justo / 19

Sem braços e sem pernas / 33

0 orgulho também é um erro / 38

Um sábio sem coração / 46

Na culpa está o castigo / 52

Espantosa vingança / 56

As maiores tristezas / 65

A morte de um corpo deu vida a uma alma / 73

Tudo se paga / 78

0 que damos é o que recebemos / 83

Pressentimentos / 89

A má colheita / 96

Trinta e dois anos / 102

Crime atrai crime / 110

A vingança / 115

A dor cura a dor / 128

0 que não se ganha não se obtém / 133

Pela paz pela justiça / 145

O que pode fazer a fortuna / 150

O que não morre / 158

As religiões e o Espiritismo / 166

O mar de trigo / 173

A última valsa / 184

A economia / 196

Justiça / 206

Ontem e hoje / 214

Tristeza / 220
Num leito de flores / 224
Mais uma história / 230
O despertador / 235
Não há fenômenos / 240
João Amanhã / 245
Quanta sombra / 252
Amor eterno / 256
Tudo tem sua causa / 260
A avareza de cem séculos / 271
Salvação / 275
A missão de Kardec / 280
Não há culpa sem castigo / 281

Apresentação

É com imenso júbilo que o Instituto de Difusão Espírita entrega aos leitores, este modesto trabalho, tradução para o português de um capítulo glorioso da história da Doutrina Espírita, marcado pelo heroísmo de um Espírito que passou pelo Planeta, em terras de Espanha, num corpo de mulher, escrevendo-o com a pena sustentada entre seus dedos débeis e umedecida em lágrimas.

A poetisa espanhola, limitada na fragilidade física de um corpo doentio, mas tomada de uma energia sem limites na fortaleza da fé que a fez suplantar todas as adversidades, transparece, nas páginas deste livro, não apenas como a estudiosa que procurava ler, no imenso livro da Natureza, a verdade, mas, como a generosa voz da consolação a cicatrizar feridas abertas pelo sofrimento, a clarear dúvidas que queimavam corações angustiados nas chamas da incompreensão.

Cada capítulo é uma lição viva a nos mostrar a Lei indefectível que rege nossos destinos. São retalhos de vidas, que poderiam ser das nossas próprias vidas porque se misturam aos problemas de todos nós, espíritos devedores, obrigados a colher, hoje, as sementeiras menos felizes de ontem, espantados diante de situações incompreensíveis sem essa luz que nos desvenda os mecanismos sutis da Lei de Causa e Efeito, a que estamos submetidos.

Na singeleza de suas páginas, as incógnitas da reencar-nação — acessíveis no transcurso dos milênios apenas aos iniciados — popularizam-se de tal maneira que qualquer daqueles que experimentaram os aguilhões da dor, ou se deixaram banhar pelas claridades da razão, as entendem de pronto, com a maior naturalidade.

Este livro de Amélia Domingo Soler, resultante da coletânea de páginas escritas sem preocupação literária e dirigidas para os que atravessavam as estações do sofrimento, por isso mesmo, é uma mensagem direta para o povo, sem as complicações de sistemas e conclusões filosóficas, ensinando a vida pela própria vida.

O que se pode aprender, neste volume, com somente alguns momentos de meditação, demandaria muitas existências para que o homem, por si só, pudesse aprender na luta redentora, ou largos anos de cultura humanística para chegar às conclusões que dele emergem naturalmente, quanto à Justiça Divina.

Esta é uma obra que não podia permanecer distante e no olvido de quantos procuram, no Espiritismo, ganhar as luzes da racionalidade porque, escrita com o carinho e a compreensão de quem viveu no sofrimento, retrata a beleza da Vida e da Lei de Causa e Efeito a partir desse próprio sofrimento.

Mensagem de esperança aos que sofrem, além de manancial de águas cristalinas para os que se torturam na dúvida.

Será, finalmente, uma obra eterna e sempre atual mormente enquanto, sobre a Crosta e neste plano de resgate, alguém verter uma lágrima indagando aos céus da sua razão.

Araras, 20 de maio de 1972.

Breve nota biográfica

Amália Domingo Soler nasceu em Sevilha, aos 10 de dezembro de 1835.

Com oito dias de idade, e durante três meses, ficou cega, tendo sido curada por um farmacêutico.

Quando tinha 10 anos de idade começou a escrever poesias.

Aos 18 anos, publicou seus primeiros versos.

Contava 25 anos quando faleceu sua genitora, deixando-a só no mundo. Educada e tratada como uma princesa, daí para frente abriu-se-lhe uma estrada de sofrimentos. Quando escassearam suas posses, os parentes, que a alimentaram provisoriamente, sugeriram seu ingresso num convento, o que repeliu de pronto. Depois, tentaram convencê-la a casar-se com um velho abastado, solução que também não aceitou.

Preferiu ganhar a própria vida, costurando e escrevendo, e como em Madrid teria melhor paga, mudou-se para lá.

Mas, trabalhando dia e noite, seus olhos não suportaram a tarefa, e em pouco tempo, viu-se quase cega. Impedida de ganhar o seu sustento, ia procurar, nas casas das senhoras que lhe davam serviço, o que comer. Desesperada, vagou pelos templos católicos e protestantes procurando uma mensagem que a consolasse. Sua situação piorava dia a dia. Chegou a ir buscar sua sopa em uma instituição que atendia os mendigos.

O médico que cuidava de seus olhos — um materialista — certo dia falou-lhe de uns "loucos", os espiritistas, que procuram explicar todas as dores, e prometeu-lhe trazer um jornal que recebia "El Critério". Na simples leitura do jornal, Amália identificou-se com os ensinamentos espíritas.

Passou a procurar uma família de espíritas que tivesse as obras de Kardec e, apesar de sua semi-cegueira, leu-as afanosamente ganhando uma convicção absoluta.

Certa manhã, sentiu uma sensação estranha e dolorosa na cabeça, como se estivesse cheia de neve. Daí a instantes, ouviu uma voz que lhe dizia: Luz!. . . Luz!. . . e recobrou, quase que inteiramente, a visão.

Principiou, então, a escrever. Mandou uma poesia para a redação do "El Critério" que foi publicada. Mandou outra para o jornal "La Revelación" que, além de publicá-la, ofereceu-lhe suas colunas para que escrevesse a respeito do Espiritismo.

Seu primeiro artigo sobre matéria doutrinária, foi publicado pelo "El Critério", em seu número 9 e na primeira página, em 1872 — há cem anos, portanto — e se intitulava "A Fé Espírita".

Começou a frequentar a Sociedade Espiritista Espanhola, onde se fez querida e apreciada. A 4 de abril de 1874, quando a sociedade comemorava o aniversário de Allan Kardec, Amália foi convidada a declamar uma poesia, que ela própria escrevera, intitulada "A Ia memória de Allan Kardec". Tanto foi seu sucesso que, daí para diante, participou de muitos trabalhos da Sociedade.

Trabalhava de dia e escrevia à noite. Muitos jornais espíritas passaram a reclamar sua colaboração.

Foi Fernandes Colavida quem lhe presenteou com a coleção completa das obras de Kardec, em cujos ensinos, desde os primeiros dias, orientou seus trabalhos.

Convidada a ir para Alicante, os membros da sociedade espiritista, quiseram tomá-la sob sua proteção para que dedicasse todo o seu tempo ao Espiritismo. Amália abominou a ideia de viver às custas da Doutrina. Queria ganhar o próprio sustento apesar da cegueira que a ameaçava, pois, costurando consumia seus olhos no trabalho.

De Alicante foi para Múrcia onde os espíritas a receberam de braços abertos. Permaneceu ali 4 meses convalescendo de uma enfermidade. Como em Múrcia havia pouco trabalho para ela, em fevereiro de 1876 voltou para Madrid.

A 20 de junho de 1876, convidada pelo Circulo "La Buena Nueva", foi para Barcelona. Quis iniciar seu trabalho de costureira, mas o Presidente do Circulo, Luís Llach profetizou-lhe que em 3 meses ficaria cega; se escrevesse, no entanto, para o Espiritismo teria a visão pelo resto dos seus dias. Amália não se submeteu e, ao cabo de 3 meses, quase não podia ver.

A 10 de agosto de 1876, mudou-se para a casa de Luís. Convencida da sua desvalia dedicou-se a escrever para os jornais espíritas. Luís a estimulava continuamente e foi esse homem generoso que se erigiu em seu protetor, quem a impulsionou no trabalho doutrinário.

Frequentava o Circulo, nessa época Miguel Vives e, através da sua mediunidade, Amália recebeu extensa e terna comunicação do Espírito de sua mãe, cujas palavras levantaram decididamente seu ânimo.

Em breve, revelou-se no Circulo um médium sonâmbulo notável, Eudaldo, que se tornou companheiro dedicado de Amália e recebeu grande número das mensagens contidas neste volume.

Em fins de agosto de 1877, Luís Llach pediu-lhe que contestasse um artigo publicado pelo "Diário de Barcelona" com o nome de "El mundo de los Espíritus" em que se ridicularizava o Espiritismo chamando-o de "Monstruosidade".

Amália iniciou a polêmica com a réplica publicada pela "Gaceta de Cataluna".

Em abril de 1878, instada por Luís, Amália rebateu as críticas ao Espiritismo feitas por Manuel Lasarte e publicadas pelo "Ateneo Libre".

Em novembro de 1878, o orador católico Vicente de Manterola iniciou uma série de conferências combatendo a Doutrina. Amália ia assistir a essas conferências e refutava seus argumentos pela "Gaceta de Cataluna".

Ao iniciar o ano de 1879, Manterola publicou "El Satanismo o sea, Ia Cátedra de Satanás, combatida desde Ia Cátedra dei Espíritu Santo — Refutación de los errores de Ia Escuela Espiritista". Em 5 de março, Amália começou a refutar sua obra, o que fez em 46 artigos. Esses artigos, e os anteriores, foram enfeixados pelo editor Juan Torrents que publicou um livro intitulado "El Espiritismo refutando los errores dei Catolicismo".

Luís Llach e Juan Torrents convenceram Amália a dirigir um jornal espírita, que pretendiam fundar e, a 22 de maio de 1879, saiu o primeiro número de "La Luz dei Porvenir". A edição foi denunciada tendo em vista um artigo redigido por Amália sob o título de "La idea de Dios", sendo a publicação suspensa por 42 semanas. Todavia, a 12 de junho, saía a publicação de um novo jornal "El eco de Ia Verdad", que publicou 26 números, até o reaparecimento de "La Luz dei Porvenir" a 11 de dezembro. Desde então, o "Luz" foi a grande seara de trabalho da notável pioneira do Espiritismo espanhol.

A 9 de maio de 1879, pela primeira vez, se manifesta seu guia espiritual — Padre Germano — através da mediunidade de Eudaldo, estimulando-a a prosseguir sem desfalecimento.

Em julho de 1880, Luís entregou a Amália 3 volumes de conferências pronunciadas pelo padre Lianas, que foram refutadas em 15 artigos publicados pelo "La Luz dei Porvenir" e transcritos pela "Gaceta de Cataluna".

Em março de 1884, o padre Sallarés deu, na Catedral de Barcelona uma série de conferências contra o Espiritismo, e Amália combateu seus argumentos em 10 artigos publicados pelo "Luz" e por "El Dilúvio".

Em fevereiro de 1885, o jesuíta padre Fita falou na Catedral de Barcelona sobre o Espiritismo e através do "Luz" Amália o refutou em 9 artigos que foram transcritos por "El Dilúvio".

Quando a mediunidade de Eudaldo eclipsou-se, foi ao seu encontro uma amiga — Maria — cujos dons mediúnicos desabrochavam que se ofereceu para trabalhar com ela. Através da sua mediunidade, recebeu muitas das páginas enfeixadas neste livro.

Amália era médium inspirada e, na leitura deste volume, pode-se identificar, com facilidade, os trabalhos que foram recebidos por ela mesma.

Até os últimos dias, a grande missionária viveu a braços com enfermidades redentoras e, principalmente, com a cegueira, que foi sua provação maior.

Os dados que anotamos foram retirados das "Memórias" que escreveu em vida. Depois de desencarnada, em 10 de julho de 1912, por intermédio da médium Maria, completou suas memórias narrando suas angústias e sofrimentos, sua certeza e sua luta.

Amália Domingo Soler, a quem todos nós espíritas devemos uma existência inteira dedicada ao trabalho de iluminação da Humanidade, desencarnou na madrugada de 29 de abril de 1909, quando contava 73 anos de idade.

Cento e cinquenta anos

"Morreu em Belgoroff (Rússia) um mendigo de cento e cinquenta anos, cuja vida, novelesca e interessante, tem episódios realmente fantásticos. Esse homem, chamado Andrés Basisikoff, começou a mendigar desde os quinze anos. Primeiro se fez de maneta, depois de surdo, em seguida de coxo, mais tarde de cego, e desde os sessenta anos, apresentava-se por surdo-mudo quase perfeito."

"Pois bem, em virtude de tais farsas, o bom Andrés Basisikoff conseguiu reunir uma fortuna de vários milhares de rublos, com a qual adquiriu três casas, que pôs em nome de um de seus filhos, sem prejuízo de seguir pedindo como qualquer inútil. Passava de uma cidade à outra, adquiria uma casa e uma carroça e entregava aos filhos. Logo, punha-se a andar para outra província, onde prosseguia a sua vida de mendigo afortunado."

"Morreu, como dissemos, aos cento e cinquenta anos, deixando, aos seus oito filhos, haveres, entre propriedades e dinheiro, de dois milhões de rublos."

O pequeno artigo que antecede estas linhas me chamou, muitíssimo, a atenção quando o li, e exclamei com espanto: que expiação tão longa, cento e cinquenta anos!

Que história terá esse Espírito? Deve ser muito acidentada, tem que haver errado muito, para merecer tantos anos de tortura, porque é forçoso confessar que a vida pesa quando se cumprem doze lustros; aos 60 anos, por mais vigoroso que seja o organismo, começa a decair, múltiplas enfermidades anunciam a velhice, as juvenis ilusões, semelhantes a flores de um dia, murcharam, desfolharam, e delas somente resta uma melancólica recordação, e muitas vezes se recorda as lamentações de Campoamor: — "Penar tanto por tão pouco. . ." que a vida sem ilusões não tem encanto, não tem atrativos, é uma enfermidade lenta, sem grandes crises, mas afinal, enfermidade; pressentindo que o mendigo russo deveria ter uma triste história, perguntei ao guia de meus trabalhos literários, se estava certa, crendo que sua longa peregrinação na Terra era um castigo de suas culpas anteriores e o Espírito disse-me assim:

"O presente é sempre o corolário do passado, como o futuro o é do presente. A vida é uma série de acontecimentos estreitamente enlaçados entre si; a vida é uma madeixa sem cabos soltos, seus nós não necessitam que se faça com eles, o que fez Alexandre com o nó que atava a canga ou lança do carro de Gordio, que o cortou com sua espada. E, são de tal natureza os nós das madeixas da vida, que ainda que a violência os queira romper, parecendo que os rompe, nem a morte consegue rompê-los.

O Espírito, de bom grado ou por força, vai saldando suas contas em inumeráveis encarnações, nada adiantando ser sábio e ser considerado como uma verdadeira notabilidade no mundo científico se à sua ciência não se uniu o sentimento e o estrito cumprimento do dever; o grande entre os grandes volta à Terra e, como compensação, cada um é premiado segundo suas obras."

O que viveu ultimamente, mentindo e simulando defeitos físicos (que não tinha), já brilhou neste mundo faz muitos séculos, quando do florescimento da Grécia. E ali, entre aquela plêiade de homens ilustres, sobressaía ele, o materialista Ataulfo, que procurava o segredo da prolongação da vida, que detestava a morte e mais que a morte, a velhice; o que dizia que era humilhante e vergonhoso deixar-se dominar pela decadência física, que a inteligência deveria servir para procurar remédios heroicos que vencessem a luta contra a debilidade orgânica, que o homem não deveria resignar-se a morrer como morriam os irracionais imolados ante os deuses.

Ataulfo, que era mestre em muitas ciências, dedicou-se com seus discípulos a buscar remédios tônicos que revigorassem os corpos debilitados pelo peso dos anos. Ele (sem compreender ainda) sonhava com a vida eterna, queria viver muitos séculos, e, como não compreendia que o Espírito pudesse viver desligado do corpo, todo seu empenho foi fortalecer seu organismo, e compôs diversos medicamentos para renascer, como dizia. Seus estudos e experiências causaram muitas vítimas, sacrificou muitos seres inocentes, ternas crianças e formosas jovens, pois o velho necessitava beber determinadas gotas de sangue de uma virgem, misturando esse sangue com uma pequena quantidade de pó humano, ou seja ossos de criança pulverizados. Cometeu naquela existência muitos crimes, mas os cometeu sem grande responsabilidade para ele, porque não matava pelo gosto de matar, não se comprazia com a agonia de suas vítimas, mas evitava-lhes o sofrimento, e somente queria encontrar o meio de viver muitos séculos; adquirindo continuamente novos conhecimentos, a Terra seria um paraíso, porque cada homem a embelezaria com suas invenções e com suas incessantes descobertas.

Ele sonhava, repito, com a verdade da vida, não se conformava em ver morrer um sábio no melhor da idade, lamentava as energias perdidas, as iniciativas paralisadas e a todo custo, queria lutar com a morte; amava a vida com verdadeira idolatria, e chegou a ser muito velho, não pelas beberagens que tomou, mas pelas medidas higiênicas a que se sujeitou ao chegar à idade madura. Foi um modelo de continência, regulou de modo admirável suas horas de trabalho, de repouso absoluto e de meditação. Ele entrevia os caudais da vida eterna, suspeitava que havia uma força superior a tudo, mas essa força não era de seu agrado; ele queria ser grande por si mesmo, era a personificação do orgulho, tudo queria dever ao seu próprio esforço. Quando se desprendeu do corpo, completamente desgastado pelo enorme peso de anos, seu assombro, não teve limites e ficou tão aturdido, ao ver o que nunca havia sonhado a vida do Espírito desligado do corpo, que se poderá empregar a frase: Ataulfo enlouqueceu ao encontrar a eternidade com diferentes leis das que ele conhecia."

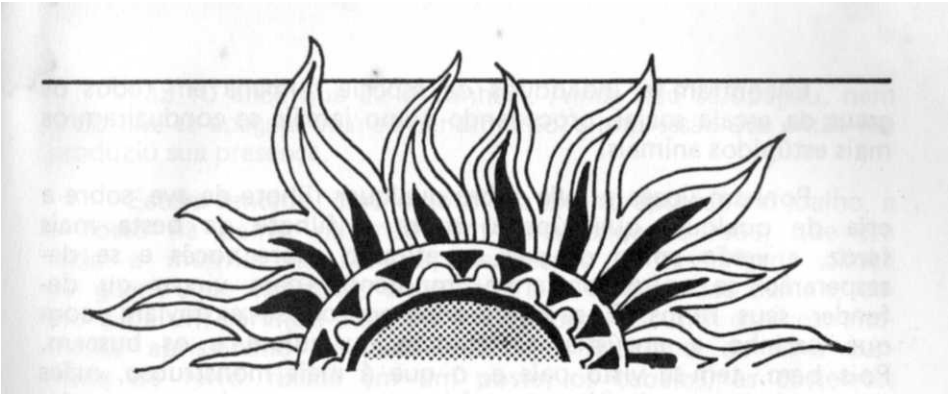
"O orgulhoso sábio, quão pequeno se viu!. . . quando compreendeu que os séculos eram menos que segundos no relógio do tempo. Ele, que havia cometido tantos assassinatos para prolongar a vida alguns anos, encontrou-se cheio de vida sem necessidade do corpo, cuja conservação o havia feito cometer tantos desatinos."

"Logo voltou à Terra, ansioso de novas descobertas e chegou a penetrar vitorioso o templo da glória, pelos seus inventos e descobertas destinados todos a prolongar a vida do homem sem dores, sem perda de forças, ainda que não mais haja empregado os meios anteriores de imolar crianças e virgens, no altar da ciência, lançou mão de outros que causaram a ruína de muitas famílias. Apoderou-se da riqueza de muitos para empreender longas viagens, prometendo abundantes lucros que jamais chegou a satisfazer, porque se esquecia facilmente de seus favorecedores; seu orgulho o cegava e acreditava fazer-lhes um grande favor, despojando-os de seus bens para buscar uma verdade científica, associando-se de certa forma às suas gloriosas empresas."

"Chegou a ser muito sábio, deu a volta a este mundo quando as viagens significavam montes de obstáculos dificílimos de vencer. Mas seu coração estava seco, as doçuras do amor lhe eram totalmente desconhecidas. Chegou um dia que sentiu frio na alma, encontrou-se no espaço muito só com toda sua ciência, escutou as admoestações de seu guia e enfim se convenceu que sabedoria sem amor é como uma fonte sem água, como uma árvore cuja copa chega ao céu, mas não dá sombra nem fruto; reconheceu a grandeza de Deus e, com o ardente desejo de igualar sua bondade à sua ciência, deu começo à uma série de existências expiatórias, morrendo muitas vezes sacrificado em tenra idade, ele que tantos inocentes sacrificara.

Ultimamente, quis permanecer na Terra todo o tempo possível, humilhado, já que antes cegou-o seu orgulho e acreditou-se maior que toda a humanidade e, ao mesmo tempo, devolveu uma mínima parte de tudo que havia usurpado, porque quando ele pedia não era para viver comodamente, mas para que vivessem seus filhos, aos quais, em outro tempo, havia despojado de suas riquezas para satisfazer caprichos e vaidades. O sábio de ontem, o que tanto cuidou do viço do corpo, em sua última existência se serviu do organismo para mentir, para enganar, para tirar proveito de aparentes defeitos. A quantas considerações se presta o distinto uso que fez de seu corpo o grande sábio de ontem! Tinha razão ao supor que o Espírito do mendigo tinha uma longa história! A quantos princípios conduz a ciência sem amor! Adeus."

Quanto ensinamento nesta comunicação!. . . Disse Victor Hugo que sem amor se apagaria o sol, e eu digo que aquele que não ama não vive.



Tudo é justo

San Martin de Provensals, 13 de março de 1884.

Um amigo nosso que vive atualmente em Mérida de Yucatan, nos enviou um pequeno artigo necrológico que nos impressionou tristemente, ao ponto de perguntarmos ao Espírito, que geralmente guia nossos trabalhos, se podia dizer-nos algo sobre aquele ser profundamente infortunado, cuja existência havia sido tão horrível; nosso amigo invisível, vendo que nossa pergunta não tinha outro móvel que o estudo e o desejo de dar uma lição útil, nos deu alguns pormenores que transcrevemos em continuação ao citado artigo, que diz assim:

A Natureza costuma usar burlas espantosas com a humanidade.

Na intimidade do lar ou publicamente, o gênio do mal costuma fazer sangrentos escárnios do homem, do rei da criação, desse a quem o Surpremo Criador formou ao seu feitio e semelhança, segundo a frase bíblica. Precipita-o desde o trono em que o colocou a Natureza, até os últimos e sujos escalões da degradação.

Encontram-se indivíduos da espécie humana em todos os graus da escala social, procedendo como jamais se conduziram os mais estúpidos animais.

Ponham vocês a mão sobre qualquer filhote de ave, sobre a cria de qualquer quadrúpede, sobre o filhote da besta mais feroz, e verão como os pais se atirarão sobre vocês e se desesperarão se se encontrarem impotentes para vingar ou defender seus filhos. E se estes adoecem ou se extraviam, com que carinho e angústia os cuidam ou curam e os buscam. Pois bem, tem-se visto pais e, o que é mais monstruoso, mães que permanecem indiferentes, frias, ante a agonia ou o cadáver de um filho, que os abandonam e esquecem até ao extremo de viver como se nunca o tivessem concebido e alimentado em seu seio. . . Tem-se visto morrer gente em tais condições, mas, afortunadamente, isso não é normal na existência das sociedades. Tão sombrias reflexões sugerem-me o recente desenlace de um drama que, nem por ser humilde o protagonista, nem por haver se desenrolado a ação na obscuridade da pobreza, deixa de comover a todo espírito pensador e humanitário.

A 13 do presente mês, deixou de sofrer para sempre um homem que, na vila, foi conhecido com o nome de Arcádio Góngora.

Parece que há uns 32 anos, perdeu completamente a razão, vítima de certa predisposição orgânica congênita, determinada não sei porque desgosto amoroso.

Era, então, um arrogante rapaz de 18 a 20 anos, cheio de vida e saúde. Desafortunadamente, sua loucura inofensiva e pacífica, ao princípio, tornou-se, pouco a pouco, hostil e perigosa, até ao ponto de tê-lo que acorrentar a um poste, como a uma fera, para sua própria tranquilidade e a de sua família.

Ali levavam-lhe alimento, dali não se movia jamais e ali. . . vivia como uma besta e, às vezes, em pior condição que esta.

Faz 10 anos que eu o conheci. Ainda não se apagou, nem creio que se apagará de meu pensamento, a impressão que então me produziu sua presença.

Estava sentado, com o cotovelo direito apoiado no joelho, e o rosto na palma da mão, em uma pequena rede, que era toda a mobília da ruinosa, desasseada e desabrigada choça de guano que habitava; choça triste e isolada das demais, como a de um pária ou a de um empestado. . . Com o pé estreitamente aprisionado em um anel e o extremo de uma corrente de ferro fixada em um poste; os cabelos, as costeletas e a barba incultas e crescidas caindo sobre os ombros; peito e costa marcando uma silhueta que deveria ser boa mas que, então, estava desfigurada; seus negros e sobressaltados olhos, quase saindo das órbitas e calça e camisa sujas e rasgadas, mostrando em diversos lugares sua epiderme peluda, parecia um selvagem ou um anacoreta perdido na profunda solidão da selva.

Falava sem cessar, ora levantando, ora abaixando a voz, mas em linguagem inteligente e rápida.

Quando parei no limiar da porta, levantou os olhos, fixou-os em mim com uma expressão que me fez retroceder e olhou ao redor como que buscando algum objeto.

De repente, se inclinou, lançou mão de uma pedra e a atirou violentamente sobre mim; vi, entretanto, o movimento e me ocultei atrás da porta, que recebeu o terrível golpe, o qual se me alcançasse, sem dúvida, ter-me-ia feito dano.

Observei-o um momento, com sincera piedade, e retirei-me com o coração oprimido.

Desde aquele dia, até sua morte, não tornei a vê-lo mais que duas ou três vezes.

Ninguém podia acercar-se dele sem perigo, e sua pobre família, composta somente de mulheres, sofria penas cruéis para atender-lhe à subsistência.

Nas ocasiões em que eu transitava pelas imediações de sua pequena choça, escutava com emoção sua cavernosa e sonora voz, cujo eco, nas altas e silenciosas horas da noite, vibrava a longa distância, pairava sobre a vila que dormia, e se elevava ao céu, como um doloroso protesto contra a sociedade que o abandonava, ou como uma misteriosa rogativa impregnada de infinita tristeza; então, me perguntava porque a justiça divina não devolvia a razão àquele infeliz ou não fazia cessar, para sempre, a sua espantosa agonia moral subtraindo-lhe a vida, muito pesada para ele, por mais que não tivesse consciência de seu estado.

Dizia-se que quase nunca dormia. 0 aniquilamento de suas forças o obrigava apenas a calar-se e a render-se a breves instantes de repouso.

Em diversas ocasiões, pessoas caritativas pretenderam enviá-lo ao hospital geral de Mérida, onde, se não se curasse, pelo menos estaria asseado e melhor atendido, mas sua família sempre se opôs e rogou que o deixasse, crendo que por pior que ela pudesse tratá-lo, sempre estaria melhor que em mãos estranhas.

Funesto temor! Fatal equívoco que prejudicou o infeliz demente! Por fim, faz algum tempo, foi atacado de uma enfermidade do ventre que o consumiu lentamente e agravou, sua situação até ser antecipadamente devorado pelos vermes. A 13 do presente mês, a Providência se apiedou dele e pôs ponto final aos seus padecimentos terrenos.

Tinha então cinquenta e dois anos aproximadamente, e esteve demente trinta e dois.

Conta-se que, antes de morrer, a razão fugidia, como esses relâmpagos fatídicos que rasgam a profunda escuridão de uma noite tormentosa, cintilou sobre seu Espírito quando este se desprendia de seu mísero cárcere. "Eia irmãos" dizem que exclamava, lastimosamente, em língua maia, "chegou então a hora de minha morte!" Quando a morte se apresenta sob essa forma, ou outra análoga, creio que em vez de deplorá-la, deve-se dar graças. Nestes casos, a morte longe de ser um mal, deve ser um beneficio positivo.

Paz ao Espírito de Arcádio Gôngora! Repouse na mansão dos mártires.

F. PÉRES ALCALÁ

(Yucatán) Tizimim, 19 de dezembro de 1882.

Como compreenderão nossos leitores, este tristíssimo relato dá margem a sérias e dolorosas reflexões, porque não há efeito sem causa. 0 motivo de tão deplorável efeito deve ser horrível, espantoso, e efetivamente não nos enganamos em nossos cálculos, porque nosso amigo invisível disse-nos, em sua comunicação, o seguinte:

"Grandes remorsos pesam sobre a velha Europa, que conquistou a sangue e fogo, os países que chamais o Novo Mundo, e outros formosos continentes. E, não é pequena a parte que tem a Espanha nessas horríveis lutas, ou melhor, nessas matanças fratricidas em que sucumbiram tantos chefes militares, vencidos pelo número dos contrários, e não pelo valor e pela nobreza dos conquistadores, os quais, dizendo-se civilizados, foram mais indomáveis e rebeldes que os selvagens, mais desnaturados e mais ferozes que as próprias feras."

"Quantos crimes foram cometidos nessas, para vós, longínquas terras, com seus bosques virgens! Quantas vítimas foram sacrificadas em louvor das mais torpes, desenfreadas e imundas paixões! Causa horror ler a história dos terrestres, pois estais manchados com todos os vícios, afundados na concupiscência e na iniquidade."

"Grandes expiações estais sofrendo, mas crede-me, se fósseis pagar olho por olho, dente por dente, suceder-se-iam os séculos, como sucedem vossas vidas, e quase chegaríeis a crer na eternidade das penas ao ver a continuação dos vossos incessantes martírios, apesar da Misericórdia Divina. Como as Leis de Deus são imutáveis e têm de cumprir-se, tereis, necessariamente, que sofrer todas as agonias que fizestes padecer aos outros, gozando-lhes o tormento. A única vantagem que desfrutais na expiação é que a nenhum ser da Criação falta alguém que o queira. Mente quem diz que está só: todos estais acompanhados de uma alma que se interessa por vós, mais ou menos, segundo a enormidade do vosso delito; e na falta de racionais, tendes uma raça irracional muito amiga do homem, tendes o cão, símbolo de fidelidade, que com uma leve carícia vos serve de guia, de companheiro, toma parte nas vossas provas e alegrias. Isto na parte visível, pois fora do alcance de vossa vida material estão vossos espíritos protetores dando-vos alento e resignação nas horas de cruel agonia. Ah! se estivésseis sós como dizeis, que seria de vós, infelizes? Sim. Cairíeis aniquilados, esmagados ante o terror e a solidão."

"Se quando vosso corpo se entrega ao repouso, vosso Espírito não encontrasse u'a mão amiga que o detivesse e não ouvisse uma voz carinhosa que lhe perguntasse: — onde vais, pobre desterrado? Credes que teríeis força para reanimar seu organismo e começar o trabalho de um novo dia? Não. A alma necessita de amor como vossas flores do orvalho, como as aves de suas asas; sem esse alimento, essencialmente divino, não pode viver. E quando suas culpas a obrigam a carecer de família, de lar, de seres afins e tem que permanecer em dupla prisão, separados de seus semelhantes, então sua razão se obscurece. O homem é um ser social por excelência, se sente atraído a formar família, na condição de membro da família universal; recorda sua origem, e sem os laços do amor, da amizade, do parentesco, da simpatia, não pode viver, e como não pode viver, por isso, não falta quem o queira, visível ou invisível. Por isso o homem algemado à expiação diz muitas vezes: quisera sempre estar dormindo, porque dormindo sou mais feliz, então não me recordo de minhas desventuras. Não é que não se recorda, ao contrário, as vê com mais claridade; o que acontece, é que as vê acompanhado de Espíritos amigos que o alentam e o fortificam ajudando-o a levar o peso de sua cruz."

"Todos os que se creem deserdados na Terra, tendes vossos tutores no Espaço que cuidam de vossa herança e que guardam vossos tesouros para quando fordes dignos de possuí-los."

"Existem alguns Espíritos tão depravados, fazem tão mau uso de seu livre arbítrio, que a eles, necessariamente, dura mais a orfandade, porque recusam, com seus desmandos, todo o amor e a terna solicitude das almas que querem seu bem. A este número pertence o Espírito que tanto vos impressionou com seu sofrimento da última existência; horrível, mas merecido, porque na Criação, recordai sempre: tudo é justo."

"Esse Espírito em uma de suas anteriores encarnações foi um dos aventureiros espanhóis que foram à terra mexicana impor suas tirânicas leis, reduzindo à servidão as tribos guerreiras, abusando miseravelmente da inocência das mulheres, enriquecendo de maneira fabulosa com a usurpação e a pilhagem, cometendo todo gênero de tropelias, impondo sua vontade soberana sobre povos inteiros, convertendo-se em um tirano tão cruel que sua crueldade raiava o inverossímil. Parecia impossível que aquele homem tivesse recebido a vida do hálito de Deus porque se se pudesse admitir duas potestades, uma do bem e outra do mal, se diria que esse triste amigo era o filho predileto do príncipe das trevas, tanta era sua perversidade. Brutal e lascivo ao exagero, as donzelas mais formosas e os mais arrogantes mancebos tinham que ceder a seus impudicos desejos; sua excitação contínua era o martírio dos servos que o cercavam. Valente e temerário, lançava-se às mais arriscadas empresas, e só faltava jungir ao seu corpo triunfal, a formosíssima Azora, virgem mexicana, bela como as huris do paraíso de Mafoma, casta e pura como as virgens do céu cristão. Azora era o encanto de seu pai e de seus irmãos; sua numerosa família a olhava como a eleita do Pai da Luz, e todos a respeitavam como um ser privilegiado, porque seus grandes olhos irradiavam um resplendor celestial, e de sua boca saíam palavras proféticas que escutavam, com santo recolhimento, jovens e velhos."

"Uma tarde, reuniu os seus e lhes disse com tristeza: — "Grandes e invisíveis desgraças vão cair sobre nós; as aves de rapina estendem suas negras asas e cobrem de plúmbeas brumas nossos límpidos céus. Tremei companheiros, não por nós que seremos as vítimas, mas pelos implacáveis verdugos que não ouvirão nossas dolentes queixas; sairemos purificados pelo martírio, mas ai dos martirizadores!"

"Azora não se enganava. Naquela noite, chegaram ao vale, uma centena de aventureiros capitaneados por Gonzalo, que ia em busca de Azora, cuja peregrina beleza havia notado; desejava que fosse uma de suas infelizes concubinas. A formosa jovem, para evitar derramamento de sangue, suplicou a Gonzalo que não levantasse suas tendas, que ela o seguiria, mas que respeitasse a vida de seu pai e de seus irmãos. Como Azora tinha um extraordinário ascendente sobre todos os seres da terra, Gonzalo também sentiu sua mágica influência e obedeceu, pela primeira vez, ao mando de uma mulher."

"Azora havia tomado suas precauções, e havia reunido todos os seus em um grande conselho. Enquanto deliberavam sobre o que deviam fazer, a jovem foi ao encontro do inimigo, dizendo a seus parentes que ia pôr-se em oração para atrair sobre sua cabeça os resplendores da eterna luz. Que não perturbassem sua meditação, e como estavam acostumados a seus êxtases que duravam alguns dias, nada suspeitaram, enquanto ela se entregou como vítima expiatória a seu verdugo, impondo suas condições que foram respeitadas."

"Gonzalo sentiu por Azora tudo quanto aquele ser depravado podia sentir e, ao querer manchar sua fronte com seus impuros lábios, a jovem o detinha com um gesto imperioso, e ele ficava como que petrificado, causando imenso assombro sua timidez."

"Os familiares de Azora, ao terem notícias do sucedido, juraram morrer ou vingar a desonra da casta virgem consagrada ao Pai da Luz; eles ignoravam a mágica influência que havia exercido a jovem sobre seu raptor e, para eles, estava profanada a mulher consagrada aos mistérios divinos, não tendo limite seu furor."

"Puseram-se em marcha, em busca da fera em seu covil. Gonzalo, ao vê-los, sentiu renascer todos os seus maus instintos, momentaneamente adormecidos pela mágica influência de Azora. Rompeu-se o encanto e, auxiliado pelos seus iníquos sequazes, aprisionou os sitiadores amordaçando-os cruelmente. Azora perdeu a razão quando a levaram a seu pai, que era um ídolo para ela, e o viu carregado de correntes, coberto de vorazes insetos, que haviam atirado sobre seu corpo para que o fossem devorando lentamente. Diante daquele mártir do amor paternal, consumou Gonzalo a ação mais infame, a que mais podia ferir aquele desgraçado, profanando o corpo da pobre louca que cedeu aos seus impuros desejos quando se apagou a luz de sua claríssima inteligência. E, durante muitos dias, o pai de Azora sofreu o horrível martírio de ver sua filha em poder de Gonzalo, que se deleitava em atormentar aquele infeliz fazendo-o presenciar atos que não se podem descrever."

"Afinal morreu Azora, e Gonzalo continuou insultando seu desgraçado prisioneiro, atirando em sua masmorra a imundície de seus cavalos, cuspindo-lhe no rosto, cometendo com aqueles defensores de sua honra toda classe de maldades." "Morreu o pai de Azora depois de cruéis sofrimentos. Seus filhos também pereceram; daquela tribo de valentes não restou ninguém, todos sucumbiram em poder de Gonzalo, que seguiu cometendo infâmia após infâmia até que um de seus escravos o assassinou enquanto dormia no seu leito, vencido pela embriaguez."

"Sua vida foi um emaranhado de crimes espantosos, e como se deleitava com o mal, como não lhe faltava inteligência para conhecer que seu proceder era iníquo; como encontrou em seu caminho homens de coração que se propuseram educá-lo, e ele os desprezou, sua expiação tem que igualar-se à gravidade de sua culpa, e já encarnou diversas vezes sendo o infortúnio seu patrimônio. Fez tanto mal!. . . Nem por isso lhe faltou em todas as suas existências, alguém que o quisesse: Azora, Espírito de Luz, o alenta em suas penosíssimas jornadas. Ela foi à Terra, a última vez, com o nobre propósito de começar a regeneração de Gonzalo, mas sua extrema sensibilidade não pôde resistir ao choque violento que recebeu ao ver seu pai em tão lamentável estado. A prova foi superior às suas forças e, como só Deus é infalível, nem sempre os Espíritos sabem medir a profundidade do abismo onde cairão."

"é muito diferente ver as misérias da Terra de grande distância e viver no meio delas e são muitos os Espíritos que sucumbem em meio às suas rudes provas e suas expiações."

"Nunca nos cansaremos de dizer-vos que, por mais criminoso vejais o homem, não o corrijais pela violência, pois farta desgraça tem com a enormidade dos seus delitos."

"Onde existe mais infortúnio que na criminalidade? Que inferno pode comparar-se com a interminável série de penosíssimas encarnações que tem que sofrer o Espírito rebelde inclinado ao mal? Em umas a loucura, em outras a espantosa deformidade, naquela a miséria com todos os seus horrores e suas vergonhosas humilhações, e outros sofrimentos que nos é impossível enumerar, porque para somar todas as dores que pode sentir o Espírito, não existem números bastante em vossas tábuas aritméticas para formarem o total; a imaginação se perde quando quer sujeitar a uma quantidade fixa o infinito da vida que nos envolve no absoluto."

"Depois dessas encarnações horríveis, vêm essas existências lânguidas, tristes, solitárias, nas quais a vida é uma contínua contrariedade; o Espírito já se inclina ao bem, mas seu amor não encontra recompensa. Almas, parecendo ingratas, olham com indiferença os primeiros passos do pobre enfermo, que quer amar e não encontra em quem depositar seu carinho. Até as flores murcham com seu alento, antes de oferecer-lhe sua fragrância. Essas existências são dolorosíssimas, expiação que sofrem atualmente a maioria dos terrenos. Espíritos de longa história, semeada de horrores e de crueldade. É nesse período que o homem necessita conhecer algo de sua vida, porque já tem conhecimento suficiente para compreender as vantagens do bem e os prejuízos do mal. E, como tudo chega ao seu tempo, por isso chegamos para despertar a vossa atenção, por isso as mesas dançaram e os outros móveis mudaram de lugar. E ressoaram em diferentes pontos da Terra as vozes dos Espíritos, pois era necessário compreendêsseis que não estáveis sós no mundo."

"Muitos suicídios evitamos, e a muitas almas enfermas devolvemos a saúde."

"A um grande número de sábios orgulhosos demonstramos que a ciência humana é um grão de areia em comparação com o infinito, com a ciência universal, e uma revolução imensa levaremos a cabo porque chegou a hora do progresso para as gerações deste planeta."

"Começais a conhecer a verdade que agora rechaçais, pois a luz vos deslumbra, mas afinal vos habituareis a ela, dilatareis o círculo de vossa família terrena e vereis, nos Espíritos, os membros da vossa família universal."

"Sereis mais compassivos com os criminosos quando souberdes que também vós haveis sido e que talvez amanhã voltaríeis a cair; que ao Espírito apegado ao mal lhe custa muito decidir-se ao bem; é como o pequeno que dá um passo e retrocede cinco, andando repetidas vezes no mesmo caminho. Pois de igual modo fazeis vós e temos feito todos os Espíritos da Criação, com a única diferença que uns têm mais decisão que outros e mais valor para sofrer a pena que se impuseram."

"Vós, os que buscais em nossa comunicação saudável conselho e útil ensinamento, aproveitai as instruções de Além-Túmulo sempre que estas vos indiquem o caminho da virtude e não satisfaçam vossos vícios, nem patrocinem vossas debilidades. Desconfiai sempre de todo Espírito, que vos prometa um mundo de glória quando abandonardes a Terra. Estudai vossa história, olhai-vos sem paixão, e vos vereis pequenos, pequeníssimos, microscópicos, cheios de inumeráveis defeitos, ciumentos, vingativos, invejosos, avaros, muito amigo de vós mesmos, mas não de vosso próximo. Com uma túnica tão manchada, não espereis sentar-vos na mesa de vosso Pai, para o que precisais cobrir-vos de vestimentas luminosas e assim poder penetrar nas moradas onde a vida está isenta de penas, sem que por isso os Espíritos deixem de entregar-se ao cultivo das ciências e ao nobre trabalho da investigação, porque sempre as almas terão mais que aprender."

"Nós viemos demonstrar-vos que a alma nunca morre e que o homem é o que a si mesmo premia ou castiga; que as leis de Deus, que são as que regem a Natureza, são imutáveis. Viemos aconselhar-vos, fortalecer-vos, ensinar-vos a conhecer a harmonia universal, contar-vos a história de vossos desacertos de ontem, causa de vossos infortúnios de hoje; esta é a missão dos Espíritos junto a vós, impulsionar-vos ao trabalho, ao cultivo de vossa razão, que é a que vos conduzirá ao perfeito conhecimento de Deus. Quando compreenderdes que na Criação tudo é justo, então será quando adorareis a Deus em Espírito e Verdade, louvareis seu nome com a hosana prometida pelas religiões, e que ainda não foi cantada na Terra pela raça humana. As aves são as únicas que a entoam quando saúdam o astro do dia em sua esplêndida aparição."

"Recordai sempre que não há gemido sem história, nem boa ação sem recompensa. Trabalhai em vosso progresso, e quando encontreis um desses desgraçados, como o Espírito que deu origem à nossa comunicação, compadecei-vos, porque após aquele sofrimento tão horrível, o esperam por razão natural muitas existências dolorosíssimas, nas quais a solidão será seu patrimônio. E, ainda que, como vos disse antes, o Espírito nunca esteja só, à alma enferma sucede como ao homem quando sai de uma enfermidade gravíssima. Na convalescência está tão delicado, tão impertinente, tão caprichoso, tão exigente que toda a sua família tem que mimá-lo, acariciá-lo e prestar-lhe os mais ternos cuidados. E isso mesmo exigem os Espíritos quando saem do caos dos desacertos e começam sua reabilitação; então querem o amor da família, a simpatia dos amigos, a consideração social e como não ganharam o que desejam, como não merecem, não o têm. E ainda que não lhes falte um ser que os queira e deles se compadeça, isso não é bastante para eles; querem mais, e correm ansiosos, atrás de um fantasma que os homens chamam felicidade e, como o judeu errante da lenda, passam pelo mundo sem encontrar um abrigo hospitaleiro para repousar."

"A maioria dos seres encarnados na Terra, são enfermos convalescentes, e só nos Espíritos encontrareis os médicos da alma, que acalmarão vossa sede devoradora."

"Estais cansados e fatigados, tendes fome e frio; repousai um momento, vossos amigos de além-túmulo querem fazer menos penosa vossa jornada, demonstrando-vos, com fatos inegáveis, que na vida infinita tudo é justo."

Que expressaremos depois do que nos disse o Espírito?

Que estamos completamente de acordo com suas razoáveis considerações. Por experiência demasiado dolorosa temos que dar-lhe razão e repetir com ele que a Terra é um hospital de gerações enfermas que estão passando a convalescência; somente os Espíritos de boa intenção são os que podem conseguir com seus bons conselhos nosso alívio e regeneração.

Quanto a nós, devemos ao estudo do Espiritismo os gozos mais puros de nossa vida. Adquirimos uma profunda resignação e um íntimo conhecimento de que ninguém tem mais do que merecer; essa certeza é a verdadeira, a única felicidade que pode ter o Espírito em meio à sua expiação.

Nós, estudando a Natureza, lendo nesse livro que nunca terá fim, admirando a exatidão matemática que têm suas leis, trabalhamos, quanto nos é possível, em nosso progresso, e quando a solidão nos oprime, quando o desalento nos domina, olhamos o céu, vemos nele os resplendores da vida eterna e dizemos: — na Criação tudo é justo!

Sem braços e sem perna

Em uma das orações que os católicos rezam, chamam a este mundo vale de lágrimas, e creio que é a melhor definição que se pode fazer desta penitenciária do Universo, porque, na realidade, não existe um único ser que possa vangloriar-se de dizer: — sou feliz em toda a acepção da palavra.

A maioria dos potentados geralmente sofre enfermidades incuráveis; existem milionários nos Estados Unidos que só podem alimentar-se com copos de leite e em pequenas quantidades; outros não podem dormir porque se afogam, e têm milhões de renda que não lhes proporciona nenhum gozo; e, quanto aos mais pobres, se alguns são fortes e robustos, carecem do mais indispensável para manter suas forças vitais, e os vemos decair como lâmpada que se apaga no melhor de sua juventude. Por conseguinte, a felicidade é uma nuvem de fumo que se desfaz ao menor sopro de vento no furacão da vida, como se desfaz a névoa aos primeiros raios do sol. Mas, em meio a tantas dores, as há de diferentes graus: as suportáveis e as irresistíveis.

Conversando há poucos dias com uma amiga, ela me disse o seguinte:

Faz algum tempo, fui a um balneário e ali encontrei uma família que nunca esquecerei. Era um casal, os dois jovens, amáveis e simpáticos, seus semblantes irradiavam alegria; os dois se amavam com esse primeiro amor que se assemelha a uma árvore florida que espera ser, mais tarde, formoso celeiro de sazonados frutos. Uniram-se por amor, unicamente por amor. Ele era um modestíssimo empregado, ela uma humilde costureira. Viram-se e se amaram, amaram-se e se uniram e ao unir-se, ao receber a bênção, ele pensou na chegada do primeiro filho e ela, contemplando a um menino Jesus, pediu a Deus ter um filho tão formoso como aquela figura angelical.

Um ano depois, o amoroso par sentiu-se dominado pela mais viva e amorosa ansiedade; à força de economias, haviam comprado todo o necessário para vestir um recém-nascido: camisinhas de cambraia com preciosas rendas, vestidinhos brancos com finos bordados, gorrinhos lindíssimos, tudo do mais belo, tudo do mais delicado lhes parecia pouco para o bebê que, deveria chegar pedindo beijos com seus sorrisos. Enfim, chegou o momento supremo. Áurea sentiu as agudas dores precursoras do laborioso parto e deu à luz um menino; quis vê-lo imediatamente, e seu esposo e as pessoas que a rodeavam, melancólicos e calados, pareciam que não a compreendiam; olhavam-se uns aos outros e cochichavam, até que Áurea gritou alarmadíssima:

— Mas não me escutam? Quero abraçar meu filho. . . está morto, talvez?

— Não, respondeu o marido, mas. ..

— Mas o quê? Que acontece?

— 0 menino não tem braços. . . nem pernas!

— Assim estará mais tempo em meus braços, respondeu Áurea, abraçando seu filho com delirante ansiedade.

0 menino era lindo, branco como a neve, com olhos azuis, cabelos louros muito abundantes, e seus grandes olhos tinham um olhar muito expressivo; quando eu o conheci, o menino tinha oito ou dez meses, e estava formosíssimo. Sua mãe era louca por ele e seu pai também; mas este último, quando sua esposa não podia ouvir, dizia com profunda amargura: tanto que eu queria um filho. . . e veio sem braços nem pernas!. . . — Que injusto é Deus!. . . Se meu filho fosse rico, mas eu sou tão pobre!. . .

Creia-me, Amália, aquele menino vive em minha memória. Que terá sido? Que papel terá representado na história?

— Eu o perguntarei, minha amiga, porque teu relato me impressionou muitíssimo e, efetivamente, de noite e de dia penso neste menino que tanto deverá sofrer se chegar a ser homem sem ter braços e pernas!. . .

— Que horror! E provavelmente será um ser de grande inteligência, quererá voar com o pensamento e não terá mais remédio que permanecer na mais dolorosa inanição. Deus meu! Deus meu!. . . não é vã curiosidade que me guia, mas desejo saber, se for possível o porquê de tão horrível expiação.

"Pelo fruto conhecereis a árvore", disse Jesus; por conseguinte, a todo ser que vejais carregado de cadeias desde o momento de nascer, podeis deduzir, sem a menor dúvida, que de tudo que lhe falta, fez mau uso nas encarnações anteriores.

Não tem pernas? Sinal de que, quando as teve, lhe serviram para fazer todo mal que pôde; talvez foi um espião que correu, ansioso, atrás de alguns infelizes para acusá-los de crimes que não cometeram e, com suas declarações, fez abortar transcendentais conspirações que, descobertas antes do tempo, produziram inúmeras vítimas. Talvez correu para precipitar em um abismo seres indefesos que o estorvaram para executar seus iníquos planos. Ao que faltam as pernas, tem que havê-las empregado para atormentar seus inimigos, tem que ter sido o açoite de quantos o rodeavam. Carecer de membros tão necessários, põe de manifesto uma crueldade sem limites, um deleite em fazer o mal, impossível de descrever, uns instintos tão perversos, que atestam o prazer de fazer o mal pelo mal mesmo. Ai daquele que nasce sem pernas!

Não tem braços? Quem sabe se suas mãos tão úteis que são à espécie humana, para com elas fazer obras de titãs e labores delicadíssimos, as empregou para firmar sentenças de morte que levaram ao patíbulo inúmeras vítimas, inocentes em sua maioria. Talvez gozou apertando os parafusos de horríveis potros de tormento, arrancando confissões dos infelizes acusados, loucos de dor; quem sabe se escreveu horríveis calúnias que destruíram a tranquilidade e o carinho de famílias felizes!

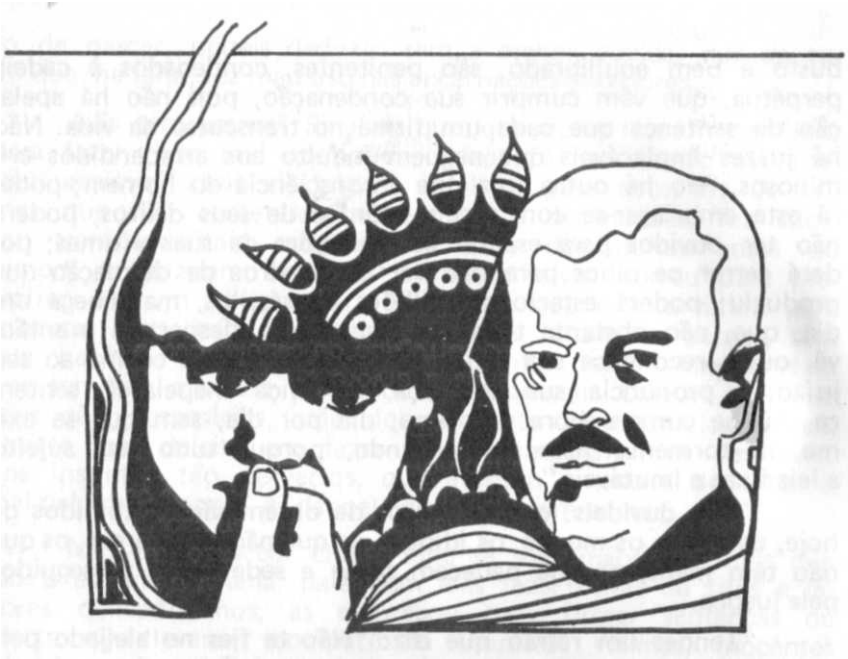
Pode-se fazer tanto mal com as mãos!. . . Com elas chega-se a mecha à matérias inflamáveis e se produz o incêndio devorador; com elas o forte estrangula o débil, com ela se esbofeteia e se converte em fera o homem mais pacífico e mais honrado, com elas se destrói o trabalho de muitas gerações. São auxiliares do homem, que com suas mãos produz maravilhas ou aniquila quanto existe. Quando se vem à Terra sem mãos, quanto dano se fez com elas."

"Não há necessidade de particularizar a história deste nem daquele; todos os que ingressam na Terra sem um corpo robusto e bem equilibrado, são penitentes, condenados â cadeia perpétua, que vêm cumprir sua condenação, pois não há apelação da sentença que cada um firma no transcurso da vida. Não há juízes implacáveis que neguem indulto aos arrependidos criminosos, não há outro juiz que a consciência do homem; poderá este embriagar-se com fáceis triunfos de seus delitos; poderá não ter ouvidos para escutar as maldições de suas vítimas; poderá cerrar os olhos para não ver os quadros de desolação que produziu; poderá estacionar milhões de séculos, mas chega um dia, que, não obstante todas as resistências, despertará e então, vê, ouve, reconhece sua pequenez e ele mesmo se chama ao seu juízo e pronuncia sua sentença, sentença inapelável, sentença que se cumpre hora por hora, dia por dia, sem que se exima ao tormento nem um segundo, porque tudo está sujeito a leis fixas e imutáveis."

"Não duvideis: os criminosos de ontem são os tolhidos de hoje, os cegos, os mudos, os idiotas, os que não têm pernas, os que não têm mãos, os que padecem fome e sede e são perseguidos pela justiça."

"Tendes um refrão que diz: "Não te fies no aleijado pela mão de Deus"; a ideia está muito mal expressada, mas no fundo tem uma grande verdade. Se bem olhardes vereis que a maioria desses irmãos, menos felizes, revelam em seu semblante a degradação de seu Espírito; a mão de Deus não imprimiu a ferocidade em seu rosto; é o acúmulo de seus delitos, são seus maus e perversos instintos os que endureceram as linhas de seu rosto. Por esses pobres guardai toda a vossa compaixão, guiai-os pelo melhor caminho, fazei por eles quanto faríeis por vossos filhos, porque são mais necessitados, mais aflitos, porque em meio da maior abundância não há, para eles, água na fonte, trigo nos campos, frutos nas árvores, calor no lar. São os judeus errantes da lenda, andam sempre sem encontrar uma pedra onde sentar-se. Que mau é ser mau! Adeus."

Como disse bem o Espírito! Se pelo fruto se conhece a árvore, que mau é ser mau!



O orgulho também é um erro

Não faz muitos dias, veio ver-me minha amiga Alice, espírito que me é muito simpático; é uma distinta mulher, de porte verdadeiramente aristocrático, de esmeradíssima educação, e de vasta instrução. Espiritista, crente, lê com muito aproveitamento tudo quanto se escreve sobre o Espiritismo, traduzindo e comentando suas melhores obras sem que seu verdadeiro nome saia à luz. Ela sim que faz o bem pelo bem mesmo; trabalha sem desejar os louros da glória, mas a glória da elevação de seus sentimentos a leva em todo o seu Ser. é uma mulher de meia idade e conserva a esbeltez e a elegância da juventude, havendo nela algo que atrai, que seduz, que interessa. Quando se fala com Alice, desejamos deter o voo do tempo, para que aqueles breves momentos se convertam em horas intermináveis. Esposa e mãe, dedica-se toda à sua família (que não compartilha de seus ideais), e ela, prudente e reservada, oculta o valioso tesouro de suas crenças e evita discussões com seus familiares; vive, pode-se dizer, em um mundo superior, participa das lutas terrenas para chorar com suas filhas, se estas padecem os aborrecimentos naturais que a vida proporciona às mulheres casadas.

Mas, depois que cumpre seus deveres de mãe amantíssima, parece que entra em outro mundo, concentra-se em si mesma, parece que vive de recordações, recordações que devem ser muito dolorosas, porque seu rosto adquire uma expressão tristíssima e mais triste ainda, porque ela não é comunicativa; se encerra no silêncio é evita cuidadosamente falar de si mesma. Assim como seus trabalhos espíritas os oculta para evitar desgostos à família, de igual modo, oculta suas inquietudes, suas ansiedades, seus temores. Eu, quando falo com ela, compreendo que estou lendo um livro do qual não vejo mais que a primeira folha: as demais estão sem cortar; assim é que a última vez que a vi, me surpreendi muito ao vê-la mais comunicativa, mais expansiva. Aquele espírito superior descia de seu alto pedestal, se humanizava, cortava as distâncias que, indubitavelmente, existem entre ela e a generalidade dos mortais e, ao perceber a mudança, minha alegria não teve limites e a demonstrei, dizendo:

— Não sei que noto em ti, mas te encontro mais carinhosa, mais perto de mim.

— Sem dúvida, não sabes que a dor é a grande força democrática do Universo? Os que sofrem se entendem facilmente (como dizia Campodrón); faz tempo que sofres e eu, nestes últimos anos, também sofri grandes reveses e, pela lei de afinidade, falo contigo, para ver se podes esclarecer o que não consigo entender. Já sei que estás em muito boas relações com os Espíritos, que eles te contam muitas histórias e desejo que, uma vez mais, respondam às tuas perguntas, não para satisfazer minha curiosidade, mas para estudar um capítulo a mais da história humana.

— Sabes que te estimo que te admiro, que vejo em ti dois seres diferentes, ainda que haja apenas um só verdadeiro; que adivinho teus pesares e, para consolar-te, farei quanto me seja possível.

— Sei, teu Espírito e o meu se conhecem faz tempo e, apesar desta vez nosso destino ser diferente, não importa; as almas não necessitam da convivência dos corpos para entender-se, para estimar-se e para prestar-se determinados serviços. Seríamos ermitãos se as humanidades que povoam os mundos não se pudessem comunicar umas com as outras, através de distâncias imensas; mas vamos ao assunto que me ocupa. Creio que já sabes que fiquei viúva.

— Sim, soube e, se não soubesse, os negros crepes que te envolvem me teriam indicado.

— Mas, minha negra vestimenta, não te dará idéia da morte horrível que teve meu marido.

— De que morreu?

— De fome.

— Jesus, que horror, teria algum câncer no estômago que o impedia de alimentar-se?

— Não, estava bem e com saúde, sabia tratar-se como poucos homens, sua ciência médica o servia admiravelmente para não padecer dores físicas, mas uma dor moral o fez esquecer todos os métodos higiênicos, entregou-se a uma muda obstinação e sua vida foi se extinguindo como se extingue a luz de uma lâmpada, à qual falta o azeite necessário.

— Imensa dor teria sofrido, porque, como sei, teu esposo não era homem dado a pueris sentimentalismos.

— Certamente que não. Era bom, mas austero; seu mundo era a ciência, a família, seus inumeráveis enfermos e sua única alegria, devolver a vista aos cegos.

Contam-se às centenas os cegos que ele curou, em todas as classes sociais; tanto atendia ao pobre quanto ao rico, as operações mais difíceis não deixava aos seus ajudantes, como fazem a maioria dos médicos de consulta gratuita. Ele, não; onde via perigo maior, ali estava, tanto lhe dava que fosse um repugnante leproso como um enfermo aristocrata, limpo e perfumado. A ciência, conforme dizia, é a igualdade de ação; para ela não tem classes e o verdadeiro médico é o grande missionário da fraternidade, o grande nivelador, aquele que responde a todos os chamados. Assim fazia meu marido, jamais se fez de surdo quando o chamavam os aflitos.

— Que bem deverá estar no espaço!

— Inegavelmente, a não ser que sua morte seja um obstáculo para sua felicidade, porque ele se matou, o suicídio efetuou-se.

— E qual foi o motivo de tão violenta determinação?

— Contar-te-ei. Uma de minhas filhas casou-se e tornou-se mãe de uma linda menina, com uns olhos formosíssimos que pareciam dois faróis. Desde que nasceu, meu marido ficou louco por ela e a menina por ele; o avô e a neta eram dois corpos e uma alma, pois estando juntos já estavam contentes. Meu marido rejuvenesceu e sempre estava com a neta nos braços, e, creio ser inútil dizer, que não a deixava tocar o chão com os pés, evitou-lhe as dores da dentição e de outras enfermidades da infância. Mas, filha, a varíola apoderou-se dos olhos de minha neta, e de todo o corpo, mas sobretudo dos olhos; meu marido não comia, nem dormia; estava ao lado da pobre menina, devorando livros, buscando a luz para os olhos que eram sua vida. Devolveu a luz a um, mas o outro saiu de sua órbita e meu marido acreditou que enlouqueceria, retirou-se para seu quarto, e eu o ouvia exclamar, a sós:

— Será possível? Eu, que devolvi a vista a tantos cegos, eu que curei a tantos sifilíticos e a este anjo tão formoso não pude curar mais que pela metade. Pôr-lhe-ão um olho de cristal, farão prodígios. . . mas ver. . . ver não verá mais que pela metade, e ainda o olho que restar não será tão bonito, nem terá o mesmo brilho deslumbrante. Para que me serviu minha ciência? Para nada.

E negou-se a tomar qualquer classe de alimento, viveu alguns dias alimentando-se com água. Todas as minhas súplicas foram em vão; ele somente me dizia: é inútil, o que me dizes, não posso engolir, até a água me custa a engolir. Dois dias antes de morrer pediu-me frutas maduras, mas. . . já era tarde, morreu de fome sem uma queixa, somente murmurava entre dentes: quando já não se serve para nada, deixa-se o lugar para outro. Agora, entretanto, pergunto: que laço o unia à sua neta? Bem, tinha outros netos, mas por nenhum deles se desvelou como para sua menina querida. Se podes, pergunte ao Pe. Germano que história têm esses dois Espíritos; ao morrer de dor como morreu meu marido, um homem tão sério, tão grave, tão dedicado à ciência, causa muito poderosa deve ter havido para que sucumbisse tão tragicamente.

— Eu te prometo que aproveitarei a primeira oportunidade para satisfazer-te.

Cumpri minha palavra perguntando ao padre Germano o que desejava Alice saber, e o Espírito me respondeu o seguinte:

"É justo o desejo que anima a ambas e, o que te direi será motivo de estudo; escuta com a maior atenção."

"O homem que morreu de fome, que chamaremos Raul, e sua neta, são dois Espíritos que, faz muitos séculos, caminham juntos. Estiveram unidos por todos os laços terrenos e, em suas últimas existências, foram inseparáveis amigos, melhor dizendo, professor e discípulo. Raul, faz longos séculos que se ocupa em curar os enfermos e, a que hoje foi sua neta, anteriormente foi seu discípulo mais dedicado, seu mais pratico ajudante; tinha tanta fama, quase como seu mestre. Eram os dois inseparáveis, um complementava o outro e, tanto êxito tinham suas curas, que chegaram a orgulhar-se, tanto um quanto outro, porque realmente eram infalíveis em seus juízos médicos; suas palavras eram proféticas, nunca se equivocavam, nem assegurando bens, nem pressentindo o mal. E se chegaram a crer de tal maneira em sua infalibilidade, tampouco se contentaram em seguir as marcas de outros sábios doutores, mas inventaram novos métodos e processos especiais.

Para maior segurança de suas experiências, não se contentaram em fazer experimentos em diversos animais, como é costume, para ver o resultado que os soros produzem e as outras injeções hipodérmicas, mas nos hospitais e asilos, destinados à infância, faziam seus ensaios em infelizes crianças sem família; algumas morriam, outras se salvaram, mas os dois sábios não sentiam o menor remorso pela morte daqueles inocentes. Que era a morte de uma criança sem família, ante o bem que aquela experiência certamente traria à Humanidade? E além do bem que faziam, a fama universal de ambos, que aumentava dia a dia, os enchia de orgulho; acreditavam-se infalíveis porque, de longínquas terras, vinham peregrinações de enfermos para recobrar a saúde perdida.

Raul era verdadeiramente uma celebridade médica e seu discípulo não se separava dele um só instante e, coisa rara, não o invejava. Como estavam unidos há tantos séculos, por íntimos e legítimos amores, sua admiração raiava à idolatria, isenta de misérias terrenas; seu maior prazer era proporcionar ao mestre crianças desamparadas, nas quais Raul ensaiava a eficácia de seus atrevidos inventos; os dois julgavam-se deuses, o orgulho os cegou e o orgulho é também um erro e, como todo erro tem sua condenação, Raul e seu discípulo pagaram, nesta existência, uma parte de sua longa conta."

"O discípulo amado é hoje a terna menina, cujo avô, com toda sua ciência não pôde curar mais que pela metade. 0 sábio orgulhoso, que se acreditava infalível em seus diagnósticos, viu-se impotente para curar seu querido anjo, e este, que não teve compaixão das pobres crianças sacrificadas ao estudo e às investigações científicas, sofre hoje as consequências de sua indiferença de ontem; dor que não se compadece, é necessário sofrer para apreciá-la em seu verdadeiro valor. Raul, cuja ciência esteve completamente eclipsada em sua última existência, porque em comparação ao que havia sido, nada mais era que uma vulgar mediocridade, sua grande inteligência médica o fazia sofrer extraordinariamente, pois compreendia onde estava o remédio, sabia o modo de aplicá-lo, mas ao chegar ao momento decisivo de administrar a droga apropriada à pertinaz moléstia, via que se equivocava, que sua ação curativa não respondia ao impulso de seu pensamento. Isso o desesperava com os seres estranhos mas, ao verse impotente para salvar a neta, seu desespero chegou ao grau máximo; impossibilitado de atender ao amor de seus amores, morrendo, como era necessário que morresse, humilhado, convencido de sua insignificância, de sua pequenez; acreditou-se um deus e morreu persuadido de que não há deuses, que não há mais que um Deus.

Como o erro do orgulho científico é, até certo ponto per-doável, Raul, que há séculos, é um sol no mundo da ciência, encontra-se hoje em muito bom estado, porque não perdeu um só ápice de sua sabedoria e reconheceu uma grandeza superior à sua. Reconheceu uma ciência desconhecida para ele, um poder maravilhoso, uma força que sustem a máquina do Universo e, diante de tanta luz, ante tanta magnificência, ante tantos mundos, onde adivinha que existem grandes sábios, pergunta a Deus por que brilham os sóis, por que seu fogo não incendeia o Universo. Ele se considera um dos tantos alunos da grande Universidade do Infinito; se reconhece, ao mesmo tempo, grande e pequeno e o orgulho não voltará a cegar. Tem luz própria, vive em meio dessa luz e, com seu fluido luminoso, envolve a sua neta, que é o amor de todos os seus amores."

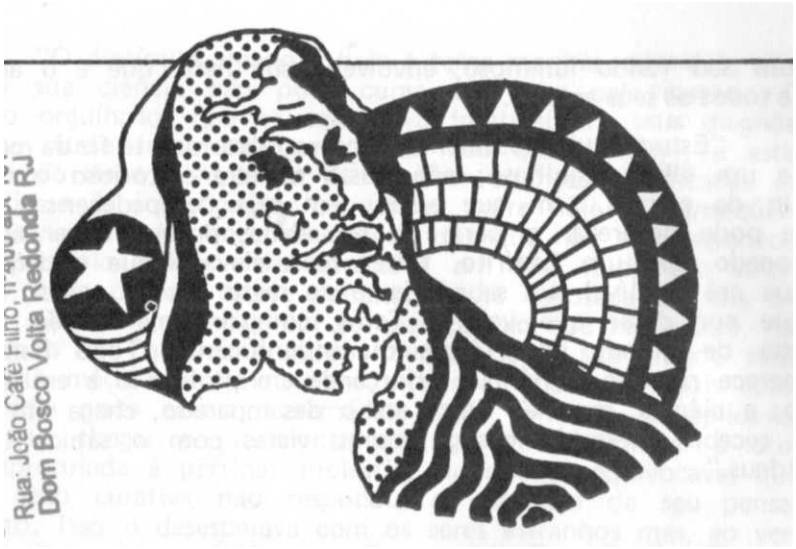
"Estuda, cuidadosamente, o breve relato que te fiz da morte de um sábio orgulhoso; não basta penetrar vitorioso o templo da ciência, tem que amar, tem que compadecer-se, não se pode desprezar o pária da sociedade, porque o ser abandonado tem um Espírito, talvez mais elevado que o daquele que crê infalível sua sabedoria, e no mero ato de nascer, tem que considerar que veio à Terra, cumprir uma missão, seja esta de grande importância ou insignificante. Todo homem merece respeito e há que esforçar-se em protegê-lo e em amá-lo; a ciência, que não desce até o desamparado, chega um dia a receber merecido castigo, como vistes com o sábio Raul. Adeus."

Tem razão o Espírito ao dizer que é digno de profundo estudo o relato da morte de um homem que, um dia, se acreditou um Deus e, também, deixou de valorizar seu organismo, que deixou de alimentar, convencido de que sua permanência na Terra era completamente inútil.

Fatal aberração! Ainda poderia fazer muito bem, ainda sua ciência teria consolado, mas acreditou-se dono de si mesmo e dispôs de sua vida, ignorando que cometia um crime porque negou seus benefícios a muitos enfermos.

Quanto é útil conhecer a vida de além-túmulo! Raul, se a houvesse conhecido, não se entregaria ao desespero, destruindo seu organismo; antes, ao contrário, teria redobrado seus esforços para dar luz aos cegos, já que sabia o que é sofrer diante da provação irremediável.

Somente o estudo do Espiritismo nos fará grandes em meio à dor, porque, sabendo que vivemos eternamente, faremos o possível para ser hoje melhores que ontem, e amanhã, grandes benfeitores da Humanidade.



Um sábio sem coração

A CURIOSA HISTÓRIA DE UMA EXPLORAÇÃO CRIMINOSA

Durante alguns anos, esteve vagando pelas aldeias e campos do sul da França, um bando de ciganos, vivendo de exibir, às pessoas, um fenômeno diferente.

Metido num caixão, e através de um vidro, mostravam um moço selvagem, dizendo que não tinha as extremidades inferiores e que falava uma língua estranha e bárbara.

Mas o rapaz não era nem monstruoso nem selvagem, e a língua que falava não era, nem mais nem menos, que a que se usa nos campos de Galícia.

O pobre moço, na realidade, era vítima da exploração dos ciganos.

Estes haviam amarrado fortemente as pernas do rapaz em uma posição cruel e violenta, e, estando ocultas pelo fundo duplo do caixão, parecia que não as tinha.

Como havia caído em poder dos ciganos, esse rapaz espanhol?

Muito simples. Viajando os ciganos pelos campos de Galícia, viram o moço, enganaram seus pais, conseguindo que estes o cedessem, conforme promessa de devolução depois de um ano, estipulando os ciganos que pagariam por ele, à família galega, treze duros, quando devolvessem o rapaz. Na ocasião, contava o garoto seis anos, e os ciganos o levaram consigo em suas correrias pela Galícia, Leão, Burgos, Logronho e Navarra, até penetrarem na França. A princípio, o garoto era bem tratado (relativamente), mas fazendo terríveis e longas viagens, montado escarranchado em um burro de grande porte, em cujo lombo iam as perninhas do menino. 0 resultado foi que depois de algum tempo desta faina, quando pela noite, apeavam o garoto, ele tinha então as extremidades doloridas e não podia andar. Assim, ocorreu aos ciganos inutilizar por completo as pernas do garoto, amarrando-as como foi dito, e o aprisionando num caixão de duplo fundo.

Dez anos durou o suplício do galeguinho, com incidentes variados e sempre muito tristes; mas como não sabia nem uma palavra de francês, lhe era impossível fazer entender a alguém que era vítima de uma exploração, e nem podia, pela situação em que se encontrava, escapar de seus verdugos.

Afinal, depois de dez anos, chegou a fazer-se entender com algo de francês e, aproveitando uma ocasião favorável, pôde denunciar às autoridades sua exploração e seu martírio.

Recobrou assim a liberdade, mas a imobilidade e a posição forçada das pernas durante tão longo tempo haviam produzido no moço uma singular forma de paraplegia. Foi, pois, necessário conduzí-lo ao hospital de Bordéus, onde foi assistido pelos doutores Duverijié e Arnozan.

Por intermédio do cônsul espanhol, foi trasladado á Espanha e internado no hospital geral de Madrid, onde se encontra sob os cuidados do doutor Don Jaime Vera, que confia na lenta recuperação do rapaz, mediante um tratamento elétrico apropriado.

Com profundo sentimento li o anterior relato, pois pensei que o protagonista de tão terrível história era um ser que, inegavelmente, havia errado muito. Nada mais triste que ser mau pois, aquele que erra, se degrada com o mau pensamento que antecede à realização de sua má obra, se envilece a levando a cabo, e atrai, mais tarde, Espíritos perversos que gozam e se alegram em atormentá-lo. Que mau é ser mau!. . . Porque não só cai no abismo o criminoso, mas também caem com ele outros.

Desejando prosseguir meus estudos, lendo na humanidade, perguntei ao guia de meus trabalhos sobre o passado deste infeliz, que viveu sem viver tantos anos, e obtive a comunicação seguinte:

"Pelo fruto, conhecereis a árvore", disse Jesus. Da mesma forma pela existência de cada um conhecereis uma parte de sua história, ao menos a mais culminante, a que formou época na vida deste ou daquele indivíduo. 0 homem hoje vítima da cobiça de uns maus aventureiros exploradores da humanidade, foi, durante muitos séculos, um sábio sem coração. Assim como vossos naturalistas e vossos médicos mais famosos, ensaiam em diversos animais o resultado de suas invenções, inoculando-lhes o virus de várias doenças que dizimam a humanidade, morrendo muitos destes animais submetidos aos ensaios científicos, servindo sua morte de útil ensinamento para evitar mais tarde a tortura dos homens atacados de análogas enfermidades, de igual maneira, o martirizado de hoje (a que chamaremos Ascânio), em sucessivas existências fez o seguinte estudo:

"Ver se a inteligência alçava melhor seu voo, dispondo de um corpo são e robusto, ou sofrendo a paralisia dos membros inferiores, condenando por conseguinte, o homem à uma quietude forçada. Ascânio foi durante muito tempo, possuidor de bens de fortuna, tinha grande número de escravos e nos filhos dos servos, naqueles que apresentavam uma bonita cabeça, bem equilibrada, fixava sua atenção e começava seus cruéis estudos. A uns amputava as pernas, a outros oprimia entre moldes de ferro, a outros produzia chagas incuráveis, e a todos ensinava a ler, a escrever, a pintar, a modelar o barro, a cantar; a cada um proporcionava o que tivesse maior inclinação, e ao mesmo tempo, educava de igual maneira a outros meninos sãos e robustos, e assim notava a diferença entre uns e outros."

"Tratava os infelizes que submetia a seus extravagantes estudos do mesmo modo, ou pior, que vossos médicos a seus animaizinhos. Não gozava vendo-os sofrer, isso não, mas não se importava com seus gemidos de angústias. O que ele queria era observar se a inteligência necessitava do uso completo de todo o seu corpo para funcionar e elevar-se, ou se lhe bastava impressionar-se com o esplendor da Natureza com todas suas harmonias."

"Ascânio procurava, sem que soubesse, a vida independente do espírito. Naquele tempo, ainda não se conhecia o aforismo "corpo são, mente sã", nem isso serviria para os estudos de Ascânio. Ele procurava algo que pressentia que adivinhava, mas que não encontrava ao seu redor; buscava inteligências que funcionassem independentemente do corpo; por isso, a este, torturava, reduzia, tratando ao mesmo tempo de aplicar o remédio ao mal causado, para ver o caminho que tomava a inteligência; se bateria suas asas para a Terra, ou se elevaria como as águias buscando as imensidades do infinito."

"Assim, como em vossos dias, há homens que tiram os olhos de determinados pássaros, porque dizem que cegos, cantam muito melhor, de igual maneira, Ascânio mutilava a seus pobres escravos, para ver se carecendo de pernas corria mais o pensamento."

"Aristóteles disse que os escravos eram uma propriedade animada. Ascânio também pensava assim, e martirizou a muitos meninos, porque era um sábio sem coração."

"Não gozou com o mal causado, mas como afinal causou muitas dores, é mais que justo que seu corpo sofra, mais de uma vez, os tormentos que fez sofrer. Mas não creias que porque ele seja obrigado a sofrer o que fez aos outros, seus verdugos não sejam culpados, porque já lhes disse muitas vezes, que o papel de verdugo não é nunca necessário representar, pois cada um é verdugo de si mesmo, quando sua expiação deve cumprir-se."

"Não tendes mais que observar, e vereis como é certo o que vos digo."

"Muitos homens têm o suficiente para ser relativamente felizes, mas se não merecem ser, não o são; ficam dominados pelo vício que mais os poderá prejudicar, ou estão unidos a uma família que, sem ser má, os mortifica, os contraria, exaspera-os, e quantos existem que dizem: — 'Antes ser enjeitado'."

"Ter família em desarmonia é uma verdadeira prova. Cada um leva em si mesmo todos os apontamentos da justiça de que necessita para apagar uma causa, é o fiscal que acusa e o advogado que defende o juiz que dita a sentença e o verdugo que a executa; tudo o homem leva consigo mesmo."

"Deus em sua infinita justiça não poderia criar seres para que fossem odiosos e repulsivos; suas leis são imutáveis e eternas et assim como as crianças se deliciam com brinquedos, assim os homens jogam com suas leis que duram e subsistem até que um sopro, daquilo que chamais morte, as desfazem."

"Quantos juízes (verdadeiramente criminosos), quando mais contentes e satisfeitos estão com suas crueldades, lançam um grito de angústia, veem-se rodeados de suas vítimas e caem feridos por um raio, e todo seu poder, toda a sua autoridade, vai esconder-se num sepulcro, afinal depósito de vermes, que devoram aquele corpo que somente se movimentou para produzir extermínio."

"Repetir-vos-ei cem e cem vezes: não deixeis de ter piedade dos verdugos e das vítimas. Os primeiros, porque se preparam para serem sacrificados amanhã, e os segundos porque foram os semeadores da má semente, cuja colheita estarão recolhendo regadas por suas lágrimas. Amai e tende piedade, porque amor e compaixão necessitam vítimas e verdugos. Adeus."

Que formosos ensinamentos! Quanto se pode aprender com estas instruções verdadeiramente racionais, despojadas que são de misticismo.

Quanto se harmonizam com minha maneira de pensar! Sempre acreditei que Deus está a muito maior altura que nossas misérias e nossas torpezas.

Quando dizem: Deus castiga a seus filhos rebeldes e premia aos justos, sempre me pareceu que profanavam a grandeza de Deus.

Considero Deus como alma do Universo, irradiando nos mundos, e não convertido em mestre-escola, vigiando os atos de seus alunos.

Adoro a Deus na Natureza, mas não tremo ante sua cólera, nem confio em sua clemência. Deus é justo, é imutável, é eterno, é superior a todas as piedades e a todas as compaixões. Não necessita ser clemente porque é justo, pois suas leis de amor têm que cumprir-se e quando se cumpre a lei de Deus, não terá ocaso o dia de felicidade universal.

Na culpa está o castigo

Folheando os jornais, li um artigo que me chamou vivamente a atenção.

"Mendigos de ofício

Faz poucos dias, foi recolhido pela ronda, um indivíduo que se dedicava a mendigar, mas tinha em seu poder 7.500 pesetas em papel e moedas de diversos países.

À noite, foi conduzida ao Asilo do Parque, uma mulher andrajosa e sem domicílio, com quem foram encontrados títulos e obrigações no valor de 8.392 pesetas.

Que história terão esses dois seres, tão horrível!. . . Vão pelo mundo carregados de ouro mendigando o suplício de Tântalo que, segundo a história mitológica, foi arrojado aos infernos, sofrendo horrível castigo que consistia em permanecer num lago, cuja água lhe chegava até o queixo e escapava de sua boca cada vez que, tendo horrível sede, queria beber, e em estar rodeado de árvores frutíferas, cujos ramos se elevavam até o céu cada vez que, tendo fome, erguia a mão para colher os frutos. Igualmente esses dois infelizes, tinham consigo a água e a fruta madura e morriam de fome e sede. Que terão feito ontem?"

"Que queres que tenham feito? (me diz um Espírito), faltaram com as leis divinas e também com as humanas e, hoje, recolhem a colheita da semente que semearam. O mendigo que hoje implora a caridade pública, em uma de suas passadas existências, foi o Prior de uma comunidade religiosa, imensamente rica; o convento estava situado no campo, rodeado de muitas aldeias, cujos habitantes viam-se obrigados a dar ao Prior o fruto maduro e abundante de suas colheitas e o melhor de seu gado. E ai daquele que não o fizesse: excomungava-o e o ameaçava com as penas eternas do inferno! E aqueles infelizes, verdadeiramente atemorizados, para não caírem no pecado mortal, ofereciam humildemente ao Prior tudo quanto possuíam com o fim de alcançar a glória eterna, promessa que lhes fazia o Prior sempre que levavam o melhor de sua fazenda. E tanto abusou de seu poder, aquele homem cuja avareza não conhecia limites, que chegou a ser o açoite daqueles pobres seres crédulos e simples, que o consideravam um verdadeiro santo.

Mas, tudo tem seu fim, e afinal o Prior deixou a Terra; nela deixou muitos bens, mas entrou no espaço tão pobre que não tinha um só átomo de virtude. Nele não havia senão vícios, e vícios incorrigíveis, pois apesar de seu guia fazê-lo ver seus erros, nos quais havia vivido, e que era necessário retificar o caminho percorrido, voltou à Terra, repetidas vezes, sempre ansioso de dinheiro. Ainda que sua expiação não lhe permita desfrutar de riquezas, ele sempre procura entesourar e vai cruzando a Terra sem ter nunca casa, nem lar, sempre temeroso da justiça, que lhe arrebate os tesouros que consegue possuir, umas vezes pedindo esmola, outras por meio do furto ou dó engano, mas sempre vivendo de maneira a mais miserável."

"Assim leva já diversas existências, e muitas lhe faltam ainda, porque ele sabe o mal que fez; mas o ouro para ele, é a serpente que lhe enrosca no pescoço e não o deixa respirar. Fez tanto mal com a aquisição do ouro, que o ouro é seu verdugo. Infeliz! Compadecei dos mendigos que levam entre seus farrapos, a água e a fruta madura que não acalmam sua sede nem sua fome!"

"Quanto à pedinte, que possuía uma pequena fortuna, começou na atual existência, a solver sua conta. Em sua anterior encarnação, era uma jovem muito bonita, filha do povo, mas que sonhava ser uma jovem senhora; conheceu um ancião, milionário, e empregou todas as suas artes para entrar a seu serviço. Era tão simpática, atraente, tão carinhosa e tão expressiva, que conseguiu a afeição do senhor o qual lhe conferiu dote esplêndido. Mas, ela não se contentou com isso, conseguiu que ele fizesse testamento, deixando-lhe sua incalculável fortuna, e depois em agradecimento, temendo que se arrependesse do testamento, comprou a bom preço, um médico, tão pobre de bens materiais como de sentimentos humanitários, para que lhe desse um veneno que o matasse lentamente. Esse veneno não deixava marcas visíveis no enfermo, que foi enfraquecendo, perdendo a lucidez da inteligência, e, neste estado, levou-o para viajar longe de sua pátria, deixando-o abandonado no hotel, tendo na carteira alguns valores. E como o ancião estava completamente idiota, nada pôde explicar nem dizer, sendo recolhido, num asilo destinado a octogenários, onde morreu sem nada perceber. Entretanto, ela retornou à sua pátria e ali encontrou o princípio de seu castigo, porque a família do milionário lhe moveu ação, e a justiça comeu o fruto de seu crime."

' "Morreu quase na indigência, e ao chegar ao espaço encontrou sua vítima que a perdoou, generosamente, e a aconselhou que não seguisse por aquele caminho, mas que, ao contrário, se decidisse a saldar suas enormes contas, pois não era a primeira vez que cometia essas faltas. Seguiu seu conselho e, nesta existência, encontrou meios de possuir um punhado de ouro; mas não o desfruta, nem lhe serve para nada útil. É escrava de algumas moedas e vive sem viver, porque não merece viver tranquila quem pagou com tão negra ingratidão a generosidade e a afeição, verdadeiramente paternal, com que a distinguiu seu protetor, de alma nobre e elevada."

"Tens razão ao dizer que, quando se vive mendigando e se traz consigo o suficiente para satisfazer as primeiras necessidades da vida, sem poder satisfazê-las, muito se terá errado."

"Compreendei esses infelizes que sofrem a pior das condenações."

"Adeus."

Efetivamente, viver sob a intempérie, carecer de tudo e guardar afanosamente o que poderia salvar do sofrimento, é ser verdugo de si mesmo. Por isso devemos viver dentro da mais severa moral, para não nos fazermos credores, de sermos párias, os marginais degenerados por quem ninguém se interessa, que vivem na sombra aqui e ali.

Como é certo que na culpa está o castigo!

Espantosa vingança

Continuamente recebo cartas pedindo-me que pergunte aos Espíritos, o porquê de tantos acontecimentos verdadeiramente interessantes, e muitos terríveis. Nem sempre posso atender aos amigos e irmãos. Umas vezes é porque não quero abusar das comunicações para conservar as que necessito, que são justamente as que interessam aos meus trabalhos literários. Quero que os Espíritos não vejam em mim alguém que os incomode com perguntas impertinentes para satisfazer a curiosidade da ignorância. Não; quando interrogo os Espíritos, é para aproveitar suas narrações passando-as para o papel, para publicá-las em jornais espíritas. Assim meu trabalho é verdadeiramente produtivo, porque são muitos os que leem meus escritos e aprendem com eles a saber sofrer e saber esperar.

Outras vezes, tenho que dar o silêncio por resposta, porque o guia de meus trabalhos literários me diz simplesmente que nem sempre qualquer um pode acercar-se do fogo (falando por metáforas), e que há espíritos, cujas histórias são tão terríveis, e tanta a sua inferioridade e degradação, que estão envoltos em espessas brumas. Seus fluidos, não diremos que causem a morte, mas produzem um mal-estar indefinível, uma angústia sem nome, e na realidade tem que ser assim, porque na Terra já experimentei sensações dolorosíssimas, quando, por circunstâncias fortuitas, tive que ir a certos lugares, onde se reuniam seres infelizes, ou atravessei ruas habitadas por irmãs sofredoras e homens menos responsáveis.

Que fadiga! Que ansiedade! Que repugnância! Creio que o Espírito também deve sentir náuseas quando encontra em seu caminho um ser ou seres malvados; poderá, passada a primeira impressão, dominar-se e sentir compaixão pelos culpados, mas, no primeiro momento, reage com certo pânico aos seres inferiores. Recordo-me perfeitamente que faz já muitos anos visitei a cadeia de Barcelona; acompanhada pelo carcereiro e por um escrivão, quando chegamos ao pátio dos larápios, me detive diante de uma grade e fiquei horrorizada ao ver tantos homens abjetos, muitos deles quase desnudos, que se acercavam à grade, e me pediam cigarros, sorrindo estupidamente. Que olhares! Que gestos! Voltei a cabeça e murmurei com amargura dirigindo-me ao carcereiro:

—E estes, são homens?

— Pois atente em um preso que lhe vou apresentar para ver qual a sensação que experimenta.

Continuamos andando e entramos numa cozinha muito limpa. Todos os utensílios estavam muito bem colocados e brilhavam as caçarolas de cobre como se tivessem banho de ouro. Um homem pequeno e rechonchudo estava afiando uma faca; ao ver o carcereiro, endireitou-se, sorrindo humildemente. Olhei, e experimentei uma sensação dolorosíssima, parecia que por todo o meu corpo me cravavam finos espinhos e que martelos em fogo golpeavam minha fronte. O carcereiro (sem dúvida, intencionalmente), lhe dirigiu a palavra, fez várias perguntas, para que eu tivesse tempo de contemplá-lo. Senti-me tão mal, que saí da cozinha rapidamente, pedindo água, porque me afogava e com viva curiosidade disse ao carcereiro:

— Que fez este homem? Por que está aqui?

— Porque violou suas três filhas e as três tiveram um filho que, o pai e avô, queria estrangular, mas as três crianças se salvaram e ele seguirá para o presídio de Ceuta dentro de alguns dias.

— Que horror! Agora me explico porque não podia estar perto deste homem.

Pois a mesma coisa que se passa com os criminosos da Terra, passará com os criminosos do espaço. 0 que sei é que me fazem perguntas às quais não posso responder, porque meu guia me diz: — Sofrerias demasiado, deixa que os mortos enterrem os seus mortos.

Mas, ultimamente, escreveu-me do México um espírita, muito interessado em saber o princípio de uma tragédia ocorrida no Manicômio de São Hipólito, no México. Nesta casa de tratamento, entrou em setembro de 1894, um enfermo chamado Ambrósio Sámano. Os médicos disseram que estava intoxicado por*" marijuana e tinha mania impulsiva e homicida. De forte constituição, boa musculatura, tinha força hercúlea, e dominava, sem exagero algum, a três homens. Pertence a uma família de neuropatas. Sua mãe é histérica, o pai neurastênico, e o filho mais velho desse casal, é também um doente.

Ambrósio chamava-se a si mesmo de "O Deus da Terra". No hospital ficou célebre pela sua ferocidade; golpeava-se brutalmente, tirava a roupa e gritava: "Ninguém como eu".

Faz pouco tempo, entrou no hospital, o Senhor Antônio Marron, jovem enfermo, mas não de loucura. Por um descuido que não se pode explicar, entrou Marron num pátio onde Ambrósio passeava, tendo posta a camisa-de-força. Estava acompanhado por dois guardas, mas estes foram chamados por alguém e o louco ficou sozinho com Marron; e este disse: dê-me a liberdade, e Marron desamarrou os laços que sujeitavam a camisa-de-força e o louco ficou livre. Dono do campo, e sem perder tempo, pôs a camisa em Marron, levantou-o e levou-o à sua cela, onde fechou a porta e ficou sozinho com sua vítima. Ninguém poderá saber como aconteceu o terrível drama entre a obscuridade da cela, mas os gritos dos outros loucos atraíram os guardas, que viram horrorizados que Marron estava no solo com a camisa-de-força e os pés atados. O louco, de joelhos, diante do cadáver, forçava para extrair um prego em forma de anzol, enorme, que ele mesmo havia incrustado pela quarta vez no crânio de Marron, e com tal força devia tê-lo cravado o louco, que perfurou o crânio do infeliz Marron e penetrou no soalho.

Submeteram o louco a um interrogatório, dizendo-lhe:

— Mataste um homem?

— Sim, senhor.

— Por quê?

— Porque estou amarrado e me canso desta vida. Quero que mandem a Belém.

— Mas aqui estás por encontrar-te enfermo.

— Não estou enfermo.

— Sim, estás louco.

— Não, senhor, não senhor.

— Por que és tão mau?

— Porque estou amarrado.

— Se te soltassem serias bom?

— Sim, senhor; sim, senhor.

Muito mais longo e detalhado é o relato do "Imparcial" do México, de 8 de junho último, mas com esse resumo, é suficiente para ter-se ideia do terrível acontecimento do Manicômio de São Hipólito.

Epílogo de uma história de crimes, tem que ser a morte do infeliz Marron, que por uma série de circunstâncias inexplicáveis teve que estar à mercê de um louco terrível, que nunca andava só, sempre acompanhado por dois guardas; mas foi àquele pátio, destinado exclusivamente ao isolamento dos loucos, um jovem, que estava muito bem recomendado por um seu irmão ao diretor do hospital, e que pagava muito bem sua pensão. Era muito rico, e os dois irmãos haviam herdado ultimamente quinhentas mil pesetas. Entrou precisamente no pátio, no momento em que os dois guardas deixaram o louco sozinho, confiando em que não poderia usar os braços, e o louco manda, o outro obedece, e com extraordinária rapidez desenrola-se a tragédia.

Isto não é o produto da casualidade, mas seria um espantoso acaso, pois não se morre tão cruelmente atormentado, sem antes haver cometido um delito semelhante. Mas quando o cometeu Marron? Em que época? A sombra dos séculos apagaram as páginas escritas em um livro, cujas folhas já não mais existem? Vã pergunta. Os feitos dos homens não se apagam jamais. Na grande lousa do infinito estão escritos todos os nossos vícios, nossas imprudências, nossos crimes; aquelas cifras emborráveis estão esperando que Deus faça soma de todas elas, mas Ele jamais as somará, porque nunca uma só soma significará a perfeição absoluta do Espírito e a perfeição somente pertence a Deus.

"Dizes bem, (me diz um Espírito), sempre terão os homens nos mundos, e as almas nos espaços, um céu a mais para ascender, e um abismo a mais onde cair. 0 progresso não tem limites, o tempo não tem fim, os Espíritos são os eternos exploradores, os trabalhadores incansáveis, os mineiros do Universo, os aeronautas da Criação. 0 dia da vida universal não tem ocaso, e a noite do repouso não existe."

"Pois bem, nessa história da Humanidade, cuja primeira folha não se sabe com segurança, em que época se escreveu, repontam episódios terroríficos, ao mesmo tempo que encantadores idílios. Cada espírito é dono de empregar seu tempo, segundo suas aspirações e seus desejos, mas se entrega a toda classe de excessos, mortificando algumas vezes sua carne, e outras, degradando sua inteligência."

"Esse epílogo de uma história, como chamas ao acontecimento ocorrido no Manicômio, tens razão ao dizer que é o desenlace de um drama. Todos os que nele tomaram parte, há tempos, vêm lutando juntos; são quatro os autores que desempenharam seu papel na cena final. Três estavam na Terra e um no espaço. Esboçarei um capítulo da história desses desventurados, pois ainda não estás em condições de penetrar muito a fundo na vida íntima de quatro seres que adquiriram grandes responsabilidades, deixando-se dominar por indomáveis paixões."

"Numa existência não muito longínqua, o que hoje se diz "O Deus da Terra", era um homem feroz, indomável; para satisfazer seus lúbricos desejos, manchou a honra de muitas mulheres, matou à traição, e também cara a cara (segundo se apresentava a ocasião), a mais de um marido enganado, a mais de um pai desesperado pela desonra de sua filha. Entre os homens que morreram em suas mãos, havia um Conde que havia lavado sua honra com a morte de sua esposa e de sua única filha, desonradas pelo seu assassino.

Este, ao morrer, jurou perseguir eternamente ao homem que lhe havia arrebatado a felicidade; ao encarnar na Terra Ambrósio Sámano, seu inimigo se apoderou dele e ainda não o deixou."

"Dizes que, para morrer atormentado tão cruelmente, se deverá ter cometido um delito semelhante, e estás certa afirmando-o. O jovem que morreu, por lhe ter sido perfurado o crânio, não cometeu, por sua mão, tal delito, mas presenciou, feliz, tal martírio, que sofreu um chefe militar, vencido pela sua deslealdade e sua traição. 0 executor do crime foi o Espírito que jurou não abandonar nunca ao que hoje se chama "O Deus da Terra". Esses espíritos estão unidos por uma cadeia de crimes, elaborados em diversas existências."

"O que hoje morreu, (parecendo inocente), tem muitas páginas escritas com sangue no livro da história.

O espírito que obsedia o "Deus da Terra", vingou-se do matador e da vítima, porque ambos lhe arrebataram, em outro tempo, a honra, a fortuna, e a felicidade; até o irmão da vítima de hoje, contribuiu para a realização de tal vingança, levando o pobre enfermo ao hospital onde deveria morrer. Foi ele quem abriu a porta de tão triste lugar, porque em outro tempo, sendo governador de uma fortaleza onde gemiam prisioneiros e prisioneiras por mandato religioso, mulheres infelizes que não queriam abjurar de sua religião e queriam, ao mesmo tempo, conservar sua virgindade; estas infelizes, tinham que sucumbir ante as ameaças de homens opulentos que penetravam em seus calabouços, embriagados e meio loucos. 0 governador era cúmplice de tão infames incidentes, deixando entrar vários magnatas, sendo um deles o que hoje morreu em mão do "Deus da Terra". Ontem, abriu-lhe as portas de uma prisão, para que saciasse seus brutais apetites, desonrando mulheres indefesas e, depois, abriu-lhe as portas para que morresse como havia feito morrer a outro, com o crânio perfurado. Ele riu-se, ontem, dos momentos que passou sua vítima ao morrer, gozou com sua agonia, e o executor daquela horrível morte, hoje levantou o braço daquele que acreditas louco, vingando-se dos dois. Todos eles lavraram a sentença realizada hoje."

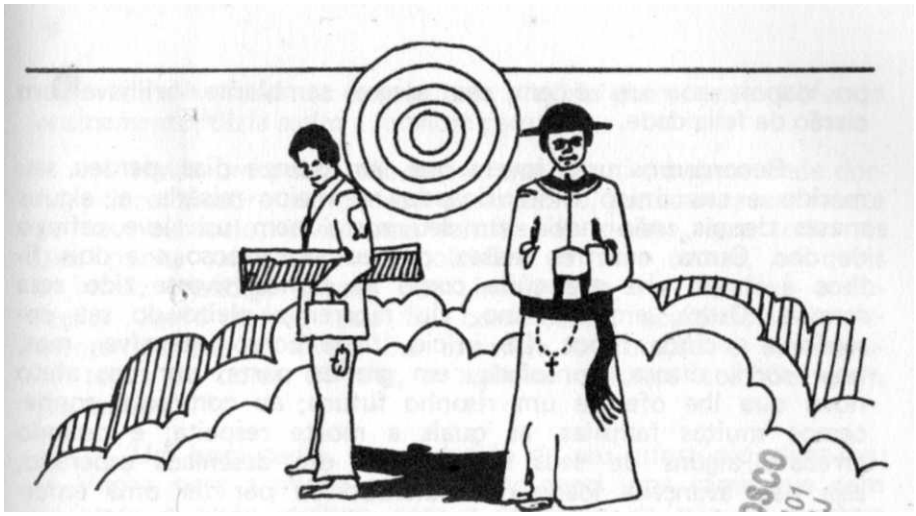
"Então estava escrito? (perguntas?). Sim, estava escrito, não pela fatalidade, estava escrito pela série de crimes cometidos por todos eles. Aquele que passa por louco, não está, é vítima de seu inimigo invisível; poderá a ciência assegurar que pertence a uma família de desequilibrados, que ele mesmo estará, mas tem horas, há dias, há noites que vê claro, muito claro, e diz: — Não estou louco, não, não estou, sinto que por minhas veias corre chumbo derretido, sinto que meu cérebro estala, que umas mãos de ferro oprimem minha garganta, que tenho sede de sangue e, ao mesmo tempo, quero fugir para longe, muito longe daqui, para viver tranquilo nos braços da mulher amada."

"Tende piedade das vítimas de seus inimigos invisíveis; sofrem o mais horrível dos tormentos, lutam como verdadeiros titãs, cuja força é tão poderosa que o homem mais forte da Terra cai vencido."

"Compreendo que sofres, relatando tais horrores, mas tudo é útil; assim como os anatomistas fazem a autópsia dos corpos inertes para estudar as enfermidades e os defeitos orgânicos que tanto atormentam a maioria dos homens, também é conveniente falar do invisível, do desconhecido. Não se contempla, com o telescópio, o mar do espaço onde navegam numerosos sóis? Pois, o mistério de além-túmulo também merece ser estudado, porque sem conhecer o desconhecido vive-se às cegas, chega-se ao crime sem remorso; é chegado o momento em que os homens saibam que o inferno e a glória existem que não estão embaixo nem acima, que os levamos em nós mesmos, que cada espírito constrói seu paraíso e seu inferno. Adeus."

O Espírito diz bem, é de grande utilidade o véu que cobre a vida de ontem. É verdade que se sofre delatando crimes, mas, se as feridas do corpo são curadas cauterizando-as, apliquemos também o cautério da revelação além-túmulo sobre os vícios incorrigíveis, sobre as paixões, sobre os ódios, sobre a vingança. Atentemos para quanto é mau ser mau e o bom que é ser bom, e se, com nossos escritos, um homem se detém pendente de seus vícios, bendito seja o trabalho dedicado.

Uma alma que desperta e vê a luz, é um novo sol irradiando no Universo!



As maiores tristezas

El agua menuda
es Ia que hace barro,
que el agua recia no deja senales
por donde ha pasado.
Las penas pequenas
son las que hacen dano;
porque las grandes, o matan al pronto,
o pasan de largo.
Augusto Ferrán (.)

Como diz bem o poeta! São as tristezas menores as que mais ferem, por conseguinte são as maiores porque são as que mais mortificam, as que vão consumindo a vida largamente. Conhecemos muitas pessoas que perderam, em pouco tempo, a todos os membros de sua família, e algum tempo depois sorriam e em seu alegre semblante brilhava um clarão de felicidade.

Recordamos uma jovem que, em quinze dias, perdeu seu marido e seu único filho, ficando na maior miséria, e, alguns meses depois, não havia em seu rosto nem um leve reflexo de dor. Outra, em três meses, perdeu seu esposo e a dois filhos e, hoje, vive tranquila como se nunca tivesse tido essa família. Outra, em um ano, viu morrer o eleito do seu coração e a cinco filhos. De início, ficou como insensível, mas, hoje sorri, ditosa, consolada, em grande parte, por um afeto novo que lhe oferece um risonho futuro; ao contrário, conhecemos muitas famílias, as quais a morte respeita, e quando arrebata alguns de seus membros, é um desenlace esperado, seja pela avançada idade do indivíduo ou por ter uma enfermidade crônica. Assim é que seu desaparecimento não ocasiona essa dor terrível que nos chega a enlouquecer.

Têm também tudo o que é necessário para viver, não conhecem os horrores da fome, nem a perseguição dos credores, em algumas ocasiões podem satisfazer seus caprichos, e, entretanto, apesar de condições tão favoráveis, têm pequenas contrariedades que contadas, fazem rir, e sofridas fazem chorar.

(.)Água miúda e fina E aquela que faz lama. Agua grossa não deixa Marcas de lodo e abismo Por onde se derrama. Tristezas pequeninas, — Frutos de gosto amargo, As grandes matam logo Oufogem, de repente, Ao passarem de largo.

(Trad. de Elias Barbosa).

Uma menina nos contou uma história que encerra profundo ensinamento; dizia assim a formosa garotinha:

"Havia um pobre, tão pobre, que não tinha cama onde dormir; dormia sobre um pedaço de esteira e, justamente em frente de seu cubículo, vivia uma família de posses, que todos os dias punha na sacada os colchões de suas camas, os quais o infeliz mendigo olhava com inveja que lhe devorava o coração. Tanto sofreu que foi confessar-se, acusando-se tristemente de que a inveja lhe devorava o coração e envenenava todas as horas do dia, e aqueles malditos colchões eram seu pesadelo."

"Um bom padre, compadecido de seu infortúnio, disse-lhe: — Venha para a minha casa, que te darei uma cama que nem os anjos a terão melhor, com a condição de não te moveres do quarto; terás um jardim para ver, comerás esplendidamente, deixarás de sofrer fome, frio, calor e o desalento, e depois de quinze dias irei ver-te e me dirás como estás."

"Mas te advirto que não deixes teu rincão, e nem jogues o pedaço de esteira, pois não sabes o que poderá suceder."

"O mendigo, ébrio de alegria, foi atrás do bom cura, em busca de seu novo quarto; sua alegria não teve limites quando deitou-se numa cama com três colchões, que de tão macios pareciam almofadas, com lençóis que disputavam, em brancura, com a neve, e travesseiros de plumas."

"A primeira noite, o mendigo, dormiu com todo prazer, e no dia seguinte despertou com muito bom apetite; comeu quanto quis e depois ficou à janela, contemplando o jardim por longos momentos. Voltou a deitar-se para desfrutar sua cama, acordado, e assim esteve cinco dias, comendo, dormindo e olhando pela janela os jardineiros que trabalhavam no jardim e o hortelão que cuidava da horta."

"Pelo sexto dia, com profunda estranheza sua, levantou-se pensando em seu recanto e em seu pedaço de esteira. Recordou com prazer seus longos passeios pela cidade e pelo campo, e a completa liberdade que tinha quando dormia em seu desvão. Certo que jejuava muitos dias, mas contava suas tristezas a outros companheiros e se consolava. Esteve três dias lutando com suas recordações, até que pediu para ver o bom cura, que veio a seu encontro, e o mendigo lhe disse:

"Senhor, estou muito agradecido pelas suas bondades, mas peço que me deixe voltar ao meu pobre quarto, onde agora serei feliz porque não mais invejarei os colchões de meus vizinhos. Nestes dias me convenci de que não é a abundância que traz a felicidade; aqui, tudo me sobra, e entretanto, como vivo contrariado, tudo me falta."

"Isto queria demonstrar-lhe, disse o padre sorrindo, que é ilusão, que é visionário todo aquele que inveja a outrem, porque quase sempre o invejado tem no fundo de sua vida muito pouco que invejar."

"Vive tranquilo com tua miséria, pois nunca é pobre aquele que se contenta com sua sorte."

"0 mendigo voltou ao seu desvão, contemplou o pedaço de esteira com viva satisfação, reclinou-se nela e sorriu feliz, porque já a víbora da inveja não se abrigava em sua mente."

0 fundo moral deste conto é de profundo ensinamento, porque demonstra que as pequenas contrariedades envenenam a vida, até o ponto de preferir-se a miséria à abundância. Em meio à essas tristezas, que tanto mortificam, e que, entretanto, passam completamente despercebidas para muitos seres, a generalidade acredita que estando satisfeitas as primeiras necessidades da vida, tudo o mais não fere o coração do homem, não sendo assim na realidade. Existem manjares que são mais amargos que o fel e há pão longamente dormido mais doce ao paladar que o mel.

Nós, por circunstâncias especiais de nossas vidas, por não termos família e outras causas, tivemos que viver, sem lar próprio por razões naturais e, assim, tivemos mais ocasiões que outros, para conhecer estas pequenas contrariedades que tanto influem, às vezes, nos acontecimentos de nossas vidas e que tantas voltas dão às nossas determinações.

Na Terra, enxameiam como é lógico, espíritos inferiores, de instintos incompatíveis com o bom gosto; são seres grosseiros e quando se une a eles um espírito mais distinto, mais delicado, mais sensível, ainda que muito distante de ser bom, há tanta distância entre a vulgaridade e a distinção, que um mundo se interpõe.

Muito estudamos na sociedade, não precisamente nos seres que nos rodeiam mais de perto, mas também naqueles que nos parecem mais ditosos.

Avaros de felicidade, como todos os espíritos em prova, assemelhamo-nos ao mendigo que invejava os colchões. Sempre olhamos com febril afã, os semblantes dos seres onde se irradiava a alegria, e tratamos de relacionar-nos com eles, para ver se a felicidade era completa, e nesses estudos, quanto aprendemos! Nessas profundas observações é onde encontramos essa série de pequenas contrariedades que formam um conjunto insuportável.

Quantas vezes sucedeu que, nos acreditando profundamente desgraçados, fomos contar nossas amarguras a um dos felizes da Terra e começar o afortunado a enumerar todas as contrariedades que o rodeiam; ouvindo seu relato, comparando suas desditas com as nossas, nos cremos felizes, sendo aquele rico, muito rico, e nós efetivamente, comparados a ele, um dos muitos mendigos que pululam por este mundo!

Observa-se neste triste planeta, tal desunião e animosidade entre os espíritos, mesmo no casamento, entre pais e filhos, esta luta íntima, e entristece profundamente ver esta guerra surda que divide a maioria das famílias.

Que egoísmo tão profundo! Que amor próprio tão exagerado! Todos querem ser infalíveis, todos se creem com direitos para dispor de vidas e de bens!. . .

E a vida íntima, quanta amargura encerra. . . Os espíritos inferiores, quanto mortificam. . . Uns por ignorância, outros pela sua refinada malícia, não perdem uma só ocasião para molestar a quantos os rodeiam. Mulheres! Vós, que viveis continuamente dentro de vossa casa, que sois as encarregadas do ninho doméstico, que em vosso calor crescem e se desenvolvem os pequeninos, escutai nossa voz amiga, muito vos queremos, não só porque somos acidentalmente de vosso sexo, mas porque vemos que podeis ser os anjos da Terra e entretanto, vos empenhais muitas vezes em ser o ponto da discórdia, a trabalhar e a sacrificar pela família.

O que fazeis, não é para despertar o agradecimento, mas sim para fomentar o fastio e o aborrecimento.

Já dissemos em outros artigos, mas não nos cansamos de repetir: tendes um hábito pernicioso, as mulheres da classe média — e nos fixamos nestas por serem as que mais conhecemos, e na realidade são as que mais demonstram tal defeito que tanto mortifica aos que lhes sofrem as consequências —, esse defeito é o de levantar-se mal-humorada.

Vimos muitas mulheres do interior, muitíssimas delas, irem lavar no rio, levando sobre a cabeça uma grande trouxa de roupa, uma criança no colo e outra puxada pela mão, falando alegremente com seus filhos, e, entretanto, as que estão em casa, que não têm que passar maus momentos, estas se levantam muitas vezes, brigando e procurando ferir com suas palavras.

Durante a hora da comida, em algumas casas é terrível; todos os aborrecimentos, todas as questões complexas! No momento em que se reúne a família, não é mais que para disputar uns com os outros, e esse infeliz costume é a base das grandes dissensões domésticas.

Alguns dirão que nos fixamos em ninharias, mas na realidade, não o são; lamentável é a família que, quando se reúnem seus membros, não trocam um sorriso; esses seres, .ainda que sejam milionários, são mais pobres que os mais pobres da Terra, são os que sofrem as maiores tristezas, são os que bebem fel em toda a sua existência.

Sempre vereis os espíritos inferiores intratáveis, retraídos, descontentes; ao contrário, um espírito amante do progresso, sempre vereis sorridente, e é tão formoso um rosto risonho. Encanta-nos essas mulheres, e existem algumas, em cujos lábios se desenha o mais doce sorriso, e em seu rosto esse esplendor divino que os pintores místicos dão à cabeça de seus santos; ao lado dos seres, que bendizem quando falam, pode-se suportar todas as amarguras da vida, porque sua doçura nos alenta.

Ao contrário, junto a essas pessoas maliciosas que sempre falam com segunda intenção, que contradizem até nosso mais recôndito pensamento, que não sabem agradecer o bem que desfrutam, que, mesmo querendo, aborrecem com sua amizade, viver ao lado destes seres que, inegavelmente, tanto se multiplicam, é viver morrendo.

Pensamos escrever uma série de artigos, classificando as penas maiores, que, indubitavelmente, se encontram nessas pequenas contrariedades, as quais, unidas, formam um todo insuportável.

0 estudo do Espiritismo faz falta para o desenvolvimento da vida, mas nunca desejamos tanto sua vulgarização, como quando contemplamos essas famílias, cujos membros vivem juntos e estão mais separados que os dois polos da Terra.

Vemos os espíritos inferiores deleitando-se em fomentar a discórdia estacionados em sua ignorância, sem querer dar um passo adiante, e estes seres têm virtudes, e algumas valiosas, como pequenas rosas rodeadas de espinhos, que antes de aspirar seu perfume, lamentam-se pelas feridas recebidas com seus agudos espinhos. Com o conhecimento do Espiritismo, abrem-se diante do homem, novos e dilatados horizontes e, necessariamente, o espírito começa a progredir, porque ante um porvir infinito, as aspirações da alma se engrandecem.

Estamos plenamente convencidos de que, quando a escola espírita tenha alcançado a compreensão humana, em todos os círculos sociais, desaparecerão paulatinamente as pequenas contrariedades que são a base das grandes tristezas.

Nos sucessivos artigos iremos desenvolvendo nosso tema; hoje só repetiremos o antigo adágio "da água mansa, livra-me Senhor, que da brava me livrarei", isto é, que queremos uma dor que nos esmague com seu enorme peso, antes que essa surda contrariedade que, parecida com os tormentos da inquisição, mata lentamente.

A morte de um corpo deu vida a uma alma

Entre as muitas cartas que recebo diariamente, muito me impressionou uma, que me enviaram de Mayaguez, assinada por Rosendo Torres, que, depois de elogiar meus escritos pelo consolo que lhe davam, me dizia o seguinte:

"Em 18 de fevereiro de 1905, a senhorita Eloísa de Castro estava muito entusiasmada com a próxima festa do carnaval, pois sabia que iria ser proclamada a rainha desses alegres festejos, na vizinha cidade de Cabo Rojo.

E, por esse motivo, vestiu-se com suas melhores roupas e adornou-se com suas joias, para ir em companhia de sua mãe, à Mayaguez, para comprar seus trajes de rainha. Adornou-se e embelezou-se tanto que, sua mãe, assombrada, lhe disse:

— Mas Eloísa, por que te enfeitas tanto? Pensas que vamos a alguma recepção? E a mãe tinha seus motivos de sobra, para estranhar que a filha se vestisse com tanto luxo, porque nunca havia tido desejos de parecer bela, e assistia ao teatro e ao cassino vestida com a maior simplicidade, mas, naquele dia, enfeitou-se como se fosse casar."

"Com sua mãe, subiu à um bonito cochezinho e dirigiram-se à cidade. Desgraçadamente, na estrada havia uma encruzilhada e o trem por ali passava. A mãe, vendo o trem que se aproximava, gritou ao cocheiro que se detivesse, mas Eloísa, por sua vez, gritou: — Não, mamãe, não, não, mamãe, não há tempo. . ., mas houve tempo para que o trem destroçasse o pequeno coche e morresse em pedaços a infeliz Eloísa, salvando-se a mãe para lamentar, com maior desconsolo, a trágica morte de sua filha. Até a Natureza, parece que chorou ante tanto infortúnio, porque chovia torrencialmente quando o trem destroçou a carruagem, onde ia a gentil Eloísa. Sua pobre mãe pôs-se a gritar dizendo:

— "0 que não compreendo, o que não me explico, é como levando minha filha tantas relíquias em si, tantos relicários com imagens de santos, não pôde salvar-se indo tão bem acompanhada. Será que é mentira a proteção dos santos?" 'Os espíritos me poderão dizer algo sobre tão triste acontecimento? Escrevam à Amália, digam-lhe que uma desolada mãe roga, que pergunte aos guias de seus trabalhos, por que minha filha teve que morrer de modo tão desgraçado; não é curiosidade, é a dor de uma mãe sem consolo, que pede um raio de luz para não terminar enlouquecendo'."

"Assim, diz a mãe da infortunada Eloísa, se os invisíveis podem dizer por que morreu de maneira tão trágica, uma menina amada, que não tinha inimigos, porque a ninguém havia feito mal; pergunte Amália, pergunte, que uma mãe espera sua resposta como o sedento uma gota de água que umedeça seus lábios secos e, como ela, esperamos igualmente muitos espíritas."

Muito me impressionou a carta de meu irmão Rosendo Torres mas, nem sempre, há médiuns disponíveis para satisfazer-nos. Tive que esperar mais tempo do que eu queria para perguntar sobre o passado da formosa jovem que se vestiu com tanto esmero, para morrer, e contemplou-se com todas as suas jóias diante do espelho, coisa que ela não tinha o costume de fazer. Enfim, meus desejos se cumpriram e um Espírito ditou-me a seguinte comunicação:

"A dor de uma mãe é sagrada e dar-lhe consolo é uma obra de caridade; ela lamenta que sua filha não pudesse salvar-se da morte, não obstante levasse, sobre o peito, tantos escapu-lários bentos. Pobre mãe!. ..

Quando um Espírito se decide a pagar uma dívida, não há santo que o detenha, nem Cristo que o salve, nem virgem que o separe dos abismos. Cumpre-se a lei, crendo em todas as lendas religiosas ou negando-se a existência de Deus. A justiça eterna é superior à todas as crenças e a todas as negações, e Eloísa morreu do modo que quis morrer."

"Em uma de suas anteriores existências, pertenceu ao sexo forte e era um garboso rapaz, de um continente bonito; era muito apreciado por sua formosura fisica porque era, o que dizeis, um bonito homem, mas. . . não tinha coração. Galanteava as mulheres por orgulho, para vê-las a seus pés, e gozava desonrando as mulheres mais virtuosas, semeando discórdias nos lares mais tranquilos e muitas mães de família viram-se desprezadas por seus maridos e por seus filhos, por terem faltado a seus deveres, vítimas das ciladas daquele filho de Marte, pois era militar o irresistível sedutor. Com seu uniforme recamado de ouro, o chapéu adornado de plumas brancas, era uma figura tão atrativa e tão interessante que, em todas as proezas de amor, ficava com a vitória; bastava olhar para vencer."

"Esteve, longo tempo, em uma populosa cidade cercada por forças inimigas e, para entreter seus ócios, conquistou uma formosa jovem, pertencente à uma família de alta linhagem. A jovem cedeu a todas as suas exigências amorosas; foi a escrava submissa de todos os seus caprichos, não vivia mais que para amá-lo, delirava por ele. Quando estava muito feliz, as forças inimigas pediram tréguas, firmou-se um tratado de paz, e as tropas que haviam defendido a cidade, receberam ordem de abandoná-la. 0 sedutor disse então à sua vítima, com a mais rude franqueza: — "Consagrei-te mais tempo do que habitualmente consagro às minhas aventuras galantes; guardo de ti uma recordação muito agradável, mas, como sou ave sem pouso, não esperes voltar a ver-me. Adeus."

"A jovem não lhe respondeu nem uma palavra; no dia seguinte, vestiu-se com suas melhores roupas, adornou-se com suas preciosas joias e, sabendo por onde passaria o batalhão comandado por seu amante, subiu à torre de uma igreja, situada nos arredores da cidade; quando viu que vinham os filhos de Marte, jogou-se, caindo justamente aos pés de seu amante. Este, impressionou-se profundamente, sentiu tão fundo remorso ao ver aquele corpo destroçado por sua causa que, louco de espanto, correu velozmente, fugindo do cadáver feito pedaços.

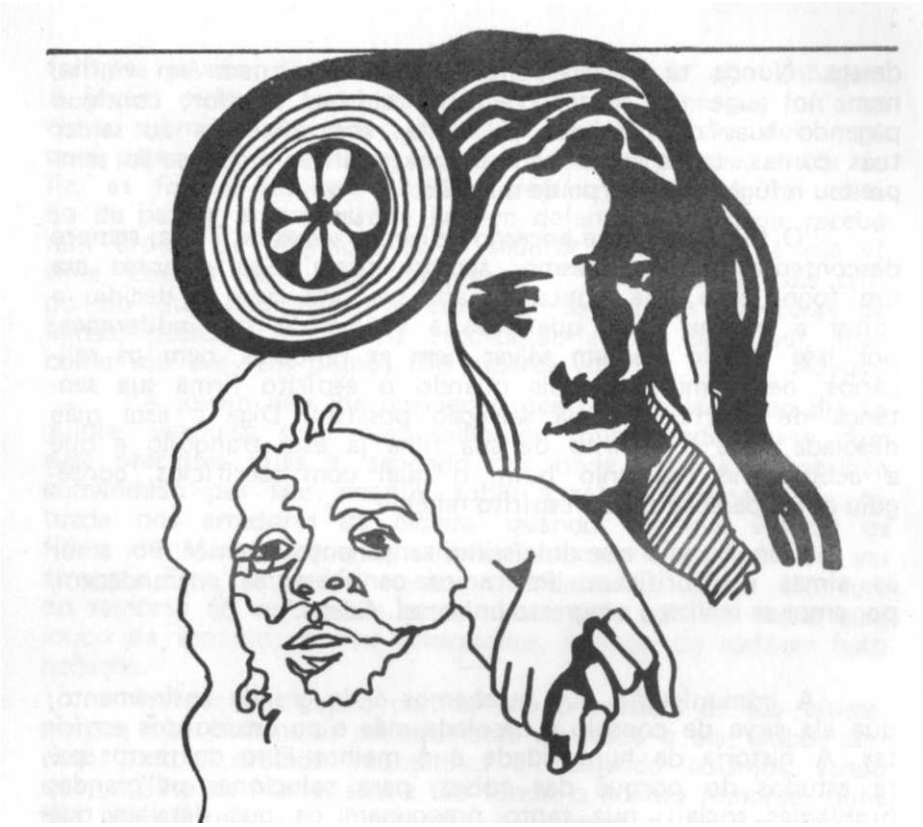
Mas sua vertiginosa corrida não o separou de sua vítima, porque esta continuou estreitamente abraçada a ele; ambos corriam juntos, subindo montanhas e descendo abismos, sendo que, o filho de Marte, sentia tão fundo o imenso remorso, tinha tão gravada em sua imaginação a imagem da jovem suicida, daquela mulher que tanto o havia querido e que tanto o havia agradado "com suas apaixonadas carícias, que se entregou completamente aos braços do remorso. Na primeira oportunidade, fez-se matar pelo inimigo, fugindo de si mesmo; chegando ao espaço, encontrou, porém, sua vítima, tão enamorada como sempre, que lhe disse:

— "Ontem amei teu corpo, hoje amo tua alma, e te salvarei, te regenerarei, porque, para salvar-te e para regenerar-te, joguei-me a teus pés, para impressionar-te, despertar teu sentimento e para afogar tuas paixões fazendo que te arrependesses. Nunca te deixarei, nem em sonhos, nem em vigília, nem no auge do prazer, nem no abismo da dor; continua pagando tuas devidas, que já muitas contraístes, e ao saldar tuas contas, te esperam meus braços espirituais que serão sempre teu refúgio e teu corpo de salvação."

"0 filho de Marte encarnou diversas vezes na Terra, sempre descontente consigo mesmo, sempre triste. Seu remorso era um fogo lento que nunca se apagava, até que se decidiu a sofrer a mesma sorte que teve a vítima de sua indiferença; por isso não o podiam salvar nem as relíquias, nem os relicários, nem amuletos, pois quando o espírito firma sua sentença de morte, não há salvação possível. Diga a esta mãe desolada, que o espírito de sua filha já está tranquilo e que a acompanha seu anjo bom, o qual com sacrifícios, conseguiu a recuperação de um espírito rebelde."

"Bendito seja esse dulcíssimo sentimento de amor: Por amor as almas se purificam. Por amor os povos se engrandecem, por amor se realiza o progresso universal. Adeus."

A comunicação que recebemos é de grande ensinamento; que ela sirva de consolo à desolada mãe e ao estudo dos espíritas. A história da humanidade é o melhor livro de textos para estudos do porquê das coisas, para solucionar os grandes problemas sociais, que tanto preocupam os que desejam que reine na Terra, o amor em toda a sua doçura e justiça, com todos os direitos, sonho que só poderá realizar-se quando se compreenda a verdade do Espiritismo, quando todos os homens se convençam que vivemos ontem e viveremos amanhã, e que de nós depende viver no céu ou no inferno. E como a eleição não é duvidosa, chegará um dia em que os espíritas acharão na Terra um oásis, um paraíso, uma mansão de paz habitada por homens sábios e por homens bons.



Tudo se paga

Faz já 30 anos que conheci Carlos e Luísa; ele era um jovem pálido, enfermiço, de doce olhar melancólico; ela era quase uma menina, e ainda nem sabia levar o vestido comprido. Parecia o símbolo da modéstia e da humildade, e olhava fixamente o eleito de seu coração.

Parece-me que ainda os vejo, ela sentada num antigo sofá, e ele sentado numa cadeira, apoiado no respaldar do canapé, ou melhor, em um braço do mesmo. Ele a olhava fixamente, e ela com a cabeça inclinada e os olhos meio cerrados, parecia que estava magnetizada e nem um nem outro dizia uma só palavra. Quando o coração fala não há intérpretes para essa divina linguagem. Eles se isolavam de tal modo, que mesmo rodeados da família dela e de vários amigos, não se misturavam à conversação geral, nem ninguém ousava perturbar o amoroso êxtase. Inspiravam respeito e admiração, aqueles dois seres, que não pareciam pertencer à Terra, silenciosos, tranquilos, reservados e tão humildes que não se atreviam a formular o menor desejo.

Luísa não tinha mãe, e isso aumentava sua timidez natural. Via-se que em seu lar era uma planta sem raízes e Carlos era o raio de sol que vigorizava sua frágil existência.

Continuaram namorando anos e anos; ainda que adorasse Luísa, para evitar graves desgostos à família, especialmente à sua mãe, que desejava uni-lo a uma rica herdeira e não queria Luísa por ser pobre. Carlos, tolerante por excelência e aconselhado por Luísa que lhe dizia: — "Não quero que dês desgostos à tua mãe, por minha causa, e quero tua alma, não quero teu corpo; hei de amar-te sempre, tanto se permaneces solteiro, como se dás teu nome a outra mulher. Tua alma, sei que é minha, teu corpo será mais tarde possuído pelos vermes, de todos os modos tenho que te perder uns anos antes ou uns anos depois. O que é da terra, à terra volta. Mas, sei que as almas vivem sempre, pois vivendo sempre, nossa união será eterna"; e, Carlos, alentado com essas palavras, recordando as frases de Dumas (pai) que dizia: "A ciência da vida é confiar e esperar"; confiando na justiça de Deus e esperando o cumprimento de suas leis eternas, ele consagrou-se à sua mãe, sem deixar Luísa apesar disso. Diariamente lhe escrevia amorosas cartas, pois viviam muito longe um do outro, e o telégrafo transmitia suas mágoas quando alguma coisa impedia que escrevesse. E assim transcorreram trinta anos, sendo as cartas de ambos tão apaixonadas como na juventude.

A mãe de Carlos chegou aos noventa anos, e, quando menos se esperava, Luísa caiu gravemente enferma; sentindo que morria, pediu que telegrafassem a Carlos comunicando-lhe seu estado alarmante. Carlos veio e recebeu seu último suspiro. Depois de fechar piedosamente os olhos de Luísa, aqueles olhos que tão amorosamente o haviam olhado, o telégrafo o chama novamente para que fosse para o lado de sua velha mãe que só esperava a chegada do filho para morrer. Sua missão havia concluído na Terra; morta Luísa, já não tinha que servir de obstáculo à felicidade de ninguém.

A morte daquela anciã impressionou-me profundamente até o ponto de, como estudo útil, perguntar ao guia de meus trabalhos, que laços, que história existia entre Luísa e aquela mulher que se negou sempre às súplicas do filho, que tanto queria. Não se abrandou a seus pedidos, preferindo vê-lo triste e pensativo, repetindo com firmeza: — "Enquanto eu viver não te casarás com ela." Por que tanta oposição? Sendo Luísa de boa família, querida de todos que a conheciam, porque era um modelo de virtudes, que abismo havia entre esses dois espíritos que os separava, causando a desgraça de duas almas boas?

"Vejo que esqueces (disse o guia), o que não devias esquecer: é que toda causa produz efeito, sem que nada possa impedir ou desviar o efeito, uma vez produzida a causa. Ninguém pode iludir essa lei, por elevado que seja o posto que ocupe na escala interminável da Evolução. O que está em cima é como o que está em baixo, a lei é essa."

"Carlos e Luísa são dois espíritos unidos por um afeto poderosíssimo, faz muitos séculos; por isso para eles os obstáculos terrenos não existem para cercear seu amor, se amam, e nesta palavra está dito tudo."

"Em uma passada encarnação, uniram-se perante o altar e uma filha veio aumentar a felicidade, uma filha cândida e boa, doce e refletida, sensível e apaixonada. Um jovem do lugar, humilde operário, atraiu sua atenção e ambos se amaram com delírio, porque o amor é o grande igualitário do Universo, o que encurta todas as distâncias.

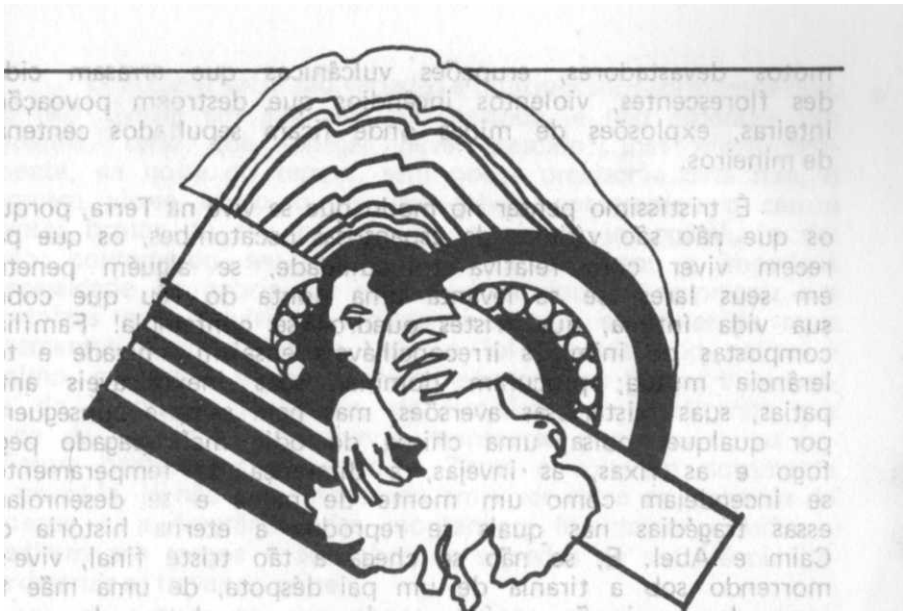
Mas, Carlos e Luísa queriam, para sua filha, um potentado, um nobre que tivesse sobre a cabeça uma coroa de duque; seus desejos se cumpriram porque um nobre com muitos títulos e uma árvore genealógica cheia de escudos de nobreza, ofereceu à enamorada moça, seus palácios, seus tesouros e uma invejável posição social. Mas a jovem respondeu resolutamente: — "Não me casarei com ninguém senão com o amado de meu coração; antes morrer que lhe ser infiel". E cumpriu fielmente sua palavra. 0 humilde operário foi deportado, acusado de traidor da pátria, morrendo no desterro, e ela, sua fiel prometida, viveu algum tempo sem exalar uma queixa; seus pais foram inflexíveis diante de sua dor, e a jovem morreu perdoando-lhes a cegueira."

"Mereciam nesta existência Carlos e Luísa desfrutar as delícias de um amor correspondido? Não. Justo foi seu sofrimento e a mãe de Carlos foi o instrumento de seu martírio; não podia morrer antes de Luísa porque era preciso que a lei se cumprisse, já que, em sua anterior existência, morreu no desterro só e abandonado um ser inocente, e o humilde operário de ontem, foi a mãe inflexível de hoje. Eles seguirão amando-se, conquistarão a terra prometida, se purificarão com o sofrimento e não exercerão tirania com os espíritos que lhes peçam abrigo em seu lar."

"A lei não é mais que uma, aquele que faz mal, a si mesmo prejudica depois; o que abusa de sua autoridade, é vítima de seu abuso. Disto riem os ignorantes e orgulhosos, mas os fatos os convencerão, em seu devido tempo, de que não pode ser feliz aquele que causou a infelicidade de outro. Adeus."

O Espírito diz bem; muitos não admitem o Espiritismo porque não querem conhecer sua pequenez e sua miséria moral, mas, diante da verdade, não é suficiente dizer: não quero crer que se deva inclinar a cabeça ante a sentença que se pronuncia contra si mesmo. Assim a inclinaram, Carlos e Luísa, que sendo ambos bons, sofredores, muito espiritualizados, tiveram que viver separados um do outro, sem poder libertar-se do misterioso malefício, que os fazia sofrer uma contrariedade perpétua, esperando durante 30 anos o indulto para um delito que eles não sabiam que haviam cometido.

Quanto se tem que estudar na bíblia da Humanidade! Por ela sabemos que tudo se paga!



O que damos é o que recebemos

"Vossa vida é aquilo que façais; o mundo não vos devolve mais do que aquilo que lhe damos."
(Máximas americanas).

Nada mais certo; não colhemos mais que aquilo que demos, e que má semeadura fizemos, nós, os terrenos! A maioria dos habitantes da Terra não recolhe mais que agudos espinhos. Ler os jornais entristece, angustia, fatiga, porque não passa um só dia que não se leia a descrição de horrorosos naufrágios, choques de trens, pontes que afundam, terremotos devastadores, erupções vulcânicas que arrasam cidades florescentes, violentos incêndios que destroem povoações inteiras, explosões de minas onde ficam sepultados centenas de mineiros.

É tristíssimo pensar no modo que se vive na Terra, porque os que não são vítimas de espantosas hecatombes, os que parecem viver com relativa tranquilidade, se alguém penetra em seus lares, se se levanta uma ponta do véu que cobre sua vida íntima, que tristes quadros se contempla! Famílias compostas de inimigos irreconciliáveis ensaiam amizade e tolerância mútua; procuram dominar suas inexplicáveis antipatias, suas misteriosas aversões, mas nem sempre conseguem; por qualquer coisa, uma chispa do ódio mal apagado pega fogo e as rixas, as invejas, a diferença de temperamento, se incendeiam como um monte de palha e se desenrolam essas tragédias nas quais se reproduz a eterna história de Caim e Abel. E, se não se chega a tão triste final, vive-se morrendo sob a tirania de um pai déspota, de uma mãe tirana, de um irmão egoísta, sendo que os abusos de uns e de outros é moeda corrente no grande mercado da vida.

E isto é viver? Não! Isto é pagar olho por olho e dente por dente, é beber continuamente o fel e o vinagre que, segundo a tradição, deram a Cristo; é receber ferida sobre ferida, causadas por implacáveis desenganos; e, se a isto se reduzisse a vida, seria melhor não ter nascido. ,

"Dizes bem, (me diz um Espírito), se não houvesse outro cenário para representar o eterno drama da vida que a Terra que habitas, Deus seria a injustiça personificada e o último réptil da Terra seria mais feliz que o rei da Criação (vulgo homem), porque este está sujeito a inumeráveis calamidades, começando por enfermidades incuráveis, por moléstias que conduzem ao desespero, como as guerras, a paralisia, a falta de membros mais necessários como são os braços, as mãos, as pernas e os pés, a língua, o ouvido e o entendimento."

"O homem sofre tão variados e multiplicados tormentos que, se não tivesse em sua vida um passado, e não esperasse um amanhã, teria que renegar haver nascido; mas afortunadamente, na noite do tempo, sem poder precisar a data fixa, o homem viu-se como o rei das selvas, contemplou o céu e sentiu brotar de seu pensamento a chama intangível do desejo; contemplou seu corpo nu e experimentou a imperiosa necessidade de cobrir sua nudez; viu-se forte e empregou sua fortaleza em adquirir o indispensável para satisfazer às mais prementes necessidades da vida, e foi conquistando palmo a palmo, o terreno suficiente para levantar suas tendas e rodear-se de submissos servidores, de famílias que satisfizeram sua sede de reprodução e, com o transcurso dos séculos, os patriarcas centenários deixaram a Terra e voltaram novamente a povoá-la, já não se contentando em viver entre as asperezas do bosque e a fragrância das montanhas; levantaram cidades e pediram aos magos e adivinhos os segredos de sua ciência para destruir as trevas da noite."

"Compreenderam que a divisa da Natureza, como disse um de nossos pensadores, é Trabalha ou morre'."

"Deixando de trabalhar, morrereis moral, intelectual e fisicamente, e a morte sempre foi repelida por homens que souberam ter lucidez em seu entendimento; somente se suicidam os desequilibrados; a completa destruição só a procuram os que não compreendem o imenso valor da vida. Por isso, o trabalho foi, é e será a lei eterna, pela qual os homens se regerão eternamente; e os atuais povoadores da Terra, todos têm sua história, todos viveram ontem e viverão amanhã; todos trabalharam para criar um meio de vida, empregando sua inteligência e suas paixões, seus vícios e suas virtudes, semeando a semente que melhor lhes pareceu e as circunstâncias lhes proporcionaram, pois, muitas vezes, um passo dado em falso faz resvalar e cair."

"Como o vício é tão descendente, o homem desce por ele, sem poder deter-se, conhecendo às vezes todo o erro que encerram as quedas, ou seja, as reincidências do delito, e o espírito até chega a acostumar-se à perversidade, deixando-se arrastar pelo que chama fatalidade, que outra coisa não é que o costume de mal proceder. Todo vício, adquirido é um ébrio insaciável, muito mais que vossos costumes e vossas mal chamadas leis, torna pequena a órbita na qual giram vossos criminosos, todas as portas se fecham e só se lhes abrem os braços os antros do vício, da degradação mais humilhante."

"Sempre leio em teu pensamento esta eterna pergunta: — Por que Deus, que tudo pode, não detém o homem na beira do abismo e lhe diz: — "Levanta-te, assim quero. . ."; e eu respondo: — Qual o mérito que teria então a regeneração do homem? Nenhum, absolutamente nenhum; suas lutas não teriam a menor importância, porque não lhes teriam servido de escarmento; tanto valor teria ser um santo ou um réprobo se, no final da jornada. Deus lhe dissesse: — "Entra no meu reino porque assim quer a minha vontade". "O homem foi criado para escalar todas as alturas, para afrontar todos os perigos, para descobrir todos os mistérios que os mundos guardam, para conhecer todas as propriedades da matéria, para fazer uso de toda força que dispõe a Natureza, para ser sábio, para ser bom. E, para chegar a possuir a virtude e a ciência, é necessário que o homem saiba por si mesmo o que doem as feridas do corpo e as feridas da alma, e a humilhação que a ignorância leva em si, a crueldade, a persistência no crime. Sem a dor da queda não se pode apreciar o prazer superior à baixeza e às misérias humanas."

"A obra de Deus é perfeita, mas a perfeição é obra de titãs e, para aperfeiçoar-se, o espírito necessita da luta incessante dos séculos. Aquilo que chamais desastres, calamidades, hecatombes, acontecimentos horrorosos, sabeis para que servem? Para sanear a atmosfera de vosso mundo, para livrar a Humanidade de monstros insaciáveis, para separar de vós muitos cains, dispostos a continuar sacrificando seus irmãos; quando tenhais notícia que desapareceu uma cidade, aniquilada pelo fogo ou pela fúria de um furacão ou por estremecimentos geológicos, não acrediteis que Deus é injusto arrebatando de seu lar tanto o centenário quanto o pequenino dependente do seio de sua mãe. 0 envoltório material não marca o adiantamento do espírito; é sua história passada, sua aspiração presente, a que manifesta sua inferioridade ou sua elevação."

"Não é caprichosa casualidade que devasta um povo, mas a lei de compensação que se cumpre. Os cruéis conquistadores, os que gozaram destruindo cidades onde se abrigavam os vencidos, têm que sofrer a dor que fizeram sofrer a outros, têm que despertar aterrorizados e aturdidos, têm que vagar sobre as fumegantes ruínas de seus lares sem saber por que, em menos de um segundo, perderam tudo quanto possuíam. Nas leis eternas tudo é justo, não se conhece a impressão nem o esquecimento, tudo chega a seu tempo, ninguém recolhe um átomo que não lhe pertença, ninguém ocupa mais lugar do que aquele que por justiça lhe corresponde e, por muito que passeis, não vos acabrunhará seu peso porque o espírito, tem um depósito de forças para resistir a tudo o que por justiça lhe corresponde. Se assim não fosse, Deus seria injusto e sua justiça alteraria a marcha dos mundos, pois criaria obstáculos que fariam saltar de suas órbitas os imensos mundos que levam em seu seio outras humanidades."

"Recebemos o que damos; esta é a lei, não existem subterfúgios, nem indulgências em nenhuma religião, e nem filosofias que alterem a ordem do que está criado. Com a obra divina tudo é imutável, as minas do infinito sempre têm seus poços abertos para por elas descerem as humanidades e saquearem o metal precioso do progresso a da verdade. Sede bons mineiros, buscai nas montanhas da Terra os débeis e os vencidos, dai-lhes o que lhes falta, luz para a alma e pão para o corpo, que os cegos e os esfomeados são os cains da humanidade."

"Adeus."

Esta comunicação a quantas considerações se presta! Quantas verdades! Desconsoladoras verdades, amargas, mas verdades inegáveis, e isto é o que se deve buscar nas comunicações dos espíritos: a verdade sem véu, o ensino racional, o conselho leal para inclinar-nos à prática da virtude, a certeza de que, sem a melhoria individual, os povos nunca serão livres, nem progredirão, nem se engrandecerão, nem conseguirão gravar seu nome na história pátria, figurando como heróis, como redentores, como inspirados marinheiros levando as naves a seguro porto.

Benditas sejam as comunicações com os Espíritos! Elas nos guiam, elas nos alentam, elas nos fazem conhecer a grandeza e a justiça de Deus.

Pressentimentos

Não sei qual foi o poeta que disse: "Já se sabe, não há profeta como o nosso coração."

E está certo quem assim disse, porque, sem dúvida, muitas vezes temos palpites do coração, uma voz interior que nos adverte que temos um perigo próximo, mas não fazemos caso na maioria das ocasiões. Não atendemos esses misteriosos avisos que nossos familiares de além-túmulo nos dão e creio que nos tornamos surdos, quando temos que passar pela vergonha de fazer forçados o que não queríamos, apesar de todas as advertências e de todos os avisos. Para isso provar copiarei alguns fragmentos, ou dizendo melhor, vou sintetizar a extensa carta enviada por um espiritista de Minas (Montevidéo), que me conta a desastrosa morte de sua filha Maria, que desde muito jovem teve o pressentimento de que sua desencarnação seria dolorosíssima.

Maria era uma jovem belíssima, boa, sensível, carinhosa, muito amante da família, especialmente de seu pai, pelo qual sentia verdadeira idolatria.

Aos 17 anos, um garboso moço se enamorou dela, que correspondeu a seus galanteios, contente de se ver requestada e ob sequiada. O pretendente quis levar o assunto avante e pôs o prazo de 4 meses para efetuar o casamento, mas o pai dela pediu um ano de espera, que foi concedido. Durante esse ano esses ardentes amores foram esfriando, até terminar as relações para alegria de Maria, que assim ficou tranquila. Três anos depois, um segundo adorador ofereceu à Maria seu nome e seu amor; ela demonstrou viva satisfação, mas ao chegar o dia de comprar o enxoval, se abraçou ao pai e disse soluçando:

— Meu prometido é muito bom, não tenho a menor queixa de seu comportamento para comigo, mas tenho o horrível pressentimento de que vou ser muito desgraçada em meu casamento, e me arrependo completamente de minha determinação. Não quero separar-me de ti, meu pai.

— Mas, filha, — replicou o pai — por que não pensaste nisto antes de dar tua palavra e eu a minha?

— Porque antes não sentia o que sinto hoje.

— Mas tu o amavas?

— Sim, muitíssimo, mas agora não o quero, e estou como se nunca o tivesse conhecido.

— Enfim, filha, que tudo seja por Deus! Vale mais que te arrependas agora que estás a tempo e não depois.

Não creias, Amália, (disse-me o amigo), que minha filha fosse coquete, ou que tivesse pouco juízo; era uma moça modelo, querida de todo mundo e muito carinhosa.

Dois ou três anos depois do acontecido, outro novo galã se enamorou perdidamente de Maria. Ela lhe correspondeu, e seu pai escarmentado pelos acontecimentos anteriores interrogou sua filha, dizendo-lhe que muito pensara antes de se decidir e ela assegurou que com este estava segura de não se arrepender. Continuaram durante dois anos o namoro, sem o menor aborrecimento, mas quando chegou o momento de tudo preparar para o casamento, Maria chamou o pai e disse:

— Meu pai, que sonho horrível tive à noite. Sonhei que me havia casado e no mesmo dia morria; via-me morta e meu esposo ao lado do cadáver. Perdoe-me o novo desgosto que lhe vou dar, porque não me casarei. Meu noivo me inspira, desde ontem, a mais profunda aversão; não servirei para ser casada, e está claro que devo ficar solteira.

E por tudo isso, Maria chorava com grande desconsolo, e seu pai não sabia o que dizer. O noivo, ao saber de tudo, caiu gravemente enfermo, salvando-se por milagre.

Maria cumpriu 30 anos, e um jovem de 20 primaveras ficou louco por ela. Seu pai, melhor de saúde, contou a ele e à sua família o acontecido com os noivos de sua filha, mas esse relato não foi obstáculo para o namoro que seguiu adiante, e se efetuasse o casamento, não sem antes Maria dizer às suas amigas mais íntimas: — "Estou arrependida de meu casamento, pressinto uma grande desgraça, um acontecimento dolorosíssimo. Sei que sofrerei horrivelmente, parece que as dores já me atormentam, mas não quero dar um novo desgosto à meu pai.

Casou-se e depois de dois meses ela e seu esposo voltaram a Minas, e se instalaram na casa de seus pais. Sabendo que ia ser mãe, disse Maria a toda família, menos a seu pai, que morreria irremissivelmente no ato de dar à luz. Oito dias antes de dar à luz, chamou seu esposo, sua mãe e suas irmãs, e lhes suplicou que cumprissem fielmente sua última vontade. Pediu que a sepultassem com sua roupa de casamento, e dispôs de todas as suas joias e suas roupas, repartindo tudo que possuía entre as cunhadas e parentes mais pobres, às mais necessitadas. Todas diziam: — Estás louca? E ela replicava sorrindo tristemente: — Logo verão como se realizará meu pressentimento, não sinto mais que não deixar meu último retrato, e só peço que cumpram minha última vontade.

Sua mãe e irmãs acreditavam que a dominava o medo: contudo ela lhes dizia: — Morrerei, morrerei e de morte espantosa. Quantos anos fugi para pagar esta dívida. Afinal pagarei mais parte do que devo. Deus tenha misericórdia de mim. . .

O pai de Maria ignorava o que se passava em sua casa. Todos se calaram para não o atormentarem antes do tempo, e porque, na realidade, pensavam que Maria delirava ou que via visões. Mas, chegou o dia do parto, e seu pai, excelente operador, ao examiná-la pensou que perderia os sentidos e saiu do aposento de sua filha chorando como uma criança.

— Que há?

— Está morrendo, não há remédio para ela.

— Estás delirando! — disseram todos —, a ciência não disse ainda sua última palavra.

— Eu a digo, replicou o pai soluçando, não a martirizem, tudo é inútil.

— Impossível, gritou o marido.

— O carinho os cega, disseram os filhos, que venham os médicos.

Vieram os médicos, a operaram cinco vezes, e Maria morreu tranquilizando seu pai, dizendo-lhe:

— Eu já sabia o que me esperava, agora compreendo minha aversão ao matrimônio, cumpriu-se meu pressentimento, já tenho uma dívida a menos. Alegra-te meu pai.

Alegrar-se não é possível diante do cadáver de um ser adorado. Meu bom amigo ficou profundamente impressionado pelo trágico fim de sua filha; é um espiritista convicto, porque em sua longa vida teve provas irrecusáveis da vida eterna dos Espíritos. Um ano antes da morte de Maria, morreu um menino de dois anos, que também lhe deixou, com seu desaparecimento, funda marca pelo seguinte motivo:

Anos atrás foi meu amigo ver sua velha mãe que vivia muito longe de Buenos Aires. Ela mostrou muito empenho de ir a Minas com seu filho, mas este, tendo em conta a avançada idade de sua mãe, não julgou prudente expô-la à longa viagem, e lhe prometeu que no ano seguinte voltaria para vê-la. Ela disse-lhe então:

— O ano que vem será tarde, estarei morta, e sem que tu me feches os olhos, que este foi o desejo de toda a minha vida, depois que te estreitei em meus braços.

A anciã acariciava seu filho como se este fosse um pequenino, e lhe repetia:

— Leva-me contigo, quero que tu me cerres os olhos. Meu amigo não cedeu ao desejo de sua mãe, e esta morreu longe do filho que adorava. E, dois meses depois de ter morrido, seu espírito se apresentou à seu filho. Durante a noite, particularmente pela madrugada, ele se põe em relação com seus parentes desencarnados e fala com eles e troca impressões. Sua mãe apresentou-se carinhosa como sempre e a via cada duas ou três noites. Passaram vários meses e a esposa de meu amigo deu à luz uma linda menina, e a mãe dele já não mais se apresentou. Ele, ao ver sua filha recém-nascida, sentiu um estremecimento extraordinário, olhou fixamente a menina e disse à sua esposa:

— Minha mãe está conosco, estou seguro disto.

Aos sete meses, a menina começou a balbuciar algumas frases e chamava seu pai de nenê, jamais chamando-o de papá; e dizia nenê como quando era sua mãe, nunca chamando-o por seu nome, e o acariciava dando-lhe palmadinhas nas faces, como fazia quando era seu filho.

Quando cumpriu dois anos, adoeceu de convulsões e 24 horas antes de morrer acariciou seu pai com a maior ternura; depois estendeu sua destra e com o dedo indicador assinalou o céu e assim permaneceu breves momentos. Em seguida baixou a mão, tocou-lhe a fronte com o dedinho e cerrou docemente os olhos. Tornou a abri-los e não deixou de olhar seu pai até morrer. Com beijos e expressivos gestos se despediu de todos, mas particularmente de seu pai, a quem acariciou apaixonadamente. Meu amigo fechou os olhos de sua filha, plenamente convencido de que aquele espírito era o de sua mãe que havia vindo reclamar aquela prova de carinho.

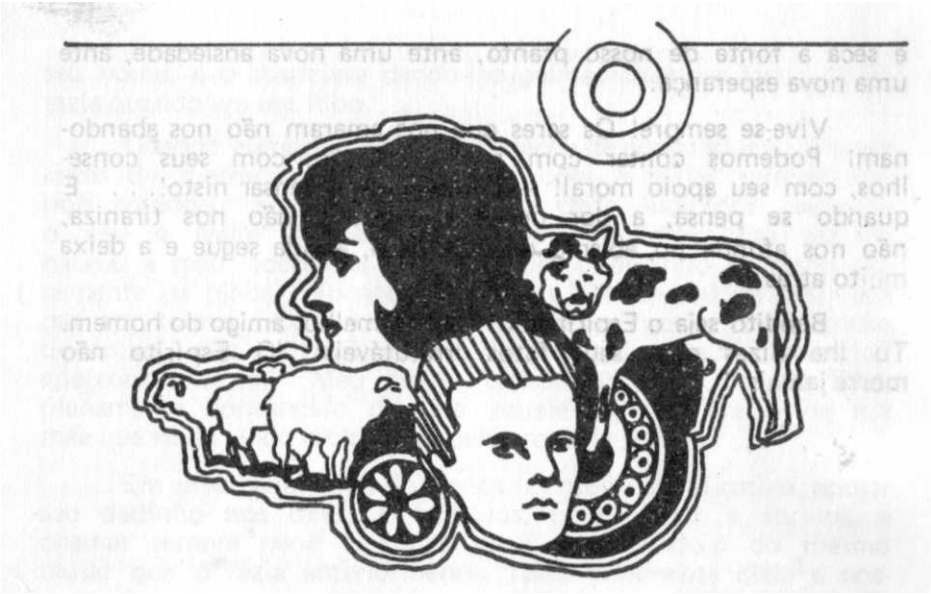
Em uma menina de dois anos foi muito significativo, apoiar seu dedinho nos olhos e fechá-los, para tprnar a abri-los, e chamar sempre nenê e nunca papá, acariciando-o do mesmo modo que o fazia anteriormente. Tudo finalmente dizia a nosso amigo que o espírito de sua mãe havia vindo do espaço, já que não a havia atendido quando ela lhe pediu com tanta insistência.

Quando se vive tão identificado com os seres de além-túmulo, os tropeços da vida se suportam com mais energia, a morte desaparece com todos os seus horrores, porque se toca a realidade que é a imortalidade da alma, e diante dos fatos inegáveis se tem que crer na sobrevivência do espírito sem que, por isso, se deixe de sentir a violenta sacudidela que se experimenta diante dó cadáver de um ser amado.

Mas, a dor de um espírita convicto não chega nunca ao paroxismo da desesperação, porque junto ao corpo inerte do ser que chora, se levanta o espírito grave e silencioso que animou aquele organismo. Unem-se a vida e a morte, o ontem e o amanhã, o conhecido, o que conhecemos e o desconhecido, o misterioso e o inexplicável. O ânimo não nos sobrecarrega, a surpresa e o assombro não se apoderam de nós, e seca a fonte de nosso pranto, ante uma nova ansiedade, ante uma nova esperança.

Vive-se sempre! Os seres que nos amaram não nos abandonam! Podemos contar com sua inspiração, com seus conselhos, com seu apoio moral! — Como se deve pensar nisto!. . . E quando se pensa, a dor perde seu poder, não nos tiraniza, não nos afunda no abismo do desespero, a vida segue e a deixa muito atrás.

Bendito seja o Espiritismo! Tu és o melhor amigo do homem. Tu lhe dizes com seus fatos irrefutáveis: "O Espírito não morre jamais."



A má colheita

— Ouve-me, — diz Luísa — és um depósito de contos e relatos, como dizem os cegos que vendem romances na Andaluzia, dize-me, por que tiveram que matar um pobre menino atacado por hidrofobia? À parte as brincadeiras, ainda que não creia no que tu crês, (nem acreditarei nunca), muito me impressionou ver uma criança negra como um tição, rodeada de sua família que chorava sem consolo; involuntariamente, sem que quisesse, pensei em ti, e disse: — "Que terá feito esta criatura para morrer assim?" Venho para que perguntes a esta gente de lá por que sucedeu uma infelicidade tão grande. Imagina que este menino estava brincando na rua com outros pequenos, diante de sua casa e fazendo-se de morto, se estendeu no chão, quando um cachorro se atirou sobre ele.

Deu-lhe uma tremenda mordida no nariz e desapareceu como um raio.

Ninguém se preocupou, entretanto, de ir à sua procura porque todos os presentes rodearam o ferido que gritava desesperadamente e o levaram ao laboratório de Ferrán. Este disse: — se o cão estiver raivoso, o menino morrerá, porque bebeu em grande quantidade o sangue que escorria da ferida e não há remédio para ele. Mas aconteça o que aconteça, empregaremos todos os meios para salvá-lo.

E a casa do menino converteu-se em uma cátedra de medicina. Vieram médicos desde os mais famosos até os desconhecidos pela sua juventude. E tudo foi em vão.

Enfim, o pai teve que autorizar o médico mais velho, para que desse ao menino um calmante que lhe produzisse a morte. E isso é horrível, ordenar a morte de seu filho. Pergunta para ver o que dizem; não creias que me rio, não, não são coisas para rir, ver uma família completamente desesperada.

— Tens razão, perguntarei para ver se obtenho alguma resposta, porque as comunicações de além-túmulo não são bolinhos que se põem a fritar. Não basta perguntar, tem-se que ter em conta o móvel das perguntas, e o uso que se faz das revelações.

— Pois a mim não me impulsiona uma pueril curiosidade, é que me impressionou muito e não só a mim. Entre os médicos que o visitaram havia um senhor que ao entrar, olhou o menino, e pôs-se a chorar com tal desconsolo, que o tiveram que tirar dali e lhe dar um calmante, acompanhando-o à casa, porque não se aguentava de pé.

— Está bem, perguntarei. Volte dentro de dois ou três dias, para ver se meu médium pôde obter alguma comunicação.

Luísa, depois de dois ou três dias, veio ver-me, não se rindo como de hábito, mas séria e muito preocupada.

— Que há? — me perguntou com suavidade. Sabes que não posso esquecer esse menino?

— Nada há de estranho, a verdadeira dor não faz rir, e a morte desse menino encerra uma tristíssima lição.

— Sim, pois fala.

A médium obteve a seguinte comunicação:

"Sempre estamos dispostos para responder aos que buscam a verdade.

Em épocas muito longínquas, o menino que hoje tanto sofreu para morrer, pertencia a uma nobre família, muito orgulhosa de sua árvore genealógica; esse menino chegou aos dez anos, e com um aprumo impróprio de sua idade, sentia profunda antipatia por seu irmão maior, que era o que agora dizem ser um verdadeiro democrata, pouco lhe importando seus títulos de nobreza.

Amava ao povo, lhe atraíam os humildes, tanto que se enamorou cegamente de uma jovem pastora, filha de um dos servos de seu pai.

Um dia saiu para caçar e levou consigo seu irmão menor. E não suspeitando do menino, diante dele, falou longamente com a eleita de seu coração, formando planos para o futuro. O menino, tão logo chegou em casa, tudo contou à seu pai sobre os amores de seu irmão, tudo aumentando quanto ao que aquele pretendia fazer; e dizendo que o melhor seria fazer desaparecer a jovem campesina, para que o enamorado jovem não desonrasse a família com um casamento tão desigual.

O pai concordou com o plano do filho, e como se todas as circunstâncias ajudassem a realização de tal crime, o primogênito foi outra vez à caça. Em sua ausência se apoderaram da jovem que ele adorava, a encerraram longe de sua moradia, e quando não sabiam como fazê-la morrer, pegaram um cão esfomeado que apresentava todos os sintomas da raiva, e o encerraram com a inocente jovem, que não havia cometido outro delito que amar a um nobre.

Dois dias depois, a vítima e seu matador apresentavam um quadro aterrador: deles já não havia mais a forma. O cão raivoso, devorara sua presa, e depois devorou a si mesmo. Tão horrível crime ficou no mistério; ninguém suspeitou daquele bonito menino que sempre ia com seu irmão mais velho. Era o benjamim da casa, e menos que naquela cabecinha coroada de louros cabelos, se havia formado o plano verdadeiramente infernal levado a cabo tão sigilosamente, que ninguém soube quem foi seu autor.

Todas as conjeturas foram falsas e como a vítima tinha sido uma jovem do povoado (naquela época os servos eram propriedade dos senhores), não valia a pena averiguar a sorte de uma campesina, que guardava o rebanho de seu senhor, morrendo destroçada por um cão, talvez para defender os cordeiros confiados à sua guarda.

0 véu da mais profunda indiferença cobriu aquele triste acontecimento. Só um homem que se adiantou à sua época, o enamorado da vítima, foi que não pôde consolar-se de haver perdido a amada de seu coração.

Uma profunda tristeza apoderou-se de sua alma, fechou os olhos do entendimento para não ver, para não saber a história daquela morte tão repentina. Teve a intuição de alguma coisa horrível, mas emudeceu, e a ninguém contou as terríveis suspeitas que se abrigaram em sua mente. Culpou seu pai, mas não a seu irmão. Uma alma tão nobre não podia conceber que um menino fosse assassino.

Renegou sua nobre linhagem, convenceu-se de que, se em vez de ser um senhor feudal tivesse sido um triste plebeu, seus amores teriam tido um formoso final, e sonhando com a igualdade, com a fraternidade e com a liberdade, foi-se consumindo lentamente. A tuberculose se apoderou de seu organismo e um ano depois de haver morrido sua amada, morreu muito contente de deixar a Terra. Sua morte causou grande alegria a seu irmão, que quando chegou à maioridade, herdou todos os títulos do primogênito, menos seus nobres sentimentos. Ele que em tão tenra idade soube ferir na sombra, muito mais desacertos cometeu depois, impunemente. Era dono de vidas e rendas e podia matar sem compaixão.

Seu primeiro crime ficou envolto em sombra. Na Terra, ninguém o acusou, mas acusou-se a si mesmo quando leu no espaço o relato de seus crimes. Horrorizou-se de si próprio, quando viu que para ele não havia existido a infância com sua inocência e bondade, que havia premeditado a morte daquela infeliz de maneira mais engenhosa para evitar toda suspeita. Que coisa mais natural, que uma pastora cuidando de seu rebanho, fosse devorada por um cão raivoso?. . . E aquele cruel menino ficou orgulhoso de seu invento, que precocidade! Tão horrível. . . De todos os seus crimes (cometeu muitos), nenhum o horrorizou tanto como o que levou a cabo em sua infância, gozando seu delito, vendo morrer depois seu irmão lentamente, e quando o via consumir-se, dizia com alegria: Tudo isto é obra minha!. ..

Sua alegria de então tornou-se depois em espantosa desesperação e, forte e cheio de ânimo, decidiu-se a sofrer o martírio que fez padecer à jovem campesina, morrendo devorada pelo cão raivoso. Voltou à Terra acompanhado de seu pai daquela época, pois era justo que ele que matou sem compaixão uma menina inocente, visse morrer seu filho desesperado e raivoso, e tivesse que acelerar sua morte a fim de que deixasse de sofrer.

O que aconteceu, já sabes. Cumpriu-se a condenação sem que nenhum juiz da Terra ditasse a sentença; o crime que os dois cometeram ninguém soube, e mais, ninguém o suspeitou, porque o namorado da vítima a ninguém confiou suas suspeitas. Mas nada fica oculto na eterna vida do espírito e este paga todo o mal que faz, quando desfruta fazendo o mal, quando goza com a agonia de suas vítimas.

Não é estranho que tua amiga se impressionasse tanto, contemplando o cadáver do menino, porque aquela criança morta simbolizava a eterna justiça de Deus, a imutabilidade de suas leis, porque Deus não premia, nem castiga. Sua lei se cumpre, e cada um recolhe a colheita de sua semeadura. Que semeou este menino? Horrores, infâmias, iniquidades. Por isso, em sua última encarnação, recolheu má colheita.

Muitas más colheitas têm ainda que recolher, mas também para ele brilhará o Sol, porque é amado. Seu pai de hoje o amava muito, e há outros espíritos que o amam: — o médico que ao visitá-lo ultimamente chorou como um menino ao vê-lo sofrer tanto, é o espírito de sua mãe quando ele foi o assassino da jovem campesina. Que longe estava o médico de compreender que aquele menino, séculos antes, havia sido seu filho!. . . E chorava sem saber porque chorava, porque os médicos se habituam a ver sofrer e perguntam com estranheza: por que choro? Veem-se tantos efeitos que se ignoram as causas! Dize à tua amiga que vá pensando no que contam os Espíritos, que não se ria do passado, que não atire pedras ao telhado do porvir. “Adeus.”

Isto foi o que o Espírito disse à médium; — Que te parece? Causa-te riso?

— Não, não, ao contrário, muito dá que pensar, e ainda que não pense ser espírita, juro-te que não voltarei a rir de tuas histórias de além-túmulo.

— Fazes bem, não atires pedras ao telhado do porvir.

GRUPO ESPÍRITA JOÃO BOSCO

Trinta e dois anos

Faz alguns dias que muitos jornais publicaram artigos referentes à um ataque de catalepsia, ataque prolongado que durou trinta e dois anos. 0 sono da infeliz mulher que sofreu durante tanto tempo, um tormento, pois, segundo a confissão de alguns desgraçados que foram vítimas de tão horrível enfermidade, ouvem perfeitamente quando se fala ao seu redor e sabem tudo que dizem seus parentes e amigos, e alguns sentiram quando os colocavam num ataúde e se dispunham a realizar o enterro do suposto cadáver, até que, com esforço sobrehumano, romperam suas cadeias de imobilidade. O artigo em questão dizia assim:

"ATAQUE DE CATALEPSIA. CASO EXTRAORDINÁRIO."

Os jornais de Burgos contam o seguinte fato: Faz mais de 32 anos, a moradora de Villavicencio, Benita de Ia Fuente, sofria um ataque de catalepsia.

A enferma achava-se prostrada na cama, imóvel e sem consciência, desde 1874, sem que durante muito tempo falasse qualquer palavra, limitando-se a exalar, de vez em quando, algum queixume inarticulado; sua única alimentação era água, e algumas vezes tomou pequeníssimas quantidades de caldo e de leite. Multidão de médicos, alguns de grande reputação, a visitaram diversas ocasiões, não podendo explicar cientificamente tão extraordinário caso.

Pois bem: — sexta-feira última a enferma abriu os olhos, e recobrando subitamente a fala, expressou seus desejos de abandonar o leito.

No domingo seguinte a família a levantou e, desde então, vai recobrando rapidamente a saúde perdida, sendo de esperar que, muito em breve, recupere a normalidade de suas funções fisiológicas, ainda que não se lhe tenha dado alimentação pelo temor de que seu estômago não a possa suportar. Benita de Ia Fuente conhece já todas as pessoas de sua família, mas o extraordinário do caso é que não recorda nada do que aconteceu e nega-se tenazmente a crer que tenha estado dormindo e sem comer mais de 31 anos.

Tem atualmente 62 anos.

Uma irmã da enferma, a quem todos têm por pessoa séria e fidedigna, comunicou estas notícias, as quais constituem um caso extraordinário, digno de ser estudado por eminências médicas.

Creio que este caso, verdadeiramente extraordinário, não só deve ser estudado por médicos, e opinaram o mesmo muitos espíritas que me escreveram suplicando que pergunte ao guia de meus trabalhos o porquê de tão horrível pena, pois viver trinta e dois anos sem movimento, sem falar, sem tomar parte na luta da vida, deve ter uma causa poderosíssima; deve haver cometido, o espírito assim castigado, um desses crimes sem precedentes, um desses delitos que, se não fosse porque dizem que nunca pagamos tudo que devemos, a condenação duraria milhões de séculos; todas as agonias que fizemos sofrer à uma ou várias de nossas vítimas, e se só nos aplicam a pena merecida, trinta e dois anos de martírio, quantos crimes representam?

"Não tanto como tu crês, diz um espírito, pois por regra geral, os que vos acreditais melhor inspirados, estais longe da verdadeira causa, que produz tão maus efeitos, como está a luz da sombra, o fogo da neve, o amor do ódio, a virtude do vício, o egoísmo da abnegação.

Não julgueis nunca pelas aparências, que de cem vezes que pronunciardes juízo condenatório, noventa e nove estareis dominados pelo erro e sereis injustos convertendo-vos em juizes, quando por vossos defeitos não deveis julgar, e sim serdes julgados.

No caso de catalepsia que chamou atenção, e que a ciência médica não encontra explicação satisfatória, há efetivamente muito que estudar e muito que aprender: é a enérgica vontade de um espírito que submeteu seu corpo à uma prova tão dolorosa. Os que negam a existência da alma, porque não a encontram quando amputam um braço ou uma perna ou extraem um feto, ou abrem a cabeça para extirpar um tumor (como a ciência não lhes pode dizer a história do espírito que anima aquele organismo) têm que cruzar os braços, e emudecer diante de fatos cuja causa não compreendem, e vós, espíritas, os que sabem que o presente está intimamente enlaçado com o passado, e que o espírito é um eterno agricultor que semeia hoje para recolher amanhã, ao ver que alguns agricultores recolhem tão má colheita, dizeis com espanto: r- que terá feito este desgraçado para merecer tão cruel castigo? Que papel terá representado na história universal? Haverá empregado sua ciência para ser um verdugo da humanidade? Haverá sido um conquistador insaciável?. . . E vais acumulando pergunta sobre pergunta, e enquanto perguntas mais e mais, longe estais da verdade, como sucede agora com essa pobre mulher cataléptica; amontoais sobre ela, crimes espantosos, e na realidade não é assim. É um espírito desequilibrado, que muito amou, mas com esse amor terreno, egoísta, absorvente, dominador, avassalador, que prefere a morte do ser amado ao vê-lo feliz em braços de outro ser.

Essa mulher, que hoje pertence à uma classe humilde, e que se não fosse a enfermidade passaria desapercebida na Terra, em outro tempo seu lugar era um trono, e apesar de ser o seu reino pequeno, ela o fez grande pela severidade de suas leis, e por ser o juiz que determinava as sentenças; parecia insensível aos encantos do amor; casada por razões do estado, sem sucessão, era uma mulher de gelo, intolerante para as faltas cometidas por amor; sua corte parecia mais uma comunidade de freiras e de frades sem votos, tal a rigidez de costumes e a fiel observância de deveres em todos os sentidos. Assim vivia Ermesinda, sem prazer, e sem deixar que os demais gozassem, até que um dia lhe apresentaram um jovem militar (quase um menino), muito recomendado por um de seus parentes mais próximos, que o punha sob sua real proteção, de que se esperava que fosse digno, ao menos para honrar seu ilustre nome. Ermesinda ao vê-lo sentiu o que nunca havia sentido, a ponto de cair em uma poltrona, desmaiada, e o jovem Ezequiel perturbou-se extraordinariamente ao ver o mau efeito que sua presença havia causado à sua soberana, e retirou-se temendo algo desconhecido.

Ermesinda desde aquele dia sentiu uma inquietude e uma ansiedade inexplicável, ao ver que seu coração havia despertado demasiado tarde, compreendeu que amava a Ezequiel com toda sua alma, e tratou de fazê-lo compreender também. Mas Ezequiel era um menino e o haviam educado de tal modo que para ele Ermesinda não era uma mulher de carne e osso, e sim uma santa a quem devia venerar de joelhos, mas a grande distância, para que o hálito humano não manchasse sua pureza. Assim é que enquanto ela cortava caminho para estar mais próxima à ele, mais se afastava Ezequiel, dominado pelo temor de ofendê-la; e como quando um não quer dois não se encontram, ele foi se afastando de Ermesinda, e esta convenceu-se que o jovem fugia dela. Sentiu então ciúmes, de quem? de todas as mulheres da corte. Não teve bastante coragem para dizer-lhes: — vem, que eu te amo. A austeridade de seus princípios a impediu, orgulhosa por sua linhagem e por suas virtudes, de descer de seu pedestal para cair nos braços de um menino, que não sentia por ela a menor atração, que ao contrário lhe inspirava um temor extraordinário, digo inexplicável.

Ermesinda dominou seus sentimentos, cobriu-se com uma máscara de gelo, venceu na luta de suas paixões, mas não conseguiu outra coisa que mostrar-se fria e severa com Ezequiel que era o menino mimado da corte por sua gentileza, por sua formosura, por sua distinção, por sua nobreza, por seu valor, e vendo-o tão amado e cumulado de atenções, seus ciúmes aumentaram de tal modo, que uma noite fez com que o prendessem, acusado de traidor de sua pátria, de ser um espião pago pelas hostes inimigas. Ezequiel foi encerrado em uma torre que parecia um ninho de águias, tão alta era, tendo por base um cabo de rochas, onde se espatifavam embravecidas ondas, pois parecia que, naquele ponto a tempestade era contínua, tão forte era a força das ondas que rugiam enfurecidas ao chocar contra aquela atalaia fabricada perto das nuvens.

Quando ali o encerrou, Ermesinda tranquilizou-se dizendo à si mesma: — não vendo-o, não descerei do meu alto pedestal, não lhe direi que não posso viver sem ele, e não sofrerei o atroz martírio de vê-lo nos braços de outra mulher. Para grandes males, grandes remédios. Cometo um crime acusando um inocente, mas evito minha desonra diante do mundo e diante dele, e deixo de sofrer uma dor que me conduziria à loucura, porque a dor dos ciúmes é a loucura em ação.

Durante alguns dias, falou-se de Ezequiel, mas depois todos emudeceram temendo serem castigados como o jovem espião, sobre quem se acumulou tão horríveis acusações; houve até quem assegurou que havia vendido muitas praças fortes à legiões inimigas. Ermesinda urdiu em segredo a trama de tantas mentiras e logo Ezequiel foi esquecido, ainda que muitas mulheres chorassem sua ausência, lamentando sua infausta sorte, mas tudo em silêncio. 0 alimento chegava à ele por um mecanismo que não deixava ver a pessoa que o ministrava. Ezequiel não tinha outro consolo que contemplar o céu através das grossas barras de ferro de uma alta claraboia que dava luz à sua reduzida prisão. Assim viveu trinta e dois anos e, nesse tempo o jovem formoso e forte transformou-se em um velho cheio de achaques, seus louros cabelos perderam sua cor de ouro, tornaram-se amarelados e finalmente brancos como a neve.

Quando menos esperava, se abriram as portas de sua prisão e recobrou a liberdade, ignorando porque a havia perdido. Regressou á sua casa e toda sua família tinha morrido. Inteirou-se então da calúnia que o havia desonrado e pediu para ver a soberana. Pediu uma audiência que não lhe foi concedida, porque Ermesinda já estava na agonia..

Ao compreender que ia morrer, quis deixar em liberdade o homem que tanto havia amado, e morreu tranquila porque uma dama de toda sua confiança lhe disse que havia visto Ezequiel, que estava irreconhecível com seu corpo dobrado ao peso dos anos e da dor.

Ezequiel não tardou a segui-la, e ao verem-se no espaço, se compadeceram mutuamente, e ele a perdoou porque ela havia pecado por amor. O perdão de Ezequiel fez muito bem à Ermesinda, que pediu ser, para ele, a mãe mais amorosa, já que o amor das mães na Terra é o mais disposto à abnegação e ao sacrifício.

Mas antes de ser sua mãe, mil e mil vezes pediu sofrer o tormento que ele sofreu vítima de seu amor e de seus ciúmes. Quis assim sofrer o pior de todos os padecimentos, o sono cataléptico. Quis que sua prisão fosse a mais horrorosa, sem cadeias e grilhões, mas sujeita ao tormento, porque os catalépticos ouvem quando se fala ao redor deles. Assistem aos conselhos de família, medem pelo que ouvem o carinho de seus parentes, os interesses de uns, e o egoísmo de outros; para eles, a verdade, que sempre é amarga, se apresenta sem véus, e ai daqueles que vivem sem uma ilusão! Em sua prolongada agonia, Ermesinda teve o consolo de ter Ezequiel ao seu lado, que muito a miúdo murmurou em seu ouvido juramentos de amor, não porém do amor humano, de amor sobre-humano, e os dois espíritos enlaçados por afeições que não se conhecem na Terra, se unirão mais tarde para não separar-se jamais. Ela disposta a ser sua mãe tutelar, ele agradecido, apreciando o que vale a veemência da paixão de Ermesinda, está disposto a corresponder e a lhe ser fiel eternamente.

Já vês que porvir tão formoso espera à esses dois espíritos, que tanto sofreram vítimas do amor, de amor terreno e de amor divino. Ezequiel viveu encarcerado trinta e dois anos, sendo a causa de seu imerecido cativeiro o amor e os ciúmes de uma mulher, que gozava pensando que ninguém o via, que ninguém receberia suas carícias, nem escutaria seus juramentos amorosos; o havia arrebatado à sociedade, era seu, lhe pertencia porque o adorava, e agora Ermesinda sofreu outra prisão mais horrível para fazer-se digna, pelo seu martírio, de adorar à seu amado Ezequiel, santificada pelo sacrifício. Ontem não podia dizer que o amava, amanhã apresentará seu filho ao mundo inteiro e dirá: — é meu! Eu o tive em meu seio! Eu escutei seus primeiros vagidos, antes de vê-lo! Meus braços foram seu berço! Seu primeiro sorriso foi para mim! Suas primeiras palavras foram: Minha mãe!

é meu filho! Não é verdade que é formoso?... E Ermesinda será dessas mães apaixonadas que seguirá seu filho por todas as partes, até o patíbulo se fosse necessário, todo seu amor lhe parecerá pouco para fazê-lo esquecer o tormento que sua louca paixão lhe causou durante trinta e dois anos. Adeus."

A quantas considerações se presta a anterior comunicação!

Quanto é certo que as aparências enganam! De cem vezes, noventa e nove julgamos erroneamente.

Quantos são equivocados nossos juízos, que sempre estamos dispostos a aumentar a culpa dos outros, e a diminuir, se possível, a nossa!

Quanto peca nosso pensamento! Se com a intenção basta, como dizem alguns crentes, por nossas más intenções somos a maioria dos terrenos merecedores de cadeia perpétua. E na verdade, como a merecemos, a levamos pendente de nosso pescoço, que rodeia a argola de nossos múltiplos defeitos, e só a comunicação dos espíritos conseguirá em seu devido tempo, fazer-nos reflexionar sobre nossa pequenez. Bendito seja o Espiritismo. Benditas sejam as comunicações dos espíritos, porque por elas os povos se redimirão!

Crime atrai crime

Carmen Ayala Y Ayala - A menina de 10 a 12 anos que assassina sua irmãzinha entrevada, Tereza.

Carmen Ayala Y Ayala — A órfã abandonada com sua irmã menor Tereza, a assassina talvez acreditando minorar seus sofrimentos. *

(Causa do Juizado de Maricao, ano de 1901).

ANTECEDENTES - Carmen e sua irmã menor Tereza, entrevada, se encontraram órfãs, de mãe e de pai, em uma solitária choça dos desertos de Maricao nos dias nebulosos de 1901, "dias mais nebulosos que os atuais".

Carmen procurava amparo na casa de seu tio Paulo, homem sem consciência, de mau temperamento, que maltratava os pobres seres. Viu-se Carmen obrigada a ir a outros vizinhos; à casa da senhora Denizar que as acolheu, mas sem recursos, teve Carmen que abandonar a choça e dirigir-se a outro lugar: — a casa de Alejo Garcia, cuja esposa, caritativa, as acolheu, maternalmente.

FATOS — Declaração de Carmen Ayala Y Ayala.

Diz que: — "Depois da morte de seus pais, foi recolhida pelos seus caritativos vizinhos Alejo Garcia e sua esposa. Na casa deles dedicava-se a pequenas tarefas da casa, e a maior parte do dia cuidava de sua irmãzinha pequena. Ontem, pela manhã, o casal Garcia foi ao rio, ficando ela sozinha com sua irmã, e a nobre senhora a encarregou de recolher uns grãos de café do chão e que atendesse à menininha até que eles regressassem, ao escurecer. Logo que o casal saiu, Carmen foi aos cafezais, e assim lhe assaltou a má ideia de assassinar Tereza (ideia que há três dias lhe impulsionava, mas a que resistia). Mas com tanta força vinha a sugestão que, esse dia, correu até a casa onde estava a pequena, e ao chegar pôs-se a chorar arrependida. Retornou ao cafezal mas a ideia de matar sua irmãzinha voltou a lhe perturbar o cérebro, até ao extremo de impulsioná-la a pegá-la e a atirar dentro do tanque de água, perto de sua casa. Em seguida, correu para fazer o buraco onde enterrá-la assim que se afogasse. Feita a escavação, veio buscar o cadáver enterrando-o na sepultura feita por ela. Valendo-se de uma forquilha tirou o corpinho do tanque, e com uma grande faca do senhor Ayala fez a fossa. Assim é que, quando matou sua irmã, não estava em seu sentido, e depois se foi fugindo daqueles lugares até chegar à casa de Segunda, mulher de um tal Justino, onde a achou Alejo Garcia, isso à uma da tarde. A declarante disse àquela mulher o que tinha feito, e ela a aconselhou que ficasse ali até que a fossem buscar. Disse que não tinha ódio, nem aversão à sua irmã, (que antes sentia amor terno e solícito) não obstante tinha que tratá-la e levá-la ao ombro, porque era entrevada, que é tudo o que pode declarar."

A Corte desta cidade, nos diz nosso repórter, ao conhecer o caso, fez um trabalho, que a honra em alto grau. Tratou de colocar a infeliz menina por todos os meios possíveis, em um Asilo de Beneficência, já que na ilha não existem estabelecimentos apropriados para este caso. Não o pôde conseguir, e entregou o pequeno ser às irmãs do Asilo dos Pobres, desta cidade, onde faleceu dia dois de fevereiro último.

Nosso repórter deseja confiar o caso aos pensadores, em particular aos espíritas, para que possam dar uma explicação ao público faminto de luz.

Uma escritora espírita de Ponce (Porto Rico), enviou-me o artigo que antecede estas linhas, suplicando-me encarecidamente, que pergunte se a infeliz Carmen de Ayala foi vítima de uma sugestão espiritual ou foi ela a única autora de tão horrendo crime. Seguindo meu afã de em algo servir à Humanidade, perguntei ao padre Germano a causa de tão desastroso acontecimento, e eis aqui a sua resposta:

"Já te disse, repetidas vezes, que quando um espírito não quer deixar-se dominar, repele-se toda influência, porque, se não tivesse livre arbítrio para repeli-la, nasceria com o estigma de servo, com a marca infamante de escravo, com a passividade humilhante de pária, e os espíritos não têm por patrimônio nem a cega mansidão, nem a estúpida obediência. Todos são livres para exercitar os desejos de sua vontade; o que acontece é que muitos espíritos estão conformados e satisfeitos em seguir instruções de outro espírito, preguiçosos para pensar. Se outro pensa por eles, e lhes diz "já tens o caminho traçado", seguem a rota que lhes indicam sem olhar onde vão. Ainda que estes infelizes obedeçam a uma sugestão, obedecem porque querem obedecer, porque não querem ter o trabalho de pensar; são escravos porque eles mesmos forjam suas cadeias e levantam os muros de sua prisão, não porque exista um poder superior para escravizá-los, pois se existisse, Deus seria injusto e em Deus não cabe a injustiça, já que Ele simboliza a igualdade."

"A menina que matou sua irmã, cometeu o crime por sua vontade e pela vontade de outro ser, invisível. Tereza e Carmen foram rivais noutro tempo, odiaram-se com verdadeira crueldade. A menina entrevada, quando em outro tempo dispunha de um organismo forte e robusto, empregou suas forças hercúleas em ferir sem compaixão, matando mais de uma vez seu terrível inimigo que foi ultimamente, seu matador. Briguenta por ofício, traidora por rotina, teve muitos inimigos criados por seu mau proceder, inimigos que a perseguiram sem compaixão, sendo um deles o que levantou o braço de Carmen para matar a menina tolhida, mas Carmen ficou satisfeita com sua obra porque odiava sua irmã sem mesmo saber por quê. Quando veio, sabia que sua rival viria sofrer o tormento de não poder dispor de seu corpo, e disse a si mesma o seguinte: "Darei começo à minha regeneração cuidando materialmente do meu inimigo; a ocasião não pode ser mais propícia, o ensaio pode dar-me excelentes resultados, mãos à obra." Mas uma coisa é a teoria, outra é a prática, e como o ódio é a planta que mais raízes cria no coração humano, e Carmen havia sido vítima de sua irmã muitas vezes, o ensaio de amar a sua encarniçada inimiga lhe oferecia muitas dificuldades, e estas aumentavam com os pérfidos conselhos do ser invisível que odiava as duas irmãs. Seu ódio era justificado, porque das duas havia recebido gravíssimas ofensas e aproveitava a perplexidade de Carmen para vingar-se das duas, matando uma e convertendo a outra em assassina. Assim é que não foi só Carmen a autora do crime; mas se seu Espírito estivesse mais inclinado ao bem, repeliria os conselhos do ser invisível que a empurrava ao abismo e triunfaria das más intenções. Sua nova queda lhe causou muito dano, .visto que, ao voltar para o espaço, viu que seus próprios propósitos de emenda foram anulados e destruídos por seu novo crime, e está decidida a empreender diferente rumo. Convenceu-se de que o crime traz o crime, e a satisfação da vingança se assemelha a um veneno de doce sabor, mas que logo queima as entranhas. Destruir um corpo é pôr em nosso caminho um enorme bloco de granito, que obstrui o passo, e não se sabe como levantá-lo nem destruí-lo. Ai dos Espíritos que ao voltarem para o espaço encontram cadáveres em seu caminho! As masmorras de vossas prisões são deliciosos jardins em comparação á sombra que rodeia os assassinos!"

"Ao contrário, quando se perdoa uma ofensa, quando alguém se converte em anjo tutelar do ser que mais odiou, que prazer se experimenta ao ver apagadas as marcas de sangue e fogo que outro dia deixamos em nosso caminho! Criar amor! Despertar sentimentos! Suavizar asperezas! Encurtar imensas distâncias! Fazer o bem pelo bem mesmo!. . . Que trabalho mais produtivo é esse para o espírito! Por maior que seja sua expiação, por maior que seja sua dívida, em meio do sofrimento terá horas de repouso; se tiver que sentir os horrores da fome, encontrará pão em meio ao mais árido deserto; se a sede ardente tem que atormentá-lo, da mais dura pedra brotará um fiozinho de água para ele; em suas horas de maior desconsolo ouvirá uma voz harmoniosa que lhe dirá com ternura : - Ama e espera!... Adeus!"

Obrigada, bom Espírito, por ti amo e por ti espero.

Bendito sejas. Quantos consolos te devo. Quanta luz difundiste em redor de mim. Eu era menos que um átomo e hoje tenho uma grande família, eu não tinha lugar na Terra e por ti sei que tenho bens no espaço.

Eu não possuía um cêntimo e por ti sei que tenho minhas economias nos que são mais pobres que eu. Bendito, bendito sejas!

A vingança

Continuamente, estamos recebendo cartas nas quais nos pedem, nossos irmãos, os espíritas, que perguntemos o porquê de muitos incidentes verdadeiramente dramáticos, trágicos, espantosos, e horríveis.

Como neste mundo, segundo diz um antigo refrão, nunca chove ao gosto de todos, nossos escritos têm também seus adversários, são também criticados e censurados duramente, o que, em honra da verdade, não nos causa estranheza, por ser impossível agradar a todos, pela simples razão de que cada espírito tem seu modo de pensar e de apreciar as coisas, e o verdadeiro propagandista de um ideal escreve para todos e para ninguém. Joga a semente convencido de que a mínima parte será a que germinará; a maioria dos grãos resvalarão pela terra endurecida, e outros brotarão entre espinhos que não os deixarão crescer. Mas, sendo a verdade como o Sol, que sempre brilha e sempre ilumina com sua luz resplandecente, nossos escritos, que só refletem a verdade da vida eterna, se por alguns são repelidos e anatematizados, por outros são estudados, comentados e analisados, servindo-lhes de lição às comunicações que os espíritos nos dão, e mais de que ensinamento, de consolo. Do consolo, do qual a Humanidade está sedenta! E como safo muitos os encarnados e desencarnados, sofredores, que nos dizem o bem que lhes causaram nossos escritos, seguimos escrevendo, não para receber aplausos dos felizes, senão para ser útil aos desventurados, cujo número é incalculável.

De Rosário de Santa Fé, nos enviaram o relato anexo, publicado dia 24 de março último, em um jornal daquela cidade, intitulado "A Capital". Lemos e relemos essa triste narração e como útil estudo perguntamos a um espírito, quem deu força a um braço de menino para dar golpe tão certeiro como o que ali se diz.

Continuando, copiamos o que diz o diário "A Capital":

"O crime de um menino. A mãe degolada pelo filho. Um difícil processo. Confissão diante da justiça. Detalhes dolorosos. Cumpriu-se a Lei do Talião. 0 heroísmo de uma mãe. Informes completos."

Um estranho sentimento de piedade, com sua origem confusa brotada de muitas emoções encontradas, pesa sobre nossa pena ao iniciar esta crônica que pela índole de seus motivos apresentará raros contornos, e talvez signifique raridade nos anais do delito.

A imaginação sente-se pequena neste caso, porque os acontecimentos são tão patentes, tão verídicos e tão fundos, que um de seus mínimos detalhes, fala com eloquência definitivamente dolorosa.

0 espírito, habituado à investigação, especula sobre insignificâncias e sobre ideias e, em presença de um fenômeno da natureza humana, se abisma, se reconcentra em si mesmo, e, de dedução em dedução, se perde num imenso caos.

No breve espaço de poucos minutos, escutando a revelação espantosa, de uma alma nascida ontem na vida da carne, e que, entretanto, parece ter umas imensas asas negras, fomos desde a terna e simples emoção que produzem as espontâneas lágrimas de um menino, até o assombro que encolhe o coração e põe na garganta um apertadíssimo laço.

A escala do sentimento foi percorrida em toda sua extensão. Como a viagem é demasiado angustiosa para contá-la ao público em toda sua aridez, procuramos neste relato atenuar algumas notas demasiado fortes, sem que por isso a verdade se desfigure.

Retrospectiva.

— Pelo motivo da última visita feita aos cárceres no dia 25 de fevereiro deste ano, na detalhada crônica que então fizemos, anotamos de preferência um fato que foi o primeiro a chamar nossa atenção: o senhor juiz de instrução, doutor Bravo que, sugestionado, como nós mais tarde, pela sentida palavra da pressuposta inocência, estava convencido do justo e, generosamente, tinha a nobre intenção de reparar uma tremenda injustiça.

Os leitores desse jornal, recordarão que se achava preso um menino de 12 anos de idade, chamado Juan Muja, acusado pelas autoridades de Carmen del Sauce de ter degolado sua pobre mãe, Ana de Muja.

Não poderíamos crer no delito atribuído a um menino enfermiço, de 12 anos, cujo aspecto inspira lástima e compaixão, e sugere a ideia de fisicamente incapaz para qualquer ação de mediano esforço. Para aclarar estas dúvidas, foi que o entrevistamos naquele momento, dando a conhecer no dia seguinte a relação que nos fez entre suspiros e lágrimas, segundo a qual, nada tinha que ver com o horrível crime de que o acusavam.

Já dissemos, que o juiz encarregado desta causa, a princípio, acreditou também em sua inocência, pelos detalhes que até o momento eram conhecidos.

Trabalho da justiça — A investigação foi levada adiante, não obstante, e com perseverante paciência, recolheu-se informes de uma e de outra parte, declarações, relação de documentos, comparação de palavras e atitudes; afinal, tudo aquilo que poderia servir para ilustrar o critério da justiça num assunto envolto em sombras, demonstrou-se uma laboriosidade honrosa que foi coroada por conclusivos resultados.

O expediente ameaçava crescer, na metade da jornada, indefinidamente, pois que se ia reunindo incidentes e conjecturas sinistras, relacionadas entre si por maravilhoso vínculo, que obrigavam a novas e inacabáveis atuações.

O juizado de instrução estava sobrecarregado com esta causa única, exclusiva, e era desesperante encontrar-se o final.

Um pequeno, um garoto, dava este fatigante trote à justiça, desesperando o juiz e aos secretários, com seus choros algumas vezes, com suas enérgicas e serenas negações outras, e tudo, como depois se viu, reflexivamente, com um cálculo que assombra possa caber em uma cabeça de 12 anos.

O juiz, dr. Bravo, repetidas vezes entrevistou-se com o menino Muja, desejoso de entrever a verdadeira face das coisas, mas sempre encontrou-se com lágrimas seguidas de precoces energias, que nada adiantavam no sumário.

Confissão do delito — Afinal, ontem decidiu-se realizar a última tentativa fazendo chamar Muja ao seu escritório, e ali fechou-se com ele, e o secretário, sr. Villálon, durante longas horas.

Imediatamente depois de terminada esta entrevista soubemos que acontecera algo extraordinário. Quisemos averiguá-lo, detalhadamente, ali mesmo, mas nos encontramos com a rígida mudez que impõe o segredo do sumário.

A todo transe era preciso esclarecer o ocorrido e sem perda de tempo fomos à Penitenciária, onde estaria o pequeno enclausurado. Finalmente recebidos pelo juiz, solicitamos para falar com o menino Muja e, em seguida, fomos atendidos.

Assim nos encontramos na presença do pequeno que ao nos reconhecer, baixou obstinadamente a vista, custando-nos muito trabalho conseguir que nos fitasse.

Em seus olhos, pequenos e profundos, havia lágrimas, e seu rosto não apresentava a palidez das fortes impressões, mas o rápido enrubescimento que pode-se observar em quem foi descoberto mentindo.

Um pequeno calção suspenso por um suspensório ordinário, sobre uma grosseira camisa de pano cinza, alpargatas velhas e uma descolorida boina nas mãos, tal era a indumentária do terrível acusado de poucos centímetros de altura.

Chamamos-lhe benevolamente pelo nome, derramamos sobre seu ânimo a carícia de umas palavras amigas e o conquistamos.

— Lembra-te de nossa primeira visita?

— Sim, senhor, mas. . .

— Fala, tenha confiança em nós. Estiveste hoje com o juiz?

— Sim, senhor, estive muito tempo, esta manhã e pela tarde.

— Foste bem tratado?

— Oh, o juiz é muito bom, muito bom.

— Disse-nos que confessaste afinal toda a verdade. Não te queremos mal, diga a nós o que disseste ao juiz.

Fitou-nos um instante em silêncio e enquanto dava voltas entre suas mãos, à boina, notamos que um tremor indefinível agitava as asas de seu nariz pequeno e curvo.

Acercamos-lhe uma cadeira e, já comodamente sentado, nos fez, devagarinho, com uma tênue voz de enfermo, esta pergunta:

— Os senhores, quem são?

— Teus amigos. Teus amigos e teus defensores.

— Posso estar seguro?

— Por que tanta desconfiança? Não te vamos causar nenhum dano, fala. Que disseste ao juiz?

— Disse-lhe. . . não me olhem! disse-lhe que eu matei minha mãe. Eu não podia mentir mais a esse homem. Tratava-me muito bem, com muito carinho, e me falava de tantas coisas lindas do céu, que aqui, no coração, e aqui, na cabeça, parecia que havia uma voz forte que me dizia que não mentisse.

— Pobrezinho! Tu, quando mataste tua mãe não sabias o que fazias, estamos certo disso. Conta-nos tudo o que se passou aquele dia.

— Sim, lhes vou contar, mas não me retenham. Minha mãe me batia muito. Quase todos os dias se embriagava desde que meu pai foi para longe e, quando assim, pegava a vassoura ou um chicote, e me batia forte.

— Mas tu davas motivos?

— Nenhum, nenhum. Às vezes me distraía fora de casa, com o carroceiro Ailana e, quando voltava, não me dava comida e me batia muito forte.

— Que lhe dizias quando te castigava?

— Chorava e às vezes me dava muita raiva, mas nada mais.

— Enquanto teu pai esteve em casa nunca te bateu?

— Também, algumas vezes, e me recordo que meu pai se zangava comigo dizendo que haveria de expulsar-me de casa.

Um dia antes da morte de mamãe, um moço me deu uma pedrada na cabeça e me saiu sangue. Fui para casa chorando, com todas as roupas manchadas e então mamãe me bateu. Senti nesse dia mais raiva que nunca e saí de casa passando a noite no campo. No outro dia voltei cedo e esta vez mamãe não me bateu, mas me disse, ameaçando-me com uma faca, que ia me matar se outra vez lhe desse motivos para zangar-se. Calei-me e saí ao campo, mas o corpo me doía muito e pela tarde voltei à casa.

— Foi nesse mesmo dia que a mataste?

— Sim, senhor. Ao entrar vi mamãe sobre a cama. Acerquei-me devagarinho e estava dormindo. Não sei porque me tremeram as pernas e as mãos, nem sei porque agarrei aquela faca com que me ameaçara. Aí, não sei o que passou pelos meus olhos que me aturdiu a cabeça. Apertei a faca, uma faca de cabo branco, encostei devagarinho um caixote na cama que era alta, mas nesse instante pensei que despertava mamãe e me agachei para que não me visse. Passou um momento e eu tremia. Pouco a pouco levantei a cabeça e vi que não havia despertado. Apertei a faca até doer-me a mão, pus um joelho sobre a cama e.. .

— Não chores, menino, continua.

Momento supremo. — Vi que não iria poder com uma mão só. Segurei a lâmina da faca com as duas mãos, com o corte para baixo, e o apertei muito contra o pescoço. Saiu sangue muito quente, mamãe sentou-se de um pulo na cama, quis gritar, mas não pôde, levantou os braços e rodou no chão, ficando quieta.

Agora, o rosto enfraquecido e anguloso daquele menino que se apresentava como um grande criminoso, estava palidíssimo. Já não havia lágrimas nos pequenos olhos garços, nem tremia seu débil corpo. Havia em todo seu ser a calma do inconsciente que faz um relato sem sentir as emoções que produz.

— Que fizeste depois? — perguntamos.

— Joguei a faca e acerquei-me dela; tinha os olhos muito abertos olhando o teto, mas não se moveu. Estava morta e o sangue saía a jorros do pescoço. Assustado abri a porta e saí ligeiro ao campo. Quando ia anoitecer, vi que tinha o casaco manchado de sangue. Pensei que isso faria com que as pessoas suspeitassem e, para evitar que tal acontecesse, voltei à casa.

Ali, no chão, ainda estava mamãe com as pernas e os braços abertos. Tirei de um baú um casaco meu, envolvi o que estava manchado e saltei pela janela depois de fechar a porta por dentro.

— Não disseste que a faca era de cabo branco?

— Sim, senhor, era sim.

— A que estava enterrada no pescoço de tua mãe era de cabo negro.

— Essa é outra. Quando ia pular a janela, joguei a faca de cabo branco debaixo da cama e peguei outra de cabo negro, que estava sobre a mesa e a pus assim no pescoço.

— E por que fizeste isso?

— Porque pensei que assim poriam a culpa em outro.

— Te equivocaste.
— Deus quis assim.
— Crês em Deus?
— Antes mamãe me ensinava a rezar.
— E não te dizia que Deus castiga os maus?
— Sim, dizia, mas ela continuava me batendo e à ela ninguém castigava. Vejam os senhores!
— Sabes que o que fizeste é castigado pela lei?
— A lei? Não sei o que é isso, mas se a lei é como o comissário de lá, deve ser muito ruim.
— Que te fez o comissário?
— Bateu-me para que dissesse que havia eu matado minha mãe.
— Por que choravas e negavas aqui?
— Porque me ensinaram lá dentro.
— Dentro? Quem?
— Os presos, todos os presos. Diziam que se negasse não me podiam castigar.
— Estás arrependido do que fizeste?
— Sim, muito arrependido. Sabem se minha mãe me perdoará no céu?
— Sim, te perdoará.
— Outro crime. E ela, também perdoarão?
— Ela? Ela não fez nada.
— Nada? Então o juiz não disse tudo.
— Vejamos, que falta?
— Mamãe também matou uma pessoa.
— Que dizes menino?
— A verdade. Faz muito tempo e foi longe, na Áustria. Uma vez, quando meu pai estava aqui zangou-se com mamãe e lhe disse que estaria melhor presa por ter morto o primeiro marido. Contei isto a meu irmão maior e por ele soube tudo que sucedeu lá longe. Disse-me que mamãe Ana tomou muita bebida na Áustria e que, estando assim, com uma faca matou o primeiro marido.
— Como não a levaram presa?
— Porque a mãe dela, minha avó, para salvá-la, disse aos juízes que era ela e a encerraram na cadeia.
— Estás seguro do que dizes?
— O juiz sabe disto. Pergunte-lhe e verão como digo a verdade.

Esta inesperada revelação acabou com a penosa entrevista que procuramos refletir com toda fidelidade sem alterar a singela linguagem com que foi feita.

Pelos meios apropriados de informações e, com grandes esforços verificamos, ontem mesmo, a veracidade de tudo o que foi relatado pelo menino Muja, tanto no que se refere ao delito de que se confessa autor, como a morte violenta do primeiro marido de Ana de Muja.

Com efeito, das investigações efetuadas se conclue que faz alguns anos, sem poder precisar a data, Ana cometeu um homicídio. A mãe dela, heroica mãe, se denunciou como autora do crime e foi condenada. Talvez ainda esteja pagando a pena que correspondia à filha. Se assim fosse, o representante da Áustria, na Argentina, teria um sagrado dever a cumprir, contribuindo para a liberdade de uma mãe inocente que não vacilou em sacrificar-se por sua filha, obedecendo às leis eternas do coração e do sangue.

Sangue e coração! Por acaso, talvez, nestes trágicos dramas da vida, sobretudo neste que deu tintas vermelhas à crônica, a psiquiatria tenha missão esclarecedora. A teoria lombrosiana, em que a transmissão dos germens mórbidos ocupa um argumento de primeira força, cumpriu-se muitas vezes. A mãe enferma, a mãe predisposta à delinquência, e que erra, transmite no seu sangue a mesma tendência criminalóide ao filho, e então cumpre-se uma sentença terrível: — Quem com ferro fere, com ferro será ferido, precisamente como no caso relatado.

Autópsia. Agora poucas palavras para concluir.

O juiz de instrução, doutor Bravo, que da maneira dita terminou um processo pesadíssimo, viu-se obstaculizado em suas investigações por muitas circunstâncias.

Entre estas, não é de menor importância a que se relaciona com o certificado do médico que reconheceu em Carmen dei

Sauce, o cadáver de Ana de Muja. Disse o facultativo que a extinta tinha completamente separada a cabeça do tronco, o que segundo a afirmação da polícia da localidade, e de muitos vizinhos, não é certo. O juiz determinou ontem que se faça a autópsia do cadáver e partirá ele mesmo à Carmen dei Sauce para terminar outras diligências interessantes.

"Perguntas-me, diz um Espírito, quem deu força ao braço do menino para dar um golpe tão certeiro, se foi o espírito do primeiro esposo de sua mãe, que do espaço pôs em prática o aforismo de "quem fez que pague", dominado pelo desejo de vingança. Como sei que não é a pueril curiosidade que guia tuas investigações, te direi a verdade do caso, para que sirva de ensinamento ao que queira estudar nos escritos espíritas."

A infeliz mulher que, em má hora, matou seu primeiro esposo, ainda que tivesse em sua mãe seu anjo salvador, e ao que parece ficou limpa de pecado, não ficou livre da perseguição de sua vítima, o homem assassinado covardemente, que outro delito não cometeu que o de servir de estorvo à sua infiel companheira, a qual se divertia com amores ilícitos. Ao se desprender do seu envoltório, jurou vingar-se da mulher que tão vilmente o havia enganado e, para ele, não houve espaço, não escutou as vozes de seu guia e de outros Espíritos, permanecendo ao lado daquela mulher que odiava e amava também. Com o firme propósito de converter seu lar em um inferno, para levar mais tarde a término a Lei de Talião, encarnou nas entranhas da que havia sido sua esposa, e voltou à Terra sem se dar conta de que havia estado no espaço, tão apegado estava à vida material, com seus ódios e suas paixões. O nascimento de Juan não trouxe alegria aos seus pais. Ignoravam quem era o viajante do infinito que lhes havia pedido hospitalidade, mas o pequeno parecia levar em sua destra, a teia da discórdia. Reinava, em casa, um mal-estar incompreensível. As rixas eram contínuas, a intolerância apoderou-se daqueles espíritos culpados na realidade, porque se ela matou seu primeiro marido, não esteve longe seu segundo marido quando cometeu o assassinato e, sem falar, acusavam-se mutuamente do delito. O fastio mútuo, chegou a ponto dele ir para muito longe, fugindo de um lar onde parecia que se pisava sobre ferros candentes e ela entregou-se completamente ao vício da embriaguez para esquecer seu crime; quando menos se esperava, sua vítima de ontem cravou-lhe a arma homicida no mesmo lugar onde ela o atingiu anos atrás.

O heroísmo e a abnegação de sua mãe, conseguiu retardar o cumprimento da Lei de Talião, mas como indubitavelmente, tinha que morrer vítima de sua própria traição, o vingador não separou-se dela nem um segundo, tanto que se encarnou em suas entranhas, atormentou-a quanto pôde com seu ódio implacável e por fim levou a cabo seu iníquo propósito.

É horrível, não é? Muitos dirão que as comunicações são contos de velhas, oxalá o fossem! Não haveria tantas famílias desgraçadas, que vivem em um inferno, porque não podem tolerar uns aos outros. Infelizmente, é certo que a morte não apaga os ódios, ao contrário, os aumenta e há vinganças premeditadas no decurso de muitos séculos, porque o tempo não é medido no espaço como na Terra. Não faças e não temas, diz um de vossos adágios, e é verdade; fugi dos crimes, dos desacertos, das impaciências, trabalhai em vosso melhoramento moral e intelectual, e faze tudo que possas para ser útil aos demais. Desse modo conseguireis viver em doce calma rodeados de espíritos amigos que são a verdadeira família na Terra e em outros mundos onde mais tarde vivereis. Adeus."

Quanto ensinamento na comunicação que obtivemos! Não há dívida que não se pague, nem prazo que não se cumpra! Ai daqueles que querem cimentar sua felicidade sobre a tumba dos outros!.. .

De uma maneira ou de outra paga-se a dívida contraída; uns deixando seu envoltório nas mãos do vingador, os outros vivendo sem viver, rodeados de Espíritos que procuram lavrar seu infortúnio. Diz bem o padre Germano: que bom é ser bom, que mau é ser mau!

A dor cura a dor

Quando o pesar oprime, quando a miséria esmaga, quando a solidão nos atira nos braços do desespero, é necessário buscar um lenitivo ao sofrimento e, para uma alma pensadora, não tem lugar melhor, com o propósito de consolar-se e diminuir o peso da mágoa, que visitar os enfermos que gemem nos hospitais.

Quando se contempla vários doentes, que não têm junto a si uma alma vivente, e se lhes vê como olham todos que passam, com esse olhar ansioso, com esse sorriso tristemente irônico como que dizendo: até aqui a fatalidade me persegue!. . . até nessa mansão, onde reina a igualdade de infortúnio, sou mais infeliz que os demais!. . . ninguém se lembra de mim!. . . e logo dizem que há Deus!. . .

Eu, que tantas vezes me queixei de minha expiação, quando mais desanimada me encontrava, ia pressurosa ao Hospital de Santa Cruz e, ali, fazia um verdadeiro exame de consciência; que pequena me achava depois de me contemplar por dentro!. . . que descontente aparecia meu espírito!. . . que exigente. . . que voluntarioso.. . que ignorante. . . que desconhecimento tão completo das justas leis da vida. . . pedir alegrias. . . pedir amores. . . pedir o calor do sentimento quando não se pensa na dor alheia!. ..

Quando se foge da tétrica mansão do indigente!. . . e, não tendo que abandonar o lar, podendo resistir aos embates da miséria, queixar-se e renegar de haver nascido, é cometer um grande delito, não pensando, não recordando que há outros seres muito pobres, que, mais sofredores do que nós, sofrem as mais cruéis torturas em um leito de hospital.

Estas e outras muitas reflexões agrupavam-se em minha mente, quando contemplava os enfermos que olhavam a multidão, uns pedindo misericórdia com seus doloridos olhares e, outros, ameaçando com seu amargo sorriso os que passavam sem lhes dirigir uma palavra de consolo.

Nas minhas visitas aos hospitais, aprendi a conhecer a justiça de Deus e me convenci da inferioridade de meu espírito. Ali vi a mim mesma, ao mesmo tempo, grande e pequena; que contrassenso, não é verdade?. . . não tem explicação possível na linguagem humana o que senti, o que progredi, sentada junto ao leito de um enfermo na sombria sala de um hospital.

"é verdade, (me diz um Espírito), eu o sei, porque muitas vezes me fizeste companhia em minhas amargas horas de dor. Não te lembras de Aureliano? Lembras quando me acompanhaste ao Hospital de Santa Cruz? Quanto bem me fizeste em companhia da boníssima Filomena, alma cheia de amor disposta sempre ao sacrifício.

Muitas vezes percorro as dependências desse hospital, porque ali paguei uma mínima parte de minhas muitas dívidas, e ali recebi as provas inequívocas de tua amorosa compaixão. Quanto bem que fazias!. . . tinhas piedade, tão sinceramente!. . . Interessavas-te tanto por seu bem estar!. . . Pedias a Deus com tão íntimo sentimento que pusesse fim à minha tortura!. . . Apoderaste tão vivamente de teu papel de mãe que, a um ser que tivesses levado em teu seio, não terias prodigalizado tantas atenções e tantos desvelos. Eu correspondi à tua terna e espiritual solicitude? Não; desci à mesquinhez de cálculos egoístas, fingia amores que eu não era capaz de sentir; levei a perturbação ao teu espírito, a dúvida e a ansiedade, e, graças a teu firme propósito de ser uma seareira do Espiritismo, pôde mais teu ânimo que os afagos de teu bendito amor, e recusaste, ainda com pena, todas as ofertas de matrimônio.

Muito lutaste, mas afinal venceste, para teu bem e meu, porque evitaste o mais cruel desengano, e eu, outro novo delito. Tua negativa te engrandeceu aos meus olhos, vi-me em minha pequenez, nos separamos e, através da distância foi se agigantando teu espírito ante o meu, e mais de uma vez, dominado pela enfermidade incurável, te pedi perdão por haver perturbado a melancólica tranquilidade de tua vida. Em minhas noites de insônia, quando pensava em ti. . . foram-se afastando as impurezas de minha mente, e cheguei a te considerar como um espírito liberto, vi-te muito longe de mim, muito longe!. ..

Deixei a Terra e permaneci muito tempo, nem só, nem abandonado, porque todos temos nossa família de espíritos afins, mas sempre a uma grande distância de ti; distância tão grande que não te vi, nem te pressenti!. . . Recordei-te várias vezes como se recorda um sonho agradável, do qual não se conserva mais que uma vaga impressão, algo que não tem nome, que acaricia como uma lufada de vento perfumado, que agita as copas das árvores a cuja sombra, nos sentamos para repousar.

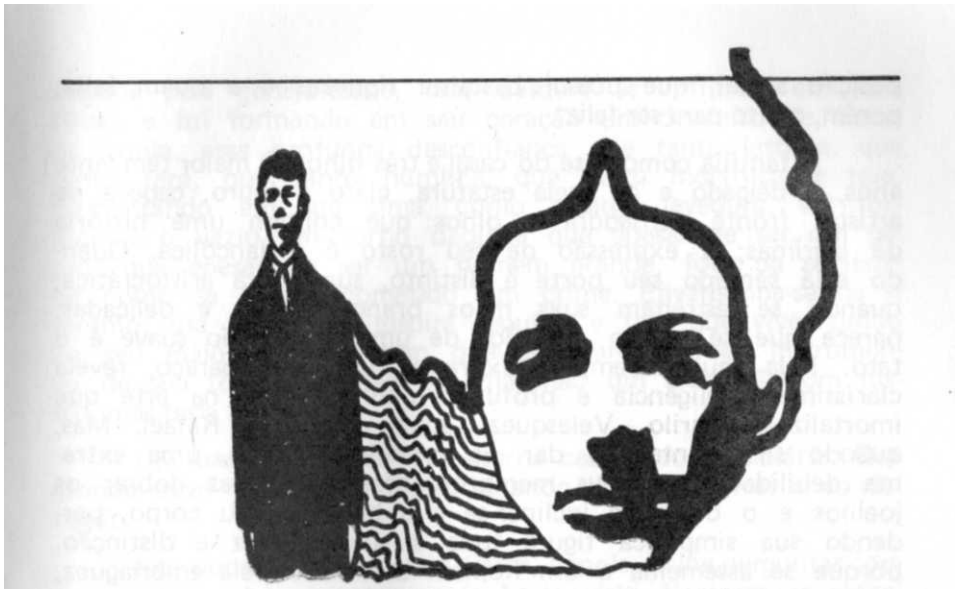
Por que chegaste tão perto de mim em minhas últimas horas de tribulação? Devias-me aquelas atenções que eram a expressão de todos os amores? Eu servi de instrumento para te atormentar e fazer-te lutar entre os deveres e teus desejos? Não sei, nem tampouco sabes, mas ambos conservamos uma recordação imperecível de nossas confidencias no hospital; ambos, naqueles momentos, encurtávamos as distâncias que nos separavam; descias até mim!. . . Eu subia até ti!. . . E muito me teria valido, não misturar o divino com o humano, porque o amor das almas é divino, os cálculos egoístas não têm a menor sublimação.

Hoje vejo mais claro e, quando menos esperava, te vi esmagada pela dor. Estava a teu lado quando deste o último adeus ao companheiro de teu trabalho e, desde então, estou contigo; ficaste tão só!. . . Te encontras entre ruínas!... Estás desorientada, olhas a teu redor e não vês mais que contas atrasadas. Tudo que te rodeia te fere e te aborrece; estás rodeada de antigos credores e todos te apresentam suas notas, dizendo te: paga!

E, agora, não podes ir ao hospital, tua dor não poderá ser curada com outra dor, mas as dores alheias chegam até ti de outra maneira; o livro da vida não se fecha para ti, sempre te apresenta suas folhas cheias de histórias tristes, tu sabes ler corrente nos manuscritos os desacertos e estudarás, sem descanso, até os últimos momentos.

Estou muito contente de estar perto de ti, sou melhor que antes, muito quisera dizer, mas não me deixam. Adeus."

Que surpresa tive com a comunicação anterior!. . . Agradável, sim, agradável. Sempre é grata a recordação de uma boa obra e, naquela ocasião, servi de amparo a um infeliz espírito que era pobre de compromisso; que bonito recordar uma hora de Sol! E o Sol brilha para a Alma sempre que esta quer viver prodigalizando o consolo e o amor.



O que não se ganha não se obtém

Desde que o estudo do Espiritismo nos convenceu de que é uma verdade o axioma "o que não se ganha, não se obtém", quando vemos um ser oprimido sob o enorme peso de uma expiação horrível, o olhamos com profunda compaixão e dizemos com angústia indefinível: Que fizeste ontem? A quantos desgraçados condenaste à morte? A quantas famílias deixaste na miséria? Quantos anos de tua vida consagraste à consumação de crimes espantosos? Grandes deveriam ser teus delitos quando, para esta existência, não conseguiste nem um dia de repouso, nem uma hora de distração.

Estas ou reflexões parecidas, fizemos há alguns dias ao visitar, pela primeira vez, uma família que ocupa uma boa posição social, que possui bastante riquezas e a quem falta, porém, muito para ser feliz.

A família compõe-se do casal e três filhos. O maior tem vinte anos, é delgado e de meia estatura, claro e louro, cabeça de artista, fronte pensadora e olhos que contam uma história de lágrimas; a expressão de seu rosto é melancólica. Quando está sentado seu porte é distinto, sua figura aristocrática; quando se estreitam suas mãos brancas, finas e delicadas, parece que se pegam as mãos de uma moça, tão suave é o tato. Fala muito bem, se expressa com desembaraço, revela claríssima inteligência e profundo conhecimento na arte que imortalizou Murilo, Velasquez, Juan Juanes e Rafael. Mas, quando se levanta, ao dar os primeiros passos, uma extrema debilidade em seus membros inferiores o faz dobrar os joelhos e o obriga a inclinar-se e a balançar seu corpo, perdendo sua simpática figura toda a sua esbeltez e distinção, porque se assemelha a um homem dominado pela embriaguez, que caminha torpemente, dando passos inseguros em direções opostas.

Que impressão tão dolorosa sentimos ao contemplá-lo!. . . Aumentando nossa compaixão quando falamos com ele um longo momento, quando vemos que possui (como dissemos antes) uma boa inteligência. Sentindo como é consequente a influência das paixões juvenis, a vida se transborda em seu ser, sua voz vibra, seu olhar fulgura, seu gesto é apaixonado e.!. tudo tem que ficar afogado em si mesmo. Sua imperfeição, sua debilidade física, o separa de amores e das relações na vida.

Para ser amado na Terra, para ser preferido aos demais, não basta possuir uma alma grande e apaixonada, é necessário ter um corpo esteticamente estruturado; o corcunda, o manco, o aleijado, o epiléptico, o cambaio, e todos os que têm imperfeições físicas, parece que só vieram à Terra para inspirar risos aos demais e compaixão. E, ainda que às vezes cheguem a ser amados, como antes de o ser foram desdenhados pela generalidade, esse desdém se infiltrou em suas almas e foi formando em seu coração um depósito de amarga ironia, essa profunda desconfiança que tanto lastima, que tanto fere, que tanto humilha, que tanto mortifica, e que, fermentando em sua alma, como amarga levedura, vai formando o vazio em torno daquele que apesar de ser um gênio, que apesar de ser um homem grande, foge da sociedade como se tivesse cometido um crime. Envergonha-se de si mesmo, sua figura lhe inspira repulsa, e tem que viver unido ao seu maior inimigo, tem que estar enlaçado ao instrumento de sua tortura, e não um dia, não um ano, não um lustro, mas toda a vida.

Oh, isso é horrível, é a eterna cadeia do presidiário. Que grande deve ter sido o delito quando é tão horrível a condenação.

Isto pensávamos olhando César, depois de lhe perguntar com maternal carinho, quantas vezes havia visto florescer as amendoeiras.

— Tenho vinte anos, senhora... vinte anos.

Quanto disse em tão poucas palavras! Contou-nos toda a sua história, suas ambições e seus anelos, seus desenganos e decepções. Nelas extravasou a amargura que enche até à borda a frágil taça de sua existência.

Pobre César, é imensamente desgraçado. Jovem, de rosto simpático, de claro talento, de agradável trato, e entretanto. . . não tem amigo, não tem quem o ame, não pode correr como seus companheiros de estudo, e estes não têm paciência para lhe acompanhar em seus curtos e fatigantes passeios. Ele não tem uma ilusão amorosa, não está noivo de nenhuma encantadora moça. Sua família não pôde combinar seu enlace com nenhuma de suas jovens parentes e está condenado ao celibato, apesar de ter um coração sensível e uma alma apaixonada.

Seu organismo é muito débil, quase sempre está enfermo, e até há poucos meses saía sempre com seu pagem. Sua infância, sem um brinquedo!. . . Sua juventude, sem amores!. . . Havendo nele todos os germens da vida, mas em estado latente, sem desenvolver, é um espírito gigante que só pode dispor de um organismo de pigmeu. E para sarcasmo maior, é rico, mas sua riqueza não foi suficiente para robustecer seu corpo: o último mendigo da Terra é mais feliz que ele, porque seus membros ágeis lhe permitem ir aonde deseje, enquanto que César vive prisioneiro dentro de si mesmo.

Viver sem asas, ele que nasceu com as do gênio, é um tormento que se compreende em parte, mas que não se explica, não há linguagem que descreva fielmente essa continuada agonia; julga-se o horrível que é a causa, por seus dolorosos efeitos.

Sabíamos antes de conhecer César, que era incrédulo em matérias religiosas; se falava em Deus era para discutir, para culpá-lo duramente por haver-lhe dado a vida e mais de cem vezes disse a seus pais: "Por que me haveis posto no mundo? Que mal lhes fiz para que se alegrassem em formar-me de barro tão quebradiço e inconsistente? Que maldição pesa sobre vós, que para legitimar vossos amores dais a vida a um ser raquítico que não pode viver e gozar como os demais homens? Que luxo de crueldade haveis desenvolvido para chamar uma alma inteligente e sonhadora, amante do belo e do grande, para lhe oferecer um corpo adoentado e imperfeito, que não pode suster-se, que, em vez de ser o auxiliar de seu espírito, é seu verdugo que o atormenta incessantemente com sua impotência e debilidade?

Dizem que a missão dos pais é divina: não a tivestes para mim. Não. Por que me haveis despertado, se eu dormia no cosmos universal, se minha inteligência não se havia individualizado? Por que me pedistes à Natureza que fracionasse alguns de seus átomos para que dessem forma ao primeiro fruto de vossos malfadados amores? Por que vos conhecestes? Por que vos amastes? Por que quisestes vos ver reproduzidos? Não bastáveis um ao outro?. . . Por que prejudicar a um terceiro que sem vós não teria sonhado com um céu para depois precipitar-se em um insondável abismo?

Eu, quando pequeno, esperava. Acreditava que o ouro era um amuleto misterioso com o qual tudo se conseguia na Terra e me dizia: meus pais são ricos, eles podem chamar e pagar esplendidamente sábios doutores que vigorarão meu organismo e esperava na ciência, na riqueza e em minha juventude. Mas, os médicos me olham, e me dão remédios ineficazes. Os anos passam, o menino de ontem é o homem de hoje, e minhas pernas fraquejam, meu corpo oscila como um arbusto sem raízes em poder de crianças travessas; a zombaria de uns, a compaixão de outros, me irrita e me humilha. Desejo querer e os maus me fecham os passos, quero amar e não encontro quem me ame, quero percorrer o Universo e apenas posso sair de meu lar.

Digam-me, que lhes fiz?. . . Respondam. Se todo efeito tem uma causa, desejo saber por que me fizeram tão imensamente desgraçado!.

Seus pais, como facilmente se entenderá, sofriam com seu filho todas as dores, todas as angústias, e quando o viam tão desesperado, sua pobre mãe chorava amargamente. Seu pai se enfurecia afogando sua fúria com filosóficas reflexões, que somente conseguiam, a maior parte das vezes, aumentar a exasperação de César.

Como não há deserdados na Terra, como toda dor encontra seu lenitivo, César, quando menos esperava, viu diante de seus olhos, novos e amplos horizontes. Entre seus amigos de infância houve uma menina doce e carinhosa chamada Ângela, que associou a seus brinquedos com a docilidade que caracteriza o sexo fraco na infância. César não soube apreciar o carinho de sua inocente companheira e eram mais as vezes que repelia, das que aceitava suas infantis carícias. Em uma das temporadas que estavam brigados, Ângela morreu e César chorou a ausência da bela adolescente que, ao fazer sua entrada no grande mundo, levou as mãos ao coração, lançou um gemido e fugiu da Terra porque sentia a nostalgia do infinito.

Entre os numerosos amigos com que conta a família de César, um ou dois são espíritas e, depois de acaloradas discussões, de zombaria de uma parte, de sérias reflexões por outra, de magnetismo e tudo que se necessita para levar o conhecimento a espíritos refratários a inovações, pois cada um pensava que sua crença era a melhor, acrescentando a isto uma grande desconfiança que repelia quase em absoluto a autenticidade dos fenômenos espíritas, depois de lutar com tantas e tão diversas contrariedades, uma íntima amiga da mãe de César, uma mulher entregue por completo às práticas religiosas, uma boa cristã em toda a extensão da palavra, incapaz de mentir, temendo os espíritos e tendo experimentado nas sessões espíritas, dúvidas, contrariedades, temor, e tudo o que necessita para repelir as influências dos seres invisíveis, dominada por um bom magnetizador, dormiu o sono sonambúlico. Ante César e sua família, deram princípio a umas sessões de grande importância, pois por meio da sonâmbula obtiveram comunicações de vários parentes dos pais de César, os quais a médium não havia conhecido, descrevendo-lhes a figura perfeitamente.

César observava atentamente e como não podia desconfiar nem da sonâmbula, nem do magnetizador, porque ambos são pessoas respeitabilíssimas, incapazes de faltar com a verdade, seu ceticismo começou a oscilar e mais ainda quando ele viu uma espécie de fumo esbranquiçado subindo, nos pontos que a sonâmbula assinalava, e também o perfume de aromáticas flores que a médium ia descrevendo com bastante lucidez, aumentando seu interesse quando a sonâmbula disse alvoroçada:

"Ai! Que aparição tão preciosa! Que jovem tão feiticeira! É verdadeiramente encantadora, quero conhecê-la, mas está envolta em um comprido véu de nívea gaze. Que digo!. . . não é gaze, é outro tecido mais impalpável, seu vestido é de lã e de seda e prata, mais transparente. Aproxima-se de César, levanta uma ponta de seu véu, o envolve com ele, se inclina e sua cabeça quase lhe toca a fronte, olha-o com imensa ternura, lhe peço que se descubra bem e afasta as pregas de seu véu. Deus meu!. . . É Ângela, mas muito mais bonita de quando estava na Terra, não sentes seu fluido, César? Estás envolto em seu diáfano véu, te olha como as mães olham os filhos enfermos, fala-te, não ouves?"

César confessou sentir uma doce emoção, que nunca havia sentido e, desde aquele dia memorável, sua existência não foi mais tão amarga.

Ângela, por meio da sonâmbula, disse a César que existia no espaço e se aproximava da Terra para consolá-lo e fazê-lo compreender a eternidade da vida. Uma série de doces comunicações o fez compreender o erro em que vivia negando a imortalidade da alma e o infinito progresso do espírito; o ateu, o enfermo desesperado, o gênio prisioneiro em um organismo inútil, hoje sorri docemente e fala com os espíritos com a maior simplicidade e naturalidade, mostrando empenho em ler as comunicações e em contar todos os detalhes das sessões, sem esquecer o mais insignificante.

Que mudança se verificou na mente de César! Que surpresa ao voltar a encontrar, em seu caminho, a companheira da infância convertida em mãe amorosa, aconselhando-o a que se consagre por completo à divina arte de Apeles, pela qual César sente decidida predileção, impulsionando-o ao estudo da filosofia espírita para conhecer o porquê do que parece anômalo, para convencer-se, por si mesmo, que existências como a sua têm por base o esquecimento de todos os deveres e o completo abuso dos direitos.

César não pode ser feliz na Terra, mas poderá ser muito menos desgraçado, estudando o Espiritismo racionalista.

Não por curiosidade, mas por estudo, para conhecer a causa que produziu tão dolorosos efeitos, procuramos ver as raízes da árvore que deu tão amargos frutos, e um Espírito nos disse o seguinte:

"Perguntais quem foi César, com essa ansiedade dolorosa com que pergunta todo aquele que se interessa pelas desgraças de seu próximo. Pela classe da expiação se poderá deduzir qual foi o delito cometido. Mas já que somente com vossa razão não podereis deduzir com a clareza apetecível o que desejais, direi em rápidas pinceladas o que César fez nesse mundo, em sua anterior existência.

Não é um espírito em cuja história se registre horríveis crimes, não. Em sua passada encarnação escolheu um berço nobre, grande riqueza, bonita figura e gênio aventureiro. Mas, não para empregá-lo em empresas proveitosas para ele ou para sua pátria; antes, muito ao contrário, só pensou em desfrutar o que possuía sem cuidar, nem pouco nem muito do aumento de seu patrimônio. Muito dado a lances amorosos, mal empregou os melhores anos de sua vida aproveitando as efêmeras vantagens que sua beleza física, sua distinção e seus bens lhe davam, para ser atendido e obsequiado onde quer que fosse que se apresentasse. E desde a mulher nascida nos degraus de um trono, até à infeliz que, por fome ou por vício, se entrega ao melhor comprador, ele mentiu amores e prodigalizou-se carícias sob pavilhões de púrpura e no rincão nauseabundo do último lupanar da Terra.

Para esses malfeitores, para esses foragidos que penetram numa casa honrada e sem expor-se ao mínimo, furtam o tesouro de maior valia, aquele que uma vez perdido jamais se recorda; para esses bandidos sem coração não há neste planeta penitenciárias, e mais, se o ladrão de honras é imensamente rico, sua riqueza o faz inviolável. 0 que hoje chamas César abusou tanto de sua posição social, que, impunemente, lavrou a desgraça de muitas famílias, e mais de uma mulher enamorada e abandonada a seu desespero morreu maldizendo sua memória. E era tão formoso, havia em seu olhar uma atração tão poderosa, que bastava olhar para conseguir. Foi um galanteador de ofício, sempre com fortuna, considerou as mulheres como mercadoria sem valor, pois não encontrou nenhuma beleza ingrata que desprezasse seus afagos.

Fez mal, muito mal, sem medir suas consequências, sem fixar-se a olhar, por um segundo, a soma total de suas vítimas. Para ele a mulher era uma propriedade animada, como um de vossos sábios chamou aos escravos; acreditava que haviam nascido formosas para satisfazer os caprichos de seu senhor. Suas lágrimas o faziam rir, seu furor excitava sua ira, não concedia à mulher mais que um dever: o de engalanar-se e embelezar-se para ser agradável ao homem, negando-lhe todos os seus direitos: eis aqui tudo. E assim como um correio de gabinete não se inquieta pelos cavalos de mala postal que estraga para chegar mais rápido ao fim de sua jornada, de igual modo o que hoje chamas César, não se importava em nada com as mulheres que morriam envenenadas por suas carícias. Não merecia uma mulher mais consideração que a de ser olhada e acariciada em uma noite de orgia.

A mulher mãe, tampouco conseguiu seu respeito. Ademais, não foi nem avaro, nem invejoso, nem traidor, e seus servidores o queriam profundamente. Não tinha mais que um vício, que o dominava por completo: o apetite sexual; isto atraiu sobre sua cabeça muitas maldições, (como lhe disse antes), porque foram muitas as mulheres que o amaram e tiveram que maldizer seu desvio.

Morreu só e abandonado por todos. Quando ia mais embebido em suas lúbricas recordações, errou o caminho e caiu num precipício, onde permaneceu algumas horas sofrendo agudíssimas dores, até lançar seu último suspiro, sem que uma mão piedosa cerrasse seus grandes olhos, sem que um beijo de ternura selasse seus lábios. Para seus restos não houve sepultura, e ainda existe a lenda, em seu país, que seu corpo e sua alma foram levados pelo diabo. Ninguém encontrou seus despojos, tão fundo foi o abismo onde caiu; e, como se isto não fosse o bastante, houve um desprendimento de pedras que caindo sobre seu cadáver, o triturou.

Quando aquele espírito chegou a ver o quadro de sua vida, sua dor foi imensa, indescritível. . . Não lhe faltaram seres amorosos, que lhe prodigalizaram consolo, mas ele tinha inteligência bastante para compreender que havia pecado muito, se bem que, em alguns de seus atos, havia influído muito a educação viciada que recebeu de seus preceptores, os quais foram todos ministros de Deus.

Uma de suas vítimas, que sucumbiu sob o peso da vergonha e da dor, foi a que influiu em seu ânimo para que pedisse a expiação que hoje sofre, e César pediu uma mãe amorosa para que em seus braços começasse a amar e a respeitar a mulher. Pediu riqueza e um corpo defeituoso e animado por clara inteligência e um sentimento nascente para desejar amor e não poder obtê-lo, porque na Terra os organismos defeituosos só inspiram riso à maioria, e compaixão à minoria.

0 sedutor irresistível de ontem, aquele que ao passar semeou dores e vergonhosos remorsos, hoje somente pode sair de seu palácio; é rico, é amado pela família, muito amado, mas seu corpo é seu implacável verdugo; quase sempre está enfermo, rodeado de inumeráveis cuidados, que aumentam, às vezes, seus sentimentos, porque despertam nele, os puros desejos de criar uma família, sonha com uma esposa, com ternos filhos, mas. . . encontrará quem o ame? Poderá resistir ao horrível tormento de seus ciúmes, que necessariamente terá que sofrer, se associar sua existência a outra existência? Ah! sua expiação é terrível! é uma alma que desperta para a vida, aprisionada atrás de espessas grades. Ama as belas artes, ama tudo que é grande, ama a tudo que desprezou em sua passada encarnação. Ele não cria que fossem seres racionais os que eram deformados e por isso hoje, quando se move, demonstra para se convencer por si mesmo de seu erro e sua injustiça. Fazes bem em ter piedade de todos aqueles que vês oprimidos sob o peso da expiação. Ai, dos opressores, porque logo serão oprimidos.

Não vos canseis de relatar histórias em cujas tristes páginas encontre a Humanidade úteis ensinamentos que a afastem do insondável abismo de vergonhosos vícios. Dizei, repeti em voz muito alta, que os entrevados de hoje são os que ontem se apressaram em cometer desacertos; dizei que o braço que hoje não se move, ontem moveu-se para manejar a arma homicida e firmar, pressuroso, sentenças de morte; dizei que os olhos que hoje não têm vista, ontem se alegraram em contemplar impurezas, contemplando também as contrações dos condenados quando no lugar de tormentos declaravam mentiras ou verdades para deixar de padecer.

Dizei que os grandes sofrimentos são o resultado de grandes crimes, e não vos inquieteis se vossas palavras não encontram eco na Humanidade, com um só ser que vos escute tendes a recompensa de vosso trabalho, com um cego que recobre a vista podeis dizer que conquistastes um mundo. Adeus."

Cremos o mesmo que diz o Espírito que teve a amabilidade de nos dar algumas explicações sobre o passado de César; cremos que um ser que desperta da letargia da ignorância é um mundo que começa a desenvolver todos os germes da vida. Um só pensador basta em muitas ocasiões para dar distintos rumos às escolas filosóficas e religiosas que imperam milhões de séculos; um só artista faz, com seu gênio maravilhoso, uma revolução na arte; um só poeta serve para despertar o sentimento de cem gerações. As coletividades servem para arraigar as inovações do progresso, mas a palavra mágica — faça-se a luz! — um homem é o que a pronuncia quando chega a hora da redenção de um povo.

Resta-nos dizer, para concluir, que cada dia nos convencemos mais e mais de que o estudo racional do Espiritismo é a terra prometida de todos os desgraçados. César, desde que se convenceu de que as comunicações de além-túmulo são uma inegável verdade, busca afanoso pôr-se em relação com os Espíritos, consultando suas dúvidas com eles, e receios sobre seu adiantamento na arte pictórica. E, quando um desengano o fere e o impressiona, evoca a seu ser amigo, e se este vem, escuta doces conselhos e sensatas reflexões, seu rosto se ilumina com os esplendores de uma imensa satisfação. Tem quem o ame, quem o aconselhe, quem vele por ele, e estes, não são indivíduos da família, não; são outros afetos; já não está só no reduzido círculo da família, do lar. Tem amigos, amigos que não o invejam por seu adiantamento na arte, mas ao contrário lhe dizem: "para o gênio não existem distâncias, nem alturas. Sobe! Avança que o porvir é teu!"

Nunca esqueceremos César. Sua expiação nos faz olhá-lo com maternal carinho, e nunca nos pareceu mais útil a comunicação com os Espíritos, que ver César escutando anelante os conselhos que recebe de além-túmulo.

Por tudo sorri um mártir de si mesmo! Bendita seja a luz da verdade!

Pela paz pela justiça

Que bom é amar!

Dizem-me os espíritos que se ainda permaneço na Terra, apesar de minha avançada idade, de minhas contínuas enfermidades, e de minha luta incessante para poder viver debaixo de um teto e alimentar meu corpo enfermiço é porque tenho que escrever muito, para consolar e agradar a todos aqueles que me dirijam perguntas, nas quais eu compreenda que têm sede de verdade os que me pedem conselhos e luz espiritual.

Fazem alguns dias que me escreveu uma senhora espírita dizendo o seguinte:

"Querida Amália: por um ato desumano, muito vulgar, por desgraça em nossa Humanidade, colocaram em minhas mãos uma criança recém-nascida, a qual estou criando com mamadeira. Deixaram-na em minha porta em um dia dos mais frios do passado inverno. Emocionada por tão transcendental achado, não tratei de averiguar nada do que espiritualmente se relaciona com ela. Mais tranquila e reflexionando sobre o caso, me induzem a que te pergunte, se tiveres a bondade de investigar, porque a amo tanto!. . .

Quando me acreditava só e infecunda, vem este ser com seus sorrisos a iluminar meu lar, a fechar com seus beijos as fundas feridas de meu coração, feridas produzidas pelos rudes golpes da vida. Veio tão a tempo este menino, a pedir-me cuidados e amor, que gostaria que um dos clarões do padre Germano me orientasse, sem que me anime saciar pueril curiosidade, mas sim redobrar meu amor para ele, pois estou disposta a sacrificar-me até conseguir criá-lo e instruí-lo nos consoladores princípios que a ti e a mim nos alentam e nos sustentam na rude batalha da vida.

Esta criança é espírito de prova? Se é, seja bem-vindo, assim vem purificar seu espírito e o meu.

Vem cumprir algum encargo da Lei Suprema? Bendito seja Deus que me concede esta graça. Se estamos unidos por anteriores existências e a simpatia o trouxe até meu regaço, eu serei a mãe mais solícita, pois que meu coração sentia a imperiosa necessidade de exteriorizar os puros e maternais sentimentos, dos quais estão possuídas todas as mulheres, excetuando algumas infelizes das quais se tem que compadecer.

A mãe que separou de seu lado esta criança, privando-a de seu maternal calor, me inspira uma profunda compaixão e respeito os segredos que a obrigaram a desprender-se de seu filho.

Espero a tua resposta com ânsia e te repito que não é a curiosidade que me guia, é que a mim me parece que este menino é meu, meu, sim, eu o quero tanto!"

Como é natural, me interessou vivamente o conteúdo da carta anterior e, quando tive ocasião oportuna, perguntei à um espírito sobre este assunto, obtendo a seguinte comunicação:

"Vejo que, continuadamente te dirigem perguntas sobre assuntos interessantes, e tu, com a melhor boa vontade, pergunta-nos estabelecendo assim a comunicação direta entre os vivos e os mortos, relações que existiram em toda a eternidade, mas que, agora, se vulgarizaram graças ao progresso realizado em todas as classes sociais, que fizeram perder sua preponderância aos iniciados nos mistérios divinos, descendo de seu alto pedestal os grandes sacerdotes que guardavam em seus templos as revelações dos espíritos, os que sempre se comunicaram com os terrenos, porque é preciso essa relação direta entre os que crês vivos e os que chamas mortos.

Não é ainda a comunicação ultraterrena o que será com o transcurso dos séculos; é ainda muito defeituosa, por ter que fazer-se várias transmissões, porque às vezes o espírito comunicante transmite a comunicação que lhe dá outro espírito e, ao repeti-la o médium, este dá conta do que dizem e já é a terceira transmissão, mas já é algo. Tudo que é grande principia pela união dos átomos, como sucede com os mundos; de igual maneira a comunicação entre os habitantes da Terra e os moradores do espaço teve seu começo com manifestações de pouca importância (parece), com golpes, movimentos de objetos, ruídos estranhos, luzes móveis, que tiveram necessariamente de chamar a atenção dos mais indiferentes, fazendo pensar os homens sensatos que tiveram que fixar-se naqueles fenômenos e dizer: - o nada, nada produz; estes ruídos, estes golpes, estes focos luminosos que brotam em diversos pontos, são efeito de alguma causa, e de uma causa inteligente; e perguntaram, indagaram, inquiriram, até obter o que já tendes: conversações sustentadas com os espíritos; muito interessantes, muito instrutivas algumas delas, por mais que os meios de que agora dispondes sejam muito imperfeitos, muito deficientes, mas já chegará a época na qual não se necessitará mediadores entre vós e nós; cada qual falará com seus parentes, com seus discípulos diretamente.

Como? De que maneira? Falando? Escrevendo? Aparecendo com o mesmo envoltório que usou na Terra? Os detalhes são o de menos, o fato positivo é de que nos devemos ocupar; mas, enquanto não chega essa época ditosa da comunicação direta, é necessário conformar-se com as transmissões atuais. Dizia um de vossos célebres escritores que uma obra traduzida lhe parecia um papiro de Flandes ao contrário; isto pode se aplicar à maior parte das comunicações que recebeis de além-túmulo, porque tudo necessita seu trabalho e seu tempo para ser apreciado em seu justo valor. Continua portanto perguntando aos espíritos o porquê de muitos acontecimentos que surpreendem e despertam vosso mais vivo interesse, e presta consolo a muitos que choram na obscuridade."

"Uma mulher que sonhava em ser mãe te pergunta se o menino que deixaram em sua porta foi alguma vez algo seu; podes dizer-lhe que sim: — que foi carne de sua carne e osso de seus ossos; que na última encarnação, pertenceu à nobreza e foi enganada e seduzida por um magnata que não podia dar seu nome, porque já o havia dado à outra mulher. Ao saber que ia ser mãe, confiou seu segredo, de sua desonra, à seu irmão mais velho, e este, com pena de seu infortúnio, a levou longe de sua pátria e, em um lugarejo escondido entre as montanhas, assistiu-a; pegando o recém-nascido, fez com que o levassem à um asilo benéfico atirando-o em meio das crianças sem nome. A jovem mãe, por mais que lhe pedisse, de joelhos, que devolvesse seu filho, ainda que a deixasse abandonada no meio da rua, chorou inutilmente. Voltou ao seu palácio com o coração aos pedaços; não podia ver uma criança pequenina sem que fosse acometida de horríveis convulsões e, todo o tempo que permaneceu na Terra, chorou por seu filho e morreu chamando-o. Quando, no espaço, soube que vivia, encontrou seu filho perdido e esqueceu com suas carícias tudo que havia sofrido, prometendo ser-lhe guia e, como prêmio de sua constante lembrança, teria mais tarde nos braços a criança perdida. Este, cumprindo sua expiação, levava já muitas encarnações, sendo expulso do seio materno; tinha que ser amado por caridade, por compaixão; não era digno por seus feitos passados de repousar tranquilo nos braços de uma mãe amorosa; por isto, em sua atual existência, o deixaram abandonado, sem nenhuma recomendação, mas para ser sua mãe, aquela que, na encarnação anterior, não pôde ser mais que o tempo de sua gestação.

Hoje lhe entregam o filho de ontem para que sua alma possa gozar as inefáveis delícias maternais; merece ser mãe, por isso recobrou seu filho, porque, durante muitos anos, o chamou a seu seio e, em suas horas de vigília, em memória visitou muitos órfãos e amparou inumeráveis desvalidos; que recolha a colheita de sua semeadura de ontem, que ame a esse órfãozinho, que o ame, o guie, o eduque e o instrua; se lhe entregaram, que desfrute em boa hora, pois amparar os órfãos é a ação mais meritória e que melhor pode engrandecer ao espírito. Adeus."

Que história tão interessante e tão comovedora! Feliz ficará a mulher generosa que recolheu em seus braços o pequeno náufrago, o qual no mar da vida, à mercê das ondas, a não ser por ela, haveria morrido diante das pedras da caridade oficial, que armazena crianças, como dizia Eusébio Blasco, para deixá-las morrer de fome.

Ditosas as almas boas que sabem amar!

O que pode fazer a fortuna

Folheando vários jornais, lemos em "O Novo Ateneu" o seguinte artigo: — "Ainda que as comparações sejam odiosas, vamos fazer uma que manifesta a diferença de capital dos três homens mais ricos da Terra.

Mackey, capital: 55.000.000 de libras; por ano, 2.750.000; por mês, 200.000; por dia, 7.000; por hora, 300; por minuto, 5. Duque de Westminster, capital: 16.000.000 de libras; por ano, 800.000; por mês, 60.000; por dia, 2.000.

Senador Jones de Nevada, capital: 20.000.000 de libras; por ano, 1.000.000; por mês, 80.000; por dia, 3.000; por hora, 120; por minuto, 2.

De maneira que o homem mais rico do mundo é Mr. Mackey, cuja fortuna aumenta cinco libras esterlinas por minuto.

Há vinte anos, viajava pelos Estados Unidos como vendedor ambulante e, fazem dezesseis anos era um pobre diabo sem vintém. Hoje, com idade de quarenta e cinco anos, possui as três oitavas partes da grande "Bonanza", mina argentífera situada em Nevada, a mais rica que se conhece, e que produz uma renda anual de 2.750.000 libras a cinco por cento.

Mr. Mackey tem um magnífico hotel em Paris, onde vive sua família, enquanto ele passa a maior parte do tempo perto do ponto onde estão seus interesses.

Só nos ocorre a seguinte pergunta: — Que fará ele de sua fortuna ou melhor: — Que a fortuna fará dele?

Eis aqui uma pergunta profundamente filosófica: — Que fará a fortuna, de um milionário? Quantas coisas poderá lhe fazer?

Pode fazê-lo, um agente da Providência e um verdugo da Humanidade! O amparo dos aflitos e o tirano dos pobres! A esperança dos tristes, e o desespero dos necessitados! A puríssima luz da aurora, e a noite sombria. Tudo isto e muitíssimo mais poderá fazer a fortuna de um homem rico.

Um homem rico pode fazer tanto bem ou muito mal! Desgraçadamente, os ricos deste mundo (em sua maior parte) são fracos para resistir à prova da riqueza, pois prova grande é ser dono de imensos tesouros, pois estes proporcionam múltiplos gozos que formam uma atmosfera de adulação contínua, porque um rico por muitos defeitos que tenha, ninguém se atreve a dizer-lhe frente a frente, que é um miserável.

Acontece, às vezes, matá-lo à traição, mas diante dele todos sorriem, pois o ouro tem um poder especial sobre as multidões; por isso, é difícil que o rico progrida, porque por si só terá que fazer todo o trabalho de sua regeneração.

Tem que desprender-se do afã de entesourar, terá que pensar nos pobres, ainda que ele não conceba o que é a pobreza; terá de apiedar-se do infortúnio, sem conhecer os azares da desventura; e não há nada mais difícil que encarregar-se de dores que nunca sentimos.

Contou-nos, um amigo nosso, (homem muito sofredor) que, quando era pequeno, ocupava uma boa posição.

Todas as noites saía com sua mãe, e passavam diante de uma igreja, em cuja porta se encolhiam de frio uns mendigos de ambos os sexos, que dormiam sob a intempérie. A mãe de nosso amigo olhava aquele tristíssimo quadro e dizia apertando o braço de seu filho:

— Ai, Antônio, damos muitas graças a Deus que nos concedeu uma boa cama! O menino encolhia os ombros, e segundo nos contou, dizia para si: — Minha mãe é tonta, dá graças a Deus porque temos uma cama, quando é uma coisa que todo mundo tem.

Passaram-se os anos e o menino se fez homem, perdeu seus pais, sofreu rudes mudanças de fortuna, e chegou uma época que teve que dormir todo um verão sentado num banco do Prado de Madrid; quando depois de tantas privações pôde ganhar para viver, o primeiro que fez foi comprar um catre e um colchão, e alugar um quartinho num quinto andar; ao chegar a noite, quando pela primeira vez viu-se só em seu quarto, caiu de joelhos, pensando em sua boa mãe, exclamando com íntima efusão: — Ah, minha mãe, eu te chamava tonta, em minha inocência, porque davas graças à Deus de ter um leito onde dormir. E eu também agora me sinto feliz porque tenho uma pobre cama onde posso descansar. Graças, meu Deus, que me concedeste o que eu olhava com tanta indiferença em minha infância.

E o pobre jovem nos dizia que nem uma só noite deixou de dar graças a Deus antes de deitar-se, apiedando-se profundamente dos mendigos que dormem no duro chão, mas se compadeceu deles depois que soube o que é viver sem casa nem lar. Do mesmo modo os ricos olham com indiferença o sofrimento dos pobres, porque não sabem o que é pobreza. Eis aqui porque dizíamos que a riqueza é a prova mais difícil a que se pode submeter o espírito, e a que tem piores consequências; porque a maior parte desses pedintes de corpo torcido, de organismos disformes que os têm que arrastar em um carrinho, foram maus ricos, e negaram as migalhas de pão que deixavam seus cachorros, a mendigos esfomeados que pediam com lágrimas amargas, um olhar de compaixão.

Vimos, ultimamente, uma menina que, segundo dizem, tem seis anos, conduzida em um carro de três pés de comprimento e dois de largura. A menina não sabemos como está configurada, mas seus braços dessecados, e suas pernas que parecem duas tiras de pergaminho, estão cruzadas de um modo estranho diante de seu rosto cuja expressão é de idiotismo. Em sua cara redonda e de boa cor, se desenha um sorriso vago e aquele monte informe de carne e farrapos, inspira compaixão e repugnância ao mesmo tempo. Uma pobre jovem miseravelmente vestida puxa uma corda atada ao carro, e um enxame de crianças de rua rodeiam aquele veículo de miséria.

Nós, dolorosamente impressionados, contemplamos alguns momentos aquele deserdado da Terra e lhe perguntamos repetidas vezes com nosso pensamento: Que fizeste ontem? A Terra estremeceu sob o enorme peso de teus crimes? Gemeram as multidões escravizadas batidas por teu terrível látego? Que horrível deve ser teu passado, quando é tão espantoso teu presente!

Embebidos em nossas reflexões seguimos nosso caminho, mas a menina vive desde aquele dia a pergunta intencionada que faz "O Novo Ateneu", referindo-se ao primeiro milionário da Terra. Que fará ele de sua fortuna ou que fará sua fortuna dele? Imediatamente recordamos a infeliz entrevada, aquele pobre ser que se olha e, se não fosse pela cabeça, duvidaria se dentro daquele carro vai uma pessoa, ou um irracional, e dissemos com profunda tristeza: — Que fez a fortuna de ti? E uma boa, uma clara intuição, um repetido sacudimento que agitou nosso ser, nos indicou que um de nossos amigos de além-túmulo queria pôr-se em comunicação conosco e obedecendo à influência, escrevemos o seguinte relato:

"Eu te agradeço, pobre ser da Terra, que tenhas piedade dos que ainda são mais pobres que tu. Olha sempre pelos pobres! Especialmente pelos que dizem, vulgarmente, assinalados pela mão de Deus; esses são os assinalados pela inequidade de suas próprias obras. Deus, todo amor, beleza e harmonia, não pode criar nada desarmonioso; o Espírito depois de criado é o escultor que modela seu envoltório, e a obra corresponde à sabedoria do Espírito.

O vulgo, no meio da ignorância, algo vê nessas grandes vítimas; não sabe explicá-lo, e diz inconscientemente: homem aleijado não pode fazer boa coisa, se leva em cima a cólera de Deus! E o que realmente leva é sua má condição, é a perversidade de seu Espírito, é a rebeldia de seu caráter indomável, que nem ainda estando esmagado pelo peso de suas cadeias se humilha e se confessa vencido, mas que, muito ao contrário, é irascível, violento, iracundo, que odeia a Humanidade, ainda a olha com sorriso hipócrita para inspirar-lhe mais compaixão. Mas, no fundo de sua alma guarda o germe de seus passados desacertos, quisera ter a força suficiente para continuar praticando o mal.

Fazes bem em olhar com interesse esses grandes infortúnios, porque nesses seres vês o epílogo das horríveis histórias que a Humanidade guarda. Não entendas por epílogo o ponto final da vida, porque esta não tem fim. As etapas do progresso dos Espíritos dividem-se por épocas, e estas comportam várias encarnações e, ao fim dessas existências de dor, é o que eu chamo epílogo.

Se visses quanto me fez sofrer essa menina que tanto te impressionou! Se a tivesses visto, faz alguns séculos: era formosa como as Graças de vosso Olimpo; era discreta como vossa deusa Minerva; era honesta como vossa casta Susana! Mas, ai, os vícios tentadores se apoderaram daquele Espírito débil ainda para resistir à prova de felicidade. E caiu, caiu no fundo do abismo! E passarão centenas de séculos antes que deixe o pântano de suas inquietudes.

Pobres iludidos da Terra, quanta lástima me inspirais ao escutar vossas palavras fazendo planos de felicidade. Nem um só de vós diz: quero ser bom; todos em coro exclamam: quero ser rico. Isto é, quero lutar com o inimigo mais formidável, quero expor-me a perder a ternura da alma, endurecendo meu Espírito; quero embriagar-me com o ópio da adulação, quero ser grande entre os vermes da Terra, para amanhã viver esquecido e passar desapercebido entre os Espíritos regeneradores.

Inspira-te compaixão, essa pobre menina, e hoje é feliz em proporção a ontem, porque ontem inspirava ódio e desprezo e hoje desperta a compaixão. Esses Espíritos rebeldes são ainda mais desgraçados na erraticidade, porque ali se encontram sós com suas leviandades, e a mesma sombra que os envolve não lhes permite ver as almas amigas que os querem consolar em seu duelo. Só veem suas existências de crimes, e só escutam vozes perdidas que lhes acusam, como acusaram durante alguns séculos essa pobre entrevada da Terra.

Sim, esse infeliz Espírito chegou a subir o pináculo de todas as grandezas humanas, porque não se contentou em ser mulher bela, sábia e pura. Quis o poder, quis a riqueza, mas a riqueza fabulosa. Quis a soberania da sedução, quis lutar com todos os inimigos da alma, e deu-se aos pérfidos agrados da concupiscência, manchou o tálamo nupcial e profanou os laços de família, com incestuosos concubinatos. Regou com sangue o caminho de sua vida, para apagar a marca de seu crime, que o abismo atrai, e aquele que dá o primeiro passo se precipita no fundo. Compadecei, sim, compadecei desses deserdados da Terra, quiçá ontem fossem esses seres o delírio de vossa alma e, por obter um de seus olhares, perdestes uma existência entre as leviandades de impudicos prazeres.

Correi, correi como fazeis em prol dos sofredores; lede nesses livros mais eloquentes que todos os vossos tratados de filosofia. Nem vosso Sócrates, nem vosso Platão, nem vosso Sêneca, nem vosso Aristóteles, nem vosso Tomás de Aquino, nenhum de vossos grandes sábios, vos darão as úteis lições que vos dão esses seres disformes rodeados de todas as humilhações e de todas as dores.

Estudai, sim, estudai nesses horríveis infortúnios todas as degradações a que se submete o Espírito, que só quer satisfazer os grosseiros apetites da carne.

Quando um pobre bate em vossa porta não somente lhe deveis dar esmola, falai com ele, não o façais por caridade, façai-o por egoísmo. Olhai bem sua repugnante figura, reparai em seus sujos farrapos, façai retroceder vossos pensamentos alguns séculos atrás, e vereis, se quereis ver, aquela mesma que tendes diante, revestida de púrpura e arminho, ostentando em sua destra o cetro do poder.

Os mendigos são as recordações palpitantes da vida de ontem, apiedai-vos, amai-os, protegei-os, que se com indiferença os olhais, amanhã lhes fareis companhia, pois mais perto estais dos terrenos da mendicância que dos mundos de luz.

Tendes razão, bom Espírito, mais perto estamos, os homens, da dor que do prazer, confundem-se perfeitamente na mera circunstância de estar na Terra, onde há tantos seres que vivem sem lar, que passam o dia na rua e à noite vão aos lugares insalubres, chamados casas de dormir, onde por vinte e cinco cêntimos lhes permitem jogar-se em um pouco de palha e aí dormem os grandes opressores de ontem.

Os mendigos são os restos de passadas grandezas, são o complemento da história universal, são o índice dos desacertos humanos. Eles nos testemunham os crimes do passado, por isso devemos conviver com eles, primeiro para consolá-los e segundo para tocar bem de perto a consequência dos erros, e precaver-nos de voltar a cair; como diz mui oportunamente o Espírito, a maioria dos terrenos estamos mais perto da^ sombra que da luz. As penitenciárias não foram feitas para os justos e sim para os pecadores.

Que fomos ontem? Que seremos amanhã? Eis aqui as perguntas que os homens se fazem, mas nos falta fazermos a melhor: Que somos hoje? O hoje nos diz o que seremos amanhã. Perguntemo-nos, constantemente, que somos hoje, estudemos nossa vida, as aspirações de nosso espírito, e não façamos perguntas inúteis, porque em nós levamos a solução do problema de nossa existência.

Na Criação não há mais que um caminho: o Bem; sigamo-lo, por ele, deixaremos este triste planeta onde os tiranos de ontem se condenaram à si mesmo a trabalhos forçados por toda uma existência.

Pobre menina, vives em nossa memória, com teu pequeno carro, com teus membros descolados e enfraquecidos, com teus farrapos, com tua miséria e expiação.

Iluminai-nos Senhor, queremos progredir, queremos viver, porque ainda não vivemos; queira o céu que nunca nossos desacertos nos façam voltar à Terra no tristíssimo estado que voltou aquele pobre espírito que tão penosamente nos impressionou.

Não, não; queremos os esplendores do infinito, a abnegação dos redentores, o sacrifício dos mártires, se necessário for queremos algo grande, que sentimos e não podemos definir, mas queremos a luz e a vida, as torrentes da ciência e os divinos eflúvios da caridade.

O que não morre

Nos dez ou oito anos que, dia a dia, estudamos os fenômenos do Espiritismo, nos convencemos que, cem e cem vezes a comunicação dos espíritos é uma verdade inegável, a realidade mais absoluta sem deixar lugar à menor dúvida. Poder-se-á duvidar da identidade do espírito que se comunica, mas não dos espíritos que nos falam e nos contam suas impressões no espaço e as inquietudes que sofrem quando contemplam nossa luta na qual se dá a vida pela vida; mas, ainda quando nossa convicção é tão profunda que, se todos os espíritas deste globo declarassem que a comunicação dos seres de além-túmulo era uma alucinação dos sentidos, nós diríamos que a comunicação dos espíritos é tão verdadeira como a luz do sol que nos alenta. Apesar de nossa íntima certeza, cada vez que uma prova evidente nos manifesta a vida que se desenvolve após o túmulo, sentimos uma satisfação tão imensa que nos apressamos fazer participe dela nossos habituais leitores, para levar à sua mente, na escassa medida de nossas forças, a convicção que nos faz viver consolados no meio das maiores tribulações.

Faz três dias que, falando com vários amigos, em nosso gabinete, sobre os desenganos que as jovens recebem na idade das ilusões, e o difícil que é se estabeleça a amizade completamente desinteressada entre os jovens de distinto sexo, subitamente brotou em nossa mente uma recordação, a de José Alvarez, amigo de nossos primeiros anos, que conhecemos nos jardins do Alcázar de Sevilha, de modo mais poético que se possa imaginar, sem saber por que nos chamou a atenção aquela recordação, quando no longo período de mais de trinta anos nunca havíamos pensado nele.

Na manhã seguinte nos levantamos com a imaginação muito disposta a trabalhar e, quando estávamos muito depressa concluindo a arrumação do nosso quarto, começamos a recordar uma poesia dedicada a uma rosa que nos havia dado Alvarez, nosso amigo da adolescência.

Ao recitar a composição, demos início pela segunda estrofe e, com leve esforço, recordamos perfeitamente uma poesia escrita faz trinta e nove anos, da qual não conservamos, como é natural, nenhuma cópia, pois as flores da juventude como todas as flores da Terra, quando se secam, suas folhas murchas são levadas pelo vento, e em nossa triste existência não conservamos do passado a menor lembrança. Há reencarnações nas quais o espírito parece um marinheiro perdido em alto mar e, naquele naufrágio, só se pensa em viver por horas; não se permite o luxo de entregar-se à recordações quando a luta do presente absorve todas nossas faculdades. Assim é que me surpreendeu vivamente aquela reminiscência, pareceu-me que, naqueles instantes, uma mão invisível levantava uma ponta do véu que cobre meu passado, e vi o jardim do Alcázar de Sevilha, com todos seus encantos e, entre suas flores, vi-me jovem e risonha, acompanhada de minha mãe e de meus amigos. Haverá morrido Alvarez e quererá comunicar-se comigo? Veremos. Ou será que meu espírito, durante o sono de meu corpo, quis percorrer os lugares que um dia foram seu encanto? Não fiando de mim mesma, aproveitei a oportunidade de vir o médium que me ajuda em meus trabalhos e perguntei ao padre Germano a que obedecia aquela extemporânea recordação.

"A que obedece?, me perguntas (respondeu o espírito), pois à causa mais simples e mais natural; teu amigo da juventude deixou a Terra, estendeu seu vôo e depois de haver-se elevado à grande altura volta até tu, com o propósito que ele mesmo te dirá, pois cada espírito tem seu livre arbítrio e não serei eu quem me adiante para dizer o que ele pensa, que é justo deixar-te todo o mérito de seu projeto: aceita, pois, sua comunicação, de um bom amigo que hoje se encontra no espaço."

Dominada por melancólicas recordações, deixei passar algumas horas até que, tomando a caneta, disse ao meu antigo amigo: — te espero.

"Eis-me aqui; não me esperavas. . . é verdade?. . . Para ti passaram tantos anos. . . mas, para mim, não transcorreram nem dois segundos; mede-se o tempo de mui distinta maneira na Terra que no espaço. Aos terrenos, por regra geral, os instantes parecem séculos e os desencarnados, nas épocas que abarcam vários séculos, as consideramos como brevíssimos momentos.

Na vida eterna do espírito, que são trinta e nove anos? Menos que um átomo perdido na imensidade; mas tu estás na Terra e, ajustando minhas apreciações às tuas, te direi: Quanto tempo faz que nos conhecemos! Lembras-te?. . . Era uma tarde de primavera, nos jardins de Alcázar de Sevilha, uma multidão de mulheres jovens e belas (porque não há juventude sem beleza), cruzava em todas as direções por aqueles encantadores vergéis, com suas paredes cobertas de folhas de laranjeiras, com seus caramanchões fechados por muros de murtas, com seus cestinhos de rosas formosíssimas que atraíram teus cândidos olhares e que foram a causa de nossa amizade.

Lembras-te? Ainda te vejo, com teu vestido cor de rosa, com teu véu branco, com teus louros cabelos e tua branca tez; nunca foste bonita, mas havia algo em ti que atraía, era tua alma que, muito superior ao teu corpo, atirava sobre este a magia de sua poesia, de seu sentimento; ao ver-te me impressionei de tal maneira que qualquer um teria acreditado que me havia enamorado de ti, e não era assim na realidade; já estava marcado o roteiro de minha vida, mas tive o pressentimento de que ias ser muito infeliz e queria salvar-te do abismo.

Senti amar outra mulher; gostaria de dar-te meu nome para dizer-te: vive à minha sombra; mas não pôde ser, porque tu não vinhas à Terra para repousar em um lugar humilde separada dos abrolhos e das penalidades; tinhas que lutar com todas as misérias, com todas as humilhações da pobreza e da solidão; sem que eu soubesse, então, fui o destinado para despertar em tua alma o puríssimo sentimento da amizade; fui o primeiro homem que pôs em tuas mãos uma rosa de cem folhas, de embriagador perfume e de belíssima cor; tua boa mãe me olhou sorridente, docemente, dando-me graças com seus expressivos olhares por minha galanteria.

Muito falamos, tu e eu, e recordo que disseste com encantadora ingenuidade: — "Que tarde formosa!"

É verdade, tens razão, (respondi com maior entusiasmo), é uma tarde cor de rosa; o céu, vosso traje e a flor que vos ofereci, tudo tem cor igual; a rosa, cuja fragrância aspirais com deleite, perderá seu embriagador perfume, mas poderá conservá-lo se quiserdes.

Como? me perguntastes com inocente assombro; de uma maneira muito simples, dedicando uns versos à essa rosa cujas folhas, por muito que as guardeis, se converterão em pó, enquanto que nosso canto ressoará eternamente.

Eu então ignorava que meu espírito sobrevivia ao meu corpo e que, trinta e nove anos depois, recordaria as singelas frases de teus versos; copiá-los agora, são a página mais pura da história de tua existência atual."

À UMA ROSA

Flor de formosura ideal
bela e delicada rosa,
contemplei-te orgulhosa
em um jardim oriental.

Houve um ser que compreendeu
que admirava tua formosura;
temerária te arrancou;
e em minha mão te deixou
e o olhei com ternura.

Outra vez nos encontramos
e em memória da rosa
carinho eterno juramos;
de amizade, pura e preciosa
um santo laço formamos.

Hoje tuas folhas sem cor
as contemplo e as bendigo;
pois deram-me um amigo
que é uma flor ignorada.

"Vês como se cumpriu o que te disse nos jardins do Alcázar de Sevilha? A rosa que arranquei para ti, a guardaste algum tempo, depois. . . quando me uni a outra mulher te pareceu que serias culpada guardando uma lembrança minha e a entregaste à mercê do vento.

Teus versos se gravaram em minha memória, nenhuma cópia deles havia na Terra, porque eu destruí a que possuía uma hora antes de receber a bênção nupcial, mas nunca os esqueci; sempre que te via se me oprimia o coração e lamentava não haver sido livre para haver me unido à ti, e não porque te amava, não; minha esposa, a mãe de meus filhos, era a mulher de meus sonhos terrenos, e tua alma poética e apaixonada, teu infortúnio algo misterioso que eu adivinhava em ti, me fazia querer teu espírito que, triste e solitário, eu pressentia, cruzaria a Terra.

Chorei com teus primeiros desenganos, sem que ninguém soubesse a parte ativa que eu tomava nas tuas dores e, quando teu destino te levou longe de Sevilha, me alegrei; me fazia sombra o teu infortúnio.

Quando deixei a Terra fui tão longe quanto meu progresso permitiu e, no meio da luz, em meio da imensidade, livre e inteiramente feliz, subitamente me lembrei de ti e, ato contínuo, li a história de tua atual existência, sentindo um prazer puríssimo ao ler a primeira página na qual se encontrava uma rosa e uma poesia.

Desde então sigo-te em tua penosa peregrinação e, de acordo com o elevado espírito que tu conheces com o nome humilde de Padre Germano, pus-me em contato contigo para aconselhar-te o que ele já te indicou faz tempo: — que comeces a escrever tuas memórias, porque farás um grande bem às mulheres pobres, entregues, abandonadas às suas próprias forças.

Escreve sem reserva, sem temores, conta uma por uma todas as tuas decepções, diga o que sentiste quando faltava a luz em teus olhos e em tua alma, diga como te ergueste daquela prostração, como procuraste a fonte da verdade para saciar a sede do infinito. Crês que não será um livro interessante? Sim, será; teu espírito nesta existência deu um passo gigante. Crês que só tem valor a história da matança universal? (pois não é outra coisa a história geral dos povos). Não, a história dos espíritos caídos é de grande ensinamento e, nas páginas que deixeis escritas, muitas mulheres chorarão sobre elas. Eu te quis ditar o prólogo de tuas memórias. Quem com mais legítimo direito? Ninguém. Fui teu primeiro amigo, aquele que apresentou a flor que simboliza a vida da mulher, breve em sua louçania e sempre rodeado de espinhos o tronco de sua existência.

Alegra-te, ainda que já não és a menina de tez branca e do cabelos de ouro, de olhar ingênuo e de alegre sorriso; já não te adornas com trajes cor de rosa e véus brancos; passou para não voltar, a juventude do corpo, mas não passará nem passou a eterna juventude de tua alma; esta, cada dia, irá adquirindo novas percepções, em cada existência alcançará novos triunfos, os palácios da ciência se abrirão, diante de ti e neles penetrarás com regozijo.

Nos benéficos asilos te esperarão as crianças e, quando te retardes, dirão uns aos outros: Por que não veio aquela senhora tão boa?

Esta regeneração do espírito não é obra de um ano nem de cem, são necessárias muitas encarnações de lutas e de sofrimento para refrear as paixões, e fazer o bem sem esperar recompensa; para perdoar todos os agravos e abster-se de ofender; o trabalho de aperfeiçoamento do espírito é muito lento, minha amiga, mas por sua lentidão não perde um átomo sua enorme importância.

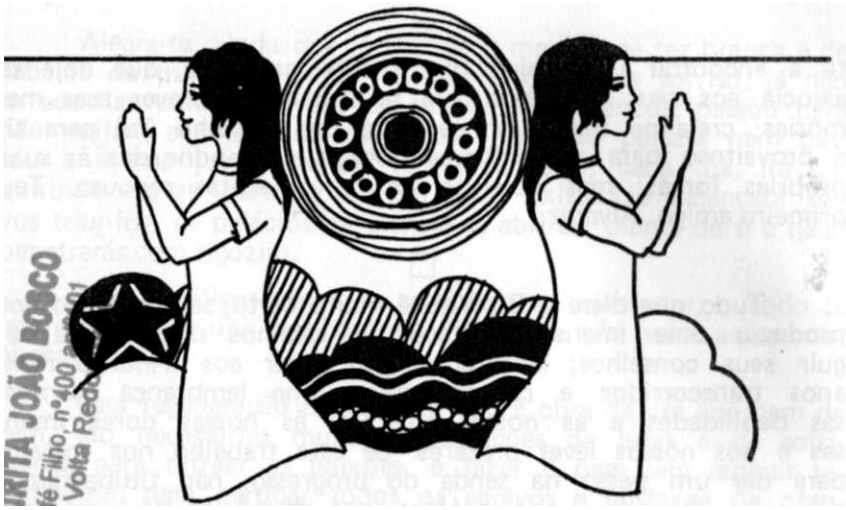
Vês como as verdadeiras amizades nem a morte as rompe? Não é verdade que te surpreendeu agradavelmente recordar a poesia que tão apagada tinhas na imaginação? Que é, pois, o tempo transcorrido? De que maneira influiu em nosso espírito? Tu me recordas (sem saber por que), com doce melancolia, dizendo com imensa satisfação.

— Nosso afeto foi tão puro como o perfume daquela rosa. Eu, por minha parte, recordo, melhor dizendo, vejo aqueles dias de juventude do corpo, cheio de ilusões e de agradáveis esperanças; aquelas ilusões e aquelas esperanças temos a eternidade para realizá-las. Porque, pois, lamentas uns poucos anos de angústias, se estes serviram para engrandecer as aspirações de tua alma, pois é a que há de viver eternamente.

Tu sempre te lamentas de tua solidão, tu que dizes com amargura que não quer aprofundar nenhum afeto, para que o lodo não apareça na superfície, quando menos pensavas voltaste a encontrar um amigo que tiveste na Terra, que hoje se associa aos teus trabalhos para te ajudar a escrever tuas memórias; creia-me minha amiga, sera' um trabalho útil para ti, e proveitoso para as mulheres pobres e abandonadas às suas próprias forças; mas hoje te deixo, necessitas repouso. Teu primeiro amigo.
Alvarez."

Tudo que disse o Espírito é muito certo; seu encontro nos produziu uma imensa satisfação e estamos dispostos a seguir seus conselhos; lançaremos um olhar aos trinta e nove anos transcorridos e consagraremos uma lembrança às nossas debilidades e às nossas energias; às nossas dores imensas e aos nossos leves prazeres. Se este trabalho nos convém para dar um passo na senda do progresso, não titubearemos nem um segundo e, ao prólogo das memórias de uma mulher, seguirão os capítulos de uma história de expiação, mas como o tempo não tem fim, com o transcurso dos séculos, talvez escreveremos relatos interessantíssimos de feitos heroicos, nos quais nosso Espírito foi o herói, por sua ciência e por seu imenso amor à humanidade.

Ao que chama, lhe respondem; ao que pede, lhe concedem; nós chamamos e pedimos a ciência para compreender a onipotência de Deus e o amor dos amores, para fazer o bem pelo bem mesmo e nos convertemos em um dos grandes seres que implantam na Terra a fraternidade universal.



As religiões e o espiritismo

A FONTE E O MAR

Junto ao mar, de um penhasco brotava
fonte humilde que nele destilava
gota a gota, de seu límpido caudal;
e lhe disse o mar espumoso:
Quem te manda atirar, lacrimosa,
em meu seio teu pobre caudal?

— Vasto mar, respondeu-lhe a fonte
sem alardes e em mansa corrente,
de minhas pérolas te faço mercê,
porque falta em tuas ondas bravias
o que sobra nas lágrimas minhas
uma gota que apague a sede.

Luís Romero Espinosa

Do apólogo que antecede estas linhas, e impressionou-me tão profundamente a leitura, que não posso deixar de escrever algumas considerações sobre seu interessante assunto: comparando as ondas do mar com as religiões e as comunicações com os espíritos, que acalmam a sede das almas sedentas de consolo. Consolo que nenhuma religião presta às almas pensadoras, sei por experiência'

Antes de conhecer o Espiritismo, eu entrava na igreja, olhava as imagens das doridas virgens, dos Cristos moribundos, dos santos milagrosos. Olhava as relíquias dos mártires e me parecia que passava em revista uma coleção de antiguidades mais ou menos autênticas, permanecendo minha alma completamente muda, sem que minha cabeça apercebesse as batidas de meu coração, e sem que sentisse a menor agitação.

E não era por olhar com indiferença o que me rodeava, muito ao contrário. Eu desejava crer para poder esperar; invejava as boas mulheres que rezavam fervorosamente ao pé dos altares e dizia com tristeza: Que não faria eu para crer nos mistérios religiosos? Serei tão má que Deus me atira de sua igreja? E que me atira é verdade, porque estas imagens não me inspiram o menor respeito, nem são maravilhas artísticas.

Como são medianas ou menos que isso, as destruiria imitando os iconoclastas do século VIII que não queriam o culto de imagens, e pior ainda, é que me rio das más esculturas e das ridículas figuras que vejo pintadas em grandes telas e, ainda que digam que a fé salva, não admito de maneira alguma que, para adorar a Deus, se façam bonecos de barros e se pinte estranhas caricaturas.

Saía da igreja contrariada, porque queria crer em algo e não podia crer em nada.

Mas aí não terminava meu empenho, voltava à carga com novos brios, visitando catedrais de luxo e templos, ouvia distintos oradores sagrados e ao terminar a função religiosa, murmurava com desalento recordando a célebre frase de Agostinho: "Vaidade das vaidades, tudo é vaidade". Naquelas ondas bravias não havia uma só gota de água que saciasse a sede de minha alma.

Muitos anos estive batalhando, buscando nas religiões algo que me falasse de Deus. Recordo que estando em Madrid, uma quinta-feira santa, pela tarde, saí da faustosa Igreja de São Sebastião, onde se encontram todos os ricaços da rua Atocha, e me dirigi à humilde rua de Calatrava, onde estava situada uma capela evangélica. Era um salão grande e desarranjado, com paredes caiadas onde estavam alguns versículos da Bíblia; os fiéis se sentavam em bancos bem alinhados e o pastor dominava a multidão subindo num estrado ou plataforma, atrás de uma mesa coberta com uma toalha vermelha sobre a qual estava uma grande Bíblia.

Aquela decoração tão simples agradou-me extraordinariamente e disse para mim: Se aqui encontrasse o que desejo! De momento acreditei que sim, mas minha ilusão foi tão breve como a louçania das rosas, porque aquele que cresse em Jesus seria salvo, mas os milhões de indivíduos que não creem em Jesus? Que seria deles? Afinal de contas, convenci-me de que todas as religiões são a mesma coisa, nenhuma leva o consolo às almas perniciosas. Os que têm a mania de pensar, não podem crer nos contos das religiões, é inteiramente impossível.

Quando conheci o Espiritismo pus-me de sobreaviso, abri os olhos e ouvidos para ver e ouvir, porque isso de que todos, absolutamente todos, podiam chegar a ser bons e sábios, se se empenhassem em ser, era altamente consolador; isso de que o crente, e o ateu, o fanático e o cético, todos poderiam progredir eternamente, me enchia de júbilo.

Haviam caído os cimentos do céu e do inferno, não existiam mais que inumeráveis mundos onde as humanidades adquiririam conhecimentos científicos e dulcificavam seus sentimentos por meio de amorosos sacrifícios e isto se tocava, se via, não havia lugar para dúvida; porque os mortos falavam, a terna mãe, o amoroso pai, o filho mimado, o amante arrebatado pela morte prematura, todos se levantavam de suas tumbas e chamavam seus parentes produzindo ruídos, transportando móveis, jogando alguns, pedras, outros flores, aqueles fazendo dormir moças inocentes que falavam e diziam coisas maravilhosas, e não era alucinação de uns poucos, era uma revolução geral no velho e novo continente.

Não era a gente simples, a que havia visto estranhos fenômenos, eram também os sábios, os reis, os príncipes, os teólogos; a uma dada hora haviam falado em todos os países as línguas de fogo, cumprindo-se as bíblicas profecias e as comunicações dos espíritos não eram ondas bravias, eram as gotas da fonte que saciavam a sede das almas atribuladas e sedentas. Oh! as comunicações dos espíritos. . . Nada há mais consolador nem mais persuasivo; fizeram mais bem os médiuns falantes e escreventes, que todos os mártires que morreram para defender seu credo religioso. Benditas sejam as comunicações dos espíritos!. . .

"Oh! sim, benditas sejam, (me diz um Espírito) não sabes ainda o imenso consolo que prestam, porque não te viste num desses transes horríveis em que a justiça humana se apodera de um criminoso e o condena à morte. Eu, sim, vi-me em minha última existência ao pé de um patíbulo; matei um homem com loucura; o mais feroz dos ódios levantou meu braço e feri a fundo, uma só punhalada bastou para matar meu rival. Não me esquivei do castigo, eu mesmo entreguei-me à justiça dizendo: matei-o porque queria arrebatar-me a mulher de meus sonhos e, se ressuscitasse cem vezes, cem vezes o mataria. Estou satisfeito comigo, não me importa morrer. A mãe de minha vítima era uma mulher de grande influência social e trabalhou infatigavelmente para levar-me ao cadafalso. Mas, a família de minha adorada também era rica e poderosa e empregou todo seu prestígio para salvar-me a vida.

Como lutavam forças iguais, o processo durou longo tempo, até que finalmente, me condenaram à morte; então ficava-se na capela três dias, e grande número de sacerdotes empenhou-se para obter minha confissão, mas neguei-me a confessar e guardei silêncio.

A segunda noite que estive na capela deitei-me dizendo que me deixassem só; em parte, consegui porque meus guardiães se afastaram um pouco de meu leito e daí a pouco vi diante de mim a sombra de minha vítima, não ameaçadora e vingativa mas doce e sorridente. Fiquei assombrado e mais cresceu meu assombro quando me disse mui tranquilamente: "Vão matar-te porque pensam que estou morto e estou vivo, mas meu ódio, sim, não está vivo; este, morreu, já não sou teu rival, fui durante muitos séculos, sempre quisemos a uma mesma mulher. Vi depois de minha morte muitas páginas de nossa história e chegou o momento de nossa reconciliação. Vim para dizer-te que não morrerás no patíbulo, trabalhei para conseguir o indulto da pena de morte. Amanhã, confessa-te, mostra arrependimento, convém fazeres e assim voltaremos a nos ver, não reveles a ninguém que me viste". E a sombra desvaneceu-se.

Que senti então? Não sei, mas surpreendi-me do ocorrido, confessei no dia seguinte e soube que se haviam posto em jogo as maiores influências para alcançar o indulto. Estive rodeado de muitos sacerdotes e junto a mim vi de novo a sombra de minha vítima que apoiando o indicador em seus lábios, dizia-me claramente com seu gesto que me calasse. Calei-me e na manhã seguinte, tranquilo e sereno subi as escadas do patíbulo; o verdugo e seus ajudantes trabalhavam com lentidão e mal; a sombra se encarregava de que seus movimentos fossem tardios, já me haviam sentado e a sombra seguia junto de mim. Logo se ouviram gritos: o indulto! o indulto! E, efetivamente, o bispo da diocese, rodeado de um grupo de cavalheiros, chegou ao pé do patíbulo agitando um papel e ele mesmo abriu-me seus braços e a sombra de minha vítima jogou-se sobre eles. . .

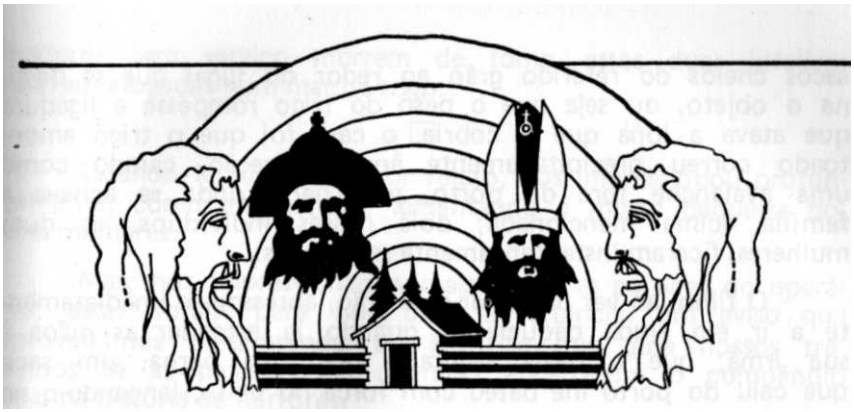
Como com o ouro tudo se consegue, algum tempo depois pude evadir-me da prisão, cheguei a Nova York e ali esperava-me a mulher de meus sonhos, ali uni-me a ela por laços indissolúveis e ali o espírito de minha vítima despediu-se de nós dizendo; "Queiram muito a vosso primeiro filho."

Passou muito tempo, muito, e o esperado filho não vinha; por fim, veio; minha esposa e eu o recebemos com palmas e alegria, sustive seus primeiros passos, escutei suas primeiras palavras, assisti a seus primeiros jogos; era uma criança de caráter impetuoso. Teria uns sete anos e já manejava admiravelmente as armas de fogo. Um dia, brincando com uma pistola que eu julgava descarregada, saiu um tiro e me atravessou o coração; minha esposa pensou ficar louca, mas meu matador era uma criança, uma criança inocente, e aquela criança, era nosso filho!

Ainda vão visitar meu túmulo, minha esposa vive consagrada a seu filho, este guardou de mim carinhosa recordação; minha morte modificou seu caráter, de impetuoso, tornou-se tranquilo, de soberbo em humilde. Velo agora por eles, meu filho era meu rival de ontem, minha morte foi o ponto final de um período de nossa história. Estuda, estuda o Espiritismo e bendiz a hora suprema que irradiou sua luz sobre a Terra. Adeus."

Sim, eu o estudarei, meu bom Espírito. Não tenho outro sentimento, além do que meu corpo decai e não posso trabalhar tudo que quisera na propaganda do Espiritismo, fonte de consolo, cujas gotas acalmam a sede das almas atribuladas. Religiões! Sois ondas bravias e não tendes nem uma gota de água que acalme a sede dos seres pensantes. Comunicações dos Espíritos, vós sois a fonte humilde que derrama seu límpido caudal no calabouço do presídio, no leito de hospital, no tugúrio do mendigo, no cubículo da meretriz, no palácio dos reis, na oficina da operária, em todas as partes à semelhança do Sol, que ilumina com seus raios toda a face da Terra, assim a voz dos Espíritos ressoa em todos os âmbitos do mundo.

Benditas sejam as comunicações dos Espíritos, porque elas são as gotas de água que acalmam a sede das almas enfermas!



O mar de trigo

Em 24 de dezembro de 1887, ocorreu um lamentável acontecimento que os jornais de 25 contaram do seguinte modo:

"A DUPLA DESGRAÇA DE ONTEM

Ocorreu às três e meia da tarde no porto de Barcelona. Uma família aragoneza, composta de mãe viúva, uma filha casada e um filho solteiro, já moço e convalescente de uma grave enfermidade, que se achavam à referida hora, sentadas, as duas primeiras, em um lance de uma das escadas do porto de Barcelona, e, de pé diante delas, o último, desfrutando os benéficos raios do Sol, para livrar-se do frio que reinava, e bem distanciados todos, sem dúvida alguma, da horrível desgraça que lhes ameaçava.

No referido porto se estava procedendo, segundo parece, a perigosa operação de amontoar, a granel, o trigo descarregado de um dos navios ancorados.

E seja por haver fraqueado um lado da muralha ou borda, que, para conter o trigo amontoado se costuma formar com sacos cheios do referido grão ao redor do lugar que se destina o objeto, ou seja que o peso do trigo rompesse a ligadura que atava a lona que o cobria, o caso foi que o trigo amontoado correu precipitadamente àquela direção, caindo como uma avalanche fora do porto, pela parte onde se achava a família acima mencionada; dois desses indivíduos, as duas mulheres, ficaram instantaneamente sepultadas.

O filho, ao ver derramar-se o grão, apressou-se imediatamente a ir em ajuda daquelas e quando ia estender as mãos à sua irmã, que o havia segurado por uma perna, um saco que caiu do porto lhe bateu com força no peito, lançando-o no chão, à distância regular.

Pelos gritos que deram os que presenciaram o acontecimento, vieram trabalhadores com pás para separar o trigo, em cuja tarefa os ajudaram muitas outras pessoas.

Mas, por mais que trabalhassem com afinco, tardaram um bom tempo em dar com o corpo daquelas duas infelizes, que ao serem descobertas, estavam já inanimadas. As duas morreram por asfixia, demonstrando-o a circunstância de ter a boca aberta e cheia de trigo, que se introduziu ao querer respirar.

O jovem ficou, como poderá supor-se, preso do maior desespero, ao ver ante si os cadáveres daqueles seres queridos, com quem minutos antes conversava alegremente, e sem o mais leve pensamento de que poderia ocorrer-lhes tão horrível provação.

Um detalhe: — Ao separar o trigo do lugar do acidente, foi achado vivo, junto à parede a que estava encostado, e de pé, um cachorro pertencente à família vítima do infausto acontecimento.

Um operário que contemplou aquela horrível catástrofe murmurou em tom silencioso, assinalando aos dois cadáveres: Que contraste!. . . Enquanto um grande número de trabalhadores sem serviço morrem de fome, estas duas infelizes morrem afogadas num mar de trigo."

Quando lemos o anterior relato, nos impressionou profundamente, como era natural, lamentando a morte daquelas pobres mulheres.

Mas, nos impressionaram mais ainda as palavras do operário; estas foram para nós uma advertência, um aviso que aproveitamos perguntando ao Espírito que guia nossos trabalhos se as palavras do operário encerravam o compêndio de uma história de horrores.

Nosso amigo invisível nos disse o seguinte:

"Tendes um refrão ou adágio nesse planeta que diz: "Voz do povo, voz do céu". Nunca uma inteligência simples esteve melhor inspirada que a desse filho do trabalho, contemplando as mulheres afogadas num mar de trigo.

Sabeis que as mortes violentas obedecem sempre ao cumprimento de uma lei iniludível, de dar a cada um segundo suas obras.

Grandes, e muito grandes, são as culpas cometidas pelo Espírito, quando tem que morrer violentamente, quando não pode preparar seu ânimo para esse momento supremo em que há de separar-se dos seres queridos, rompendo esses laços humanos que constituem indubitavelmente, o todo de sua vida terrena.

0 ato da morte, filosoficamente considerado, não é mais que desprender-se de um traje mais ou menos pesado, ficando ao espírito seu períspirito, e com este todas as sensações da verdadeira vida, pois que, ao abandonar a Terra, não perde, nem o entendimento, nem a memória, nem a vontade, e não deixa de ser sensível e doloroso, o abandonar lares onde foram escritos alguns capítulos mais ou menos interessantes da história eterna do espírito.

Se é triste despedir-se dos lugares onde se viveu e se amou, muito mais violento é verse separado, de improviso, das pessoas amadas sem haver podido fazer-lhes essas advertências, esses encargos sagrados dos últimos momentos, que até os seres mais ignorantes cumprem e respeitam como um mandato divino.

As mortes repentinas, seja sua causa qual seja, não o duvideis, são um castigo, que sofre o espírito; castigo merecido indubitavelmente, mas, porque uma sentença seja justa, não deixa de ser dolorosa a execução da mesma.

Por que pensais que, geralmente, o semblante dos anciãos adquirem essa expressão de doce serenidade e até se diz que os velhos se tornam crianças?

É porque o espírito está intimamente contente de haver estado na Terra o tempo suficiente, adquirindo os conhecimentos de que necessitava, saldando de uma vez as contas que se propôs a saldar. Poderá um ancião dizer: Quanto me pesam os anos!. . . mas se aquele mesmo espírito pudesse falar enquanto seu corpo repousa, quiçá diria todo o contrário, pois pensa de modo diverso, aderido a um corpo achacoso, ou desprendido de um organismo cujas múltiplas e importantes necessidades fatigam e deprimem o espírito.

Uma existência é uma viagem que empreende a alma para sua relativa perfeição, e assim como vossos exploradores terrenos estão contentes e até orgulhosos quando dão a volta a esse mundo e penetram em regiões inexploradas, do mesmo modo o espírito está satisfeito com sua obra quando contempla, desde o espaço, sua inservível envoltura dizendo:

Pobre corpo meu! Desagrega-te em paz! Quanto me serviram bem teus músculos de aço, teu sangue vermelho, a substância fosfórica de teu cérebro! Foste meu corcel de batalha e sempre me salvaste de perigos iminentes. . . Já não és nada! Teus átomos se desagregam e em cada um deles palpita ainda a sensação que lhe imprimiu minha vontade.

Cada existência é para o espírito um capítulo interessantíssimo de sua história.

Ai daquele que vem obrigado a desprender-se de seu envoltório quando mais apegado estava à vida terrena, que se odeia quando a razão enferma, quando o espírito não encontra no corpo todos os órgãos de que necessita para manifestar-se, e a prova tendes em vós mesmos. Quantas vezes dizeis que a vida é insuportável, que quiséreis morrer, e ao mesmo tempo, se sentis algum perigo que vos ameaça, fugis instantaneamente e procurais pôr-vos a salvo; viu-se mais de uma vez, recobrar sua agilidade, um entrevado ao ver cerca de si um cavalo desembestado.

A prova que tendes também nos pedintes que apesar de carecer de tudo que é indispensável para viver (alguns vivem anos e anos dormindo em diferentes lugares), vereis que nem por isso atentam contra sua miserável existência; ao contrário, habituam-se a privações, se embrutecem, porque a miséria embrutece indubitavelmente, mas conservam o instinto de conservação, pois o amor à vida é superior a todas as dores.

0 espírito ama seu corpo, por defeituoso e repugnante que seja, porque serve para seu adiantamento, pois a lei do progresso indefinido impõe essa união entre a alma humana e o organismo. São duas coisas que uma sem a outra não têm valor algum, pois se bem o espírito vive sem o corpo, no espaço, também é certo que nos mundos como o vosso, e em outros mais adiantados, sem um organismo apropriado às condições do planeta em que queira habitar, não pode realizar suas empresas, não pode associar-se à vida daquele globo que o atrai por suas magnificências e pelas recordações que desperta em sua mente a permanência nele de seres queridos enlaçados à sua eterna história.

Dos muitos erros que propagaram as religiões, um deles, o mais prejudicial sem dúvida alguma, é o desprezo que fizeram do corpo humano, destruindo-o com cilícios, golpeando-o com disciplinas, debilitando-o com jejuns, cobrindo-o com asquerosa sujidade.

Isto fizeram as religiões em sua infância e desse erro participaram algumas filosofias, não precisamente descuidando e olvidando as leis higiênicas que impõem o asseio, a limpeza e a moderada e sã alimentação, mas sim, até os que chamais espíritas, dizem: Ai, quando chegará a hora de deixar a Terra! Se me deixarem vou estar no espaço, séculos e séculos sem este corpo que tanto me pesa, sem esta matéria tão exigente. Oh! a verdadeira vida é a vida do espírito.

Estas inocentes exclamações conservam o sabor do idealismo religioso que é a aniquilação do ser.

Que pensais que podem gozar os espíritos no espaço cujo adiantamento não lhes permite sair da órbita traçada por seu trabalho e por seu relativo progresso? Credes por acaso que desfrutam da glória pintada pelas religiões?

Os espíritos no espaço também sofrem, também lamentam o tempo perdido em inúteis aturdimentos, também sentem a separação dos seres amados e as penas que estes sofrem.

A vida do espírito guarda perfeita relação com suas múltiplas existências: não sorri com o sorriso do justo o que deixou a Terra sem ser chorado e bendito; a crise da morte não antecipa os acontecimentos da história eterna do espírito.

O que não alcances na Terra ou nos mundos dondes habites, com vossa abnegação e sacrifício, não obtereis por haver deixado um organismo deficiente para vossas necessidades. Nada se ganha por assalto ou por lances da fortuna; em regiões da verdade tudo é pesado e medido pelas leis da mais estrita justiça. Os que não são mais que medianos em virtudes e em inteligência, não suspirem por deixar a Terra porque não conseguirão mais glória do que merecem vossos feitos.

Não desprezeis o tempo que tendes à vossa disposição para progredir e aperfeiçoar-vos, pois não tendes mais riquezas nem possuis mais tesouros que as horas que saibas empregar no, bem de vossos semelhantes, que são de grande proveito, porque o que difunde a luz é porque em si mesmo leva o foco.

Feitas estas considerações, que julgamos necessárias, vos diremos algo, ainda não concretamente sobre o passado dos seres que deixaram sua envoltura num mar de trigo.

Não sois vós somente os que perguntaram aos espíritos o que fizeram ontem as vítimas de tão inesperada catástrofe e a outros amantes do saber como vós, lhes foi dado detalhes circunstanciados de como e onde viveram ontem os que hoje morreram afogados por essa preciosa semente que serve de alimento à maior parte da Humanidade. Por nossa parte, não somos partidários de citar lugares nem datas, porque vossa história (que está muito mal escrita) é, segundo disse um de vossos sábios, uma conspiração contra a verdade, o qual é tão certo, que não conheceis do passado mais que invenções acaloradas e fantasias de espíritos apaixonados de seus ideais exclusivos.

Em vossos dias observais que os fatos mais vulgares são desfigurados por vossos historiadores, calculai se os cronistas do passado mentiram ao seu bel-prazer; assim é que temos o costume de referir feitos omitindo datas e lugar, porque a ação verificada não perde nem ganha importância em saber que foi executada às margens de rio, na borda do Gualdaqui-vir, sob as neblinas do Tâmisa, ou ante as vagas do Sena; o teatro é o de menos, o assunto do drama é o que interessa e o que exerce influência no progresso e no porvir do espírito.

Estas duas pobres mulheres do povo são dois espíritos enlaçados pelos laços mais íntimos da vida e, muito principalmente, pela identidade de suas aspirações.

Pertenceram em várias existências à casta sacerdotal que sempre foi avarenta (salvo poucas e honrosas exceções). Especialmente, numa existência não muito longínqua, esses dois espíritos contraíram a horrível dívida que pagaram faz poucos dias. Pertenciam à casta privilegiada de grandes sacerdotes, e eram venerados e temidos por humilde rebanho que, em torno deles, vivia miseravelmente depois de pagar dízimos e premidas à santa madre igreja católica apostólica romana.

Entre os que pagavam tal tributo havia dois anciães lavradores que eram irmãos gêmeos. Viviam juntos depois de ter perdido esposa e filhos, resultando de tantas enfermidades e mortes a total ruína de João e de Paulo, que não tinham em sua velhice mais que uma pobre casinha e alguns hectares de terreno plantado, embargados entretanto, por diversos credores.

Em tal situação, mal podiam pagar à igreja a quantidade estipulada por aquela, e assim comunicaram aos coletores eclesiásticos. Estes, deram conta a seus superiores, que não desdenharam em visitar a humilde morada de João e Paulo, a quem tinham marcada ojeriza porque eram livres pensadores, pois em todas as épocas houve espíritos que protestaram os absurdos religiosos.

A entrevista entre os quatro foi ameaçadora da parte dos velhos que se queixaram de uma igreja que exigia dos pobres o que ela ao contrário lhes devia oferecer, visto que se encontravam idosos, pobres, e sem ninguém que os cuidasse em sua indigência.

João e Paulo disseram grandes verdades e, naquele tempo, dizer a verdade era afirmar a sentença de morte. Mas, as almas leais não temem o martírio, e ainda que tivessem o pressentimento de que pagariam muito caro sua ousadia, falaram aos padres da igreja, com essa franqueza rude que usam os espíritos livres.

Os ministros de Deus lhes mandaram pôr uma mordaça, se apropriaram das terras embargadas e da pobre casinha; sob o pretexto de que tinham dinheiro enterrado, que mentiam como uns velhacos e que haviam insultado a igreja, os atormentaram alguns meses negando-lhes o alimento necessário, fazendo com que morressem lentamente da morte mais horrível: de fome. Deixaram-lhes sem comer até vê-los desfalecer, os alimentavam depois para começar de novo o tormento da inanição, até que morreram maldizendo seus verdugos. Estes, entretanto, aproveitando uma horrível seca, se apoderaram de todo o trigo que puderam, vendendo-o depois a preço fabuloso, podendo assegurar-se que cada grão de trigo converteu-se, para eles, naquela ocasião, em uma moeda de ouro.

A multidão esfomeada lhes pedia misericórdia; fingindo uma compaixão que estavam muito longe de sentir, davam-lhes trigo estragado, que ao ser aproveitado pelas massas famélicas, provocou uma peste assoladora que causou inumeráveis vítimas. Eles, no entanto, felizes em entesourar, não pouparam meios para comercializar com o trigo estrangeiro, já que os campos de sua pátria estavam endurecidos, negando-se absolutamente a deixar germinar em suas entranhas as espigas douradas do Bem.

E aqueles dois tiranos da Humanidade, aqueles infelizes, a quem nunca comoveu o choro do pequenino nem a súplica do ancião, nem o rogo desesperado de uma mãe rodeada de filhos esfomeados, morreram tranquilamente em seu leito. A igreja celebrou pomposos funerais, seus corpos foram depositados nas bóvedas de suntuoso templo, e escultores famosos fizeram suas estátuas estendidas, que dormem ainda sobre suas marmóreas sepulturas, sendo estas visitadas por inúmeros viajantes, porque são verdadeiras maravilhas de arte.

Assim é tudo neste mundo: acontece ir à fossa comum os que deviam ser canonizados, e são às vezes santificados verdadeiros monstros de iniquidade.

Mas, que importa que na comédia da vida humana se represente papéis à semelhança dos que são representados em vosso teatro? Será rei o ator que se cobre com um manto de púrpura e coloca sobre a fronte a imperial coroa?

Não, breves horas dura seu efêmero reinado, quando termina a função. Quando o espaçoso coliseu fica deserto, o ator volta a ser o que era antes: um comediante mais ou menos afortunado. Pois, exatamente, sucede o mesmo ao espírito que abandona este mundo; poderá já ter vivido em um régio castelo e já poderá ter sido seu menor capricho uma lei imperiosa; encontra-se no espaço como o ator ao sair do teatro, sem mais grandezas que suas muitas ou escassas virtudes.

Na Terra a farsa poderá continuar, poderá canonizar-se um verdugo da Humanidade; isto não impedirá que o verdugo volte à esse mundo para pagar olho por olho e dente por dente, como sucedeu aos dois ambiciosos açambarcadores de trigo que voltaram à este mundo em humilíssima posição e começaram pagando sua dívida morrendo afogados num mar de trigo como todo grão alimentício que negaram às multidões famintas, é justo que afoguem cem e cem vezes, pois não há dívida que não se pague nem prazo que não se cumpra.

Se assim não fosse, se a injustiça e a cegueira humana fossem um modelo da justiça, haveria motivo para que todos os homens enlouquecessem, os que pensam, porque a inteligência se perderia num caos.

Afortunadamente, não é assim, ninguém é feliz por privilégio, nem ninguém é desgraçado pelo abandono da Providência, cada um tem o que merece legitimamente, e se vos fixais nos que vos rodeiam, se estudais detidamente os capítulos que formam cada família da história humana, vereis que, deixando à parte os que vêm saldar contas terríveis, a maioria dos terrenos não sofre mais que as consequências de seus desacertos.

Muitos gemem na miséria porque nessa mesma encarnação malgastaram o que possuíam; outros adquirem dívidas e com elas sérias inquietações, porque não sabem resignar-se a viver em uma honrada e tranquila mediocridade, e mais de uma enfermidade, às vezes, vos aflige, porque satisfazeis imoderadamente vossos apetites.

Criais o mal com vossas imprudências; não esqueçais que relação igual guardam todos os atos da vida, que ninguém tem mais felicidade que aquela que ele mesmo criou. Por isso vedes, às vezes, pedintes que sorriem quase no ápice da felicidade, e é a perfeita tranquilidade de sua consciência que os rodeia de luz em meio da sombra mais densa.

Já sabeis, ninguém tem mais repouso e bem-estar que aquele que cria; compadecei-vos sempre dos que morrem como as desditosas mulheres, afogadas num mar de trigo. Ai daqueles que abandonam a Terra sem preparar seu espírito para esse ato solene chamado morte. “Adeus.”

Grandes verdades encerra a anterior comunicação. Cada homem é filho de suas obras. Devemos procurar que nossos atos não nos façam adquirir responsabilidade em nenhum terreno, para que, ao deixar o ator concluindo a função de teatro no qual desempenhou o papel de rei por alguns momentos, ao tirar o manto de púrpura e arminho, fique-lhe como coisa própria o mais leve pedaço de seu traje.

Entesouremos virtudes praticando boas obras, para que ao deixar a Terra, ainda que exalemos nossos últimos suspiros em humilde albergue, a verdade de nossos feitos resplandeça aqui e lá, e ainda que nossos restos sejam atirados na vala comum, tenha nosso espírito a imensa satisfação de exclamar: deixei a Terra em paz com minha consciência, e voltarei a encarnar sem nenhum temor.

Feliz o que contempla seu passado sem arrependimento e sorri tranquilo ante a esplendorosa aurora do porvir.

A última valsa

Estando certo verão em Deva, fomos uma tarde com vários banhistas dar um longo passeio pelo campo. Chegamos à uma quinta, descansamos na terra, que era muito espaçosa e, afortunadamente para os jovens, apareceu como que caído do céu, um moço italiano que tinha um realejo e, em seguida, se improvisou um baile; todas as moças dançaram, menos uma linda jovenzinha que estava acompanhada por sua avó.

Um cavalheiro chamado Alvarez, que estava com duas filhas, disse à anciã: Por que Susana não dança?

— Porque enquanto eu viver, não dançará. 0 baile é a perdição da juventude.

— Senhora, quando as jovens dançam diante de suas famílias, e são homens decentes os que acompanham, é uma distração honesta e até higiênica. Vamos, deixa-se de caprichos e permita que sua neta dance com meu amigo Sandoval. Todas as primaveras têm suas flores, sei por experiência, senhora.

Susana não falava com os lábios, mas seus olhos diziam eloquentemente o que desejava. Olhou sua avó, e esta, depois de mil negativas, por fim acedeu; a linda moça começou a dançar com o entusiasmo de suas dezessete primaveras. Alvarez, a avó de Susana e nós, afastamo-nos um pouco do baile e nos sentamos junto a um tanque, dizendo a velha senhora: Era necessário que o senhor pedisse para que eu deixasse minha neta dançar; é muito engenhosa, e não se pode deixar com toda a liberdade as moças, que logo resultam fatais consequências.

— Todos os extremos são viciosos, replicou Alvarez gravemente, ninguém melhor do que eu poderá dizê-lo. O que vi em minha família e, para que lhe sirva de experiência, vou contar porque concedo a meus filhos todos os gostos que posso. Lembra-se de meu irmão Pepe, o mais velho?

— Lembro-me, boníssima pessoa.

— Sim, era muito bom, mas muito esquisito. Lembra-se que se casou, e se encerrou em casa. Sua esposa, depois de um ano de casada, deu à luz uma menina e morreu uma hora depois do parto; meu irmão ficou inconsolável e, durante muito tempo, olhou sua filha com desagrado, porque dizia que ela era a causa da morte de sua mãe. Por fim perdeu aquela fatal mania e, queria Margarita com delírio, mas sem estudar o caráter de sua filha, que era uma imaginação de fogo, uma alma sonhadora, e tinha os olhos mais negros que um abismo; seus olhares contavam uma história, tinha uma voz de anjo, era uma jovem verdadeiramente encantadora, delirava com a música e o baile, e seu pai empenhou-se em fazê-la viver de maneira monástica.

De manhã, muito cedo, a levava à missa, fazia com que se confessasse semanalmente e, durante o dia, não permitia que Margarita saísse para parte alguma; à noite, por muito favor, vinham um momento à casa e minha mãe repreendia meu irmão e dizia-lhe: — Homem, tu não tens vontade de ir à parte alguma, deixa que Margarita venha comigo, que irá bem guardada, mas ele respondia: — Minha filha não veio ao mundo para se divertir, nele entrou fazendo uma morte; se sua mãe tivesse vivido, seria outra coisa, mas do modo que mudou o plano de minha vida, por nada do mundo mudarei de método.

Minha mãe, para evitar aborrecimentos, se calava, aconselhando sua neta a ter paciência, e me dizia que desejava que Margarita fosse minha esposa, para sair desse cativeiro. Eu gostava de minha sobrinha, mas sabia perfeitamente que não lhe agradava como esposo. Ela era sonhadora e, com aquela vida de escravidão, suas idéias se exaltaram muito mais.

O dia que ela completou 18 anos, casou-se uma minha irmã e, por esse motivo, houve em casa um grande baile. Meu irmão veio com sua filha e não permitiu que ela dançasse uma só vez; foi inútil que minha mãe e eu suplicássemos, e ao insistirmos, disse: — Vocês farão com que me retire. Margarita, ouvindo aquelas palavras assegurou que não bailaria, mas que por Deus, a deixassem assistir até o final da festa.

Seu pedido chamou-me a atenção. Segui seus olhares e logo soube porque tinha tanto empenho em ficar; um jovem pianista, meu amigo, de tipo muito romântico, pálido, com abundantes e belos cabelos, com uns olhos que contavam uma história de lágrimas, havia poderosamente chamado sua atenção. Seus olhares o seguiam por todas as partes. Ele não havia se fixado nela, tanto assim que tocaram uma valsa, composta por ele, a qual dançou-a com uma jovenzinha. Seja porque sua satisfação de compositor viu-se exaltada, porque a música fazia bater seu coração, e seu par fazia-o sentir, o certo é que meu amigo estava entusiasmado e Margarita o seguia anelante com seus olhos, dizendo-me:

— Que valsa harmoniosa! Se pudesse dançá-la! Acreditarias? — disse-me, olhando-me atentamente — se eu pudesse dançar esta valsa a felicidade me mataria.

- Pois, então, é melhor não dançá-la, disse-lhe sorrindo para dissimular minha atenção.

Os pares cansaram-se de dançar e, ao deixar de vibrar o piano, Margarita empalideceu, levou as mãos ao coração e disse-me:

— Tenho frio e calor ao mesmo tempo, mas nada digas a meu pai, que me faria ir. Mas a pobre menina começou a tremer convulsivamente, e teve que abandonar o salão dizendo-me ao ouvido: — Leva-me amanhã esta valsa, não esqueças. No dia seguinte Margarita teve que ficar na cama, mas ao verme disse-me: — Se trazes a valsa, toca. Sentei-me ao piano, comecei a tocar, e ela, segundo me disse seu pai, ao escutar a música chorou silenciosamente, depois, fechou os olhos e adormeceu.

Margarita continuou enferma de 18 a 20 dias; às noites, passava-as com febre, pela manhã se repunha por completo, perguntava por mim, e ao ver-me dizia: — Toca a valsa, enquanto escuto essa música sinto-me muito bem.

Seu pai estava como louco, porque os médicos lhe disseram que Margarita morreria sem remédio. A tísica a devorava e asseguraram que ele, com seu método de vida, havia acelerado a morte de sua filha, porque uma imaginação como aquela necessitava uma vida expansiva, com essas emoções naturais da juventude: sair, brilhar, desfrutar os encantos que oferece a primeira idade da existência. Meu irmão, repito, estava como louco, e querendo dar remédio quando o mal já estava feito, começou a dizer à Margarita que quando ficasse boa, viajariam, e a levaria a todas as diversões que quisesse.

— E me deixará dançar? Perguntava a enferma.

— Tudo quanto queiras, dizia meu irmão.

— Bailaremos aquela valsa? Dizia-me Margarita, olhando-me com inteligência.

Eu, tendo esperanças por ser ela tão jovem, falei ao jovem pianista do entusiasmo que minha sobrinha tinha por sua valsa, e ele agradecido, ofereceu-se para tocá-la, já que tão bom efeito lhe produzia. Era isto que eu procurava; fui com ele à casa de meu irmão, e disse à Margarita:

— Escuta atenta, que ele mesmo vai tocar a valsa. A pobre menina olhou-me de um modo tão significativo que nunca esquecerei a expressão daquele olhar. Ficou tão animada e contente que quis levantar e, como os médicos disseram que poderíamos deixá-la fazer o que quisesse, meu irmão fez vir a criada e nós fomos para o salão. Eu disse a Frederico que continuasse tocando a valsa e, dentro de pouco, entrou Margarita no salão, pálida como uma morta, mas tendo um rosto iluminado por um divino sorriso. Frederico a olhou, e ela para ele e ambos se compreenderam. Meu irmão estava contentíssimo, não sabia que fazer com Frederico e, desde aquele dia, meu amigo teve franca entrada em sua casa.

Minha sobrinha aliviou-se ao ponto de seu pai, em celebração, querer dar um chá onde a juventude cantasse e dançasse. Margarita estava aturdida ao ver a mudança de seu pai, e tinha ilusões pensando que iria bailar sua adorada valsa com Frederico; ambos faziam muito bom par.

Ela mesma, com febril atividade, dirigiu a confecção de seu traje de baile, que era de tule branco adornado com guirlandas de margaridas. Quando apresentou-se no salão, apoiada em meu braço, todos os convidados lançaram um grito de admiração: estava formosíssima. Eu a olhava e, não sei porque, tinha medo.

Primeiro cantou-se e ela estava animadíssima. Frederico, entusiasmado. Assim chegou a hora de dançar, tocaram a valsa favorita de Margarita, e esta, pela primeira vez em sua vida, começou a dançar. Não sei porque não a perdia de vista e, ainda que eu também dançasse, toda a atenção tinha fixa nela e, involuntariamente, recordava o que ela me dissera: Se eu bailasse esta valsa a felicidade me mataria. Primeiro tocaram pausadamente, mas era uma música tão especial, que sem querer, o pianista tocava depressa, e os que dançavam seguiam rapidamente o compasso.

Minha companheira sentiu-se cansada, e eu alegrei-me porque fiquei livre para olhar para Margarita que dançava entusiasmadíssima. Seus pés não tocavam a terra, não parecia uma mulher e sim uma sílfide, uma fada, uma dessas figuras aéreas que se vê em sonho.

Frederico, enlouquecido ante aquela maravilhosa aparição, continuava dando voltas sem saber onde estava, quando subitamente lançou um grito horrível, ao ver que a cabeça de Margarita, aquela encantadora cabeça que respirava juventude e vida, buscou apoio em seu ombro, lançando um débil gemido. Pegou-a como quem pega uma criança, saiu como um louco do salão, corri atrás dele, e quando pude alcançá-lo, encontrei Margarita, nos braços do pai e de sua avó, com os olhos fechados; entreabriu-os um momento e disse com a voz apagada:
— Que toquem a valsa, essa música me dá vida!

Frederico correu como um demente e começou a tocar piano. Margarita endireitou-se, escutou alguns segundos com verdadeiro êxtase, e sorrindo como podem sorrir os anjos, morreu. Com seu vestido de baile, a colocamos no caixão. Casei-me logo, fugindo de sua lembrança, sempre a via bailando sua primeira e última valsa. Frederico, verdadeiro artista, ficou tão impressionado que teve que ir-se à América para apagar a impressão que Margarita lhe causou dançando. Dizia-me:

— Creia-me Alvarez, tua sobrinha não era uma mulher, foi-se porque era impossível que estivesse na Terra um ser tão imaterial. Quando eu falava com ela, parecia-me que estava em outro mundo.

Eu, de minha parte, que nunca havia sido idealista, mas muito dado à lógica, acreditava firmemente que o pai assassinara Margarita pouco a pouco.

Aquela criatura vivia mártir e morreu porque era impossível resistir a tanta contrariedade; seu organismo teve que ressentir-se daquele martírio contínuo. Como tive experiência em minha família, quando casei-me, e minhas filhas pediram-me carinho, fui para elas um pai verdadeiramente complacente. Minha esposa se ri, muitas vezes, mas não mudo meu plano, e muito mais desde que Margarita me aconselha como hei de educar minhas filhas.

— Que diz? Contestou a anciã, pois Margarita morreu, como pode aconselhá-lo?

— Muito simplesmente, seu espírito se comunica comigo.

— Ave Maria, puríssima, que diz?

— Não se recorda que sou espírita?

— Mas, homem, isso de Espiritismo é uma farsa.

— A senhora está cometendo um erro, desculpe-me que lhe diga. Não direi que não haja farsantes entre os espiritistas, mas cada um fala da feira, segundo lhe foi ela e do modo porque conheci o Espiritismo, não tenho a menor dúvida de que é verdade.

— Como o senhor o conheceu?

— Da maneira mais simples: minha filha mais velha teria uns seis anos, quando, uma noite, eu estava escrevendo e ouvi Matilde chamar-me aos gritos. Corri para ver o que havia e encontrei-a sentada na cama, dizendo-me:

— Ai, papai, aqui está uma senhora de branco, que me quer abraçar!

Sem saber por que, pensei em minha sobrinha; perguntei-lhe quais os sinais que tinha a senhora, e minha filha descreveu a figura de Margarita. Ela não havia conhecido, nem havia visto nenhum retrato de minha sobrinha, porque seu pai entre muitas esquisitices nunca a deixou retratar-se. E o que mais me chamou a atenção foi que me disse: leva a mão ao peito e me assinala um ramo de margaridas brancas, que estão manchadas de sangue, assim como o vestido; e, justamente de Margarita, ao morrer havia saído uma golfada de sangue que manchou todo o peito.

Essa particularidade me chamou vivamente a atenção, e me fez pensar, mais ainda, o fato de minha filha acostumar-se a ver essa aparição dizendo-me muito a miúdo:

— Aqui está a senhora vestida de branco, diz que me quer muito, e a ti também.

Consultei um amigo (padre, por certo) e este me disse: — Não tenhas a menor dúvida que tua filha vê o espírito de Margarita, os mortos vivem.

Comprei os livros de Kardec, li, estudei-os, fiz experiências, para ver se era médium, e tive a imensa satisfação que Margarita se comunicasse comigo, que é um Espírito muito bom e muito sofreu na Terra.

Ela ajudou-me a educar minhas filhas, e sempre me diz que adoce quanto possa as horas de suas vidas, pois fartamente amargas costumam ser na Terra. Por isto, hoje, quando vi o que a senhora fazia com sua neta não a deixando dançar e desfrutar um prazer tão inocente, recordei-me de Margarita, que foi vítima da tirania paterna.

Terminou o baile, Susana abraçou sua avó, e todos regressamos à hospedaria, satisfeitos do passeio, em particular as moças e os jovens. Nós, que já tínhamos noções do Espiritismo, naquela mesma noite perguntamos a Alvarez se tinha inconveniente em evocar sua sobrinha, para vê-la escrever; disse-nos que nenhum e, depois do jantar, com sua esposa e filhas, vieram a nosso quarto e com grande recolhimento evocamos Margarita. Primeiro veio outro Espírito, e depois ela, que deu uma comunicação muito comprida, e, como se refere à educação dos jovens, cremos oportuno copiar alguns parágrafos. Alvarez foi tão amável que nos deu uma cópia que começava assim:

— "Que formosa é a juventude! Que ingratos sois na Terra! Muitos de vós não concedem a essa idade seus inocentes gozos e suas puríssimas alegrias! Em todas as idades do homem dominam a ambições, mas na juventude, tudo é pureza, tudo é abnegação, tudo é poesia!"

"Pais de família! Concedei a vossos filhos essas doces, essas inocentes expansões que tanto agradam ao espírito, que tanto o alentam e servem para adoçar seu sentimento."

"Contenta-se com tão pouco a juventude! Eu quando estive na Terra, teria sido ditosa em passear pelo campo com uma amiga a quem contar meus sonhos, mas vivi tão só e contrariada que minha imaginação sonhadora chegou à exaltação do delírio. Amei a música com loucura, dei a certos bailes tal encanto, privada como estava de todas as distrações juvenis, que a força comprimida de minhas emoções destruiu meu organismo quando meu débil corpo agitou-se ao compasso daquelas doces notas que tão profunda impressão me causaram."

"Pais de família! Não aumenteis com vosso método de educação os sofrimentos da existência. Concedei a vossos filhos essa liberdade moderada que harmoniza o trabalho e o recreio, fazei com que trabalhem de acordo com a medida que dais ao tempo, uma semana se necessário, e o dia consagrado ao descanso, concedei-o inteiro; deixai-os, se possível, que saiam ao campo, que respirem livremente. As condições da vida terrena são monótonas, há existências que se convertem em dolorosa expiação pela ignorância que domina. Eu vivi morrendo, a prova que escolhi foi superior às minhas forças, e os que habitam esse mundo devem fazer um estudo especial para que vivam agradavelmente os que dependem de vós; observai suas tendências, suas inclinações e, se estas não podem prejudicá-los fazei todo o possível para que realizem seus sonhos, essas jovens almas sedentas de amor e de luz."

"0 Espírito está muito escravizado, vossas leis, vossa autoridade paterna, vossos velhos costumes, tudo conspira contra a pobre mulher, que tem que viver à mercê de seus pais e, se estes não procuram diminuir os sofrimentos inerentes à vida humana, o espírito, em sua primeira época, vive estacionado, ou deixa seu envoltório como eu fiz, porque o sofrimento chega a gastar o organismo, ou vive sem fazer nenhum adiantamento. E os pais, o que devem desejar é o progresso de seus filhos, que são espíritos que vieram pedir-lhes apoio, amparo."

"Quando um amigo vos pede um favor, se quereis, vos esforçais para atendê-lo, pois bem, os filhos são amigos de além-túmulo que se associam a vós, não para que os escravizeis, nem para mortificá-los, nem para fazê-los viver contrariados, senão para aconselhá-los e ajudá-los, e afastar os obstáculos que sempre se encontram no escabroso caminho da vida. Os filhos procuram em seus pais, aliados companheiros; oferecem-lhes um meio de progredir, porque amando, o espírito progride, e unidos pais e filhos, por esse caminho superior a todos os amores da Terra, uns e outros progridem, porque amam e se ajudam mutuamente."

"A criança, sem os cuidados dos pais, não pode viver; e o velho, sem as atenções de seus filhos e as carícias de seus netos, é como uma árvore morta que se desprende de suas folhas secas e nada deixa atrás de si."

"Convém muito aos terrenos o estudo do Espiritismo, para vos convencerdes de que os pais não são os árbitros da sorte de seus filhos, que sua obrigação, é querê-los, instruí-los, fazendo com eles o que talvez aqueles mesmos seres fizeram conosco, quando vos serviram de pais em anteriores existências. 0 dever do espírito é amar tudo que o rodeia e, por lei natural, deve querer com mais anelo os seres ligados a ele por laços materiais, sem fazer nunca valer sua autoridade de pai para mortificar ao terno ser, que a Providência pôs a seu cuidado. Não os fazei responsáveis por nossos desacertos, pois o mero fato de encarnar na Terra, é prova de que tendes de saldar longas contas."

"Pais de família! Amai a vossos filhos, querei e, ademais, compadecei desses pobres jovens, desses débeis lírios que murcham e morrem se lhes falta o calor de vossas carícias. Eu fui uma dessas pálidas açucenas, minha alma não pôde exalar o perfume de seu amor.

Eu amava a arte em todas as suas manifestações, eu tinha um mundo de sentimento em meu coração, e a exuberância de minha extrema sensibilidade rompeu todas as fibras de meu ser, dando um valor sobre-humano a umas quantas notas musicais. Todas as ilusões de minha alma sonhadora, todos os desejos que havia alimentado, todo o amor que ardia em minha alma o encontrei expresso na valsa que me fez sentir todas as emoções dos céus, e todas as torturas da Terra."

"Não é a vossa linguagem a mais apropriada para dizer-vos o que senti com aquela valsa; entre essa música e mim há toda uma história. Ao ouví-la, nos últimos tempos na Terra, não podia compreender porque me causava tão profunda impressão. Hoje tudo me explico, tudo está enlaçado na vida, não há sorriso que não tenha o seu ontem, não há gemido que não esteja composto de múltiplas recordações. 0 amor dos espíritos, entre si, é o encarregado de fechar todas as feridas do coração."

"Amai-os, dai aos seres que tendes a vosso cuidado uma vida expansiva, agradável, sorridente. Procurai que os jovens sorriam; aprendei na Natureza, cada estação tem suas flores e frutos, de igual maneira as idades do homem têm suas diferentes aspirações."

"Deixai que a criança brinque e se agite. Deixai que a jovem sonhe e sorria, já que mais tarde a idade madura e a velhice oferecem ao espírito sérias meditações, profundos desenganos e amargo tédio. Não enveneneis a água da vida, que já se turva com vossas lágrimas."

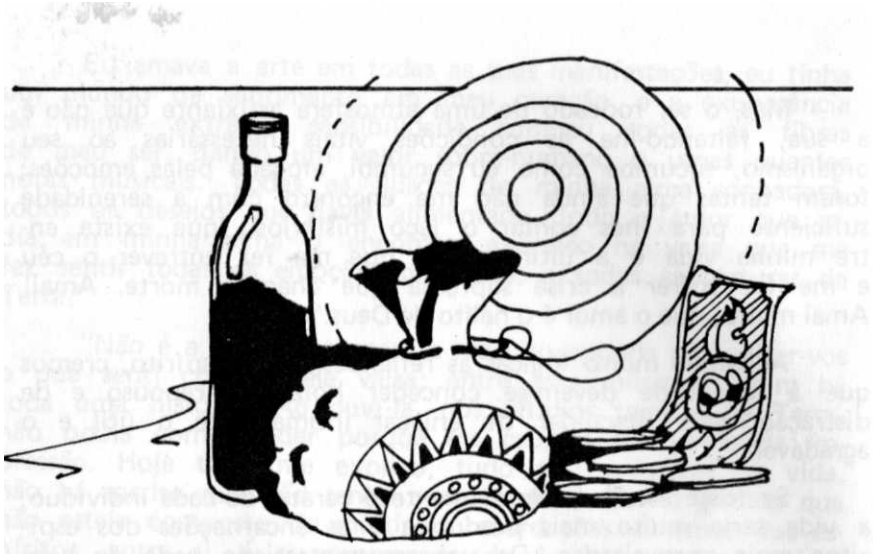
"Triste é contemplar uma árvore centenária que inclina sua copa esmagada pelo peso dos séculos, mas é mais triste ainda ver um arbusto que cai destroçado por um furacão."

"Aos espíritos, quando encarnam, convém prolongar sua permanência no mundo que escolheram, porque assim utilizam seu tempo, trabalham e se fortalecem.

Mas, o ser rodeado de uma atmosfera asfixiante que não é a sua, faltando-lhe as condições vitais necessárias ao seu organismo, sucumbe como eu sucumbi, afogada pelas emoções; foram tantas que ainda não me encontro com a serenidade suficiente para lhes contar o laço misterioso que existe entre minha vida e a última valsa que me fez entrever o céu e me fez sofrer a crise suprema que chamais morte. Amai! Amai muito, que o amor é o hálito de Deus."

Achamos muito lógicas as reflexões desse Espírito, cremos que à juventude devem-se conceder horas de repouso e de distração, sem descuidar de enlaçar intimamente o útil e o agradável.

Se fosse estudado detidamente o caráter de cada indivíduo, a vida seria muito mais produtiva e as encarnações dos espíritos mais aproveitadas. De um ser contrariado nada de bom se pode esperar, nem em seu próprio bem, nem no bem dos demais. A dor é muito egoísta, não se ocupa a não ser de si mesma, e a felicidade é mais generosa, se parece ao Sol que para todos estende seus raios, do mesmo modo as almas difundem o prazer ao seu redor. E, os seres que vivem como viveu a pobre Margarita não estão na vida real, sua imaginação exaltada os faz delirar e até morrer escutando a doce harmonia de uma valsa. O espírito para progredir tem que viver dominado pela lógica da razão, no firme terreno da verdade.



A economia

Em um jornal de Granada, lemos o artigo intitulado "0 que pode a economia", no qual o distinto e incógnito escritor, depois de tecer considerações sobre a economia, refere-se a um fato que é de grande ensinamento, o qual transcrevemos a seguir:

"Faz uns dezessete anos, um fabricante de Barcelona tinha um operário muito hábil, por conseguinte o que mais ganhava, mas habituado a tomar vinho, tanto que costumava embriagar-se, sem que houvesse maneira de corrigi-lo. 0 fabricante o despediu muitas vezes, mas não tardava em voltar a recebê-lo no interesse de sua fábrica. Entretanto, o vinho chegou a dominar de tal modo o infeliz operário, que se julgou impossível conservá-lo no atelier por maior que fosse a sua habilidade. 0 homem, num momento de lucidez, compreendendo a razão que assistia ao dono da fábrica, lhe suplicou, mas o dono somente concordou em recebê-lo mediante um salário muito reduzido.

— Assim, disse-lhe, não terás dinheiro para ir à taberna, visto que o que te dou apenas te chegará para comer.

O operário, que fora daquele vício era bom, consentiu persuadido de que lhe convinha curar-se de tão abominável costume.

Durante uns meses nada houve para censurar-lhe, cumpriu a promessa. Mas, passado aquele tempo, voltou à taberna, e ainda que a princípio não bebesse, afinal sucumbiu ao vício e voltou a embriagar-se. O fabricante o chamou e lhe apresentando uma caderneta da Caixa Econômica, onde estava a importância de noventa duros, lhe disse:

— José, esta caderneta em meu nome representa o que deixei de te pagar para te corrigir do vício do vinho. Vejo que voltas a entregar-te ao vício, faltando às tuas promessas e propósitos, e não quero que fique em minha casa quem tem pouca vontade para cumprir o que promete. Mas este dinheiro é teu e vou pô-lo em teu nome e farás dele o que queiras.

O operário ficou espantado e confundido ao saber que era dono de noventa duros. A posição imprevista de semelhante capital foi para ele, de um grande e prodigioso efeito.

— Não, não, exclamou, guarde estes noventa duros, como meus e bendito seja o senhor. Noventa duros, guarde-os para mim até que me restabeleça e deles necessite. Agora sim, posso pensar em casar-me e ter minha casinha e meus filhos.

Cumpriu sua palavra o operário e hoje é dono de uma fábrica na Catalunha, cujos produtos são procurados com empenho no mercado, e premiados em todas as exposições.

O capital formado lentamente pela força do trabalho, foi para ele a base de sua independência, de sua saúde e de sua felicidade. De que serviria gastá-lo na taberna?

Serviria para enterrar-se no lodo da mais completa degradação, porque a embriaguez é um dos vícios que mais embrutece e humilha o homem."

Sempre cremos que a poupança nos é tão necessária como o ar que respiramos, e ainda que alguns digam que não se deve amar o dinheiro, porque os que o amam se convertem em avaros, cremos que uma coisa é ter cobiça, e outra é ter previdência. Muitas mães têm o bom costume de comprar para seus filhos, enquanto são crianças, um pequeno cofre onde vão atirando suas economias e que, um dia, lhes servirá para comprar um bonito brinquedo ou lindo vestido. Recordamos que estando em Toledo fomos passar um dia numa casa de campo cujos donos são um honrado casal com sete pequenos. A maior parte do ano passavam em sua formosa chácara, e segundo diziam, queriam aproveitar a infância de seus filhos, pois quando crescessem deveriam estar em Madrid para estudar.

É uma família verdadeiramente patriarcal. João e Heloísa se amam tão profundamente que apesar de terem muitos anos de casamento, não podem viver um sem o outro. Tiveram a sorte, ou mereceram esta felicidade, que todos os seus filhos são espíritos adiantados, dóceis, carinhosos, expressivos, assim é que passar um dia com eles é passar um dia glorioso, e sempre nos lembramos do dia que passamos em sua companhia na chácara de Toledo.

Pela tarde, enquanto os meninos jogavam no jardim, João e Heloísa me mostraram, minuciosamente, toda a casa, chamando-me a atenção o dormitório das crianças que era um salão grande onde havia sete caminhas de ferro envoltas em cortinados brancos de musselina, atadas com grandes laços de fita de moarê azul.

Sobre uma cômoda havia sete cofres de barro vermelho, tendo cada um escrito com lápis branco o nome de seu dono, e debaixo um letreiro que dizia: caixa dos pobres.

Aquelas simples caixas de economias nos fizeram rir alegremente, porque nos recordaram nossa primeira idade. Que criança, se teve uma mãe carinhosa e previdente não fixou com seu ansioso olhar, uma dessas caixas de barro fechadas como o futuro, com uma só abertura pela qual o garoto olha com afã querendo atrair com o magnetismo de seu olhar os tesouros que encerra aquela caixa de valores da infância?

Que menino não se acreditou mais rico que Creso fazendo soar seu cofre? Horas benditas, instantes de repouso que não se voltam a ter em uma encarnação!

Entre as caixinhas de economias, chamou-nos vivamente a atenção ver debaixo de um globo de cristal, sobre uma almofada de veludo azul, um cofre quebrado.

— Que é isto? Perguntamos.

— Minha primeira caixa econômica, disse João gravemente. Estes restos guardam uma história.

— Podemos saber?

— Sim, contarei com muito gosto.

Sentamo-nos os três, e João começou seu relato dizendo com voz comovida: "Tive a felicidade de ter por mãe uma mulher tão boa, tão cuidadosa, tão amante de seus filhos, que vivia consagrada à minha irmã e a mim. Meu pai morreu quando eu era muito pequeno, e ela continuou com a modesta loja de fios e seda, que havia sido o único patrimônio de meus avós paternos.

Comprou para mim e minha irmã, para cada um, um cofre muito grande e todo dinheiro que recolhíamos de nossos parentes, pelo Natal e nos dias santos, nos fazia guardar no cofre, dizendo:

— Olhem, filhos meus, vocês estão bem alimentados, não lhes falta roupa para abrigá-los, têm brinquedos para distrair e livros para instruir, o que comprar seria supérfluo.

Pois então, guardem esse dinheiro para as necessidades; e ela mesma punha em nossas mãos as moedas, e nos fazia pô-las no cofre. Continuamos vivendo tranquilamente sem outros incidentes desagradáveis, até uma terrível enfermidade que minha irmã teve aos 14 anos. Sua convalescença foi penosíssima, e os médicos aconselharam que ela viajasse, que mudasse de ares e de águas, para recobrar forças. Então, minha mãe deixou-me na loja com um tio, e ela se foi com minha irmã, lançando mãos das economias desta última, para cobrir os gastos de viagem, na qual recobrou a saúde e encontrou sua felicidade, pois que conheceu um moço muito bom que três anos depois veio a ser seu marido.

Enquanto minha mãe esteve fora, estando um dia na loja (teria então uns 17 anos, vi entrar um cego, vestido com decência, guiado por uma menina de 10 a 11 anos, e esta entregou-me uma carta de um irmão de minha mãe residente em Madrid. Recomendava-nos aquele cego, que tinha perdido a vista trabalhando em diamantes e queria ir a Paris onde havia um oculista alemão que fazia milagres. Necessitava reunir o dinheiro da viagem para ele e sua filha, que era um anjo de bondade, e a cura pensava consegui-la grátis; que era um homem muito bom, e que procurássemos recomendá-lo aos nossos amigos, pois que faríamos uma verdadeira obra de caridade.

Não sei o que senti ao ler a carta, olhei o cego e sua filha, fi-los sentar, e lhes pedi mais explicações.

O pobre enfermo contou-me o que lhe acontecia, o afã que tinha para recobrar a vista, para ser útil à sua filha.

A menina chorava silenciosamente, e via-se que pedir uma esmola lhe era muito doloroso.

Sem saber porque, ao ver aquele quadro tão comovedor, recordei as frases de minha mãe quando me fazia guardar minhas economias dizendo-me com ternura:

— Reserva este dinheiro para uma verdadeira necessidade.

Eis aqui uma verdadeira necessidade, pensei, e subi ao meu quarto em busca de meu cofre, entregando-o ao cego com a maior alegria, dizendo-lhe:

— Tome, aqui tem minhas economias. Minha mãe disse-me sempre que guardasse o dinheiro para uma verdadeira necessidade. Que maior necessidade que a vossa? A vista é a vida. Queira Deus que possais viver. O digno enfermo de modo algum quis aceitar meu donativo sem permissão de minha mãe. Assegurando-lhe porém, meu tio, que minha mãe ficaria muito contente com meu proceder, depois de muitos rogos, acedeu aos meus desejos, e ele mesmo deu um golpe no cofre de barro que se quebrou em pedaços. Contamos o que continha e foi com imenso júbilo, pois havia mais de 4.000 reais, que ele aceitou como empréstimo, dizendo que estava convencidíssimo, que me poderia pagar logo a importância que tão generosamente lhe emprestava.

Se tenho que ser franco, mais que sua desdita comoveu-me o pranto de sua filha, aquela menina que ainda trazia o luto de sua mãe; ela absorveu tanto minha atenção, que não me teria separado dela. Fiz que ficassem para comer e aquela mesma noite seguiram para Paris; o pobre cego chamou-me filho ao estreitar-me contra seu coração, dizendo à sua filha: Heloísa, abraça teu irmão, teu salvador, por ele terás pai.

Reparamos que enquanto nosso amigo falava, sua esposa chorava silenciosamente, e compreendemos que ela era a menina que acompanhava o cego, e apertamos sua mão com carinho. João sorriu e prosseguiu dizendo:

— Compreendeste que esta era a menina, e me alegro que tivesse adivinhado.

Pois bem, foram, e não reparei então que Heloísa havia guardado no lenço o cofre. Quando minha mãe veio, e contei-lhe o que tinha feito, não me disse nada, mas deu-me um abraço de que ainda sinto a leve pressão. Heloísa portou-se como uma mulher, nos escreveu contando todas as peripécias da cura de seu pai; seis meses depois vi que entrava na loja com os olhos cheios de vida. Aquele foi o momento mais feliz de minha vida e minha mãe tomou uma parte muito ativa em minha alegria. Como era boa!

Assim que viu Heloísa, simpatizou-se com ela, compreendeu o que valia, e soube que eu a amava. Estiveram descansando em casa oito dias, e ao regressarem a Madrid, obtive permissão de minha mãe para lhes acompanhar.

Que viagem feliz! Heloísa nunca foi criança, parecia u'a mulher, assim é que seus olhares me fizeram compreender que meu carinho era correspondido. Quando voltei a Toledo me pareceu que o mundo era muito pequeno para conter minha felicidade.

O dinheiro que o pai de minha esposa ganhou, na primeira semana que voltou a trabalhar, empregou parte dele em três décimos da loteria, e uma manhã vi-o entrar com Heloísa, radiante os dois de alegria.

— Escuta João, disse-me ele, entregando-me tuas economias te disse que aceitaria como empréstimo. Hoje venho devolvê-las; aqui as tens, com os juros. E em notas do Banco, apresentou dez mil duros que lhe saíram por sorte na loteria.

Desde então formamos uma só família. Aquele homem generoso não quis administrar o dinheiro, deixou-o em poder de minha mãe como dote de Heloísa e ele continuou trabalhando, mas vivendo em nossa companhia e querendo-me muito. Foi quem guardou os restos de meu cofre como sagrada recordação. Era um Espírito tão agradecido que me pagou com juros o bem que lhe fiz, e quando me casei com Heloísa pensamos que enlouqueceria de alegria. Como nossa felicidade era em grande parte devida à minha caixa de economias, não descuidamos em dotar nossos filhos com tesouro igual, e fazemos o possível para que empreguem suas economias, como dizia minha mãe, em casos de verdadeira necessidade.

— Tendes um pensamento muito bom.

— Nem tudo é obra nossa, disse Heloísa sorrindo, meu pai sempre me aconselha que acostume meus filhos à economia.

— Mas teu pai não morreu?

— Sim, dois anos depois de termos casado, mas vem seguidamente ver-me. Não sabes que sou espírita e além disso, médium vidente, e escrevente?

— Sabia que eras simpatizante do Espiritismo, mas ignorava que fosses médium.

— E muito boa, replicou João, temos um livro de comunicações obtidas por ela, e algumas são valiosas.

— Não faças caso de meu esposo. Para ele é notável tudo que faço. Obtenho comunicações puramente familiares, meu pai segue aconselhando-me do mesmo modo que fazia na Terra, nem mais nem menos, é um espírito muito amante da família, enlaçado a João e a mim; por ter sido em muitas existências nosso pai, vela por nós.

— Ah, então assim se explica a ação de João. é necessário muito sentimento para isso.

— A única coisa que digo é que ao vê-lo senti o que nunca havia sentido, ainda em honra da verdade, o pranto de Heloísa foi o que mais me comoveu. À parte isso, o quis muito e quando morreu senti mais que quando perdi minha mãe, confesso, e essa mesma tristeza me fez procurar o Espiritismo. Para mim, fora de minha esposa e de meus filhos, não tenho outro gosto que ler as comunicações de meu sogro, porque sempre encontro nelas algo que aprender.

— Leia alguma.

Não tive que dizer duas vezes, porque em seguida trouxe João um livro luxuosamente encadernado, e nos leu a seguinte comunicação:

"— A economia, que bem faz esta modesta cópia da riqueza! Que útil pode ser, o homem à Humanidade, quando para ela reserva o fruto de suas economias! Viver pensando nas necessidades dos demais, é viver dentro da lei de Deus.

O que economiza pelo prazer de entesourar é digno de compaixão, mas o que se priva do supérfluo para dar ao outro o necessário, andou metade do caminho da glória. Isto sucedeu a ti, meu filho: recolhi a semente que noutro tempo semeei em teu coração. Inculquei em tua mente o amor à economia; quem me diria então que meu trabalho secundado mais tarde por outro Espírito de bom sentimento haveria de me proporcionar o gozo maior que poderia ter na Terra: recobrar a vista do corpo e encontrar uma alma sensível que tanto escasseia neste planeta?

O trabalho acumulado é um depósito de virtudes, é uma caixa de economias que o espírito encontra quando mais necessita. Eu tinha que sofrer a horrorosa prova da cegueira durante longo tempo, mas eu te havia amado muito em muitas existências, e havia inculcado em tua mente os mais generosos sentimentos. Eu te havia educado com o mais terno desvelo, eu havia depositado em ti todo o meu amor; por isso, encontrei em ti tão nobre desprendimento, porque era parte integrante de meu ser, e porque te havia amado em tuas anteriores encarnações. Escuta meu filho, não me cansarei nunca de repetir que ames muito a teus filhos, que faças tua caixa como fiz eu, que no meio de minha justa expiação encontrei teu carinho que foi meu posto de salvação. Recorda os conselhos de tua boa mãe, não acostumes teus filhos a viver na miséria, porque os espíritos que se fazem avaros vivem com mesquinhez. Mas também não deixes que se engrandeçam na opulência, que se façam indiferentes às provações do próximo, por não conhecerem o sofrimento.

Num bom meio consiste a virtude, faze com que amem a vida proporcionando-lhes honestas e moderadas satisfações, e fala-lhes continuamente dos sofredores.

Cria-lhes a caixa de economias para que se acostumem à prudência, e assim conseguirás levar teus filhos pelo caminho da virtude, e viverás feliz entre espíritos dóceis e humildes, única felicidade que é dada ao homem desfrutar na Terra."

— Tens razão teu marido, Heloísa, é muito boa essa comunicação. Certamente que a economia é a primeira base do bem estar da família, porque não basta que dois seres se queiram, são necessários recursos para viver, proporcionando-se meios de subsistência, para desfrutar de duradoura paz.

Sempre que lemos algo referente à economia, nos recordamos de João e Heloísa, desses dois seres virtuosos, que educam seus filhos nos princípios de sã moral.

Felizes eles que, em seu adiantamento, vivem uma existência tranquila, rodeados de seus ternos filhos.

As famílias felizes são o fruto maduro da árvore do progresso.

Bem-aventurados os espíritos que sabem progredir.

Justiça

UM ERRO JUDICIÁRIO
TRINTA E CINCO ANOS DE PRESIDIO

Há poucos dias chegou a Reggio de Calábria, Francisco Crea, um ancião de 72 anos, alto, seco e enfermo. Seu semblante denunciava longos sofrimentos e de sua maneira de falar se deduzia que havia estado longos anos no presídio, 35 segundo os certificados que trazia consigo.

A notícia de que um presidiário inocente regressava à sua pátria, a aldeiazinha de Palizzi, situada na Calábria, havia circulado pela imprensa e dois repórteres saíram ao encontro do liberto, em Reggio, e conseguiram que lhes comunicasse algumas interessantes notícias de suas aventuras e de seu cativeiro.

"Corria o dia 13 de fevereiro de 1865, último dia de carnaval", começou dizendo, "quando meu irmão Antônio teve uma disputa com Pedro Caiba, em Palizzi; o agrediu e procurou refúgio numa casinha de campo minha, a fim de não ser detido e para evitar mais questões com o agredido.

Mas, um filho deste, chamado Francisco, tendo notícia de que meu irmão havia esbofeteado seu pai, pôs-se perto do refúgio de Antônio, armado para surpreendê-lo. Como meu irmão não saía ao ar livre, o rancoroso Francisco tratou de pôr fogo à casa, incendiando um viveiro próximo a ela.

A sinistra luz do viveiro, convertido em fogueira, Caiba viu sair fora de sua casa, Antônio D'Amico Matarazzaro, e crendo que fosse meu irmão lhe apontou a arma, disparou a espingarda e o deixou morto com um balaço. Soube que D'Amico havia sido assassinado perto de minha moradia, mas nada temi.

Quando me acusaram de homicídio, protestei.

Tive algumas polêmicas sem importância com o assassinado, por afirmar este que meu filho havia causado danos em sua plantação; mas essas questões foram de pouca importância e por elas não se podia pretender acusar-me de um gravíssimo delito. Fui preso e, entretanto, por meio de declarações artificialmente combinadas, me processaram e compareci ante o tribunal do júri, em Reggio de Calábria.

Ali me condenaram à morte, apesar dos esforços de meu defensor, o respeitável barão Giuseppe Nanni.

Solicitei recurso ante o tribunal de cassação e meu defensor, o advogado Casella, obteve a anulação da sentença; e enviou-se a causa ao tribunal de Monteléon Calabro. Ali me defendeu o advogado Fernandino de França. Sua defesa foi tão eloquente que ainda corações de pedra ter-se-iam comovido.

Fui condenado à morte por maioria de um só julgamento e a pena foi comutada por prisão perpétua.

Sempre chorei amargamente minha desgraça, sempre fui inconsolável, primeiro por ter sido condenado, sendo inocente, e também por haver deixado em casa uma mulher angelical, minha esposa Bruna Luciano, três filhos, Vicente, Savério e Eurico."

Conduzido e condenado ao presídio de Civitavechia, passou vinte anos ali, classificado sob o número 21-28. Transferido logo ao de Portolongone, o recolheram, por último, ao de Portoferraro, onde perdeu toda esperança de liberdade.

Transcorreram trinta e cinco anos, quando Francisco Caiba, gravemente enfermo e tendo em conta que havia prescrito o delito, declarou-se o autor da morte de D Amico ante o notário Ajello; um protetor de Crea, o barão Vicenzo de Basio, chamou a atenção do Ministro da Justiça sobre o espantoso erro judicial.

"O diretor do presídio", prosseguiu Crea, falando dos últimos momentos de sua prisão, "havia-me anunciado que ficaria livre em dois ou três dias, mas eu duvidava de tanta ventura, quando o cabo de guarda mandou que apresentasse o número 21-28, que eu trazia; estremeci e abracei e beijei os meus companheiros de pátio. Chegou um homem, deixou no chão a bigorna e o cinzel, partiu a corrente que havia trazido durante trinta e cinco anos e que deixou em meu corpo sinais indeléveis". "Fui enviado", continuou o liberto, "do presídio à cela de Pasanante, onde se apresentou um alfaiate para tomar medidas para confeccionar-me esta roupa. No dia seguinte estava em liberdade, mas sem ter o que comer. Alguns jovens ingleses que trabalham nas minas de Portoferraro, deram-me de comer, de beber e me entregaram cerca de seis liras, recolhidas em uma coleta.

Um delegado de segurança entregou-me depois uma lira e vinte cêntimos, viajei com passe até Nápoles, e afinal cheguei a esta cidade.

Crea anunciou em seguida que se transferiria à Palizzi, onde habitam seus três filhos, todos casados, e um com a filha de Francisco Caiba; lamentou a desventura do infeliz D'Amico e. antes de despedir-se dos jornalistas, mostrou-lhes seus braços tatuados como de todos os prisioneiros velhos, num dos quais estão desenhadas as cenas do Calvário, como se Crea se tivesse proposto recordar constantemente que ele também foi condenado inocente, e que também recuperou afinal a liberdade, mas não a juventude e a robustez, que a justiça humana é incapaz de lhe devolver.

Não é verdade que o anterior relato, horroriza? Indubitavelmente, o ânimo mais valente, o espírito mais forte, a alma com brios de gigante, treme aterrorizada ante a idéia de ser vítima de um erro judicial. Muitos erros judiciais se registram na história dos processos, muitos infelizes subiram os degraus do patíbulo sem haver cometido o menor delito, e mais de um cético disse com amarga ironia: E dizem que há Deus!. . . Onde está sua eterna justiça! quem sustenta a balança divina que se inclina com tanta iniquidade e pesa mais a calúnia que a inocência?

Bem considerado, há motivos mais que suficientes para expressar do modo que fazem os céticos e só o estudo razoável do Espiritismo é que levanta a ponta do véu que cobre a vida passada, essa vida inegável, sem a qual havia o direito de renegar haver nascido e de servir de joguete para a ignorância dos chamados juízes, que condenam cegamente e tão impassíveis ficam depois de haver cometido as mais horríveis torpezas, ante os erros judiciais tão horríveis como o que cometeram os juízes com Francisco Crea. Fica-se perplexo sem saber que pensar, e em tal estado recorro sempre a meu conselheiro espiritual para que ilumine meu entendimento e me salve de pensar erradamente; como minhas perguntas não tendem nunca a satisfazer pueris curiosidades, talvez por isso (até agora), encontrei bom acolhimento em meus amigos do espaço. Inspira-me, oh! tu! que tanto sofreste na Terra e que tão bem soubeste ler no coração humano!

Sim, padre Germano, fala-me uma vez mais para tranquilizar meu espírito, que ante certos erros judiciais parece que perco a reflexão necessária para procurar a eterna justiça. Acedendo a meu desejo, eis aqui o que diz o guia de meus trabalhos:

"Efetivamente, te encontras desorientada, porque compreendes que martírio tão horrível como o sofrido por esse desgraçado, deve obedecer a causas poderosíssimas, e ante a necessidade imperiosa do castigo, desaparece uma grande parte da culpabilidade dos juízes e seu erro é como se disséssemos fortuito, pois são necessários instrumentos de tortura para atormentar os condenados. Pois devo dizer-te que estás em grande erro, os juízes são criminosos, seu crime não tem a mais leve atenuante, porque o papel de verdugo não é necessário representá-lo na Terra para castigo e escarmento dos culpados; quando um homem merece sofrer os tormentos do inferno, não necessita que ninguém o atire ao abismo, ele mesmo se joga.

Recordas que não faz muitos meses leste nos jornais, e tremeste de espanto, que um sábio explorador havia caído desde uma grande altura a um precipício, arrastando consigo o seu guia. A neve os cobriu, morreu o guia, e o sábio ficou preso num buraco formado pelas rochas, e ali permaneceu dois dias escrevendo seus últimos pensamentos, até que a neve tapou sua sepultura.

Dias depois amigos solícitos procuraram o explorador e o encontraram em sua tumba improvisada apertando a carteira contra o peito, tesouro inapreciável para o sábio e para a ciência, porque em suas folhas estava escrita a agonia de um mártir, com os apontamentos mais preciosos para saber como morrem os que se empenham em ler no livro da Natureza.

Vês, aquele homem não necessitou que o pusessem em uma capela, e que um sacerdote lhe falasse da vida eterna para consolá-lo da perda que iria sofrer; ele mesmo procurou na sua queda o lugar apropriado para meditar suas últimas horas; ele, sem necessidade de que o obrigassem, confessou suas culpas ante a proximidade de uma morte inevitável e chorou contemplando seu guia, que arrastou na sua queda In-voluntariamente.

Com a culpa, vai enlaçada a sentença da justiça eterna; assim é que quantas torpezas cometem os juízes por seu pouco estudo, e o escasso interesse que tomam pelos infelizes que aparecem como criminosos, têm no seu devido tempo, o castigo merecido; há espíritos perturbados no espaço, a maioria deles são nossos togados, os que firmaram impassíveis, sentenças de morte sem conhecer, ainda que levemente, a culpabilidade do acusado. Não te ocorra nunca crer nem dizer, que se uma pessoa merece ir para o suplício, é necessário quem disponha que tal ato se verifique; cada um é o verdugo de si mesmo; estuda um pouco a humanidade e te convencerás de que estou certo.

Vês por exemplo, um rico improvisado, e se não merece gozar os prazeres que lhe proporciona a riqueza, verá que vive po-bremente, que não desfruta nem um pouco do bem-estar que lhe entrou pelas portas, não necessita que os ladrões o deixem pobre, ele mesmo conserva os hábitos de pobreza.

Por quê? Porque não merece ser rico, porque por justiça não ganhou os gozos das satisfações que proporciona a abundância. A justiça mais estrita reina na Criação, vós não compreendeis, como não compreendeis outras muitíssimas coisas. Vês a um simples olhar os milhões de mundos que giram no espaço? Não, vós não os vedes, mas existem, pois de igual maneira existe a justiça eterna, por isso a vida das almas é eterna, porque necessitam estudar no grande livro cujo título é muito breve, unicamente oito letras entram em sua composição: — Justiçai. . . (*) nem sempre teve tão boas qualidades e, séculos atrás, foi um dos maiores cains q\je matou seu irmão. Esse infeliz que naquela época era nobre e se chamava Conde Sálvio, tinha muitos pergaminhos, mas suas arcas estavam vazias, porque seu irmão era o primogênito e o dono absoluto dos inúmeros bens daquela opulenta família, cujos membros viviam todos à sombra do prazer em humilhante dependência.

Sálvio não se conformou com semelhante tutela: reclamou uma parte dos bens a seu irmão, e este não cedeu à sua petição. Sálvio o sequestrou, fez com que desaparecesse sem que ninguém pudesse encontrá-lo; tirou-lhe os olhos e por um refinamento não o matou, o teve enterrado em vida, quarenta anos, pois que é um enterrado vivo aquele que habita um subterrâneo arrastando pesadas cadeias. Para maior segurança o entregou a um pequeno reinado fronteiriço, dizendo-lhe: este prisioneiro é a garantia de teu reinado, o dia que ele morra me apoderarei de teus estados. 0 outro, pela importância que lhe dava, dava ao prisioneiro bons alimentos e até lhe tirava as correntes para que andasse livremente pelo subterrâneo. Sálvio visitava seu irmão várias vezes por ano, exigindo sempre que fizesse donativo de quanto possuía, dizendo por escrito que se consagrava a Deus.

Relativamente a esse infeliz que durante 35 anos rodou pelos presídios, se bem que nesta existência foi um ser inofensivo,

(*) Justiça, no texto original (Nota da Editora).

O prisioneiro negou-se sempre à petição de seu irmão, e este secretamente matou-lhe o único filho; a esposa morreu louca, e Sálvio apoderou-se de toda a herança, não se atrevendo a matar seu irmão, por um vago temor, acreditando que se o matasse morreria também. Não se enganava em seus cálculos, "porque ao morrer o prisioneiro, quase instantaneamente sentiu Sálvio o contato de suas mãos de ferro que o estrangulavam; era o espírito de seu irmão que se vingou de seu longo cativeiro, mas como a dor de um segundo não é bastante para saldar a conta de tantos anos, por isso agora esteve 35 invernos no presídio, arrastando uma corrente e mais feliz que sua vítima que perdeu a vista e teve cinco anos de menos. Se não tivesse encontrado juízes incapacitados, ele mesmo teria se convertido em acusador de um crime imaginário pois, quando o espírito se propõe a saldar uma conta e escolhe a época que melhor lhe parece, nada nem ninguém lhe detém o cumprimento de seus propósitos. Cada espírito sabe quando lhe convém livrar-se um pouco de sua pesada carga. Adeus.

Ontem e hoje

Seguindo meus estudos na grande bíblia da humanidade, encontro às vezes seres que despertam em mim um vivíssimo interesse. Olho-os, contemplo-os, trato de ser íntima deles, até conseguir que me contem uma parte de sua história e digo para mim: não me enganei, este ser é um volume preciosíssimo, pode-se aprender escutando seu relato; não há melhor livro que o homem, e quem diz homem diz mulher, porque, como disse não sei quem, a realidade supera a todas ficções da fantasia. O melhor novelista não chegará nunca a despertar o interesse que desperta um episódio da vida real.

ft Faz algum tempo, me apresentaram um mulher de meia idade, distinta, elegante sem afetação, delgada, pálida, com olhos tristes e expressivos; lê-se, naqueles olhos, todo um passado de lágrimas. Cecília é viúva, tem uma filha casada e um filho adotivo de uns doze anos, ao qual quer com delírio; o menino lhe corresponde, tendo de sobra motivos para querê-la, pois, aos quinze dias de nascido, ficou sem pai e sem mãe. Cecília, que vivia pouco menos que na miséria, não titubeou nem um segundo em ficar com ele, apesar da família que lhe dizia: — "Estás louca? Se não tens para ti nem para tua filha, como vais criar esse infeliz?" "Deus é muito grande, respondeu Cecília, minha filha o quer e, querendo-o, já é para mim o suficiente". "Sim, sim, mamãe, dizia Amparo, beijando o orfãozinho, será meu irmão, chamar-se-á Henrique, não quero separar-me dele". Cecília, Amparo e Henrique, formaram a mais formosa trindade e o menino cresceu entre as carícias, sem conhecer a orfandade.

Passaram os anos, e Amparo casou-se. Henrique ficou louco de alegria quando Amparo teve uma linda menina; seu júbilo não teve limites: para a recém-nascida foram todas as suas carícias, todos os seus agrados, e sonhava em ficar homem para ganhar muito dinheiro e comprar-lhe roupas de veludo e colares de pérolas. A menina correspondeu de tal modo ao seu carinho que, quando começou a balbuciar suas primeiras palavras, em lugar de dizer como fazem todas 5$ crianças, papai e mamãe, ela só dizia Quique, diminutivo data Henrique que ela inventou; tão gravada estava em sua mente a figura do menino, que quando se separou dele, porque seus pais foram para longe, dizia Luizita para sua mãe, assim que via um menino: — "Mamãe, aí vai o Quique". E Henrique, por sua vez, quando via uma menina clara e ruiva, gritava alvoroçado: "Mamãe, olha a Luizita".

Quando Cecília contou-me esses detalhes, senti em todo o meu ser uma grande emoção, e disse para mim mesma: "Que haverá entre essas duas crianças? Na Terra não se costumam querer tanto; as crianças empregam mais tempo em brigar e disputar um brinquedo que em acariciar-se e em recordar."

Uma criança, em regra geral, a primeira que chama é sua mãe, e Luizita chamou Quique.

Conheceu-o antes? Amou-o com toda sua alma? Quem sabe? Não por curiosidade, mas por estudo perguntei ao guia de meus trabalhos, se efetivamente se haviam conhecido antes Luíza e Henrique, e o Espírito disse-me assim:

"Não te enganaste em tuas suposições. Cecília, sua filha Amparo, sua neta e Henrique estão enlaçados pelos laços mais fortes que se conhece na Terra. Foram mãe e filho em várias existências; tiveram vida acidentada e em sua antepenúltima encarnação, Cecília cometeu um crime para ocultar a desonra de sua filha; o hoje chamado Henrique que era naquela época uma jovem encantadora e apaixonada, pertencente a uma grande família, com muitos pergaminhos, escudos de nobreza e castelos senhoriais.

Cecília, a mulher que hoje vês tão modesta, tão sofredora, tão resignada com as múltiplas adversidades de sua expiação, era então uma altiva castelã, que não acreditava que os plebeus fossem filhos de Deus. Entre ela e o povo, havia segundo seu entender, uma distância tão imensa que, nada, nem ninguém, podia diminuir. Assim é que seu assombro e sua dor foram espantosos quando escutou dos lábios de sua filha a mais horrível confissão: estava desonrada! E sua desonra não se podia ocultar porque se agitava em suas entranhas o fruto de seus vergonhosos amores. Amava um homem do povo, um trovador sem fortuna, que tanto cantava os encantos da Natureza como as transportava para tela com seu mágico pincel. Mas era. um artista vagabundo que ia de castelo em castelo oferecendo suas trovas e pinturas; não conhecera seus pais, não tinha nome, o chamavam Ivan por chamar. . . que opróbio!. . . e, aquele perdido, aquele ser abandonado muito formoso de corpo, mas usando uma roupa velha, sem um só escudo em seus bolsos, se havia atrevido a seduzir à rica herdeira de cem duques, com a esperança de unir-se a ela, quando sua mãe conhecesse sua desonra.

Mas, ai! O artista sabia ler o grande livro da Natureza, mas não o coração de uma mulher orgulhosa, e Cecília, então, não podia crer que o amor é o grande nivelador do Universo. Preferia mil vezes ver sua filha morta que unida a um homem sem nenhum título' de nobreza e, sigilosamente, sem dar a compreender à sua pobre filha suas más intenções, fez com que Ivan fosse preso, acusando-o de agitador do povo; embarcaram-no e foi deportado para muito longe de seu lar, enquanto sua amada dava à luz um menino que, recolhido pela avó, desapareceu para sempre. Morta a criança e desaparecido o pai, a honra da neta de cem duques ficou sem manchas. Ninguém suspeitou o ocorrido, mas a jovem mãe não pôde resistir à separação do amado de seu coração e do terno ser que trouxe em suas entranhas. Não murmurou uma queixa, compreendeu que sua mãe havia agido dominada pelo orgulho da raça; perdoou porque a amava muito e lentamente foi murchando sua esplêndida beleza até morrer nos braços de sua mãe, dizendo: - Perdoo-te!...

"Cecília então se horrorizou de sua ação mas, ao mesmo tempo, respirou com mais liberdade, porque desaparecia a vítima de seu orgulho de raça. Os mortos não falam. A jovem desonrada foi vestida de branco, colocaram entre suas mãos a palma de sua virgindade (era a palma do martírio) e sobre sua branca fronte murcharam delicadas rosas. Não faltou nenhum atributo de pureza à casta virgem, para sua mãe todas as demonstrações pareciam insuficientes para ocultar sua desonra porque, ainda que todos ignorassem o acontecido, ela sabia.

Sempre via a figura de seu neto e escutava, tremendo, uma voz que dizia: — Perdôo-te!.. .

De Ivan não tornou a ter notícias, morreu em seu desterro, maldizendo sua infausta sorte. Cecília atormentada pelo remorso e ao mesmo tempo satisfeita com sua obra, por haver salvo sua opulenta família, não sobreviveu muito tempo à sua pobre filha. Deixou a Terra em meio da maior perturbação, sem poder ter certeza se havia cometido um crime horrível ou levado a cabo um ato heróico, sacrificando o que mais amava para evitar escândalos.

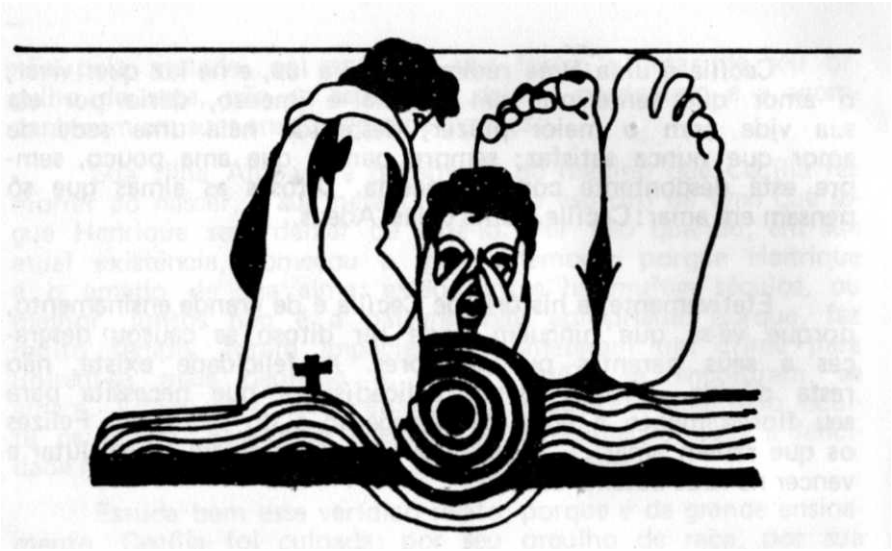
Pois bem, Cecília está hoje na Terra, completamente transformada; seu orgulho de raça desapareceu. Hoje é humilde, paciente, resignada. Hoje só sabe amar, o amor é sua religião. Espírito enérgico, quando se deu conta do erro em que havia vivido, com a mesma decisão que empregou para fazer o mal, consagrou-se a praticar o bem. Como não foi criminosa, se não pela metade, os espíritos, que foram vítimas de seu orgulho de raça, não se separaram dela, a perdoaram e a acompanharam em suas encarnações de expiação.

Sua filha Amparo é o Espírito do menino que Cecília fez morrer ao nascer, e sua neta Luizita é o espírito de Ivan que segue Henrique sem deixar de amá-lo. Por isso quando, em sua atual existência, começou a falar, chamou-o porque Henrique é o amado de sua alma; estão juntos há muitos séculos, ou melhor, juntos não é a palavra mais apropriada, porque, faz muito tempo, foram impacientes: cometeram um crime para unirem-se mais depressa e, desde então, se encontram, se amam, lutam para viver enlaçados, e sempre uma mão oculta os separa. Essa mão oculta é a sua expiação, pois a felicidade não pode ter por cimento, sangue e lágrimas.

Estuda bem esse verídico relato, porque é de grande ensinamento. Cecília foi culpada; por seu orgulho de raça, por sua ignorância, pela dureza de seu coração, fez-se dona da felicidade de três seres, causando a morte de sua filha, de seu neto e de Ivan. Os três espíritos a perdoaram e seu neto não pode ser mais generoso elegendo-a para lhe devolver bem por mal. Sua neta Luizita, que ontem morreu em seu desterro, maldizendo a hora que nasceu, hoje reclama suas doces carícias, e Henrique adora sua mãe adotiva, sem recordar o passado. Suas vitimas não só a perdoaram como a amam com delírio e havendo desaparecido o ódio, não tem Cecília direito de ser feliz? Não, não tem. Por isso não o é, por isso luta com a miséria, com a humilhação. Por isso dá a vida pela vida. Por isso não pode estar com sua filha e seus netos, e só tem a seu lado seu filho adotivo, custando-lhe imenso sacrifício poder desfrutar de sua companhia; é lógico que assim suceda porque ontem rompeu em mil pedaços um ninho de amor: sua filha morreu mártir, Ivan desesperado, e seu neto não pode dormir em seu berço de flores. Por isso, hoje, Cecília suspira por sua filha, por seus netos, e se sacrifica por seu Henrique, dando-lhe todo o amor que sua loucura lhe havia negado.

Cecília é uma alma redimida, viu a luz, e na luz quer viver; o amor que sente por sua família | imenso, daria por ela sua vida com o maior prazer; despertou nela uma sede de amor que nunca satisfaz; sempre parece que ama pouco, sempre está descontente consigo mesma. Ditosas as almas que só pensam em amar: Cecília é uma delas. Adeus."

Efetivamente, a história de Cecília é de grande ensinamento, porque vê-se que ninguém pode ser ditoso se causou desgraças a seus parentes ou servidores. A felicidade existe, não resta dúvida, é uma planta delicadíssima que necessita para seu florescimento a água da abnegação e do sacrifício. Felizes os que sabem amar!. . . Porque só os que amam sabem lutar e vencer na rude batalha da vida.



Tristeza

Quanto pesa a vida algumas vezes! Que frio se experimenta evocando as sombras do passado. Quando alguém se põe a soletrar o alfabeto de uma longa existência, chora sem derramar uma lágrima, chora por dentro; parece que chumbo derretido ou água de neve corre por nossas veias e é tão profundo o desconsolo que se sente que nem se deseja morrer, temendo encontrar além-túmulo a continuação da história começada aqui. Quando não se alimenta um desejo nem se possui uma esperança, quanto pesa a vida!

Viver sem esperar, não é viver! Viver sem desejar é morrer sem agonia. Viver, dominado pela indiferença, é antecipar a crise da morte, é abrir-se o fosso para nele enterrar nosso organismo — é converter-se em coveiro. Ai daquele que diz como o poeta:

"Nenhuma dor se compara à minha, não tenho lembranças, nem esperança."

"Não tem esperança (diz-me um Espírito), o que cerra os olhos ao entendimento. E como aquele que morre de fome, porque se obstina em não se alimentar, e se abrasa de sede, porque não quer beber, e sente frio porque rasga suas vestes, e fere os pés porque joga longe de si suas sandálias, e sente o horror da asfixia porque se encerra numa cova, recusando o ar que é o princípio da vida orgânica. 0 que diz que não quer viver é o que morre sem esperança. Ou melhor, crê morrer, mas, pode mais que sua incredulidade e seu desespero, à eterna realidade da vida.

Quando em seu aturdimento e em sua tribulação fecha os olhos do corpo, crendo que onde não há sensação não há agonia, que tudo termina sob a última pá de terra que cai sobre o ataúde, então vê que sente, e contempla como seu corpo se desagrega dentro da caixa mortuária. E o atormentam sensações jamais sentidas e vê outros seres que o rodeiam, e vê que a vida se prolonga mais além do túmulo, e a esperança lhe sai ao encontro e lhe diz: não me repilas, é inútil, sou a sombra de teu corpo, estou unida a ti por laços indissolúveis, o nó que nos ata, não há espada que o rompa. A esperança é a essência da vida, o espírito vive eternamente e a esperança é sua companheira inseparável, e, como ele, é imortal.

A tristeza que experimentam os terrenos é um de vossos vícios, é uma manifestação da ingratidão do homem. Tristeza!. . .

Ninguém deve entregar-se ao desalento, pois vive, e aquele que vive, não morre. Fui um dos muitos ingratos que pululam na Terra. Desde pequeno sonhei em deixar de ser, perdi meus pais quando ainda não podia chamá-los e, antes de sentir os horrores da fome, encontrei-me só. . . tão desamparado de carinho. . . tão dono de minhas ações desde minha primeira idade. . . tão desligado da grande família humana, que me fiz intratável, desconfiado, arredio. Desconheci as doçuras do amor, porque não amei ninguém; formei em torno de mim o vazio e encontrando insuportável o peso da vida, pus fim aos meus dias, crendo que todo o meu ser se perderia no mar desconhecido.

Que vã quimera!. . . Meu assombro não teve limites, é impossível te explicar a surpresa que experimentei quando vi meu corpo destroçado no fundo de profundo abismo e, junto aos meus restos, recordando perfeitamente todos os detalhes de minha passada existência e escutando a voz que me dizia: "Pobre filho meu! és a ingratidão personificada! Te entregas-te nos braços da tristeza e não tinhas o direito de estar triste, porque possuías um corpo são e robusto, uma inteligência bem equilibrada. Não soubeste nunca o que era estar um dia sem pão, uma noite sem leito. Não te atormentou o frio da fome nem a febre da sede, porque sempre te sobrou o necessário para atender a todas as imperiosas necessidades de tua vida. Por que foste tão ingrato? Pobre filho meu!. ..

Dizes que necessitavas atormentar-te, porque não merecias a tranquilidade nem o bem-estar de uma existência repousada, que havias pecado muito e que tinhas que ser o verdugo de ti mesmo, que todos os que se entregam nos braços da tristeza são pecadores impenitentes que se afogam no mar de suas próprias misérias. Pobre filho meu! Com quanta pena te deixei! Com quanta angústia te segui em tua penosa peregrinação! Com quanto afã me aproximava para dar-te alento! Tudo inútil! Cerrava os olhos para não ver! Tapavas os ouvidos para não ouvir! Obstinavas-te em permanecer em teu leito para não andar! Pobre filho meu!. . .

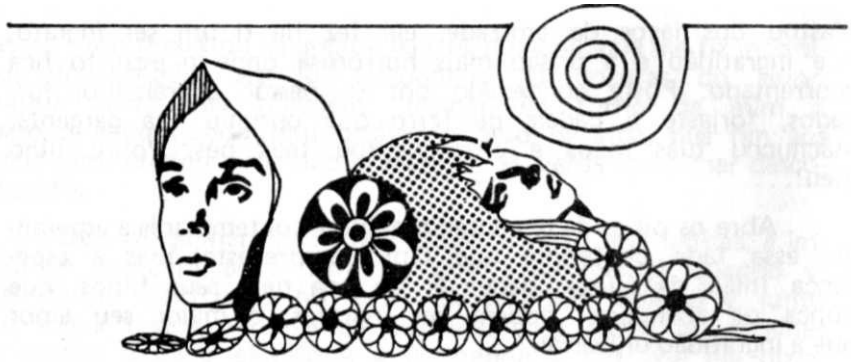
Pobre louco sem camisa-de-força! Digo mal: — Que outra camisa-de-força maior que tua invencível tristeza! Ela te deixava sem movimento, sem iniciativa, sem vontade, ela apagou teus entusiasmos juvenis, ela te fez insensível aos doces afagos do amor, ela te afastou dos braços do amor, ela te afastou dos laços da amizade, ela fez de ti um ser ingrato, e a ingratidão é a prisão mais horrorosa onde o espírito fica acorrentado. Foste condenado por ti mesmo a trabalhos forçados, forjaste a cadeia de ferro que oprimiu tua garganta, machucou tuas mãos e ensanguentou teus pés. Pobre filho meu!...

Abre os olhos de teu entendimento e contemplarás a esperança, essa fada benfeitora que tanto desprezaste, mas a esperança (mãe da Humanidade) é tão boa para seus filhos, que nunca os abandona; podem ser ingratos, é maior seu amor que a ingratidão universal."

Quanto bem me fizeram as palavras de minha mãe! Caiu de meus olhos a venda que os cegava e vi a realidade da vida. Desvaneceu-se minha tristeza como se desvanece a névoa ao receber os raios do Sol e comecei a viver nos braços da esperança. Escutei tuas queixas e me inspiraste compaixão; também tu és verdugo de ti mesma, também desconheces a Justiça Divina. Olha, que poderás ver! Ouve, que poderás ouvir! Anda, que poderás andar. Os ingratos são os que estão tristes. Repele a tristeza, que é a pedra que se ata ao homem e o oprime até chegar a estrangular seu organismo. Adeus.

Diz bem o Espírito: a tristeza é o símbolo da ingratidão, porque é a demonstração do desconhecimento que o homem tem da Justiça Divina.

Esperança, mãe eterna da Humanidade. Recebei-me em teus braços, dai-me o néctar do consolo que só tu possuis, porque quero confiar em meu trabalho e esperar meu progresso indefinido.



Num leito de flores

Cada um tem neste mundo sua mania, e a minha, indubitavelmente, safo as flores; todas me parecem belas e encantadoras, causando-me a maior alegria as árvores frutíferas, quando florescem, quando seus ramos se inclinam com o peso dos frutos. Minhas árvores favoritas são as amendoeiras, que são as primeiras a florescer, e sempre cativaram de tal modo minha atenção que nunca esquecerei uma centena de amendoeiras que vi em Tarrasa, com seus ramos cobertos de brancas florzinhas. No ano seguinte voltei ao mesmo lugar e, ao ver que todas as amendoeiras haviam desaparecido, senti uma dor tão aguda no coração como se esperasse encontrar, naquele lugar, um ser querido, e este tivesse feito uma viagem à eternidade. Tive que fazer um grande esforço para não chorar amargamente. Todo o ano havia sonhado com aquele oásis, e ao encontrar um deserto em lugar de um bosque florido, que tristeza tive! Junto à minha casa tem um jardim onde estão muitas árvores frutíferas; quando estão floridas, passo momentos deliciosos contemplando aquele leito de flores, pois olhando-as daquela altura parece completamente uma rede de flores suportada no ar por fios invisíveis.

Uma tarde em que olhava fixamente aquele paraíso em miniatura, vi que se estendia sobre os ramos, cobertos de florzinhas, uma ligeira névoa. Esta foi se condensando e formou a figura esbelta de uma mulher bonita, branca, vaporosa, ideal, coberta por larga túnica transparente, que deixava ver um corpo luminoso. Era linda, sua cabeleira esplêndida parecia formada por fios de ouro, ou por um manto encantador que ondulava e, ao balançar aqueles abundantes cachos, pareciam uma chuva de brilhantes que se desprendia das mechas luminosas.

A encantadora aparição não se desfez rapidamente; vi-a o tempo suficiente para que aquela belíssima figura ficasse fotografada em minha mente, e a visse tanto de noite como de dia. Vi-a em sonho e também desperta. Que bonita é!. . . Seu rosto é tão doce! Tão risonha! Não posso compreender de que matéria se compõe seu organismo, porque todo o seu ser é transparente, leva dentro de si uma luz suavíssima; debaixo* de sua epiderme vê-se uma claridade que muda de cor: tanto as delicadas tintas da rosa espalham suas cores de aurora, como reflexos de um celeste pálido aumentam a beleza daquela encantadora aparição.

Uma noite, vi-a em meus sonhos e observei que trazia em sua destra muitas fitas, de diversas cores. As fitas, como se estivessem seguras por mãos invisíveis, se entrelaçavam e formavam letras que diziam Rosa branca. Despertei, e uma doce voz murmurou: — Rosa branca. Compreendi logo que aquele Espírito desejava comunicar-se comigo e esperei estar em condições de repouso para transmitir, da melhor forma possível, a sua comunicação. Assim lhe comuniquei e o Espírito de Rosa branca esperou sem manifestar impaciência.

E verdade que os anjos não podem impacientar-se. Muito sinto não poder transmitir ao papel o que Rosa branca me inspira. Ela é toda luz, e em mim ainda há tanta sombra! Mas, minha boa vontade suprirá em parte. Rosa branca sorri compassivamente, olha-me com fixidez e fala, mas sua voz é tão doce e tão apagada, é um murmúrio tão longínquo, que apenas ressoa vagamente em meus ouvidos, de mim se apodera uma languidez especial e deixo correr a caneta sobre o papel. Correr? Não é a palavra. Desusar? Também não é a frase, visto que escrevo com muita lentidão.

"Amália, cronista dos pobres, humilde trovadora dos desventurados, nem tudo será relatar amarguras, também alguma flor brotará entre tantos espinhos. Eu serei esta flor, eu, que só vivo para amar. Gostas de meu nome? Em minha última existência chamei-me Rosa branca, e era meu corpo tão delicado, como essas belas flores de vossos jardins. Fruto de uns amores que vossas leis não podiam legitimar, por ser minha mãe de régio estirpe e meu pai um pobre jardineiro. Este, obedecendo às ordens de minha mãe, colocou-me em um cesto de vime, cobriu-me de flores e deixou-me nos jardins do palácio de um magnata cuja esposa era estéril de corpo e de alma. Pobre Elóia! Para despertar seu adormecido sentimento desci à Terra. As tintas da aurora iluminavam o horizonte, quando a mulher que devia ser minha mãe adotiva, depois de uma noite de insônia, levantou-se febril, buscou repouso para sua fadiga nos jardins que rodeavam sua moradia. Em bosquezinho encantador, circundado por um lago cujas margens sombreavam árvores de eterno verdor, e onde as flores mais delicadas tanto atapetavam a terra como se enlaçavam aos troncos das árvores, se refugiou Elóia, fugindo de si mesma. E ao deixar-se cair sobre uma concha de nácar, seus olhos se fixaram em meu pequeno berço; lançou um grito e eu exalei um gemido. Aquela mulher até então deserdada dos mais puros gozos maternais, que odiava ferozmente às crianças, por ser ela uma árvore sem frutos, inclinou-se sobre meu berço, separou com impaciência as flores que me cobriam e ao ver meu pequeno corpo que mais parecia uma bolha, um floco de branca espuma, sentiu o que nunca havia sentido. Olhou-me, estendi-lhe os braços, e com meu pranto e meus gemidos parecia lhe dizer: Ama-me. Ela, dominada por desconhecida emoção, entreitou-me contra seu seio, e sem saber o que fazia, lançou gritos de assombro, de alegria, de alegria imensa; chamou seus servidores, e vi-me rodeada de pagens e criadas. Não faltou quem examinasse meu berço, e nele encontram um pequeno pergaminho no qual minha mãe havia escrito: Rosa branca. Rosa branca foi meu nome na pia batismal e Elóia não viveu senão para mim; seu esposo olhou-me com indiferença, mas nunca se opôs às demonstrações de ternura de minha mãe adotiva.

Aquela mulher, que havia odiado as crianças, que jamais havia se fixado nos mendigos, para agradar-me, para ver-me sorrir, e desfrutar das mais ternas carícias, fundou um asilo para os órfãos, e um hospital para os anciãos que ainda existe e se mantém com a renda dos bens que Elóia deixou para esse fim. Elóia em outras encarnações, havia sido minha rival, me fizera sofrer terríveis perseguições, e havíamos sido como se diz, implacáveis inimigas, por termos diferentes ideais políticos e religiosos, e pertencermos a famílias que se odiavam, com esse ódio de raças diferentes que tantas vítimas causou neste Planeta. Eu, mais afortunada que Elóia, trabalhei com ardor em meu progresso, porque a chama do amor inflamou meu ser e amando muito, progride-se muito. Por isso, ao ver minha antiga inimiga com a envoltura de mulher estéril que naquela época era uma desonra, e motivo mais que suficiente para ser afastada do tálamo nupcial, ao vê-la tão desgraçada, tão egoísta, tão inclinada ao mal, disse: Meu Deus, quero ir à Terra, para começar uma boa obra, para despertar o sentimento de um ser que não soube mais que odiar. 0 êxito mais feliz coroou meus esforços. Elóia me estreitava em seus braços, me cumulava de carícias, me olhava embevecida e ao ver-me tão formosa, me considerava como um ser sobrenatural, muito mais quando durante a noite abraçava-me e dizia: "Quero que sejas muito boa, quero que, quando me for da Terra e me apresente diante de Deus, diga: — Redimi uma alma, recebei-me em tua glória. E eu isto dizia adormecida. Cumpri quinze anos, minha formosura era o assombro de todos os que me rodeavam. Elóia cada dia mais aumentava seu carinho para mim. 0 amor da Terra ofereceu-me suas homenagens, todos me diziam que eu era muito formosa, formosíssima, mas nenhum homem atraiu minha atenção, porque eu amava um espírito ao qual devia meu progresso e com ele conversava no bosquezinho de flores onde fui deixada.

Aquele era meu lugar favorito, ali via o amado de meu coração e com ele falava, com ele sorria, com ele formava planos venturosos para o futuro. Uma tarde, fui como sempre ao meu leito de flores, enquanto Elóia visitava enfermos. Dominou-me um sonho precursor da chegada de meu amado espírito que disse-me, envolvendo-me com seu manto de luz:

— "Terminou teu desterro, porque redimiste uma alma que necessita perder-te para purificar-se por meio de dor. Vem, amada minha! Deixa teu leito de flores, que em meus braços outro leito encontrarás melhor. Deixa no lugar onde apareceste, tua formosa envoltura, sobre ela Elóia chorará e seu pranto será o batismo divino que a santificará. Vem, Rosa branca, deixa tuas pétalas na Terra e com tua essência balsamizarás o infinito."

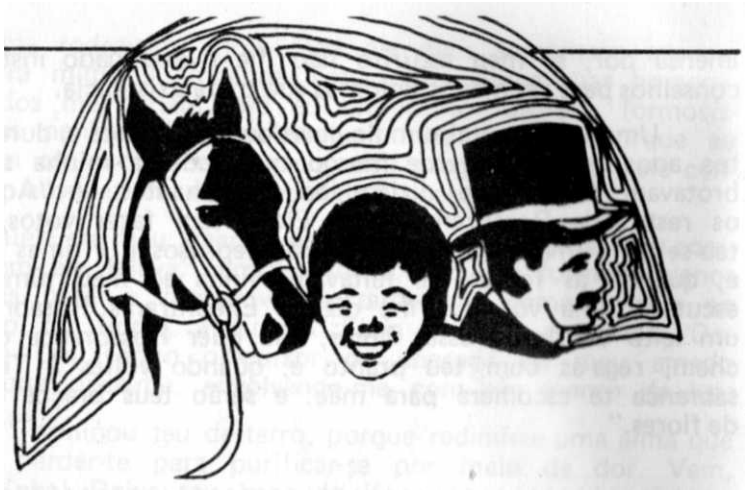
Ao ouvir estas doces palavras, senti um prazer imenso, mas um prazer misturado à dor, porque o sofrimento, que minha separação ia causar à Elóia, perturbava minha felicidade celestial, mas meu trabalho estava terminado, nem um segundo mais poderia permanecer neste planeta, e sem agonia, sem fadiga, sem nenhum sofrimento, separei me de meu envoltório, que deixei num leito de flores. Meu corpo não teve a menor alteração, em meu rosto desenhou-se o mais doce sorriso, meus olhos abertos esperavam os beijos de Elóia, para fecharem-se com a pressão de seus lábios. Esta chegou feliz para contar-me como havia empregado bem o tempo. Pensou que o sono se apoderara de mim, ao ver que não ía ao seu encontro, quis despertar-me com suas carícias, como de hábito, e ao convencer-se que meu sono era eterno, sua dor não teve limites! Teria procurado na morte o consolo para sua imensa dor, se meu espírito não lhe tivesse dado instruções e conselhos para ser menos dolorosa sua triste existência.

Um monumental túmulo guardou meus restos e, durante muitos anos, sobre o verde musgo que rodeava minha sepultura, brotavam flores que diziam ao caminhante: — "Aqui estão os restos de Rosa branca. . ." Elóia, sem fazer votos, converteu-se em irmã de caridade, curou leprosos e vítimas da peste e, quando as forças lhe faltavam, vinha ao meu túmulo e ali escutava uma voz que lhe dizia: "Encontrarás Rosa branca em um leito de flores, essas flores, não quer Rosa branca que murchem, rega-as com teu pranto e, quando voltes à Terra, Rosa branca te escolherá para mãe, e serão teus braços um leito de flores."

Cumprirei a promessa, Elóia será minha mãe quando pudermos unir-nos com estes doces laços que unem neste mundo os espíritos e formaremos um lar bendito que na realidade será um leito de flores.

Não te pese tua debilidade, Amália, tens boa vontade e com ela vais atirando a semente que a seu tempo te oferecerá um leito de flores."

A comunicação de Rosa branca é para mim de imenso valor. Tens razão, bom Espírito, entre tantos espinhos, brotou uma flor. Bendita sejas, Rosa branca, bendita seja tua inspiração.



Mais uma história

(Da revista "A Luz do Porvir")

Lendo os artigos do jornal, fixei-me muito especialmente, nos que transcrevo a seguir e que a tantas considerações dão motivo.

"0 martírio de uma criança"

"Paris, 18, às 7,40 da noite. No Morgue efetuaram uma confrontação, a acareação mais horrível, ainda que naquele recinto o horrível é o comum.

Três pessoas foram postas diante do cadáver de uma criança que foi encontrado atirado na rua, e que morreu vítima dos tormentos que lhe prodigalizava seu próprio pai.

Chama-se este homem Gregorie e, com cinismo que somente a alienação mental explica, confessou que efetivamente martirizava o seu filho, e que o abandonou vivo na rua de Vaneau. Ao fazer-lhe notar o juiz que nas roupas do menino não se via um só buraco, quando o corpo estava crivado de feridas, explicou tranquilamente Gregorie que ao ferir seu filho com uma faca descobria-o a fim de não pôr a roupa a perder. Uma mulher, amante de Gregorie, declarou que lhe era impossível impedir os martírios do menino, porque estava certa de que então Gregorie a teria maltratado.

Explicou que conseguiu salvar o menino de que o atirassem ao Sena e que foi ela quem o aconselhou a que abandonasse a criança no meio da rua, acreditando assim salvar-lhe a vida.

"O enterro de um mártir"

Paris presenciou ontem um desses espetáculos que nunca se apagarão da memória de um povo. O pequeno Pedro, aquele menino de três anos, martirizado pelos pais, foi levado desde Morgue até o cemitério, seguido de um acompanhamento de 300.000 pessoas. Não houve na Terra nenhum potentado que tivesse outro igual. Seu pequeno ataúde desaparecia sob montões de flores, oferendas de pais e de mães, operários, em nome de seus filhos. E quando o cadáver foi depositado no túmulo, todas aquelas pessoas desfilaram diante dele, depositando um punhado de terra sobre esta vítima da barbárie de pais desnaturados. O povo da capital francesa quis com aquela grande manifestação provar ao mundo que a desumanidade é uma rara exceção entre seus membros."

Impressionei-me profundamente com o horrível relato do martírio de uma criança e do enterro de um mártir; o primeiro revela uma perversidade espantosa, o segundo põe em realce o adiantamento da Humanidade, que indubitavelmente, se vai sensibilizando, dulcificando-se, perdendo lentamente sua ferocidade.

"Não julgues ligeiramente (me diz um Espírito), a Humanidade age segundo as circunstâncias, e creia-me, faz muitos séculos que a Humanidade terrena se compadece de um desvalido e sabe perseguir ao delinquente.

Esse espírito que o povo de Paris tributou a homenagem de seu pensamento, esse mesmo povo, essa grande massa que sempre é a mesma, em todas as épocas, (impressionarei e justiceira), esse povo e esse mesmo espírito, nos primeiros dias do século XVIII, perseguiu-o pelas ruas de Paris, com o único propósito de arrastá-lo e de esquartejá-lo. Sabes por quê? Porque o espírito do pequeno Pedro era um dos clarões do século passado, um nobre da casa de França, mas tudo que lhe sobrava de brasões e de pergaminhos faltava-lhe de sentimento e de humanidade; de caráter violentíssimo, irascível sobre toda ponderação, tinha atemorizado seus serviçais, particularmente a uns meninos que tinha na qualidade de pagens. Um deles, o formoso Isaías, era um menino que toda Paris conhecia por sua galharda figura, e pela forma que manejava seu cavalo. As mulheres do povo, ao vê-lo passar invejavam a mãe daquele menino tão formoso.

Uma manhã, Isaías ia com seu senhor, ambos a cavalo. 0 de Isaías tropeçou e caiu, o ginete ficou ileso, mas não sua montaria, que ficou com gravíssimas lesões.

0 nobre senhor obrigou Isaías que se atirasse ao chão e a chicotadas o matou; o povo se amotinou, as mulheres rugiam como feras e perseguiram ao nobre tão perto que este teve que refugiar-se na casa real, e até ali foi o povo em massa pedindo sua morte pela mão do verdugo, já que não podiam destroçá-lo a seu prazer; tão indignado viu-se o povo, que para evitar males maiores teve que condenar-se o nobre à morte, tendo subido ao cadafalso escutando as maldições do povo generoso.

0 nobre de ontem é o pequeno Pedro, que reconhecendo sua infelicidade, graças ao espírito de Isaías que é, pode-se dizer, seu anjo tutelar, escolheu um de seus muitos inimigos para criar família na Terra. Pedro vinha disposto a começar um ensaio de reconciliação, mas seu pai, que noutro tempo foi vítima de sua crueldade, e morreu no patíbulo por sua causa, não pôde ver em seu filho senão um ser que odiava com todo coração, e se satisfez em atormentá-lo com ferocidade inaudita, o que é uma grande ignomínia para todo espírito, porque uma criança sempre inspira lástima, por sua impotência, e é o único meio de reconciliação que se pode empregar na Terra.

É necessário ser um monstro de iniquidade para não sentir-se comovido diante de uma criança, que por feia, por repulsiva que seja, é impotente, não pode defender-se e necessita de todos; se um irracional inspira compaixão quando carece de alimento, que poderá suceder com um pequenino que não pode valer-se? Por isso o pai de Pedro é um verdadeiro criminoso que pôs novos elos em sua longa cadeia, e agora terá que ir atrás do espírito de sua vítima pedindo-lhe clemência, e ainda que o espírito de Pedro esteja disposto a progredir, seu perdão não tira nem um átomo da enormidade da cruel vingança de seu antigo e vencido inimigo.

Pedro não veio esta vez sofrer tal martírio, era o ensaio de reconciliação que pretendia fazer, disposto como está em trabalhar em seu progresso. 0 castigo de suas culpas não necessita que ninguém os imponha, ele será o juiz, em seu momento, como são todos os espíritos. Não é fatal necessidade que alguém se converta em verdugo de outro, porque este tenha que saldar muitas contas; cada um é verdugo de si mesmo. Quando se tem de morrer de modo violento, ou na maior miséria, sofrendo cruentas dores, o odioso papel de atormentador faz o espírito dominado por seu mau instinto, não porque tenha vindo à Terra com ordens superiores para torturar os culpados de ontem.

A lei se cumpre sem necessidade de nenhum agente executivo; não tendes mais que olhar em redor e vos convencereis. Não lestes ou vistes muitas vezes que homens poderosos, com bens de fortuna, com vida regalada, com família carinhosa, põem fim aos seus dias de maneira mais horrível? Não recordais aquele ancião, que, em Paris, desfrutando de uma boa renda e de boa saúde, deixando uma carteira cheia de imensos valores, colocou-se diante de uma chaminé completamente nu, untou o corpo com petróleo e escondeu sua cabeça entre os troncos candentes? Que vos prova seu modo de morrer? Que tinha irremediavelmente que carbonizar seu corpo para sofrer as dolorosas dores que ocasionou aos outros, na fogueira.

Quando a imprensa relata crimes horríveis, tende piedade dos verdugos, porque se condenaram a trabalhos forçados muitos séculos. 0 prazer da vingança é verdadeiramente um prazer infernal. Ai daqueles que gozam vendo sofrer a um ser impotente. Ai daqueles que se fazem surdos aos gemidos das crianças. Adeus."

Estou de pleno acordo com a comunicação recebida, sempre acreditei que o papel de verdugo não era necessário à Humanidade. Basta ao homem sua própria história para subir aos céus ou descer aos abismos.

O despertador

Dizia Vitor Hugo: "Os olhos não veem a Deus senão através das lágrimas", é uma grande verdade; em meio à felicidade, não se eleva o pensamento nem pouco nem muito, contenta a alma com o que tem diante de si, seja um horizonte sem limites ou um pedacinho de céu ao alcance de nossos olhos.

Dizem que ninguém se lembra de Santa Bárbara até trovejar, isto é triste, mas é verdade. Isto dá muito pobre ideia do que somos, os terrenos, mas diante de fatos, tem-se que inclinar a cabeça e declarar-se vencido.

Lendo "O mundo Latino", fixei-me no artigo que copio a seguir:

Um correspondente italiano conta uma terrível tragédia em Castellamare nos seguintes termos:

"Pascoal e Carolina Sarrubbo, distintos jovens de opulenta posição, casaram-se ontem.

Ã noite, quando os felizes recém-casados se haviam recolhido na alcova nupcial, no segundo andar do antigo Palácio de

Mosca, afundou o chão do quarto e, entre os escombros, caíram os esposos no subsolo em que dormiam uma senhora e duas crianças. Estas ficaram gravemente feridas e Carolina morreu nos braços do marido ileso".

Que dolorosa esta noite de núpcias!

Que fizeram ontem estes infelizes? História terrível deverá ter um comovedor episódio e diz-me um Espírito:

"Sim, tem-na, e para teu útil ensinamento copia a narrativa que te darei em grandes pinceladas. Carolina e Pascoal foram em anterior existência, pai e filho. Pascoal era o pai, Carolina era o filho, e pertenciam à mais alta nobreza. Eram cavaleiros do rei, e mais tempo passavam no palácio do monarca que em sua senhorial casa. Pascoal era o nobre mais orgulhoso de sua época e punha, em seu único filho, em seu herdeiro, em seu amado Carlos, as mais risonhas e melhores esperanças, tendo a certeza de que casaria com alguma infanta aparentada com o monarca, que reinava na nação.

Mas quanto de orgulhoso tinha Pascoal com seus escudos de nobreza e sua árvore genealógica, seus castelos e os privilégios de todas as suas grandezas, tinha seu filho Carlos de simples, de humilde e de despreocupado; odiava as festas palacianas e gozava, unicamente, com o trato com sua numerosa criadagem e, em particular, com uma jovenzinha que cresceu a seu lado, filha de um guarda-bosques, e, desde pequenos, viviam por entre as árvores para pegar ninhos e comer fruta verde. Davam longos passeios pelo monte e sempre se via os dois juntos, tanto nas manhãs de primavera, como nas noites de inverno.

Pascoal não se fixara nos dois adolescentes, pensava que seu filho necessitava muito de ar e de muito sol para desenvolver seu frágil organismo.

Quando Carlos completou 20 anos, seu pai chamou-o e disse-lhe: Meu filho. Deus escutou meus rogos, vais tomar parte da família real, uma sobrinha do rei se dignou fixar os olhos em ti e, quando o monarca decidir, se celebrará o casamento com a infanta Elena."

— "Mas, senhor, disse Carlos muito contrariado, o senhor já sabe meus gostos, prefiro a vida no campo, nos palácios me afogo, falta-me o ar para respirar e a infanta Elena, não lhe tenho amor. Quero casar-me amando minha esposa e nunca amarei Elena, é muito orgulhosa, muito imperativa e não quero ser joguete de uma mulher, ainda que tenha nascido nas escadarias de um trono.

Pascoal ficou assombrado com a resposta de seu filho e constatou que ele amava outra mulher. Mas ocultou suas suspeitas e pôs espiões para vigiá-lo e, dentro de poucos dias, disseram-lhe que Carlos amava a humilde e simples Anita, a filha do guarda bosques que fora criada com ele desde pequena.

Pascoal sabendo que seu filho amava uma plebeia, enfureceu-se, chamou Carlos e lhe disse: sei tudo, a vida de Anita depende de ti, se concordas dar-lhe-ei bom dote e a casarei com um homem de sua classe, mas, se te obstinas em tua louca paixão, farei encerrá-la num convento e a ti enviarei para muito longe daqui, até recobrares a razão. Prefiro te ver morto a verte casado com um mulher indigna de ti. Carlos, de saúde delicadíssima, sentiu-se ferido de morte ante o mandato de seu pai, mas, querendo antes de tudo livrar Anita de encerrar-se em um convento, deu-se por vencido e respondeu: "Dê um bom dote à Anita e farei vossa vontade."

O pai cumpriu o prometido: deu à Anita um grande dote. Carlos, ferido no mais fundo de seu coração, enquanto seu pai lhe preparava um palácio suntuoso, sentia-se desfalecer e como desejava morrer, poucos dias antes da boda, entregava sua alma a Deus, chamando em seus últimos momentos sua idolatrada Anita, a companheira de sua meninice, e que, ao morrer Carlos, entrou para o convento morrendo também antes de professar.

Pascoal fez um enterro luxuosíssimo, e entre vê-lo morto a casado com Anita, preferiu a morte de seu herdeiro, antes de desonrar seus brasões com um casamento desigual. Em Pascoal, o sentimento estava adormecido. Seu filho ao ver-se no espaço, entrou em acordo com Anita, e propôs-se a voltar à Terra, escolhendo seu pai de ontem para esposo de hoje e, já que Pascoal não chorou seu filho, procuraria despertar-lhe o sentimento no momento de ser sua. Pascoal não era mau, nada mais era que vaidoso e orgulhoso, e era preciso despertar seu sentimento, pois não existe despertador mais potente que a dor, e o nobre desejo do espírito se fez sentido.

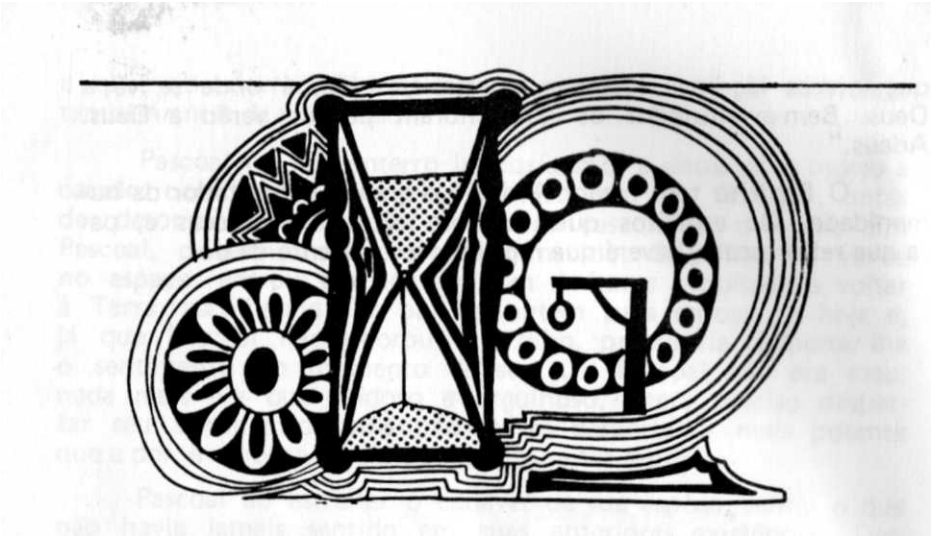
Pascoal ao estreitar o cadáver de sua esposa, sentiu o que não havia jamais sentido em suas anteriores existências. Despertou violentamente seu sentimento e chorou com grande desconsolo; o homem que, se alegrou da morte de seu filho antes de vê-lo unido à uma plebeia, hoje chora com lágrimas de sangue a perda da mulher amada, ouviu o despertador de todos os tempos, ouviu a voz do infinito que chama seu juízo e, de hoje em diante, não preferirá os pergaminhos à virtude.

Neste triste episódio despertou-se o sentimento de uma alma, que dormia em meio de suas riquezas terrenas.

Os meninos que ficaram feridos tinham sido espiões dos amores de Carlos e Anita. Todos têm o que merecem, porque não há dívida que não se pague, nem prazo que não se cumpra.

O despertador da alma é um grande acontecimento, porque de um ser sensível pode-se esperar todas as boas obras, enquanto que de um espírito envaidecido com suas riquezas não se poderá obter mais que a neve de seu egoísmo e de sua petulância. Soe, pois, o despertador dos séculos, ainda que chorem as almas no seu despertar, pois o homem que não chora, não vê a Deus; tem-se que chorar muito para ver o arco-íris que nossas lágrimas formam e, esse arco-íris, é onde se vê a üeus. Bem-aventurados os que choram porque verão a Deus. Adeus."

O Espírito tem razão: A dor é o grande despertador da humanidade. Os espíritos que dormem são árvores secas e, paia que refloresçam, haverá que regá-las com o pranto da dor.



Não há fenômenos

Um espírita de Rosário de Santa Fé, escreveu-me enviando-me o seguinte artigo: Um raro fenômeno. "The Daily Mail", jornal inglês de grande circulação, não somente na Inglaterra mas em todo o mundo, conta o seguinte e interessante fato:

"Em fevereiro de 1905 foi condenado um criado, John Lee, que era acusado de ter assassinado em Londres a uma senhora em cuja casa servia há muitos anos. Mas enquanto durou o processo, ele protestou energicamente sua inocência.

No dia em que devia ser enforcado, manifestou-se um extraordinário fenômeno: o básculo do patíbulo não funcionou, pois devia baixar o corpo no vazio.

Três vezes o verdugo renovou suas tentativas, mas em vão. O básculo funcionava perfeitamente quando o condenado não estava sobre o patíbulo, mas quando estava, aquele não se movia. Os juízes e o procurador que estavam presentes ao ato da execução, ficaram perplexos ante este estranho fenômeno.

Depois de longas deliberações renunciou-se à execução de John Lee.

Então o condenado não cessou de manifestar sua inocência. 0 procurador ordenou uma segunda instrução e a revisão do processo, e no mês passado o Tribunal pôs John em liberdade.

Este fato extraordinário muito impressionou aos juízes e ao público.

Verdadeiramente era um caso raríssimo, pelo qual muitos espíritas de Santa Fé, pedem-me que pergunte sobre a causa de tão extraordinário fenômeno. E desejando atender meus irmãos de fé, perguntei ao guia de meus trabalhos havendo obtido a seguinte comunicação:

"Não há fenômenos, o acontecimento que parece estranho e assombroso, não é mais que o resultado de nossas ações de ontem, a consequência natural de nossas boas obras e más. Se assim não fosse, as eternas leis da Natureza perderiam seu perfeito equilíbrio e as leis não se alteram jamais. Tudo segue um compasso de marcha, tudo se desenvolve e progride a seu tempo, os acontecimentos que fazem época na vida do homem, não se adiantam nem um segundo nem se atrasam um minuto; o tempo é o relógio dos séculos, seu relojoeiro é Deus mesmo, e esse Grande Mecânico faz funcionar as máquinas tão perfeitamente, que te repito, nem se atrasam nem se adiantam os acontecimentos do futuro do homem.

Esse Espírito, que tem sofrido ultimamente todas as angústias, todas as dores, de sua próxima execução, e que o patíbulo negou-se a funcionar, porque seus movimentos foram paralisados por espíritos amigos do condenado, esse homem, que na realidade nesta existência não cometeu crime nenhum, e que a justiça humana cumpriu com seu dever, declarando-o inocente, nem sempre foi bom como agora. Tem uma página de sua história tão cheia de manchas que se propôs em sua atual existência deixá-la limpa, e conseguiu-o. Porque as três vezes que o verdugo lhe enforcaria, sofreu naqueles momentos mil mortes por segundo. Graças que é um Espírito enérgico e tem muito bons amigos no espaço, especialmente um, ao que fez sofrer algo parecido ao que sofreu agora.

O Espírito de John Lee, em uma de suas anteriores existências pertenceu à nobreza; herdou de seus pais muitos pergaminhos e meias riquezas que ele propôs aumentar, pensando que o ouro abre todas as portas, tanto na Terra como no céu.

Entre seus muitos servidores, tinha um que servia de escudeiro, de secretário, de ajudante de quarto, sendo na realidade seu cão fiel que obedecia cegamente seus iníquos planos.

John era muito hábil para fazer testamentos falsos, e outros documentos nos quais se apropriava de bens que não eram seus, deixando na miséria muitos de seus parentes e vizinhos.

Seu fiel servidor, seu escudeiro Daniel, estava inteirado de tudo e John chegou a ter medo. Apoderou-se o pânico de seu ânimo e disse a si mesmo: este homem pode perder-me, a sede de ouro que tenho pode apoderar-se de sua alma; é muito esperto, compreende perfeitamente que se falar, pagarão suas delações muito bem. Homem morto não fala mãos à obra. De momento lhe acusarei de ladrão, dizendo que me roubou uma importância fabulosa; se o acusador é rico, logo se consegue a condenação, e dito e feito. John acusou Daniel de havê-lo roubado "tanto e quanto". Daniel foi preso e não só apareceu diante da justiça como ladrão, mas também foi acusado de assassino, atribuindo sê-lhe a morte de um funcionário público, que na época anterior haviam encontrado debaixo de uma ponte, com a cabeça separada do tronco e um punhal cravado no peito.

John Lee derramou dinheiro a mãos cheias e o sumario ficou terminado em breves dias.

Daniel sempre dizia o mesmo: que era inocente, e que não sabia do que falavam, mas suas declarações não eram atendidas porque um poderoso queria vê-lo morto.

Na véspera da execução, John Lee sentiu uma dor aguda no coração; olhou-se e murmurou: Sou um miserável! Daniel á inocente eu sei, não tenho dele a menor queixa, serviu-me desinteressadamente. Quando quis recompensar seus serviços, disse-me: estando a vosso lado, tenho a maior recompensa; e só por um temor, sem fundamento, assassino este infeliz. Ah, me afogo! o remorso me fará morrer. . . fogo e não sangue, corre em minhas veias, mas ainda é tempo.

E dominado pela mais horrível ansiedade, correu ao lugar de execução, no momento em que Daniel dizia ao verdugo: — — Perdôo-te o crime que vais cometer, porque és inocente. Sim, gritou John Lee, é inocente, debaixo do segredo de confissão devolveu-me o que me havia roubado, e disseram-me que o assassino do funcionário foi encontrado debaixo da ponte, e confessou o delito sabendo que um inocente ia morrer por sua causa.

A estupefação dos juízes foi indescritível. Daniel teve tantas emoções que ficou muito tempo enfermo, cuidado por seu senhor, que levou-o à casa novamente, tratando-o com o maior carinho.

Daniel, enquanto esteve na Terra, ignorou o proceder de seu senhor, e morreu bendizendo-o, mas no espaço soube de tudo e teve pena ao vê-lo cair tão fundo. Mas o queria tanto que foi seu anjo bom, e ao encontrar-se, os dois no espaço, aconselhou a John Lee que se apressasse a sofrer o que havia feito sofrer à outro. Mas, John Lee, necessitou de muito tempo para decidir-se a pagar uma dívida tão horrível e, finalmente, nesta existência, sofreu valentemente a maior das dores. Daniel e outros espíritos impediram que a báscula funcionas se pois não deveria morrer quem se arrependera de seu crime, a sinceridade de seu arrependimento recebeu a recompensa merecida, que dos arrependidos é o reino dos céus. Adeus."

Tem razão o Espírito, não ha' fenômenos, não ha' mais que o cumprimento da lei eterna, quanto há que estudar na Criação.

Bem dizia o sábio da Grécia: — Só sei que não sei nada!

João amanha

"Quando um pensamento ou uma impressão vos incline a corrigir um defeito ou o ardor de uma paixão, seja por palavra, obra ou trabalho puramente mental, não espereis nunca o amanhã para corrigi-lo, mas o momento seguinte, porque esperando podereis vos encontrar no dia de vossa transformação, e então tereis que sofrer as consequências de vossa preguiça em agir."

"Muitos pensam e dizem: Quando notar que minha hora chega e perceber sinais de que minha existência chega ao fim, tomarei uma resolução. Que maneira errônea de pensar é esta. Cada dia tendes avisos com as impressões que os Espíritos vos fazem sentir e, além disso as dores físicas vos indicam que o organismo perde suas energias e vai chegando a hora de prestar contas."

"Aproveitando estes avisos e bem procedendo, em lugar de alimentar vossos defeitos, pagareis já de momento vossas dívidas, e vossas responsabilidades se irão extinguindo e vos prepararareis dignamente para essa hora solene em que a morte se apresenta."

"Se muitos procederem como indico, não se encontrarão em situação comprometedora quanto se cumprir o prazo.

Mas, a maioria de vós pensais e dizeis: Ainda sobra tempo e, ainda que atormentados cruelmente por dores físicas, resis-tis às moléstias com valor, valor que empregado em causa melhor, vos seria de grande proveito à vossa resistência; procurais distrair-vos e dizeis. . . amanhã. . . amanhã começarei a emendar-me, hoje é cedo ainda, e continuais com os mesmos desejos impuros, sonhando com gozos que depois vos trarão males sem conta."

Isto diz um Espírito a um meu irmão em fé, e na realidade é com razão o que diz o ser de Além-Túmulo; sempre deixamos para amanhã a realização de uma boa obra; ao contrário, nos apressamos em pensar mal de nosso próximo, e para isso somos diligentes!. . .

Sim, nossa língua emudece por força das admoestações e conselhos dos espíritos, que tanto se preocupam com a murmuração. 0 nosso pensamento é que trabalha sem cessar censurando as ações dos outros, e quantas vezes caçoamos dos indolentes e dos preguiçosos que nos rodeiam e somos nós os primeiros a deixar para amanhã o que deveríamos fazer hoje!. . .

"Não te canses de escrever sobre esse tema (me diz um Espírito), tudo quanto se diga referente a este assunto, é pouco. Em comparação com os gravíssimos prejuízos que proporciona esse vício (que até parece insignificante) de deixar para amanhã o trabalho que deveria ter feito hoje, que são umas quantas horas no relógio do tempo? Sim, deverão passar completamente despercebidas, dizeis vós bocejando com indiferença: — Se há tantos dias!. . . Sim, há muitos dias, mas cada dia tem seu trabalho marcado, e quando esse trabalho não se executa, começa o desequilíbrio da vida daquele que não o realiza.

Sei, infelizmente, por experiência. Fui vítima de mim mesmo; o amanhã foi minha condenação (não diremos eterna), porque nunca o castigo é superior à culpa, mas, suficientemente prolongada para sofrer um estacionamento, não só em uma existência, mas em várias reencarnações. Sempre cheguei a todas as partes, uma hora mais tarde do que devia chegar, e nessa hora, às vezes, muitos dramas, pior ainda, tragédias aconteceram.

Em minha última existência, meu principal defeito foi a preguiça. Filho único, meus pais me quiseram tanto que não souberam combater minha indolência; temendo perder-me, deixaram-me crescer sem corrigir minhas más condições, e como tinham com o que viver não se preocupavam em pensar no meu futuro, que eles acreditavam assegurado, e cheguei aos vinte anos sem saber os rudimentos de uma educação elementar.

Um irmão de meu pai, capitão de um navio mercante, homem prático e conhecedor da vida, falou muito claro aos meus pais, pintando meu futuro com as mais negras cores. Minha mãe, que me adorava, não deixava de conhecer que eu era um vagabundo em toda a extensão da palavra, inútil para o estudo e para todo trabalho manual, e ainda que tarde, quis corrigir seu erro, entregando-me ao irmão de meu pai para que este fizesse de mim um homem de bem. Empreendi a primeira viagem, e mudei bastante em meu modo de ser, vendo em torno de mim, homens submissos e contentes que trabalhavam o dia todo.

Meu preceptor se impôs o trabalho de ensinar-me a ler e a escrever corretamente, não descansando em seu empenho de combater minha indolência natural, aue sempre queria deixar para amanhã o que podia fazer hoje com tempo de sobra.

Um ano fazia que eu estava viajando, quando estando em Marselha, recebi carta de minha mãe, dizendo-me que voltasse porque meu pai estava gravemente enfermo; seu irmão não pôde deixar o navio naqueles dias, e fui sozinho à casa paterna.

Mas, na metade do caminho quis dormir uma noite para descansar, deixando para amanhã a continuação da viagem. No dia seguinte, estragou-se uma roda da diligência, que deveria levar-me à casa de meus pais, e perdi outro dia porque não me ocorreu procurar outro veiculo.

Quando cheguei ao lar paterno, achei meu pai de corpo presente, e minha mãe completamente desesperada, dizendo com amargura: "Recolho agora o fruto de minha criminosa condescendência contigo, pois seguramente não vieste diretamente, e sim te entretiveste pelo caminho."

Confessei minha falta, e minha mãe recriminou-se duramente, e pela primeira vez, envergonhei-me de mim mesmo. Deixei de viajar para fazer companhia à minha mãe e para administrar os bens que meu pai havia deixado, mas era tanta minha dissídia e indolência, deixando para amanhã os assuntos mais urgentes, que minha fortuna começou a diminuir de tal modo, que minha mãe alarmou-se seriamente. Para ver se despertava minha atividade, tratou meu casamento com uma jovem muito boa, que se enamorou loucamente de mim, e eu dela, porém meu amor não foi suficiente para combater meu principal defeito, e segui tão indolente quanto antes.

Tive que empreender uma longa viagem, porque o irmão de meu pai chamou-me a seu lado para me entregar suas economias, pois sentia que ia morrer.

Minha prometida, durante minha ausência entrou num convento, prometendo-me que seria minha ou de Deus. Minha viagem devia durar um ano, mas devido à preguiça, deixei para amanhã diversos assuntos e depois de haver atendido meu amigo preceptor, de cerrar seus olhos e deixá-lo na tumba, deixei passar a saída de um barco e perdi seis meses sem poder embarcar, por não haver navio que zarpasse para meu país e, quando achei-me em ordem com todos os meus assuntos, caí enfermo ligeiramente; não tratei de combater o mal, e perdi novamente a ocasião de embarcar.

Como sempre, dizia a mim mesmo: — amanhã escreverei. Minha mãe e minha noiva choraram pensando que morri, e quando afinal cheguei à minha casa, sem haver avisado a chegada, soube por criados que minha mãe estava na igreja do convento onde havia professado aquele dia, a minha prometida. Esta infeliz, ao saber de minha volta, jogou-se do alto do campanário, não quis viver sem mim.

Minha mãe impressionou-se de tal modo com minha chegada e com a morte da pobre freira, que em poucos dias morreu; e eu sem perder a razão completamente, fiquei de tal modo, que não era útil nem para mim mesmo.

Meus bens foram entregues a mãos estranhas, e desapareceram por completo. Cheguei a mendigar meu sustento, e muitos mofavam de mim, e diziam-me: volte amanhã. Passei fome e sede, e fiquei sem ter onde abrigar-me. Assim vivi muitos anos na maior indigência, escutando as burlas dos moleques que me diziam: - Não comes hoje? Amanhã comerás. Ninguém me socorreu, nem merecia!

Perdi meu nome e meu sobrenome, e me puseram o apelido de João Amanhã.

Quando as crianças de rua me viam passar, gritavam: — Onde vais, João Amanhã? Recobrava por um momento a lucidez de minhas idéias e sofria recordando minha juventude, na qual fui tão querido, tão respeitado, tão atendido. E tudo era obra minha. Tive pais amorosíssimos, tive um preceptor com a melhor boa vontade para fazer de mim um homem de bem, tive uma mulher que me amou tanto que preferiu a morte a viver separada de mim, tive bens suficientes para desfrutar moderadamente de todos os prazeres da existência.

Não tive nenhum defeito físico, e se bem que minha infância não foi de grande robustez, em minha juventude adquiri o desenvolvimento necessário para ser o que aí chamais de um moço forte. Alto, esbelto, vigoroso, era um ser simpático, reunia, pois, todas as condições para haver sido relativamente feliz, e fui, em troca, profundamente infeliz.

E tudo foi obra minha. Até para morrer, tive preguiça de ir ao hospital, e disse: — irei amanhã; e no portão da casa em ruínas onde nos reuníamos vários mendigos, todas as noites, exalei meu último suspiro, permanecendo junto aos meus restos, até que vieram vários enterradores que ao chegarem ao cemitério me jogaram brutalmente, dizendo uns aos outros: o enterraremos amanhã, assim lhe daremos gosto, já que o coitado tudo deixava para amanhã.

Quanto mal me fez aquela cruel brincadeira!. . . Graças que a ninguém falta quem lhe ame! Meus pais foram os encarregados de afastar-me do cemitério; ali deixei meu corpo, e sobre ele, insepulto, caía copiosa chuva, como se as nuvens compassivas chorassem ante tanta desventura, e quando compreendi meu verdadeiro estado, fiz o firme propósito de emendar-me, sendo meu atual trabalho correr atrás dos indolentes inspirando-lhes maior atividade, associando-me feliz a todos aqueles que querem trabalhar para o bem da Humanidade.

Perdi tantos séculos, esbanjei tantos bens materiais e intelectuais, fui dono de tantos tesouros, e tudo para quê? Para ser em minha última existência o tolo da plebe e levar o apelido de João Amanhã, o que em outra existência, em outro século escreveu seu nome com letras de ouro no grande livro da história. Como se decai quando alguém se converte no joguete de seus vícios.

É verdade que nada é perdido do que se ganhou, que amanhã quando volte à Terra, serei um trabalhador incansável; que farei da noite, dia, e me aproveitarei de meus conhecimentos adquiridos, para ser também, quem sabe, artista e filósofo, historiador e grande político. Todas as manifestações do saber humano me parecerão poucas para empregá-las em minha existência, e serei um modelo de atividade e de generosas iniciativas.

Quanto me alegra sonhar com meu amanhã! Serei grande entre os grandes! Sábio entre os sábios! Bom entre os bons! "Adeus."

Grande ensinamento encerra a comunicação que acabo de receber, e se não fosse avara do tempo, se eu não acreditasse que não se deve deixar para amanhã, o que podemos fazer hoje, a história deste Espírito, melhor dizendo, um dos capítulos de sua história, me teria servido para pôr em prática uma das virtudes de que nos fala a doutrina cristã: contra a preguiça, diligência.

Se cada dia tem seu próprio afã, a cada dia devemos deixar terminado o trabalho que aquele afã reclama, deixando livres todas as horas do dia seguinte, que já virão novos afãs apoderar-se delas.

Há um antigo adágio, que diz: guardar de comer e não o que fazer; e é verdade, porque o acúmulo de trabalho engendra o cansaço e o obreiro cansado não faz boas obras.

Para trabalhar com relativa perfeição, haverá que ter forças acumuladas, lucidez nas idéias e agilidade nos membros, e isto só se consegue metodizando o trabalho, dando ao afã de cada dia todas as atividades de que podemos dispor, para podermos dizer ao chegar a noite e nos entregarmos ao descanso: Senhor, se o tempo é ouro, hoje tirei desta mina todos os filões que pude para enriquecer-me em talento e virtudes.

Quanta sombra!

Entre as muitas pessoas que me visitam, ficou-me gravada a imagem de Teodora Ortiz, uma mulher muito simpática, muito bem educada e muito espírita. Prometeu-me escrever assim que chegasse a Madrid, e cumpriu sua palavra, dizendo-me o seguinte em sua carta:

"Recordar-se-á que, no dia de nossa entrevista, lhe expliquei, juntamente com meu esposo, a perseguição de que eu era objeto por parte de nossa avó (avó de meu marido), que desencarnou faz treze ou quatorze anos, começando a sentir os efeitos de seu ódio por mim ao cabo de estar, no espaço, três anos, continuando, desde então, sua perseguição, com uma tenacidade que raia ao inverossímil, tanto física como moralmente e, também, nos bens materiais. Tanto é assim que, se não tivesse a sorte de conhecer o Espiritismo, e de entrar em contato com bons espíritas, seguramente que dados os golpes que temos recebido desse espírito, teria sucumbido, sem levar a prova a feliz término.

Graças que temos também bons amigos invisíveis que nos deram e nos dão seu valioso auxílio, pois de todos necessitamos. Esquecia-me de dizer-lhe que, quando a tensão é muito grande, minha filha Inês, que há três anos desencarnou, quando completaria dois anos, vem dar-me alento, pois sabe-se que é um espírito muito elevado, porque com sua presença faz retirar o espírito rebelde que me persegue e dá-me forças que me repõem e me induzem a perdoar, e até a querer a meu perseguidor.

Feita assim a narração em rápidas pinceladas do que me acontece, atrevo-me a pedir-lhe um favor que agradecerei eternamente, e é que quando tenha oportunidade, consulte o guia de seus trabalhos para ver se diz o que há entre esse espírito e eu. Que poderá haver entre nossa avó e nós, que causa há no passado para que o efeito no presente seja tão triste e tão angustioso. Creio inútil dizer-lhe que não nos move pueril curiosidade mas, sim, o desejo que temos de fazer progredir e de fazer as pazes com esse pobre espírito que, se chegar a conseguir, considerar-me-ei completamente feliz. Sofro tanto."

A carta de Teodora impressionou-me profundamente, porque me fez recordar seu anterior relato que era verdadeiramente comovedor, porque é vidente e, continuamente, vê sua avó com as mãos tocando lhe o pescoço, querendo estrangulá-la.

Quantos mistérios! Quanta sombra guarda a noite do passado!. . . Ante o padecimento de uma família não titubiei em perguntar aos meus amigos invisíveis por que Teodora tem que sofrer tanto, e me responderam o seguinte:

"Para responder devidamente, à tua pergunta, teríamos que dar uma série de comunicações sobre a história de Teodora, mas, por hoje, dizemos que quando o tribunal do Santo Ofício ditava suas horríveis leis, um de seus mais poderosos juízes confessava ao melhor da nobreza espanhola residente na Corte.

Naquela época, Teodora era uma jovem formosíssima, que deveria unir-se em matrimônio a um homem digno dela, e antes de receber a bênção nupcial foi confessar seus inocentes pecados com o temível inquisidor que, ao escutá-la, perdeu por completo a razão e jurou fazê-la sua. Ao levantar-se Teodora, prostrou-se diante do confessionário seu prometido e o confessor empregou suas más artes para cobrir de infâmia a honra imaculada de Teodora, não conseguindo seu vil intento porque seu futuro marido estava convencido de que sua amada era um anjo disfarçado de mulher. Trocaram impressões os dois enamorados e trataram de efetuar o enlace quanto antes, mas antes de levá-lo a cabo, Teodora foi acusada de hereje e a tiraram violentamente do lar paterno.

Mas, seu prometido que era um homem muito influente, pôs em jogo seu poder, empregou grandes somas em comprar agentes e carcereiros, e Teodora pôde sair de sua prisão, fugindo para o estrangeiro onde efetuou seu casamento, o que enlouqueceu e deixou raivoso seu perseguidor, que não pôde vencer a resistência de Teodora. Esta foi feliz com seu esposo, mas não pôde voltar à Espanha até que morreu seu feroz inquisidor, que no espaço não se inteirou de sua morte. Continuou acreditando que vivia, odiando e desejando possuir Teodora.

0 inquisidor voltou à Terra, e Teodora também. Viveram sob o mesmo teto; quando Teodora contraiu matrimônio, sua avó continuou sentindo por ela incompreensível aversão.

Deixou finalmente a Terra na maior perturbação; tardou em saber de sua desencarnação e quando reconheceu o estado de seu espírito, redobrou seu ódio contra Teodora. Materializado por completo, lhe faz todo o mal que pode, e graças ao esposo que ela teve em sua anterior existência, e que nesta encarnação foi sua filha Inês, espírito de grande potência, ajuda muito sua mãe e a fortalece para resistir à horrível perseguição de um espírito completamente materializado, dominado por paixões mais violentas.

Teodora e o espírito de sua filha Inês devem trabalhar sem descanso para fazer compreender, ao inquisidor de ontem, seu verdadeiro estado, aconselhando-o, exortando-o e perdoando suas ofensas; é um louco que devem curar e apiedar-se; em outra comunicação te direi algo mais sobre a história de Teodora, espírito forte, digno, valente, que se pecou na noite do tempo, chegou depois ao heroísmo, ao sacrifício, para defender sua honra. Sabe sofrer, agora, porém, deverá saber perdoar, e depois. . . depois amar a seus inimigos.

Tudo que é bom chegará a conseguir, porque tem vontade e desejo de progredir. Adeus."

Quanta sombra! Quanta sombra guarda o passado! Felizes os espíritas que podem ver entre os véus de ontem e contemplar os esplendores do sol do porvir.

Bendita mil e mil vezes a comunicação de Além-Túmulo! A Humanidade já não caminha às cegas. Já vê brilhar no oriente o astro da Verdade.

Amor eterno

Quantas dores se sofre neste mundo! Que sombria mansão é a Terra! Quantos infortunados me fazem participar de suas penas!

Eis aqui os fragmentos de uma carta que acabo de receber: "Faz aproximadamente uns nove anos, que está reclusa em um manicômio, uma neta minha; conta agora treze anos, seu estado é o mais triste que a mente humana possa conceber, é uma verdadeira autômata, impossibilitada de ambas as extremidades, surda e muda, sem conhecimento nem raciocínio, de nenhum gênero, e neste estado ali permanece, pois meus recursos, neste momento, não me permitem tê-la ao meu lado conforme meus veementes desejos. Sinto por ela um carinho e uma afeição tão imensa que, francamente, não tem explicação, e me faz sofrer horrivelmente o fato de ter que ir visitá-la, já que minha presença lhe é completamente indiferente, sofrendo meu espírito de maneira espantosa.

Por tudo que lhe digo, suplico encarecidamente que peça ao guia de seus trabalhos alguns pormenores sobre a história passada desta infeliz criatura, e qual relação existe entre ela e mim. Não deixe de atender meu pedido, creio no Espiritismo, na realidade das encarnações sucessivas e necessito tranquilizar meu Espírito com uma nova revelação."

0 pedido de um ser que sofre sempre foi sagrado para mim, assim é que procurei perguntar a um Espírito sobre esses dois seres tão infortunados, e me respondeu o seguinte:

"é justa a ansiedade e a perplexidade desse irmão que recorre a ti pedindo auxílio, e como ao que pede dá-se, escuta atenta minha comunicação. A menina paralítica de hoje, surda-muda, a idiota, ao que parece, pois não o é na realidade, para maior tormento seu, foi em sua última reencarnação, personagem célebre por seus feitos. Nasceu em Espanha, e foi o assombro das pessoas por sua destreza, por sua audácia, por sua ousadia, por sua temeridade, arrastando os maiores perigos, para assaltar os caminhantes e atacar as moradias senhoria is, para apoderar-se de tesouros os mais escondidos. Era um bandido terrível, os governantes mais importantes capitulavam diante dele.

Era um homem arrogante, com a formosura de anjo das trevas, e como era de nobre estirpe, seus modos, quando lhe era conveniente eram os mais distintos que pudesse desejar a dama mais exigente. Assim é que não é nada estranho que enlouquecesse por ele uma jovem de muito boa família, que ele tirou do lar, e levou-a muito longe, para evitar reclamações e sérios desgostos com os pais dela. A jovem seduzida, tarde compreendeu o mau passo que havia dado, mas o queria tanto, estava enamorada dele, que se propôs convertê-lo e fazer do feroz bandido um homem de bem. Entretanto, todo seu empenho foi inútil: ela era muito cristã, acreditava na eficácia dos jejuns e das penitências, e se propôs cilícios, martirizou seu formoso corpo, para redimir o homem que amava. Este cansou-se de seus sermões e lamentações, e depois de cometer um roubo em quadrilha e matar a vários dos roubados, disse a um de seus companheiros: "a mulher que nos segue há tanto tempo nos estorva, cada dia se torna mais escrupulosa e mais devota, faze com que desapareça para o bem de todos, e ganhemos tempo."

O bandoleiro cumpriu as ordens de seu capitão, e em lugar despovoado onde a terra estava sulcada por fundos buracos, num deles atirou a jovem enamorada, boa e crente, que se converteu em redentora e como é natural a crucificaram.

Mais tarde, num encontro com gente armada, morreu parte dos bandidos, entre eles o capitão que ao chegar no espaço, foi recebido pela sua redentora, disposta a ser seu anjo tutelar, pois o queria muito! Estiveram bastante tempo no espaço, e ela o foi preparando para começar a saldar suas contas, e tanto empenhou-se em sua conversão, e tanta luz lhe deram outros espíritos, que o bandido de ontem é a menina de hoje, a paralítica. Tanto correu para cometer horríveis delitos que hoje não pode mover-se, nem pode falar quem ontem falou para ditar sentenças de morte; o avô angustiado que visita sua neta, e esta não o reconhece, é sua vítima de ontem, a que quis ser sua redentora, espírito de amor, espírito de luz que a seguirá sempre, até convertê-la em um ser superior.

Seu amor é imenso, dele não tendes a menor ideia na Terra, onde os amores são flores de um dia, ilusões passageiras, fogos que tãp rápido se acendem como se apagam, e o amor desse espírito chegará ao sacrifício sem sentir desfalecimento, o acompanhará sempre, sustentará em seus braços e, em todas suas encarnações, estará enlaçada a ele, de uma ou de outra maneira, e durante o sono murmurará em seu ouvido: Coragem para saldar tuas dívidas, muito pecaste, mas tens a eternidade para regenerar-te. Irei contigo, não estarás só, serei tua mãe, tua irmã, tua esposa, tua filha, me enlaçarei contigo, em todos os parentescos terrenos, e no espaço serei tua estrela polar, que te guiará eternamente à luz e à verdade.

Muito mais te diria sobre o amor desse espírito, que é um enviado de Deus para engrandecer um culpado. Os enfermos são os que mais necessitam dos médicos celestiais. Adeus."

Que formosa é a missão dos espíritos que amam. Se não fosse por eles, que seria dos terrenos, pois, na maioria, temos uma horrível história? Felizes os espíritos que amam e ditosos também os que são amados.

Tudo tem sua causa

Uma das catástrofes que mais me impressionam são os incêndios: duas vezes em nossa vida nos vimos ameaçados pelo fogo, e uma vez pela água, em uma das muitas inundações que sofreu Sevilha. E nos horrorizou muito mais o fogo que a água, e esta subia sem parar, convertendo o pátio de nossa casa em um grande lago, onde nadavam os móveis das casas baixas, produzindo em nosso ânimo um efeito tão doloroso, aquela negra água, que se fosse sangue, não nos teria espantado tanto. Mas em meio de tudo, nossa dor era tranquila, e nos deixava completamente livre o pensamento, nosso ser languidescia; e pensávamos na morte próxima sem aturdimento, parecia que nos preparávamos para um sacrifício forçado, víamos o cumprimento de uma lei fatal e dizíamos como os maometanos: Estava escrito! Quando nos vimos livres daquele perigo, olhamos sem horror o lugar onde estávamos expostos a morrer.. . Mas quando em Madrid, estando uma noite entregue ao sono, ouvimos altas vozes que gritavam: "fogo"; a emoção que experimentamos, não temos palavras para descrevê-la! Cremos que, se tivéssemos que subir ao patíbulo, não poderíamos sofrer mais. Quando saímos na sacada e vimos a larga rua cheia de coches que conduziam as bombas, soldados, bombeiros, uma multidão imensa que gritava ao mesmo tempo, ficamos de tal modo abatidos que, apesar de não ser o incêndio em nossa casa e até de estarmos dele separados por uma rua, as chamas pareciam envolver nosso ser.

Víamos que estávamos longe e entretanto, seu terrível calor que queimava as entranhas, e durante muito tempo, até quando alguém acendia um fósforo, sentíamos dolorosa emoção, que ocultávamos, porque diriam que era criancice, mas nos impressionávamos e isso era mais forte que qualquer razão sensata. Agora compreendemos perfeitamente, que talvez pagássemos alguma dívida porque, sem querer, sofríamos extraordinariamente.

Dadas estas ligeiras explicações, não estranharão os leitores que sempre que lemos o relato de algum incêndio, todo nosso ser se comove e sentimos profunda compaixão, tanto pelos que morrem queimados, como pelas famílias das vítimas que deverão guardar uma terrível recordação dessas mortes violentas que trituram e despedaçam o corpo, impressionando tão profundamente o espírito. Conforme nos asseguraram alguns seres de Além Túmulo, os que deixam seu envoltório no meio das chamas, ficam com seu perispirito em um estado tão sensitivo, que durante muito tempo, apesar de suas cinzas terem desaparecido da Terra, para eles existe a chama devoradora que consumiu seu corpo, tão aguda é a dor dos que morrem carbonizados. Mas também nos disseram, e isto nos consola e achamos muito lógico, que muitas vezes, o espírito, no uso de seu livre arbítrio, ainda que tenha uma terrível dívida para pagar, não salda sua conta até que tenha criado um número de afeições suficientes para que estas lhe prestem consolo, no meio de sua agonia, para que, ao morrer, não se encontre só, lutando com suas terríveis dores, e seres amigos o procurem afastá-lo do lugar de seu tormento; como este consolo é ganho legitimamente, posto que é consequência de suas boas obras, sacrifícios e abnegação, tudo ameniza sua pena. É natural que pague estritamente o que deve, mas não aumenta seu sofrimento, porque ocorre o que acontece na Terra, a dois que se arruinaram: — um, por exemplo, perde sua fortuna, e trata por meio de seu trabalho, não de recuperar suas riquezas, mas sim de não viver na miséria, e calando tolos orgulhos e insensatas vaidades, não se envergonha de executar os trabalhos mais humildes, nem de ir servir a um amo, ainda que tivesse tido numerosa criadagem; e, ainda que não viva bem, ao menos não sofre nem a fome, nem o frio, nem a sede, e ao fim de alguns anos, quase chega a viver em melancólica tranquilidade.

Vive pobre, mas não desesperado. Ao contrário, o que se arruína e se desespera, e joga tudo por tudo, fazendo negócios ilícitos, entregando-se â fraude e toda sorte de desacertos, finalmente chega um momento que lhe falta recurso para suster-se, e apoiando uma pistola em sua fronte, morre maldizendo uma existência que não lhe proporcionou mais que dores.

A mesma coisa sucede a um espírito que tenha cometido um crime: se se reconhece culpado e tratar de corrigir-se pedindo encarnações para exercer o bem, quando chega a hora de sofrer a dor, que a outro fez sentir, seu tormento não será mais que momentâneo, porque os espíritos lhe devem um benefício e virão alentá-lo e consolá-lo. Diverso do anterior, o espírito rebelde que sofre seu crime aumentando algarismo à sua conta, cometendo novos desacertos, quando chegar a hora de pagar olho por olho e dente por dente, encontrar-se-á só no meio do naufrágio, sem ter uma tábua onde possa agarrar-se, porque o que não se ganha não se obtém. Se tem que sofrer o martírio do fogo, crera, em sua desesperação, que o inferno das religiões positivas é uma realidade, visto que sente todas as torturas que a tradição religiosa assegura existirem no Inferno. Assim é que quando num incêndio morrem algumas ou muitas criaturas, como acontece quando se queima um teatro cheio de expectadores, nosso pensamento não se fixa somente no momento terrível em que as chamas, a confusão e a impaciência proporcionam a morte a centenas de indivíduos. 0 que mais nos horroriza é o amanhã daqueles infortunados, porque como não sabemos em que altura moral se encontravam, não podemos calcular o alívio que podem achar nos seres de Além-túmulo.

Ultimamente, os jornais trouxeram a descrição de um incêndio ocorrido em Granada. A "Gazeta de Catalunha" de 9 de fevereiro, dizia assim: Havia sido uma quinta-feira, um dia de muito trabalho na casa de D. Juan Granizo, honrado comerciante de secos e molhados da rua São Matias. Às dez da noite, terminaram de salgar as carnes de porco e o casal e seus oito filhos, quatro mulheres e quatro varões descansavam ao calor do fogo, ao redor de uma mesa. Às doze da noite, a mandado do pai, foram deitar-se as crianças.

"Vamos cair na cama como uma pedra num poço" disse a de 14 anos, que estava muito cansada.

Eram duas ou três da madrugada, quando o guarda noturno notou um clarão por dentro do armazém. Chamou e não responderam. Todos estavam dormindo profundamente. Pouco depois, a fumaça denunciava o aumento do fogo, e um pouco mais tarde, ouviu se uma terrível explosão; pelas frestas das portas apareceram grandes labaredas, e tiveram que arrombaria.

Ao despertar Granizo, já não se podia sair pela porta. Chamou sua mulher, pegaram a criança de peito, e subiram a parte alta da casa, onde também se reuniram os dois varões maiores, salvando-se todos pelo terraço superior da casa vizinha, em roupas de dormir e aterrorizados. A mãe, especialmente, chegou em estado gravíssimo produzido pelo terror, e com uma forte hemorragia, chorando e gritando pelos filhos.

O pai não podia falar; ninguém podia ter ideia de tudo de horrível e espantoso daquela realidade.

Na rua espalhou-se a notícia de que havia ainda cinco crianças na casa, quando os bombeiros e soldados combatiam o fogo que ameaçava as casas vizinhas. Alguns subiram para salvar as crianças, mas uma horrorosa explosão obrigou-os a atirarem-se pelas sacadas, resultando feridos três ou quatro bombeiros, um soldado e um empregado da hospedaria de Simaneas.

Passada a confusão, chegaram dois homens depois de romper a separação da peça contígua ao dormitório, e acharam o cadáver carbonizado de Angústias, a jovem de 14 anos que, fugindo da morte, subiu sobre uma estante. Então já amanhecia! O fogo propagou-se à hospedaria de Simaneas que desalojou como pôde todos os hóspedes, e chegou a queimar a porta de uma casa em frente.

Nisto, afundaram os andares principal e segundo da casa de Granizo, e perdeu-se a esperança de salvar as 4 crianças, cujos cadáveres destroçados e carbonizados foram mais tarde encontrados. O de Encarnação, de 17 anos, tinha nos braços seu irmãozinho de 7. O cadáver de Carmen, de 11 anos, faltava uma mão e a cabeça. Todos eles menos a primeira, tinham as pernas separadas do tronco.

Os prejuízos foram grandes, pois não se pôde salvar nada. A hospedaria também ardeu, exceto os móveis, e a biblioteca numerosa do filho do dono foi devorada. Assim, os livros e as edições de três obras importantes do catedrático de geografia daquela universidade, senhor Artero, como os originais de sua História do Oriente e Roma, fruto de longas vigílias, e outros mil documentos.

Na casa do senhor Godoy, perderam-se também os rascunhos de uma obra de medicina, que custara cinco anos de trabalho, muitas sacas de trigo, bastante azeite, e outras mil coisas, sem contar obras e documentos, as perdas foram calculadas em 60.000 duros.

Esse infeliz sinistro teve como resultado cinco crianças mortas, oito feridos e contundidos, pois houve dois mais; um pai e mãe enfermos, o que é o pior, da razão. Quando souberam da atroz realidade, sequer compreendiam o que lhes falavam. 0 noivo de uma das jovens mortas ficou doente ao saber a terrível notícia.

Creem que a causa do fogo deve ter sido o incêndio de uma das caixas de fósforos que por esquecimento o dono não guardou em uma lata.

Esta relação nos impressionou dolorosamente, pensando nos pais das vítimas que, naturalmente julgaram que eram joguetes de um terrível pesadelo. Perder cinco filhos em breves segundos.

Entre eles, três flores formosas no mais risonho da vida. Encarnação, de 17 anos. . . quando se preparava para casar! Angústias, de 14 anos, menina que sonhava em perder suas asas de anjo para converter-se em mulher! Carmen, de 11, que ao dormir talvez pensasse em suas bonecas! Que horrível despertar! E quando mais embebidos estávamos em nossas reflexões, o espírito guia de nossos trabalhos literários, assim nos disse: "Não te ocupes somente de lamentar o fato, é necessário que escrevas algo sobre esse acontecimento. Sabes por quê? Porque os pais da vítima necessitam de consolo, e é indispensável despertar sua atenção sobre a comunicação de além-túmulo, para que se relacionem com os seres que acreditam perdidos para sempre.

Os espíritos que deixaram nas ..namas seus envoltórios, encontram se em bom estado porque já haviam feito um grande progresso. Esperaram para saldar sua terrível conta, alguns séculos, nos quais trabalharam sem descanso, criando grandes simpatias espirituais, que agora lhes serviram de alívio, porque não tiveram que sofrer mais que aquelas dores que teriam que experimentar, visto que estes espíritos, em outro tempo se compraziam em ver queimar seus semelhantes. E, não te caiba dúvida, que esses terríveis sinistros, esses incêndios espantosos, nos quais se verifica a imigração de centenas e de milhares de espíritos, não são outra coisa, que expiações, saldos de contas atrasadas, pagamentos vencidos, que não há outro remédio que pagá-los. Podeis ser muito bons, podeis ser baluartes do progresso, mas se antes de possuirdes virtudes, comprazestes no mal alheio e fizestes padecer outros, tendes que sentir suas mesmas angústias, porque assim como nos recompensam com um bom desejo em favor de outro, do mesmo modo a justa lei das compensações nos devolvem gemido por gemido, tortura por tortura, dor por dor.

Quando a Inquisição levantou em Sevilha seu terrível tribunal, os espíritos que sucumbiram em Granada, estavam em Sevilha; sei muito bem sua história, porque laços íntimos me unem a eles. Naquela época, eram mulheres da mais alta nobreza da Andaluzia, que bateram palmas quando viram arder a lenha para os infiéis. Com suas roupas e couraças iam ao encontro da fogueira, agitavam lenços, aclamavam os verdugos, e proporcionavam muitas vítimas ao Santo Ofício, até de sua família, levadas como estavam do zelo religioso e, além disso, querendo apagar com a morte as marcas de seus erros, atendo-se ao refrão de que o homem morto não fala.

Quantos crimes se pouparia à Humanidade se compreendessem que atrás do túmulo não termina a vida, e que as mortes violentas não davam mais resultado que adquirir enormes responsabilidades ao que as causa, e atrair sobre si implacáveis e quase imperecíveis ódios.

Os espíritos a que me refiro, tenho a satisfação de haver trabalhado em seu adiantamento, sendo-lhe mais fácil a vitória por não serem eles de grande perversidade.

Há espíritos que, mesmo ao cometer crimes são dominados pelas circunstâncias, subjugados por religiões, que tanto imperaram na Humanidade e a tão fundos abismos a conduziram.

Estes espíritos chorados por seus pais e amigos, na atualidade, merecem o sentimento que despertaram, porque têm virtudes, amam grandemente a família que deixaram na Terra e desejam comunicar-se com ela para acalmá-la. Por isso eu, valendo-me de ti, digo a esses pais sem consolo: Pobres almas feridas, escutai-me! Não é tão triste vossa atual situação, não é tão horrível, aquelas jovens formosas, aquelas flores louças que embalsamaram com vida, não perderam seu embriagador perfume. Seus corpos foram carbonizados, mas sua posição e seu perispírito, envoltório menos grosseiro que seu corpo material, esse existe envolvendo o espírito, ou melhor, assimilando-se a ele, unindo-se à sua irradiação, ostentando a sua formosura sem haver perdido nenhum de seus encantos, antes aumentando-os, porque o corpo material por mais formoso, nunca tem a celeste beleza do espírito, por ter maior densidade. A beleza espiritual não podeis compreendê-la, entretanto a pressentes, dando aos santos refulgentes auréolas. Pois bem, essa luz que forjais, é um débil reflexo da atmosfera luminosa que rodeia os Espíritos que se engrandeceram por imenso amor, que não pouparam meios de serem úteis à Humanidade.

Pobres almas feridas! Vossa razão enfraquece, e não é para estranhar, porque ao que parece, sofrestes uma irreparável perda. Mas, crede-me, vossa dor encontrará lenitivo se estudardes as obras espíritas e tratar de vos comunicar com vossas filhas, que anseiam por vos consolar, fortificar e alentar. Poucas famílias se encontrarão nas mesmas condições que vós, porque não são todos os que partem que se comunicam, nem todos os que ficam são tão amados. Nesta ocasião, se reúnem muitas circunstancias, todas favoráveis para melhorar vossa pena, pois podeis comunicar-vos com vossas filhas, que hoje deploram vosso desconsolo, vos acariciam e murmuram:

— Despertem! Não nos veem? Não nos sentem?

Pobres almas feridas! Por mais que isso pareça impossível, os mortos vivem, os mortos estão conosco, as chamas tudo consomem, menos os espíritos e o perísprito que servem para a alma manifestar-se no espaço, como o corpo serve para se manifestar na Terra.

Nas trevas da dor vos consumistes, mas a aurora do amanhã coroa vossos horizontes. Abri os olhos e olhai! Prestai atenção e ouvi! E eu vos prometo que se não estais mortos na desesperação, ressuscitareis na esperança. Nada há impossível, o que vos pareça estar fora das leis naturais, realmente não está. Unicamente o que sucede, é que vós ignorais o plano e o método dessas leis, que são muitas na Natureza e escapam à vossa penetração. Mas nem por isso deixam de ser fixas e imutáveis.

Amália, trabalhemos pelo bem desses Espíritos, que hoje choram em Granada, terra de flores, cujo solo foi fecundado com sangue e lágrimas.

Que expiações terríveis há neste planeta! Mas não tenham dúvidas, todas são merecidas. E vós resistis por crer assim, mas nem por isso tudo deixa de ter sua causa.

Recordo-me, quando estive na Terra a última vez, escrevi grandes volumes. Encerravam meu pensamento que para mim era tesouro e, quando mais satisfeito eu estava com o fruto de minhas tarefas, sem saber a causa, a biblioteca pegou fogo, e, em menos de sessenta segundos, ficou reduzido a cinzas meu trabalho, os desvelos de minha vida. Muito sofri com isso, e senti ainda mais o que talvez fizera sofrer, porque já tinha a clara intuição de que vivera antes, e resignado deixei a Terra, constatando que existia. Quando minha razão dominou meu novo estado, vi minhas passadas existências, e encontrei a causa da destruição de meu trabalho: quem com ferro fere, com ferro será ferido. Eu havia atirado ao fogo mil e mil volumes, frutos de vigílias dos sábios, e eu, na destruição da primeira biblioteca que se fundou na Alexandria por Ptolomeu Soter, tomei parte muito ativa e, em outras encarnações, continuei destruindo os frutos maduros do saber humano. Em muitas existências, mais razoável, consagrei-me a escrever, mas nunca minhas obras saíram à luz, sempre o fogo as destruiu. Quem fez, que o pague. Aquele que gozou da destruição do maior bem da Terra, que é uma boa biblioteca, não merece perpetuar seus pensamentos, estes perder-se, como se perdem as marcas do homem na areia.

Trabalha, Amália, não descanses, nem um segundo, propaga o Espiritismo, porque essa filosofia será a redenção da Humanidade. Sabes por quê? Porque evitarás grandes abusos, atos puníveis dos quais sofrem as consequências, por viverem mal os terrenos. A fraude os seduz, a hipocrisia os alegra, vossos costumes deixam muito a desejar, e já é hora da regeneração.

Não vos cansais de viver na sombra? Não vos entristece ver vossos gênios, que se por um lado chegam ao céu da sabedoria, por outro descem até perder-se no abismo?

A verdadeira vida é mais harmônica, mais aprazível; vossos dias sem calma, vossas noites sem sono, são o resultado de vossos anteriores desacertos, não a demonstração da vida que nos foi dada para altos fins.

Olhando a formosura da Natureza, o encanto e a perfeição das espécies, não vos angustia olhar o homem, que sempre está em desacordo com as manifestações de sua inteligência e de seu sentimento?

Estudai! Inquiri! Perguntai! Não percais as horas em passatempos vãos, empregai-as em úteis trabalhos e evitareis inumeráveis sofrimentos. Vereis a diferença de caminhar entre abrolhos ou entre flores.

Todos os condenados sonham com o indulto, que pode minorar suas penas, vós não sonhais com uma vida melhor?"

Sim, sonhamos, bom Espírito, e estamos agradecidos à Providência porque nos permite comunicar-nos contigo e com outros Espíritos, dando nos facilidades para transmitir vossos pensamentos, aos quais enlaçamos nossas idéias, como se enlaça a hera humilde à árvore gigantesca.

Quanto é consoladora a comunicação de Além-Túmulo! Somos felizes porque ao nos ferir o infortúnio, podemos dizer com íntima convicção: Tudo tem sua causa! Procuremos ser bons e seremos felizes!

Queira Deus que estas linhas que escrevemos sob inspiração de um Espírito, atraiam a atenção de uma família que vive ao pé do Alhambra e duvida de Deus e de sua eterna justiça.

Foi ferida nos seres mais amados de seu coração. Só o Espiritismo poderá acalmá-la, só a comunicação dos Espíritos que os deixaram sofrendo a dor das dores, poderá fazê-los sorrir e bendizer a grandeza de Deus, dizendo com imenso júbilo:

— A morte não existe! A vida irradia no infinito! Que formoso é o futuro da Humanidade! Louvado seja Deus!

A avareza de cem séculos

Por muito que estejamos acostumados a ver homens que chamam a atenção pelas excentricidades e esquisitices, sempre surpreende ver um infeliz, vítima de si mesmo. Como dizem muito bem os Espíritos: ninguém tem que fazer o papel de verdugo para castigar as faltas de outro, cada um é verdugo de si mesmo. Na eterna Justiça de Deus cada um recolhe a colheita de sua semeadura. Lendo os jornais, encontrei um artigo que, ao lê-lo, murmurei: — Que causa tera' produzido este efeito? "A avareza de cem séculos", disse uma voz. 0 artigo dizia assim:

— Um avarento —

Na rua da Pomba, número 22, foi encontrado dias atrás um caseiro com fome, moribundo.

Levado ao hospital, faleceu.

Esse homem vivia na maior miséria, dormindo numa enxerga feita com trapos a um canto da casa.

Ontem, ao comparecer onde viveu o avarento, a autoridade encontrou debaixo da enxerga 31.000 pesetas em valores de Banco.

Sim, repetiu a voz de um Espírito, a avareza de cem séculos é a que deu a este infeliz o tormento que sofreu nesta existência. Teve todas as torturas que produz a fome, sendo dono de regular fortuna que lhe punha a coberto de todas as necessidades materiais. Tinha o suficiente para não viver endividado, nem invejoso; mas não teve outro recurso que começar a saldar suas contas, a que esta' muito disposto, esse pobre espírito que, afinal, se convenceu de que as riquezas da Terra, com toda a sua coorte de grandezas e faustos não representam na eterna vida do espírito, nada mais que a sombra, o isolamento e a mais completa solidão. O homem que hoje morreu de fome foi durante 100 séculos o rei do ouro. Teve o talento suficiente para empreender negócios lucrativos, e as areias do deserto se converteram, em suas mãos em pó de ouro, os pedregulhos sem nenhum valor em pedras preciosas, em pedras do Oriente," de incalculável valor. Foi o filho mimado da fortuna, como dizeis na Terra; em todas as empresas em que ele tomava parte, a sorte lhe sorria. Nunca saciava sua sede de riquezas pois, enquanto entesourava mais ouro, mais ouro queria entesourar; mas o ouro em suas mãos se convertia em infecunda areia, porque nunca lhe serviram seus tesouros para consolar a um desventurado. Jamais vestiu um órfão, nunca escutou os gemidos de um ancião des-valido, nem de uma viúva atribulada. Ele, sim, desfrutava de suas riquezas, vivia com a magnificência dos soberanos do Oriente, satisfazia seus menores caprichos, mas as sobras de sua mesa não as aproveitava nenhum pobre. Seus cachorros, fartos, não as consumiam, mas sua criadagem não podia dar nem um pedaço de pão que sobrava. Ai do criado que se atrevesse a ser compassivo: em seguida, era despedido pela sua desobediência. Assim viveu cem séculos, até que afinal escutou a voz de seu guia que lhe disse:

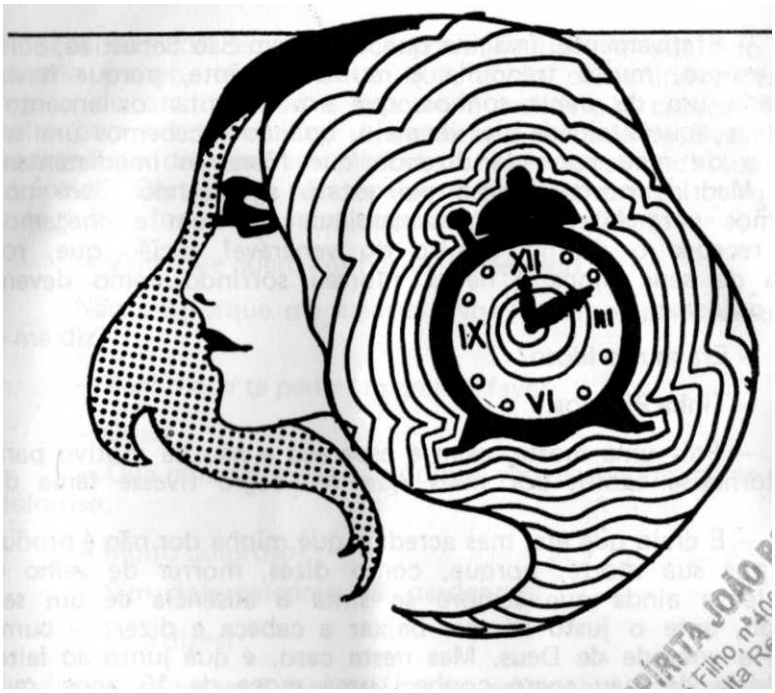
Infeliz! Não estás cansado de viver na sombra? Não manchaste tuas mãos com o sangue de teus semelhantes, mas. . . deste 0 pior exemplo que um homem pode dar, não sendo assassino. Tiveste abundante água nas fontes de tua propriedade, mas negaste a água aos peregrinos sedentos. Apodreceram os frutos das árvores de teus pomares antes de dá-las aos pequenos que te pediam com ansiosos olhares. Não derramaste uma gota de sangue de teus semelhantes mas, para aumentar tuas fabulosas riquezas, retiveste os gêneros de primeira necessidade e morreram centenas de crianças e de velhos de inanição, de fome, e este procedimento, o que te deu? Ouro na Terra e sombra no espaço, e se viste algum raio de luz, foram os incêndios que produziram as multidões enlouquecidas pelo desespero da fome; e se ouviste alguma voz, disse: — Maldito sejas, verdugo avarento, maldito sejas! Volta a ti, infeliz, volta a ti, entesoura virtudes e não moedas. O infeliz avarento escutou a voz de seu guia e pediu sofrer a angústia da pobreza; por isso, em sua última existência não pôde resistir ao antigo vício de entesourar, mas seu tesouro, não lhe proporcionou nenhum prazer. Foi forte para resistir à tentação dos gozos terrenos, e deu um grande passo respeitando seus propósitos de emendar-se. Quando voltar, começará a ser generoso, dando água ao sedento e pão ao esfomeado. Quando vejas esses quadros de miséria, de sofrimento, e contemples um montão de ouro oculto entre sujos farrapos, não digas: — que homem imbecil! Quanto pode a avareza e a estupidez! Não, inclina-te diante de um Espírito que disse com um rasgo de energia: Quero ver a luz! Quero regenerar-me! Quero dar o primeiro passo na senda do sacrifício. Não mais egoísmo, não mais exclusivismo, não mais miséria espiritual!

Respeita esses pobres espíritos que dão o primeiro passo para engrandecer se porque, dado o primeiro passo, outros se seguirão avançando até chegar a ser um modelo de abnegação e generosidade. Adeus.

Muito me satisfez a comunicação que obtive, porque é uma boa lição para não criticar, nem fazer juízos errôneos sobre as ações e o procedimento dos outros.

Cada ser é um capítulo da história da vida e, cada um, desenvolve seus sentimentos, suas aspirações e seus propósitos na medida dos conhecimentos adquiridos em suas passadas encarnações. Não devemos julgar a conduta de ninguém dizendo que nos parece um imbecil ou um sábio, porque como desconhecemos suas anteriores existências, não podemos fazer um juízo exato de seu modo de ser. Agradeço muito aos Espíritos

as lições que me dão, pois, por elas, irei aprendendo a não julgar pelas aparências, que são a máscara que os homens afivelam ao rosto no grande baile de fantasia que se celebra durante o carnaval de nossa vida.



Salvação

Estava pensando em minha amiga Clotilde, quando esta entrou em meu aposento, pálida e triste, envolta em negros crepes.

— Por quem o luto? Perguntei aflita.

— Por meu sogro.

— Pois muito deves ter sentido, pois te acho pálida e abatida; vê-se em teu semblante as marcas da dor.

— Efetivamente, imagina que estava em São Sebastião, com meu esposo, muito tranquila e muito contente, porque havia realizado um de meus sonhos, que era desfrutar os encantos que tem aquela cidade de veraneio, quando recebemos um telegrama de meu cunhado dizendo que fôssemos imediatamente a Madrid, porque nosso pai estava agonizando. Sem nos determos para fazer as malas, subimos ao trem e chegamos para receber o último suspiro do venerável ancião que, rodeado de seus filhos e netos, morreu sorrindo como devem sorrir os justos.

— Era muito idoso?

— Tinha 99 anos.

— Pois uma morte assim é esperada e não há motivo para transtornar-se tanto, por mais que teu sogro tivesse fama de bom.

— E creio que era, mas acredito que minha dor não é produzida por sua morte, porque, como dizes, morrer de velho é uma lei e ainda que sempre se sinta a ausência de um ser querido, ante o justo há que baixar a cabeça e dizer: — cumpra-se a vontade de Deus. Mas neste caso, é que junto ao leito mortuário de meu sogro conheci uma moça de 16 anos, que tinha todas as virtudes de uma santa, todos os encantos de mulher e toda a graça e a travessura de uma menina. Guilhermina era filha única de um casal de classe média que via o céu nos olhos de sua filha, e esta era tão expressiva, tão atrativa, tão carinhosa, tão amável, tão agraciada, que se fazia querer de todo mundo; meu sogro a queria como se fosse algo seu, e Guilhermina o acariciava e o mimava como se na realidade fosse seu avô. Posso dizer que vê-la e querê-la foi uma só coisa, e ela correspondeu a meu carinho com seus cuidados, suas atenções, com seus desvelos. Guilhermina era como o Sol, a luz de sua bondade irradiava a seu derredor, e dava calor e vida a todos que a rodeavam. Como me impressionei muito com a morte de meu pai, ela fez tudo quando pô de para me consolar. Raciocinava tão bem. Parecia uma velha cansada da vida; eu me encontrava pequena a seu lado e, ao mesmo tempo, tão contente que, como o menino procura o regaço de sua mãe, eu a buscava e reclinava a cabeça em seu peito para me tranquilizar e bendizer a vontade de Deus. Tinha o propósito de viver em Madrid, e meu esposo pedir sua transferência à Corte, para não separar-me de Guilhermina. . . quando uma noite a formosa menina empalideceu e me disse:

— Vem que quero confiar-te um segredo.

Não sei porque me assustei. Nos retiramos para seu quarto e me diz:

— Tenho que te pedir um grande favor. -Qual?

— Que console meus pais porque vão receber um golpe muito doloroso. ^

— Muito doloroso?

— Sim, dolorosíssimo; vão perder-me.

— Que dizes?

— Que amanhã morrerei, vi-me em sonhos amortalhada, coberta de flores, e meus sonhos são avisos do céu.

— Deliras.

— Não, não deliro, vou porque é preciso ir. Meus pais me adoram mas seu carinho todo é para mim, e é necessário que amem a Humanidade. Vim para lhes despertar o sentimento; foram felizes com meu carinho, minhas carícias, mas sua felicidade os tornou avarentos e, para entesourar em meu favor um grande dote, negaram um pedaço de pão aos pobres. Falei em sonhos com um velhinho que parece um santo, que dizia: — "Desperta o sentimento de teus pais, diz-lhes que aproveitem o tempo, que sejam gratos à Providência, que lhes concedeu um anjo a seu lado, que façam boas obras em teu nome."

E tudo isto dizia a meus pais, e minha mãe me dizia: — Deixa de bobagens. Não te lembras do que dizia Calderón? Que os sonhos, sonhos são.

E à noite, tornei a ver o velhinho, que me disse: "Ao que se dá a luz, e não quer vê-la se deixa submerso nas trevas." Eu sou o Sol de meus pais e amanhã chegarei ao meu ocaso. Pobrezinhos! Que sós ficarão! E Guilhermina atirou-se em meus braços e chorou com o maior desconsolo.

Não sei o que me ocorreu, mas também chorei, e creio gritei, porque vieram os pais dela muito alarmados e ao ver sua filha, chorando amargamente, creram que o mundo se afundava com eles. Que noite, Amália! Que noite!. . . Guilhermina, pálida, levantou-se e falou em tom profético aconselhando a seus pais que despertassem, abrissem os olhos à realidade, que iria para o bem deles, que lhes deixava por herança o despertador, e que esse despertador era a imensa dor de sua partida. Não sei como brotavam as palavras de sua boca, parecia um oráculo. Finalmente, emudeceu, abriu os braços e seus pais e eu nos abraçamos a ela.

Não sei quanto tempo estivemos abraçados. Fui a primeira a compreender que Guilhermina morrera, porque seus braços caíram inertes; estava tudo concluído. Tudo, menos nosso desespero, porque seus pais e eu acusamos Deus de injusto, de cruel; não sei quantas blasfêmias pronunciamos. Assistimos ao enterro.

Fizemos verdadeiras loucuras. Meu esposo tomou conta do assunto e, quisesse ou não, fez-me sair de Madrid, e aqui estou mais morta que viva.

— E os pais de Guilhermina?

— Creio que estão completamente loucos, porque o pai se fecha no quarto, escreve muito e depois sai, contente, e diz: Escutai o que diz Guilhermina, e lê umas comunicações preciosas. A mãe chora, e os dois vão visitar enfermos pobres, e passam horas no hospital fazendo companhia aos enfermos mais abandonados. Como a loucura é contagiosa, eu também quis comunicar-me com Guilhermina e escrevi: "tu não necessitas de despertador". Meu marido ao ler isto gritou, e saí de Barcelona; aqui estou duvidando e crendo ao mesmo tempo, que os mortos vivem.

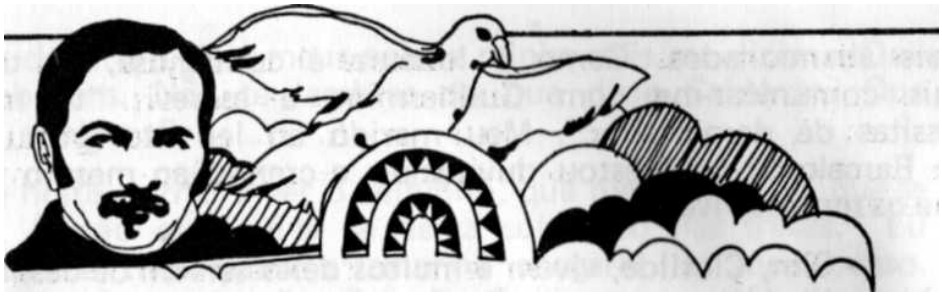
— Sim, Clotilde, vivem e muitos deles servem de despertador à Humanidade.

— Então Guilhermina não sonhava?

— Não, lhe falava um Espírito e a preparava para sua desencarnação.

— Então sua morte foi proveitosa?

— Sim, creio. E com sua ausência os pais despertaram e entraram no caminho de sua regeneração. Deram-lhes flores para ver se sabiam aspirar seu delicado perfume, e vendo que não apreciavam o tesouro que tinham, deram-lhes espinhos. A dor foi o despertador desses espíritos letárgicos em seu egoísmo e em sua pequenez. Deus, nos encantos da Natureza, da' a uns mais que a outros? Não, o Sol brilha para todos. Pois assim tem que ser o amor dos espíritos e quando não se sabe amar, o despertador nos serve de mestre, e pela dor se chora e logo se ama.



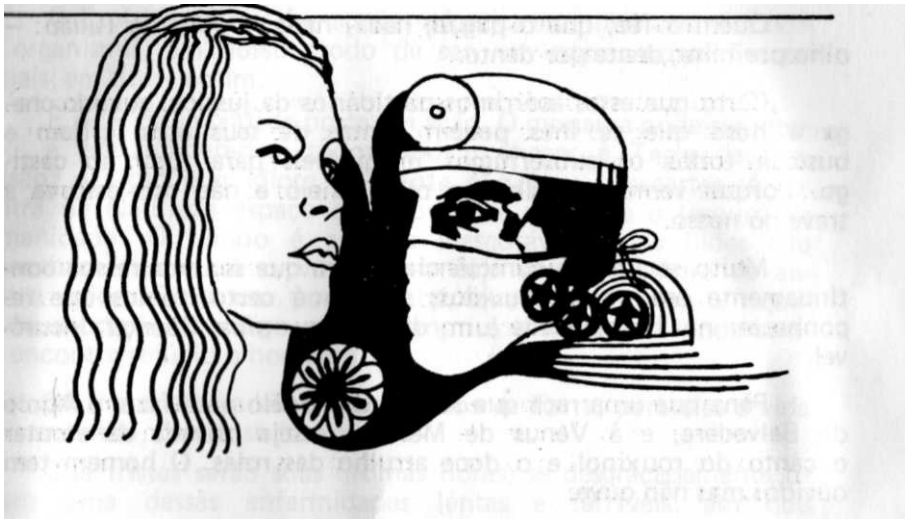
A missão de Kardec

Assim como o Sol da Vida
sobre a Terra nasce,
assim Kardec com suas obras
os ensinamentos espalha,
das sublimes verdades,
tão sublimes quanto grandes.

Sol da inteligência,
é justo que o chamemos,
fonte de amor e consolo.
Quanto ensinam!. . . quanto atraem
seus livros. . . que em letras de ouro
deverão sempre conservar-se.

Espíritas: devemos
com nossos feitos, glorificá-lo,
imitando suas virtudes,
e trabalhando anelantes,
procurando que suas obras
derramem seus ensinamentos.

Louvor a Kardec! Sua missão
foi tão grande!. . . tão grande!. . .
que não há sábio em nosso
ue iguala à sua grandeza.



Não há culpa sem castigo

Os adágios, refrãos e provérbios, são um poema escrito pela experiência, formando um volume que os povos não se preocuparam em encadernar. Por conseguinte, suas folhas soltas voam de cabanas aos palácios, já em regiões tropicais, já no pólo norte, corrigidos e aumentados, mas conservando sempre seu tom satírico e outros sua razão profunda.

Há um refrão que diz: — "Justiça e não por minha casa", palavras vulgares e simples, mas que são o compêndio de todos os sentimentos da Humanidade.

Quem poderá negar que nos alegramos quando a lei castiga ao delinquente? E até a pena de morte, que é antirreligiosa, antissocial e anti-humana, encontra aceitação na maior parte da sociedade, e se diz muito alto, vendo passar a vítima: — Bem merecido está.

Quem o fez, que o pague; nada, nada, a pena de Talião: — olho por olho, dente por dente.

Certo que estes acérrimos partidários da justiça, quando chega a hora que se lhes pedem contas de seus atos, gritam e buscam todos os subterfúgios imagináveis para fugir ao castigo. Porque vemos a palha no olho alheio e não nos estorva a trave no nosso.

Muito se fala da consciência; dizem que sua voz ressoa continuamente em nossos ouvidos; se isto é certo, temos que reconhecer na humanidade um direito ou uma doença incurável.

Pena que uma raça que serviu de modelo para fazer o Apoio de Belvedere, e à Venus de Médicis, esteja privada de escutar o canto do rouxinol e o doce arrulho das rolas. O homem tem ouvidos mas não ouve.

O século XIX, o dos homens infalíveis e o dos maravilhosos específicos, o século do charlatanismo e dos maiores descobrimentos, o que conseguiu enlaçar o sublime com o ridículo; época de antíteses, década de anomalias, na qual lutam desesperadamente, no circo do progresso, dois gladiadores titânicos que se chamam fanatismo e adiantamento. A luz e a sombra, a fé cega e a ciência que analisa; e neste século se encontrou o remédio para a tenaz surdez que sofre a humanidade, encontrou-se a homeopatia da alma, que foi repelida e ridicularizada como a homeopatia que cura o corpo. Porque a necessidade do homem chega a tal extremo que nega tudo aquilo que sua falha inteligência não pode compreender.

Disse o dr. Lopes de Ia Vega, e disse bem, que a homeopatia é a regeneração física da humanidade, e digo, que o Espiritismo é a regeneração moral e intelectual do homem.

Sim, é; porque o Espiritismo nos faz ver e ouvir, à viva força. E como não há pior surdo do que aquele que não quer ouvir, sustenta-se uma dura batalha entre a evidência dos fatos e as negativas maliciosas do obscurantismo.

O Espiritismo nos faz aceitar a justiça em nossa casa, em nosso organismo, em nosso modo de ser, em nossas condições especiais, em tudo, enfim.

E a lei da igualdade posta em ação. O monarca pode ser mendigo, e este, imperador; todos podem chegar à Terra da promissão: o sábio e o idiota, o crente e o ateu. Descartes só encontra na Natureza espaço e tempo, este último é o tesouro da humanidade. 0 tempo é a mina inesgotável, cujos filões não se acabam nunca, é o vulcão em cuja cratera sempre se encontra calor. Dizia um poeta árabe, que o sonho era a riqueza do mortal, e eu digo que o tempo é a santa arca onde sempre encontra refúgio o homem.

Os materialistas são os deserdados da Terra, para eles a vida tem um limite, depois só fica o nada.

Que tristes serão suas últimas horas, se desgraçadamente tiveram uma dessas enfermidades lentas e terríveis, em que sua matéria se foi desagregando por força das dores, tem que dizer, como disse Zorrilha ante a tumba de Lara:

Triste presente por certo se deixa à vida amarga abandonar um deserto; e dar a despedida a feia prenda de um morto.

Certamente que faz mal olhar um cadáver; recordo que antes de ser espírita, improvisei os seguintes versos, contemplando um militar no caixão:

O ver um morto entristece. A matéria só espanta, sem a seiva sacrossanta com que Deus a fortalece. Quando a alma desaparece, de nosso pobre organismo, contemplamos o abismo desta vida transitória, que é um sonho sem memória, que conduz ao ateísmo.

Ao ateísmo sim, e à desesperação mais profunda. Que é a Vida sem o amanhã? 0 esboço de um quadro, o prólogo de uma história, uma voz sem éco, uma flor sem aroma. Por outro lado, quando a esperança nos alenta, que ilimitados horizontes se apresentam ante nossos olhos, a morte do que espera, a morte do justo, como dizem os católicos, doce e tranquila.

O verdadeiro espiritista que sofreu com resignação as pena-lidades da vida, morre com satisfação de haver pago uma dívida.

E o que paga descansa, diz o adágio, e é uma grande verdade.

Nos últimos meses do ano 74, vi uma prova disto na morte de uma mulher, cujo último ano de sua vida na Terra, foi uma agonia prolongada.

Parece que ainda a vejo, era uma mulher de estatura mediana, de uns dez lustros de idade, e humilde e simpática aparência, de expressivo olhar e de afável trato. Espírita de coração, assistia com religioso silêncio às sessões medianímicas que se efetuavam na sua casa.

Uma noite notei sua falta, perguntei por ela, e me disse sua família que estava enferma, com um tumor que a fazia sofrer; propus que suspendêssemos a sessão porque o murmúrio de nossas vozes a molestava.

Ah, não senhora, disseram-me, ela nos pediu que continuássemos nossas tarefas, porque, enquanto duram estas, são os únicos momentos, que sente-se melhor.

Seguimos nos reunindo e a enferma piorando, sofrendo com valor assombroso os curativos, uma fístula ulcerosa devorava sua matéria e nem uma queixa, nem um suspiro brotava de seus lábios. Os meses transcorriam, e a pobre mártir, que pertencia a uma família da classe média, atravessava uma crise suprema em que o ar lhe faltava para respirar. Pediu que a levassem ao hospital; tiveram que aceder a seus desejos e em benéfico hospital seguiu morrendo lentamente.

0 dia em que deixou a Terra, despediu-se tranquilamente de uma sua irmã, dizendo-lhe: — "Vai-te, vou dormir um sono muito bonito. . . Muito bonito foi, porque sua matéria terminou de desagregar-se. Sua família, que havia contemplado com mudo assombro e profunda dor o prolongado martírio de uma mulher cuja vida havia sido um modelo de mansidão e de virtude, perguntava-se, que haveria feito ontem para sofrer tanto hoje, ficando convertida a um esqueleto, de olhos fundos, de maçãs salientes, pele escura, mãos cadavéricas e voz embargada? Querendo sair de dúvidas, evocaram aos espíritos protetores e à sua irmã, para ver se esta havia saído de sua perturbação, recebendo, com emoção profunda a seguinte comunicação por meio de formosa jovem, que em estado sonambúlico, assim disse:

"Muito me alegro que vos reunistes, irmãos meus, para comunicar-me convosco e dizer, ainda que ligeiramente, as causas que motivaram minha dura prova, durante minha última existência nesse planeta. Escutai-me, principalmente tu minha irmã, que tanto sofrias com minha enfermidade e tanto sentiste minha morte. Em minha anterior encarnação, fui homem, era médico e tinha a meu cargo um hospital em M.. .

Entre as enfermas que se encontravam em tão triste local, havia uma que se queixava amargamente, porque eu não a tratava como as outras. E, efetivamente, aquela infeliz criatura, sem saber porque, me inspirava uma aversão profunda, que eu não sabia explicar, mas que, realmente, existia. Tanto descuidei-a, que valendo-se de uma das enfermeiras, ela deu parte ao diretor de meu mau proceder. Então, este, certificando-se por si mesmo da gravidade do caso, me destituiu de meu emprego, ouvindo a enferma, que por meu descuido logo faleceria. Roguei e supliquei, prometi emendar-me e empregar toda a minha ciência para remediar o dano que havia causado. Finalmente o diretor me admitiu novamente; mas eu, longe de cumprir o que havia dito, e crendo que a mulher era a causa de minha ruína, aumentei minha aversão até converter-se em ódio sangrento; quando morreu, fiquei contente por ter deixado de existir.

Despediram-me novamente e a lembrança daquela infeliz começou a atormentar-me e a causar-me remorso, porque minha consciência gritava constantemente: assassino. . . novo Caim, que fizeste de teu irmão?

Quando tornei a encarnar, pedi sofrer quanto havia feito sofrer aquele pobre ser: tive sua mesma doença e morri como ela num hospital. Mas suportei com resignação e, ao despertar de meu último sono, não posso expressar minha alegria ao me ver livre de minha pobre e raquítica envoltura.

Adeus, meus irmãos, continuarei comunicando-me."

Depois de ouvir o relato anterior, se é possível que a dor se acalme nos primeiros momentos, acalmaram-se aqueles seres, que recordavam com desconsolos o longo tormento de um ser tão querido para eles.

A melancolia estendeu seu manto e, à sua sombra, veem passar os dias desejando que se comunique novamente aquela que tanto os amou na Terra; poderá haver algo mais consolador que o Espiritismo?

Responderam as outras religiões ao gemido da alma com tanta precisão e tanta justiça?

Nenhuma, até agora, nenhuma; umas com seu Deus implacável, outras com o pecado hereditário, estas com sua redenção na graça, aquelas com seus minutos de arrependimento. Todas com bases falsas, com argumentos escuros, com mistérios indecifráveis, com um não sei que de negro e confuso, que a razão repele e que só desperta dúvidas que concluem por gelar o coração.

Dizia Voltaire, que se não houvesse Deus, seria necessário criá-lo.

Por minha vez digo: não fosse um fato a revelação de além-túmulo e teríamos que magnetizar nosso pensamento e pedir à fantasia que nos fizesse esperar e crer.

Existirá algo mais importante e que mais eleve o homem que a íntima convicção de que todos somos iguais?

No dia em que a humanidade se convencer desta inegável verdade, não haverá raças nem privilégios, todos trabalharão, não para acumular tesouros metálicos.

Longe está ainda essa aurora de paz; só alguns homens, a quem chamam loucos, vivem tranquilos em seu modesto lar, sofrem resignados a condenação que mereceram, e têm piedade dos muitos que como Caim são fratricidas.

Infelizes daqueles que só veem a Terra! Venturosos os que como nós, dizem: "Não há culpa sem castigo."

Bendito seja o Espiritismo, irradiação suprema, luz inextinguível, cedro secular a cujo amplo tronco se enlaçam a justiça, a verdade e a razão!